



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

CAROLINA DA COSTA PEDRO

ESTRUTURAS COM *SINO* NO ESPANHOL PENINSULAR:

uma abordagem discursivo-funcional

São José do Rio Preto

2025

CAROLINA DA COSTA PEDRO

ESTRUTURAS COM *SINO* NO ESPANHOL PENINSULAR:

uma abordagem discursivo-funcional

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise linguística

Financiadora: CAPES - Processo

88887.952499/2024-00

CAPES/PRINT – Processo:

88887.716779/2022-00

Orientadora: Profa. Dra. Talita Storti
Garcia

São José do Rio Preto

2025

P372e	Pedro, Carolina da Costa Estruturas com 'sino' no espanhol peninsular : uma abordagem discursivo-funcional / Carolina da Costa Pedro. -- São José do Rio Preto, 2026 195 p. : tabs. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto 1. Funcionalismo (Linguística). 2. Linguística. 3. Língua Espanhola. 4. Gramática Discursivo-Funcional. I. Título.
-------	---

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A tese contribui para a Educação de Qualidade, em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4) da ONU, ao analisar os usos de *sino* sob a Gramática Discursivo-Funcional. Os resultados subsidiam o ensino de espanhol orientado ao uso, à formação docente e à elaboração de materiais didáticos contextualizados.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The dissertation contributes to Quality Education, in line with the United Nations Sustainable Development Goal 4 (SDG 4), by analyzing the uses of *sino* within the framework of Functional Discourse Grammar. The results support usage-based Spanish teaching, teacher education, and the development of contextualized teaching materials.

CAROLINA DA COSTA PEDRO

ESTRUTURAS COM *SINO* NO ESPANHOL PENINSULAR:

uma abordagem discursivo-funcional

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise linguística

Data da defesa: 15/12/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Talita Storti Garcia
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do
Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Sandra Gasparini Bastos
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio
Preto

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio
Preto

Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante
Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Marcelo Módolo
Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Talita Storti Garcia, que não só contribuiu com minha trajetória acadêmica desde 2014, mas também ao exercer com maestria seu papel como orientadora de iniciação científica, de mestrado e de doutorado. Agradeço sua generosidade em ensinar e por sempre acreditar em mim, mais do que eu mesma acredito. A finalização deste trabalho só foi possível graças ao seu apoio e incentivo.

À Profª Drª Hella Olbertz, pelo acolhimento e pela orientação durante o período de Doutorado Sanduíche na Universidade de Santiago de Compostela. Agradeço pela paciência, generosidade e pela forma inspiradora com que compartilhou seu vasto conhecimento sobre a Gramática Discursivo-Funcional, contribuindo para meu crescimento acadêmico e para o amadurecimento teórico deste trabalho.

À Profª Drª María José Rodríguez Espiñeira, pela generosidade com que me recebeu na Universidade de Santiago de Compostela e pelo apoio essencial para que eu pudesse realizar o período de orientação com a Profª Drª Hella Olbertz.

Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, por coordenar o projeto Capes – PrInt que permitiu uma oportunidade única em minha vida.

Ao GPGF e a todos os membros que, em diferentes momentos, contribuíram com este trabalho, em especial a Profª Drª Erotilde Pezatti pelas generosas contribuições; à Profª Drª Joceli Catarina Stassi-Sé, por discutir o projeto durante o SELin; ao Prof. Dr. Gabriel Henrique Galvão Passetti por me ajudar prontamente sempre que necessário e ao Prof. Me. Pablo Jardel pelo companheirismo, artigo publicado, apoio e leituras.

Agradeço à Profª Drª Lúcia Regiane Lopes-Damasio pela orientação durante a elaboração do trabalho de Qualificação Especial.

Agradeço à Profª Drª Sandra Gasparini Bastos, uma grande inspiração para mim. Sou grata pelas valiosas contribuições durante minha vida acadêmica e durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante, pela leitura atenta, pelas sugestões e pelo apoio ao longo desse mesmo processo.

Ao Conselho do Programa de Pós-Graduação, especialmente à Profª Drª Talita Storti Garcia, atual coordenadora, por sua atuação, e à Profª Drª Cláudia Zavaglia e aos demais membros de sua gestão, pelo apoio e pela orientação prestados à Representação Discente (2023-2024), função que exerci como suplente, ao lado do colega Pablo Jardel, membro titular.

Aos meus pais, que me apoiam incondicionalmente.

Agradeço a Deus, que me deu forças e proteção sempre que precisei.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

Agradeço, novamente, à CAPES-Print pela concessão da bolsa de doutorado sanduíche, sob o processo nº.88887.716779/2022-00

“Que con cabeza e corazón limpo dirixas,
meu ben, a orquestra da túa vida.”

Xela Arias (1996, p.46)

RESUMO

Nas gramáticas de referência do espanhol (RAE; ASALE, 2009; Bosque; Demonte, 1999), o juntor *sino* é predominantemente descrito como uma conjunção coordenada adversativa que marca a substituição de um elemento por outro em contextos negativos. Contudo, estudos como os de Fuentes Rodríguez (1998) e Padilla (2002) apontam para uma maior complexidade, ao identificarem usos de *sino* em contextos nos quais se observa adição de informação. Apesar desses avanços, a literatura sobre *sino* ainda apresenta uma lacuna significativa no âmbito dos estudos funcionalistas. Diante desse cenário, esta tese propõe uma distinção funcional para *sino* no espanhol peninsular, diferenciando usos substitutivos (*no...sino*) e usos expansivos (*no solo...sino también*, *no solo no...sino tampoco*), categorias que permitem descrever, respectivamente, relações de substituição e de adição. O objetivo é investigar as motivações funcionais e as propriedades formais associadas a esses usos, demonstrando como escolhas pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas se articulam hierarquicamente no discurso. Na análise dos usos substitutivos, observa-se que *sino* opera uma substituição exclusiva, rejeitando uma informação previamente evocada e introduzindo outra considerada mais adequada pelo falante. No Nível Interpessoal, essas construções configuram um único Ato Discursivo, articulando as funções pragmáticas de Foco e Foco-Contraste. No Nível Representacional, *sino* conecta unidades da mesma categoria semântica. No Nível Morfossintático, sua codificação depende do estatuto estrutural dos constituintes combinados: quando relaciona unidades subordinacionais, a construção é formalizada como Empilhamento, no interior de uma única Oração; quando conecta Orações formalmente completas, é analisada como Equiordenação oracional, no nível da Expressão Linguística. No Nível Fonológico, a oposição contrastiva é frequentemente sinalizada por pausas e por contornos entonacionais ascendentes no segmento introduzido por *sino*. Nas construções expansivas, por sua vez, que se caracterizam pela adição de informação com valor contrastivo, observam-se comportamentos específicos. No Nível Interpessoal, elas também constituem um único Ato Discursivo, mas articulam as funções de Tópico-Contraste no primeiro membro e Foco-Contraste no segundo. No Nível Representacional, o *sino* expansivo estabelece uma relação semântica de adição. A análise baseia-se em uma amostra de dados extraída de três corpora: o *Corpus del Español del Siglo XXI*, o *Archivo de Textos Hispánicos de la Universidad de Santiago de Compostela* e o *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América*.

Palavras-chave: sino; coordenação; correlação; gramática discursivo-funcional.

RESUMEN

En las gramáticas de referencia del español (RAE; ASALE, 2009; Bosque; Demonte, 1999), el conector *sino* se describe predominantemente como una conjunción coordinante adversativa que marca la sustitución de un elemento por otro en contextos negativos. No obstante, estudios como los de Fuentes Rodríguez (1998) y Padilla (2002) señalan una mayor complejidad, al identificar usos de *sino* en contextos de adición de información. A pesar de estos avances, la bibliografía sobre *sino* presenta todavía un vacío significativo en el ámbito de los estudios funcionalistas. Ante este panorama, la presente tesis propone una distinción funcional para *sino* en el español peninsular, diferenciando entre usos sustitutivos (*no...sino*) y usos expansivos (*no solo...sino también*, *no solo no...sino tampoco*), categorías que permiten describir relaciones de sustitución y de adición. El objetivo es investigar las motivaciones funcionales y las propiedades formales de estos usos, mostrando cómo las dimensiones pragmática, semántica, morfosintáctica y fonológica se articulan jerárquicamente en el discurso. En los usos sustitutivos, *sino* opera una sustitución exclusiva, rechazando una información previamente evocada e introduciendo otra considerada más adecuada por el hablante. En el Nivel Interpersonal, estas construcciones configuran un único Acto Discursivo, mientras que en el Nivel Representacional conectan unidades de la misma categoría semántica. En el Nivel Morfosintáctico, su codificación depende del estatuto estructural de las unidades combinadas: cuando relaciona unidades suboracionales, la construcción se formaliza como Apilamiento (*stacking*); cuando conecta Oraciones completas, como Equiordenación oracional. En el Nivel Fonológico, la oposición contrastiva suele señalarse mediante pausas y contornos entonativos ascendentes. En las construcciones expansivas, caracterizadas por la adición de información con valor contrastivo, se observan comportamientos específicos. En el Nivel Interpersonal, también constituyen un único Acto Discursivo, articulando Tópico-Contraste y Foco-Contraste, mientras que en el Nivel Representacional se establece una relación semántica de adición. El análisis se basa en una muestra de datos extraída de tres corpus: el *Corpus del Español del Siglo XXI*, el *Archivo de Textos Hispánicos de la Universidad de Santiago de Compostela* y el *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América*.

Palabras clave: *sino*; coordinación; correlación; gramática discursivofuncional.

ABSTRACT

In reference grammars of Spanish (RAE; ASALE, 2009; Bosque; Demonte, 1999), the connector *sino* is predominantly described as an adversative coordinating conjunction that marks the substitution of one element by another in negative contexts. However, studies such as Fuentes Rodríguez (1998) and Padilla (2002) point to greater complexity by identifying uses of *sino* in contexts in which the addition of information is observed. Despite these advances, the literature on *sino* still presents a significant gap within functionalist studies. Against this backdrop, this dissertation proposes a functional distinction for *sino* in Peninsular Spanish, differentiating between substitutive uses (*no...sino*) and expansive uses (*no solo...sino también*, *no solo no...sino tampoco*), categories that describe, respectively, relations of substitution and addition. The aim is to investigate the functional motivations and formal properties associated with these uses, demonstrating how pragmatic, semantic, morphosyntactic, and phonological choices are hierarchically articulated in discourse. In the analysis of substitutive uses, *sino* is shown to operate an exclusive substitution, rejecting a previously evoked piece of information and introducing another considered more appropriate by the speaker. At the Interpersonal Level, these constructions constitute a single Discourse Act, articulating the pragmatic functions of Focus and Focus-Contrast. At the Representational Level, *sino* connects units of the same semantic category. At the Morphosyntactic Level, its coding depends on the structural status of the combined constituents: when subclausal units are related, the construction is formalized as Stacking, within a single Clause; when formally complete Clauses are connected, it is analyzed as Orational Equiordination, at the level of the Linguistic Expression. At the Phonological Level, the contrastive opposition is often signaled by pauses and rising intonational contours in the segment introduced by *sino*. In expansive constructions, which are characterized by the addition of information with contrastive value, specific behaviors are observed. At the Interpersonal Level, they also constitute a single Discourse Act, but articulate Topic-Contrast in the first member and Focus-Contrast in the second. At the Representational Level, expansive *sino* establishes an additive semantic relation. The analysis is based on a data sample drawn from three corpora: the *Corpus del Español del Siglo XXI*, the *Archivo de Textos Hispánicos de la Universidad de Santiago de Compostela*, and the *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América*.

Keywords: *sino*; coordination; correlation; functional discourse grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os Componentes da Gramática Discursivo-Funcional	27
Figura 2 - Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional	29
Figura 3 - A evolução linguística de sino	86
Figura 4 - A estrutura de sino substitutivo	91
Figura 5 - A estrutura de sino expansivo	93
Figura 6 - Estrutura com ‘no...sino’ no Nível Fonológico	139
Figura 7 - Distribuição percentual dos usos de sino expansivo	142
Figura 8 - Estrutura ‘no solo...sino también’ no Nível Fonológico	159
Figura 9 - Estrutura ‘no solo...sino’ de (5-29) no Nível Fonológico	160
Figura 10 - Estrutura ‘no solo...sino’ de (5-30) no Nível Fonológico	161
Figura 11 - Usos de sino no corpus PRESEEA de acordo com o nível de escolaridade	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Funções semânticas	50
Quadro 2 - Propriedades e tipos de núcleos	52
Quadro 3 - A representação dos operadores na camada do Indivíduo	53
Quadro 4 - Posição dos constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística	56
Quadro 5 - Tipos de negação no Nível Interpessoal	69
Quadro 6 - Tipos de negação no Nível Representacional	72
Quadro 7 - Comparação entre conectores de PA e SN em três línguas	80
Quadro 8 - Usos de sino substitutivo	94
Quadro 9 - Usos de sino expansivo	94
Quadro 10 - Representação das estruturas com <i>sino</i> expansivo dentro da prótase e apódose	104
Quadro 11 - A polaridade em construções com sino	109
Quadro 12 - Funções semânticas na ocorrência (5-6)	124
Quadro 13 - Alinhamento entre os Níveis de formulação	128
Quadro 14 - Comparativo de funções pragmáticas em estruturas de sino expansivo	149
Quadro 15 - A construção <i>no...sino</i> na GDF	176
Quadro 16 - A construção <i>no solo...sino También</i> na GDF	177
Quadro 17 - Tipos de construções com <i>sino</i> : representação nos níveis da GDF	178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Configurações morfossintáticas de <i>sino</i> expansivo aditivo	154
Tabela 2 - Configuração morfossintática das estruturas com <i>sino</i> em negação expansiva	169

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

Geral

v/V	Variável
π/Π	Operador
σ/Σ	Modificador
φ/Φ	Função

Nível Interpessoal

A1	Ato Discursivo
C1	Conteúdo Comunicado
DECL	Ilocução Declarativa
Emph	Operador de Ênfase
EXCL	Ilocução Exclamativa
F1	Ilocução
HORT	Ilocução Exortativa
ILL	Ilocução Abstrata
IMP	Ilocução Imperativa
IMPR	Ilocução Imprecativa
INTERP	Ilocução Interpelativa
M1	Movimento
Motiv	Função retórica Motivação
Orient	Função retórica Orientação

P1	Participante do discurso
(P1)S	Falante
(P2)A	Ouvinte
PROH	Ilocução Proibitiva
R1	Subato de Referência
SA1	Subato
SUPPL	Ilocução Supplicativa
T1	Subato de Atribuição
TOP	Função pragmática Tópico
±A	Mais ou menos Ouvinte
+id	Identificável para o Ouvinte
+s	Específico para o Falante
±S	Mais ou menos Falante
-id	Não identificável para o Ouvinte

Nível Representacional

α1	Entidade semântica
A	Função semântica Ativo
e1	Estado de Coisas
ep1	Episódio
f1	Propriedade
f¹	Propriedade Configuracional
L	Função semântica Locativo
l1	Lugar
m	Operador de Plural
m1	Maneira
p1	Conteúdo Proposicional
Past	Operador de tempo absoluto Passado
Poss	Função semântica Possessivo
q1	Quantidade
r1	Razão

Ref	Função semântica Referência
t1	Tempo
U	Função semântica Inativo
x1	Indivíduo

Nível Morfossintático

Aff1	Afixo
Adp1	Sintagma Adposicional
Advp1	Sintagma Adverbial
Advw1	Palavra Adverbial
Ap1	Sintagma Adjetival
Aw1	Palavra Adjetival
As1	Radical Adjetival
Cl1	Oração
Gw1	Palavra Gramatical
Intjw1	Palavra Interjetiva
Le1	Expressão Linguística
Np1	Sintagma Nominal
Nw1	Palavra Nominal
Ns1	Radical Nominal
Subj	Função sintática Sujeito
Vp1	Sintagma Verbal
Vr1	Raiz Verbal
Vw1	Palavra Verbal
Xp1	Sintagma
Xr1	Raiz
Xs1	Radical
Xw1	Palavra

Nível Fonológico

f	Operador fonológico <i>Falling</i>
F1	Pé
h	Operador fonológico <i>High</i>
h^f	Operador fonológico <i>High-falling</i>
IP1	Frase Entonacional
l	Operador fonológico <i>Low</i>
l^r	Operador fonológico <i>Low-rising</i>
PP1	Frase Fonológica
PW1	Palavra Fonológica
r	Operador fonológico <i>Rising</i>
s	Operador fonológico <i>Stress</i>
S1	Sílaba
U1	Enunciado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 CAMINHOS DE PESQUISA: DE <i>PERO</i> A <i>SINO</i>	15
1.2 JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E HIPÓTESES	19
1.3 PROPOSTA DE TRABALHO	23

2 A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

2.1 O FUNCIONALISMO	25
2.2 OS COMPONENTES DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	26
2.3 O NÍVEL INTERPESSOAL	30
2.4 O NÍVEL REPRESENTACIONAL	43
2.5 O NÍVEL MORFOSSINTÁTICO	54
2.6 O NÍVEL FONOLÓGICO	59
2.7 AS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS: UMA VISÃO FUNCIONAL E DISCURSIVO-FUNCIONAL	62
2.8 A NEGAÇÃO: UMA VISÃO FUNCIONAL E DISCURSIVO-FUNCIONAL	66
2.9 RESUMO	74

3 CONEXÕES E CONTRASTES: OS USOS DE *SINO* NA LÍNGUA ESPANHOLA

3.1 OS JUNTORES ADVERSATIVOS NO ESPANHOL	75
3.2 A ORIGEM E O FUNCIONAMENTO DO JUNTOR <i>SINO</i>	83
3.1.2 Sino substitutivo	89
3.1.3 Sino expansivo	91
3.3 FOCO E POLARIDADE: A PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL DESCRITIVA	95
3.4 ESTRUTURAS COM <i>SINO</i> : ENTRE A COORDENAÇÃO E A CORRELAÇÃO	98
3.4.1 A construção não...mas sim/no...sino	101
3.4.2 A construção não só...mas también/no solo...sino	102
3.8 RESUMO	106

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

4.1 OBJETIVOS, HIPÓTESES, PERGUNTAS DE PESQUISA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE	107
4.2 A AMOSTRA	110
4.2.1 Corpus del Español del Siglo XXI	112
4.2.3 Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América	114

5 OS USOS DE *SINO* NO ESPANHOL PENINSULAR

5.1 SINO SUBSTITUTIVO	117
5.1.2 Nível Interpessoal	118

5.1.3	Nível Representacional	121
5.1.4	Nível Morfossintático	132
5.1.5	Nível Fonológico	137
5.2	USOS DE <i>SINO</i> EXPANSIVO	140
5.2.1	<i>No solo... sino también</i> : usos de <i>sino</i> com expansão aditiva	142
5.2.1.1	Nível Interpessoal	143
5.2.1.2	Nível Representacional	149
5.2.1.3	Nível Morfossintático	153
5.2.1.4	Nível Fonológico	157
5.2.2	<i>No solo no... sino tampoco</i> : usos de <i>sino</i> com expansão negativa	162
5.2.2.1	Nível Interpessoal	163
5.2.2.2	Nível Representacional	166
5.2.2.3	Nível Morfossintático	169
5.3	RESUMO	173
6	CONCLUSÕES	175
	REFERÊNCIAS	180

1 INTRODUÇÃO

1.1 CAMINHOS DE PESQUISA: DE *PERO* A *SINO*

Em estudos anteriores realizados no âmbito do mestrado (Pedro, 2020) e em publicações decorrentes dessa pesquisa (Pedro; Garcia, 2021; Garcia; Pedro, 2021; Garcia; Pedro, 2023), foram analisados, a partir da teoria da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008) – doravante GDF –, os distintos usos do juntor¹ *pero* (‘mas’) encontrados em corpus² de língua falada no espanhol peninsular. Nesses trabalhos, identificamos que o uso de *pero* ocorre no Nível Interpessoal, relacionado à pragmática.

Esses estudos indicam que, no Nível Interpessoal, as orações adversativas desempenham funções tanto na camada do Ato Discursivo (A) quanto na do Movimento (M). Na camada do Ato Discursivo, observa-se a atuação de *pero* em relações binárias, em que os dois elementos constituem Atos Discursivos, sendo o primeiro Subsidiário e o segundo Nuclear, como mostra o exemplo de Pedro (2020) retirado do corpus *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA):

(1-1a) I: ¿te importa que fume? [...]

E: yo desde luego no fumo **pero tampoco me molesta**.³ (ALCA_H12_019)

‘I: Você se importa que eu fume?’

E: Eu, claro, não fumo, mas também não me incomoda.’⁴

Ao entregar uma resposta como ‘eu, claro, não fumo’, o ouvinte pode inferir que haverá certo incômodo caso ele fume. No entanto, juntamente com o nexo *pero*, observa-se quebra de expectativa. O segundo segmento (*tampoco me molesta*) funciona como uma ressalva que reorienta a interpretação do enunciado, indicando que, apesar de o falante não fumar, o ato de fumar não lhe incomoda. Dessa forma, *pero* não substitui a informação anterior, mas introduz

¹ Neste trabalho, adotamos termos distintos de acordo com o referencial teórico utilizado. Ao nos referirmos às classificações tradicionais presentes nas gramáticas de referência do espanhol, utilizamos os termos *conjunção*, *conector*, *nexo*, em conformidade com a nomenclatura adotada por obras como Gili Gaya (2002), Bosque e Demonte (1999) e a Nueva gramática de la lengua española (RAE e ASALE, 2009). Por outro lado, ao tratar das construções sob a perspectiva da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), utilizamos o termo *juntor*, mais compatível com a teoria.

² O corpus oral empregado na pesquisa de mestrado foi constituído por entrevistas semidirigidas obtidas dos questionários realizados nas cidades espanholas de Alcalá de Henares e Granada, que fazem parte do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*).

³ Ao longo deste trabalho, utilizaremos o recurso da marcação em negrito para destacar os elementos que serão analisados, marcando, principalmente, os jutores e outras partes que são relevantes.

⁴ As traduções das ocorrências, exemplos e citações feitas para o português ao longo desta tese são de nossa autoria.

um elemento que ajusta sua intenção comunicativa, destacando o conteúdo que considera mais relevante.

O primeiro elemento *yo no fumo* é, na GDF, o Ato Subsidiário, enquanto o segundo elemento *tampoco me molesta*, o Ato Nuclear. Isto é, no Ato Nuclear o falante apresenta a informação que considera mais relevante do ponto de vista comunicativo, enquanto no Ato Subsidiário coloca a informação de menor relevância. Essa distinção entre os Atos reflete como o falante organiza seu discurso⁵ para alcançar seus objetivos comunicativos. Veja a representação:

(1-1b) (M₁: [(A₁: -yo desde luego no fumo- (A₁))_{Conc} (A₂: -tampoco me molesta- (A₂))]) (M₁)⁶

Desta maneira, o Falante apresenta no segundo Ato, o Nuclear, a informação que julga mais relevante, que não se importa que outra pessoa fume. Em outras palavras, o falante concede uma informação no primeiro Ato Discursivo, Subsidiário, para, em seguida, no segundo Ato, apresentar o que considera mais importante. Nesse sentido, o falante organiza os componentes do discurso para influenciar o ouvinte a aceitar suas intenções comunicativas, utilizando uma estratégia que caracteriza a função retórica Concessão. Essa estruturação das informações está alinhada com a força argumentativa das estruturas introduzidas por *pero* (cf. Fuentes Rodríguez, 1998).

É nesse aspecto que a Gramática Discursivo-Funcional diferencia as concessivas com *pero* das concessivas com *aunque*, ou as adversativas tradicionais das concessivas, explicando a relação lógica entre concessão e adversidade, frequentemente discutida na literatura.

Os dados também mostram que as orações com *pero* não se restringem à camada do Ato Discursivo, podendo atuar na camada do Movimento. Veja a ocorrência em (1-2a):

(1-2a) E: ¿Cómo has pasado este verano?

I: Este verano/ pues este verano ha sido relajado porque hasta mayo estuve en el Juan XXIII trabajando luego continué con las clases particulares que le doy a una niña/ de Secundaria y a otro muchacho más/ y entonces estuve hasta mediados de junio con las clases particulares y luego ya el verano lo he pasado en la hípica

E: **Pero ¿qué haces allí en la hípica?**

I: Pues la hípica se supone que es para montar a caballo. (GRAN_H13)

⁵ A GDF considera o discurso como um componente da gramática e busca analisar unidades de análise que são 'literalmente' codificadas na gramática. A unidade básica dessa análise é o Ato Discursivo, permitindo a descrição de fenômenos que vão desde unidades menores que a oração até porções textuais maiores (SOUZA, 2008; HENGVELD; MACKENZIE, 2008).

⁶ A atualização da GDF introduzirá um novo conceito para a análise das estruturas com *but* ('pero', em espanhol), redefinindo sua função retórica como *adversidade*, em vez de *concessão*.

‘E: E como você passou nesse verão?’

I: Esse verão foi tranquilo porque até maio estive no Juan XXIII trabalhando e depois continuei com aulas particulares que dou a uma menina do Ensino Médio e a outro menino/ e então estive até meados de junho com as aulas particulares e depois o verão passei lá na hípica.

E: Mas o que você faz na hípica?

I: Bom, na hípica se supõe que é para montar a cavalo.’

Nessa camada, *pero* ajuda a organizar o discurso, permitindo ao falante trazer à tona temas que, em sua perspectiva, contrastam com o que o ouvinte vinha dizendo. Em (1-2b), a seguir, podemos observar um Movimento composto por um Ato Discursivo:

(1-2b) (M₁: [(A₁: -qué haces allí en la hípica- (A₁))])

A relação adversativa na camada do Movimento é marcada, na GDF, por elementos de destaque que introduzem novas informações ou adicionam uma perspectiva contrastiva ao conteúdo previamente exposto. O Falante faz um movimento para acrescentar uma pergunta à conversação.

Quanto aos aspectos semânticos, a atuação dessas construções no Nível Representacional demonstra que elas estabelecem relações apenas nas camadas do Conteúdo Proposicional, que pode incluir, eventualmente, um Episódio ou um Estado-de-Coisas. Quando operam na camada do Conteúdo Proposicional, a mais abrangente do Nível Representacional, elas configuram construtos mentais como conhecimentos, crenças e desejos, podendo ser classificadas em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) ou de suas fontes de origem (conhecimento partilhado, inferências), como mostra (1-3a):

(1-3a) E: ¿y de dónde es tu marido?

I: mi marido *nació* en Melilla **pero al cuando *tenía* una semana *vino* a Alcalá.**
(ALCA_M23_010)

‘E: e de onde é seu marido?’

I: meu marido nasceu em Melilla, mas quando tinha uma semana veio para Alcalá.’

Em (1-3a), a relação de contraste se estabelece entre *mi marido nació en Melilla* e *cuando tenía una semana vino a Alcalá*. Esses dois elementos podem ser localizados no espaço, *em Melilla*, e no tempo relativo, *cuando tenía una semana*, o que configura, na GDF, Estados-de-Coisas (e):

(1-3b) (p₁: –mi marido nació en Melilla– (p₁)) (p₂: – cuando tenía una semana vino a Alcalá– (p₂))

Os resultados corroboram a argumentação de Lang (2000), baseada em Sweetser (1990), de que o domínio do conteúdo não é o mais adequado para a formação das orações adversativas, pois o contraste não é uma condição intrínseca, mas surge no momento que o falante opõe dois elementos, o que mostra que a adversidade é tipicamente do domínio interpessoal.

Para König (1985), conjunções adversativas, como *but* (*pero* ‘mas’), conectam elementos que podem levar a conclusões contraditórias. Considere o exemplo do autor:

- (1-4) He certainly knows his job, but he has got blue eyes. (König, 1985, p.5)
 ‘Ele certamente sabe bem o seu trabalho, mas tem olhos azuis’

Este exemplo mostra como *but* ‘pero’ pode conectar elementos que não são opostos entre si, mas são colocados em oposição pelo próprio falante. O autor considera o seguinte contexto: alguém está procurando um ator com olhos castanhos. Nesse caso, o falante afirma algo positivo (ele é um bom ator), isto é, pode ser um bom candidato. No entanto, acrescenta o próximo elemento, algo que contradiz a conclusão prévia de que o interlocutor poderia pensar (ele tem olhos azuis). Assim como afirma Sweetser (1990, p. 103), a interpretação de unidades contrastivas exige que o ouvinte recorra a inferências, pois o contraste só faz sentido dentro da estrutura mental do falante. Baseado em Anscombe e Ducrot (1994, p. 28), König (1985) propõe o seguinte esquema:

- (1-5) p mas q
 (a) $p \rightarrow r$
 (b) $q \rightarrow \text{não-}r$
 (c) q carrega maior peso (adaptado de König, 1985, p. 6)

A proposta do esquema é mostrar que o primeiro elemento (p) introduz uma expectativa (r) a favor de uma conclusão ($p \rightarrow r$), enquanto o segundo (q) traz uma conclusão oposta. O segundo elemento contém um peso argumentativo maior, pois é a informação que o falante considera mais importante no discurso.

Para Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 926), a partir da perspectiva funcionalista de Dik (1997a; 1997b), o contraste feito pelo falante é “fruto da oposição que o falante cria ao não querer ser indelicado, por um lado, mas tomar uma atitude verbal que pode ser interpretada como indelicada, por outro”. Nesse tipo de construção adversativa, segundo as autoras, a atenuação trazida pelo enunciado p , que funciona como uma preparação para o conteúdo

posterior, enunciado *q*, pode ser apresentada na forma de um elogio, uma restrição, uma ressalva ou até mesmo uma indicação de falha do próprio falante.

A partir da análise das orações adversativas introduzidas por *pero*, surgiram novos questionamentos em torno de outro conectivo adversativo do espanhol: *sino*. Enquanto *pero* pode atuar tanto em contextos afirmativos quanto negativos, *sino* se restringe a contextos de negação e estabelece uma conexão específica entre um polo negativo e outro afirmativo, configurando um tipo distinto de construção adversativa. As diferenças entre os dois jutores podem ser observadas nos exemplos a seguir, da Nueva Gramática de la Lengua Española (RAE e ASALE, 2009), em (1-6) e (1-7):

(1-6) Es tarde, **pero** Ana no ha llamado (RAE e ASALE, 2009, p.616)
'Está tarde, mas Ana não ligou'

(1-7) No come, **sino** devora (RAE e ASALE, 2009, p.617)
'Não come, mas sim devora'

Em (1-6), em termos tradicionais, a adversidade se dá entre a oração principal *es tarde* e a oração adversativa *pero Ana no ha llamado*. Nos termos da GDF, o falante apresenta, no segundo Ato Discursivo (Ana no ha llamado), a informação que é comunicativamente mais relevante do que aquela apresentada no primeiro, o que configura, no modelo, uma estratégia interpessoal.

Em (1-7), o primeiro enunciado *No come* é negativo e é substituído pelo segundo enunciado *sino devora*. Como se observa, o constituinte da oração introduzida por *sino* contrasta com o constituinte da oração anterior, mas, nesse caso, a relação é de substituição, ou seja, a primeira informação (comer) é substituída pela segunda (devora).

Uma das características fundamentais para a escolha de uso desses dois jutores é de que a primeira (*pero*) aparece em contextos tanto afirmativos como negativos e a segunda (*sino*) somente em contexto negativo, pois introduz uma substituição, exigindo, então, uma negação prévia.

1.2 JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E HIPÓTESES

Ao abordar os fenômenos da adversidade nas línguas naturais, diversos estudos (Anscombe; Ducrot, 1994; Koenig; Benndorf, 1998; Schwenter, 2000) têm apontado para a existência de dois tipos fundamentais de conjunções adversativas: aquelas que introduzem um

contraste entre ideias (denominadas *mas-PA*) e aquelas que estabelecem uma substituição ou exclusão de um elemento anterior (*mas-SN*). A proposta de distinguir *mas-PA* e *mas-SN*, um de natureza contrastiva restritiva e outro de caráter exclusivo, foi inicialmente formulada por Anscombe e Ducrot (1994), e posteriormente retomada e desenvolvida por outros autores, como Koenig e Benndorf (1998) e Schwenter (2000). Esses estudos, baseados na análise do espanhol e do alemão, evidenciam a existência de pares lexicalizados que realizam essa oposição. É o caso do espanhol, com os pares *pero/sino*, e do alemão, com *aber/sondern*, os quais particularizam a diferença entre conectores de contraste restritivo e exclusivo. Já no português, essa distinção não se manifesta de modo lexical, visto que a conjunção *mas* pode realizar tanto uma oposição contrastiva como uma substituição exclusiva.

De acordo com a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (2009) – doravante NGLE, os nexos prototípicos da adversidade podem variar dependendo do tipo de contexto. Em contextos afirmativos, o principal conector é *pero*, correspondente ao ‘mas’, no português, operador argumentativo por excelência para Ducrot (1977). Por outro lado, em contextos negativos, o nexos coordenativo por excelência é *sino*. É conveniente compreender como os dois se comportam ao expressar oposição entre os dois elementos.

Essa diferença nos remete ao que Flamenco García (1999) afirma sobre a adversidade na língua espanhola, que, segundo ele, pode ser dois tipos: restritiva e exclusiva. Dependendo do tipo de contraste, a oração pode indicar uma oposição parcial ou total, com *pero* e *sino*, respectivamente. Segundo o autor, na adversidade *restritiva*, o segundo membro limita ou restringe o alcance semântico do primeiro (Flamenco García, 1999, p. 3855). Nesse caso, as conjunções podem apresentar uma ressalva, uma oposição ou ainda coexistir com outra ideia, como observamos nos enunciados. Em contraposição, na adversidade *exclusiva*, o segundo membro, além de se opor ao primeiro, exclui, o que corresponde à adversidade total, que ocorre caracteristicamente com *sino*, como observamos em (1-7).

A dicotomia *restritiva* e *exclusiva* para tratar dos conectores *pero* e *sino* é contestada por Fuentes Rodríguez (1998, p. 135), pois, segundo a autora, o uso de *sino* vai além da adversidade exclusiva. A autora estende seu olhar sobre o uso de *pero* e de *sino* propondo o seguinte esquema:

Esquema de *pero*: Afirmo A e também afirmo B, como opostos e anti-orientados

Esquema de *sino*: Não afirmo A (e o excluo) e, pelo contrário, afirmo B.

(adaptado de Fuentes Rodríguez, 1998, p. 120)

Além do uso de *sino* exclusivo, observam-se outras construções⁷, tais como *no solo...sino (que) (también)*, que equivale, em termos gerais, a ‘não só...mas (também)’. De acordo com Fuentes Rodríguez, nessas *expressões conjuntivas* (Camacho, 1999), o papel de *sino* não é excluir o elemento anterior, mas sim somar, unir os dois elementos, A e B, como mostram os exemplos da autora a seguir:

(1-8) **No solo** Antonio **sino** (también) María.
 ‘Não somente Antonio mas (também) Maria.’

(1-9) **No solo** habló **sino que también** gritó.
 ‘Não apenas falou mas também gritou.’ (Fuentes Rodríguez, 1998, p. 136, grifo nosso)

Os exemplos (1-8) e (1-9) mostram uma forma de conexão diferente da que foi estabelecida em outros usos de *sino*. Nessas construções, há sempre dois elementos apresentados concomitantemente (*no solo...sino (también)/no solo...sino que también*) para que seu sentido seja completo, o que difere das conexões por coordenação. Portanto, não há uma relação de independência entre os elementos, mas sim de dependência, fazendo com que os elementos não tenham uma relação de exclusão, mas de complemento entre as partes.

Nesse contexto, é pertinente retomar o questionamento de Fuentes Rodríguez (1998) acerca do papel desempenhado por *sino*, com o objetivo de avaliar se o nexos efetivamente é *sino* ou, nos termos propostos pela autora, a “estrutura descontínua” *no...sino*.

Diferentemente de Fuentes Rodríguez (1998), que considera que as estruturas *no solo ... sino que* e *no solo ... sino (también)* são casos de coordenação adversativa com função aditiva, a *Nueva Gramática Básica de la Lengua Española* (2011) considera essa estrutura dual como *correlativa*.

A correlação, na língua portuguesa, é considerada por Rosário (2012, p. 3) como uma “construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si” que são unidas por *correlatores*⁸, sendo que o primeiro elemento prepara a enunciação do outro elemento.

A construção com *no solo... sino (también)* demonstra uma forma distinta de conexão entre as orações, caracterizada pela interdependência entre os elementos, ao contrário do que

⁷ Nesta tese, empregamos o termo *construção* de forma genérica, como sinônimo de *estrutura*, sem qualquer vínculo com a perspectiva teórica da Gramática de Construções. Assim, não consideramos, aqui, o pareamento formal-funcional característico dessa abordagem, mas apenas nos referimos às formas linguísticas em uso.

⁸ Rosário (2012, p. 28) usa o termo *correlatores*, e não ‘juntores’ ou ‘conjunções’.

ocorre com *no...sino*. Surge, então, o questionamento acerca do estatuto morfossintático da estrutura *no solo...sino también*, correspondente a *não só...mas também*, em português.

Estudos anteriores já foram dedicados ao estudo da conjunção *sino*, com atenção especial à sua função de contraste (Gili Gaya, 1980; Flamenco García, 1999; Alarcos Llorach, 1999; Padilla, 2002; RAE e ASALE, 2009; etc.). Alguns estudos (Fuentes Rodríguez, 1998; Schwenter, 2002; RAE, 2009, Fanjul, 2021) abordam as diferenças entre *pero* e *sino*, e concentram as análises das construções introduzidas por *sino*, tradicionalmente tratado como uma conjunção adversativa exclusiva, como uma forma de expressar correção ou restrição.

No entanto, a maioria desses trabalhos foca em aspectos semânticos e sintáticos, sem considerar a análise no âmbito pragmático. Além disso, a estrutura complexa *no solo...sino también* tem sido analisada separadamente, sem que se estabeleçam as distinções pragmáticas e reflexos morfossintáticos entre os usos de *sino*. A investigação de seus usos conjuntivos e de sua representação formal à luz de uma abordagem discursivo-funcional, portanto, constitui um dos aportes originais desta tese, que comprovará que além da substituição, *sino* também apresenta um valor de adição quando em combinação com operadores como *solo*, *también* e *tampoco*.

Propõe-se, assim, a distinção funcional entre dois usos principais: o uso substitutivo, que substitui um elemento negado por outro afirmado, e o uso expansivo, que amplia a informação apresentada. É neste segundo uso que nossa análise identifica a existência de um uso não abordado nas gramáticas tradicionais: a expansão negativa, caracterizada pela dupla negação com valor aditivo *no solo no... sino tampoco*, que corresponde a ‘não só não...mas também não’, no português.

Essa distinção, que orienta as análises desta tese, possibilita uma descrição mais abrangente das estratégias contrastivas operadas por *sino*. Além disso, o trabalho contribui para a identificação do conceito de correlação na GDF, ao argumentar que as construções expansivas com *sino* configuram estruturas compostas por unidades interdependentes, ainda que tal relação não esteja formalmente descrita no modelo.

Rojo (1994) menciona que, embora o funcionalismo linguístico na Espanha tenha avançado, com um aumento significativo de trabalhos sobre aspectos gramaticais do espanhol sob perspectivas funcionalistas (cf. Alarcos Llorach, 1980; Hernandez Alonso, 1984), ainda enfrenta desafios relacionados à fundamentação teórica, à falta de gramáticas abrangentes e à necessidade de maior atenção aos aspectos pragmáticos. O autor discute as características e perspectivas do funcionalismo linguístico na Espanha, apontando três

aspectos principais: (i) insuficiente elaboração teórica e baixo grau de formalização; (ii) falta de tratados gerais sobre o espanhol e (iii) falta de atenção aos aspectos pragmáticos.

Com relação ao primeiro aspecto, Rojo (1994) argumenta que o funcionalismo linguístico na Espanha carece de uma base teórica sólida e de uma formalização adequada da teoria. Posteriormente, observa a ausência de gramáticas funcionais abrangentes do espanhol que apresentem elementos e estruturas da língua sob uma perspectiva funcional. Por fim, critica a falta de foco dos estudos de língua espanhola com os aspectos pragmáticos.

Em outras palavras, este estudo tem como objetivo analisar os diferentes usos de *sino* e comprovar a existência de distinções funcionais nos usos deste juntor no espanhol peninsular, considerando sua atuação pragmática, semântica, morfossintática e fonológica. Ao considerar diferenças entre usos substitutivos e expansivos, a pesquisa contribui para o preenchimento de uma lacuna na literatura funcionalista sobre o espanhol, ao ir além da descrição sintática e semântica na análise dessas construções.

Diante da diversidade de contextos em que *sino* é utilizado e das distintas funções que pode desempenhar, formulam-se os seguintes questionamentos:

- Quais são as motivações pragmáticas e semânticas de uso de *sino*?
- Quais são as diferenças de uso entre a estrutura prototípica *no...sino* e as expressões complexas *no solo ...sino también* e *no solo no ... sino tampoco*?

A hipótese desta investigação é a de que as estruturas sintagmáticas e oracionais introduzidas por *sino* atuam predominantemente no Nível Interpessoal, mas, diferentemente de *pero*, que estabelece relações entre Atos, as estruturas com *sino* configuram um único Ato Discursivo. No Nível Representacional, essas construções se distinguem pela polaridade e pelo tipo de unidade semântica envolvida, aspectos que, em conjunto, condicionam a forma como são posteriormente codificadas nos níveis inferiores. No Nível Morfossintático, os diferentes usos de *sino* engendrariam processos morfossintáticos diferentes. Assim, a hipótese secundária é que *sino* e as conjunções complexas *no solo...sino también* e *no solo no...sino tampoco* apresentam processos morfossintáticos distintos.

1.3 PROPOSTA DE TRABALHO

A fim de responder a essas perguntas e comprovar ou refutar as hipóteses, utilizam-se critérios de natureza pragmática, semântica, morfossintática e fonológica para a análise de

uma amostra do espanhol europeu constituída por textos retirados do CORPES XXI (*Corpus del Español del Siglo XXI*), um *corpus* de referência que oferece textos orais e escritos do espanhol peninsular e americano contemporâneo; ARTHUS, (*Archivo de Textos Hispánicos de la Universidad de Santiago*), *corpus* linguístico da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), banco de dados disponível *online*, coordenado pelo professor Francisco Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares, Espanha.

Esta tese está formalmente organizada em cinco capítulos, incluindo a Introdução, que configura o Capítulo I. O Capítulo II é dedicado à fundamentação teórica. Nele, trazemos uma descrição detalhada da teoria da Gramática Discursivo-Funcional, descrevendo seus aspectos teóricos e sua arquitetura em níveis e camadas.

No Capítulo III apresentamos considerações advindas da literatura sobre o juntor *sino* e também sobre a expressão conjuntiva *no solo ...sino también*, abordando o que dizem as gramáticas de referência do espanhol e outros estudos de perspectiva funcional. Para isso, iniciamos o capítulo mostrando as origens e o funcionamento de *sino* para, posteriormente, caracterizar a adversidade e sua relação com outros domínios semânticos.

No Capítulo IV detalhamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. Primeiramente apresentamos nossos objetivos e hipóteses iniciais, para posteriormente apresentar o *corpus* selecionado, incluindo os critérios de escolha das ocorrências e os fatores considerados na análise. Apresentaremos os resultados dos procedimentos metodológicos utilizados para a análise dos dados no Capítulo V, em que expomos a análise das ocorrências em duas etapas: primeiramente apresentamos a análise isolada do uso prototípico de *no...sino*, para posteriormente apresentar a análise das estruturas conjuntivas *no solo ...sino también* e *no solo no ... sino tampoco*.

Finalizamos o trabalho com as Conclusões, em que avaliamos o cumprimento dos objetivos propostos e os resultados obtidos, destacando os pontos mais relevantes da pesquisa e sugerindo caminhos para futuras investigações.

2 A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Neste capítulo, apresentamos o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), precedido por um panorama geral da teoria funcionalista, com o objetivo de embasar, teórica e metodologicamente, a análise e descrição do funcionamento da conjunção *sino* no espanhol. Buscamos destacar especialmente os processos que influenciam a análise do uso de *sino* como conector, conforme será discutido, e a utilização desse juntor como expressão conjuntiva em contextos com *solo*, *también* e *tampoco*.

2.1 O FUNCIONALISMO

A perspectiva funcional, de maneira geral, considera a interação verbal como central na análise das construções, considerando os contextos de uso e as motivações que moldam a configuração gramatical. Reconhecendo que a língua serve como um instrumento de interação social com fins comunicativos (cf. Dik, 1997a, 1997b), é essencial analisar as expressões linguísticas em contextos de interação verbal reais e efetivos.

Segundo Butler (2003a, 2003b), é possível identificar três principais correntes funcionalistas (modelos estrutural-funcionais, na terminologia adotada pelo autor):⁹ (i) a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen 2004); (ii) a Gramática de Papel e Referência (Van Valin; LaPolla, 1997); e (iii) a Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997a, 1997b), que serviu de base para a proposta da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), base teórica deste trabalho.

A Gramática Funcional incorpora a competência comunicativa, ou seja, a capacidade dos indivíduos de utilizar e interpretar expressões de maneira que satisfaça as exigências da interação. Conforme destacado por Dik (1978, p. 1; 1989, p. 3), em um paradigma funcional, a língua é entendida como um meio de interação social entre seres humanos, cujo principal objetivo é estabelecer relações comunicativas entre seus usuários.

Segundo o autor, na interação verbal, os participantes fazem uso de "expressões linguísticas", o que leva à necessidade de a linguística se ocupar de dois tipos principais de sistemas de regras: as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, que regem a constituição das expressões linguísticas, e as regras pragmáticas, que orientam os padrões de interação verbal em que essas expressões são utilizadas. A Gramática Funcional proposta por

⁹ Cabe destacar que essa categorização não esgota a diversidade de perspectivas funcionalistas existentes, mas representa uma das formas possíveis de sistematização teórica no campo.

Dik (1997) destaca a Oração (*clause*) como a unidade máxima de análise e é caracterizada pela abordagem em camadas da estrutura oracional.

A Gramática Funcional de Dik (1997) serve de base para a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), que mantém os princípios funcionais da proposta original, mas acrescenta duas diferenças fundamentais: permite uma análise que ultrapassa os limites da Oração, enfocando dimensões discursivas mais amplas, e adota uma orientação descendente (*top-down*), na qual a produção linguística é modelada a partir das intenções comunicativas do falante, guiando de forma hierárquica as escolhas semânticas, morfossintáticas e fonológicas.

Segundo Butler (2003) e Butler e Taverniers (2008), a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) se insere no grupo das teorias estrutural-funcionais por entender a gramática de uma língua como um sistema que, embora seja estruturado, é moldado pelo uso. Assim, a GDF defende que a gramática deve ser descrita e analisada em relação à sua função no discurso.

2.2 OS COMPONENTES DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

A teoria da Gramática Discursivo-Funcional, em seu modelo descendente, leva em consideração que a interação verbal se inicia com a intenção comunicativa do falante. A produção de uma expressão linguística (ou enunciado) inicia-se com o desenvolvimento de uma intenção comunicativa no **Componente Conceitual**. Esse componente é o que antecede o Componente Gramatical, dando início à Formulação que “converte as informações conceituais pré-linguísticas nas representações pragmáticas e semânticas linguisticamente relevantes permitidas pela gramática de uma língua”¹⁰ (Keizer, 2015, p. 23) diretamente relacionados à intenção comunicativa do Falante, isto é, somente as partes que o falante pretende comunicar (e codificar linguisticamente) entrarão neste Componente, e não todas as informações conceituais necessárias para a produção de um enunciado linguístico.

No entanto, para que um fenômeno linguístico seja tratado no **Componente Gramatical**, é preciso que seu impacto na gramática da língua seja sistemático, ou seja, sujeito a regras gramaticais. Isto é, não pertencem ao Componente Gramatical atos de fala indiretos e implicaturas, visto que não podemos atestar, via de regra, o seu impacto na

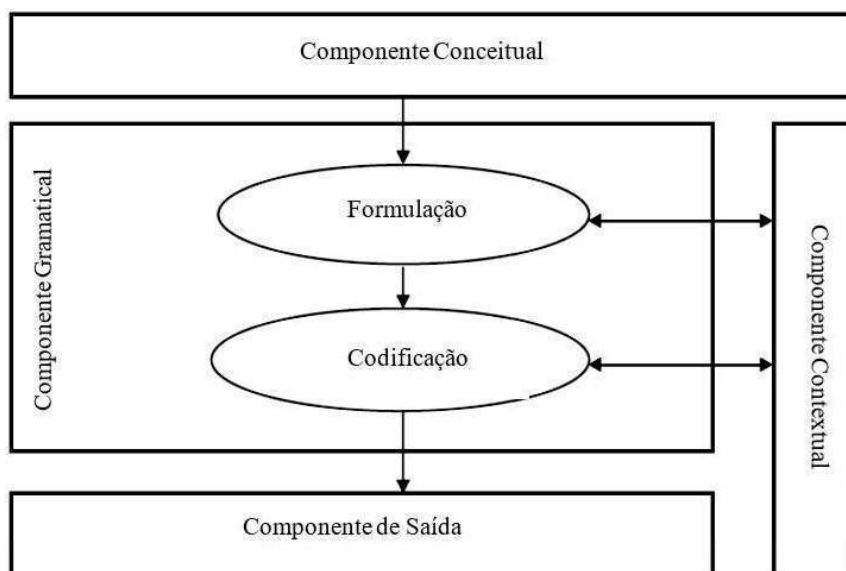
¹⁰ No original: *converts pre linguistic conceptual information into the linguistically relevant pragmatic and semantic representations allowed by the grammar of a language.*

expressão morfofssintática ou fonológica.

A dinamicidade do **Componente Contextual** também é essencial quando se trata de informações textuais que formam a base para o uso apropriado de pronomes anafóricos (definidos e indefinidos), que só podem ser usados adequadamente se as informações textuais necessárias para uma referência satisfatória puderem ser recuperadas anteriormente no discurso. Essas informações, que são de curto prazo, são continuamente atualizadas e, por isso, dinâmicas.

O Quadro 1, a seguir, apresenta os principais componentes que estruturam o modelo da GDF. Esses componentes incluem o Componente Conceitual, o Componente Contextual, o Componente Gramatical e o Componente de Saída, que interagem para descrever como as intenções comunicativas dos falantes são transformadas em expressões linguísticas e articuladas no discurso. Este quadro nos ajuda a entender a organização sistemática da GDF e destacar sua abordagem descendente (*top-down*), partindo das intenções pragmáticas até a materialização acústica ou ortográfica.

Figura 1 - Os Componentes da Gramática Discursivo-Funcional



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.6)

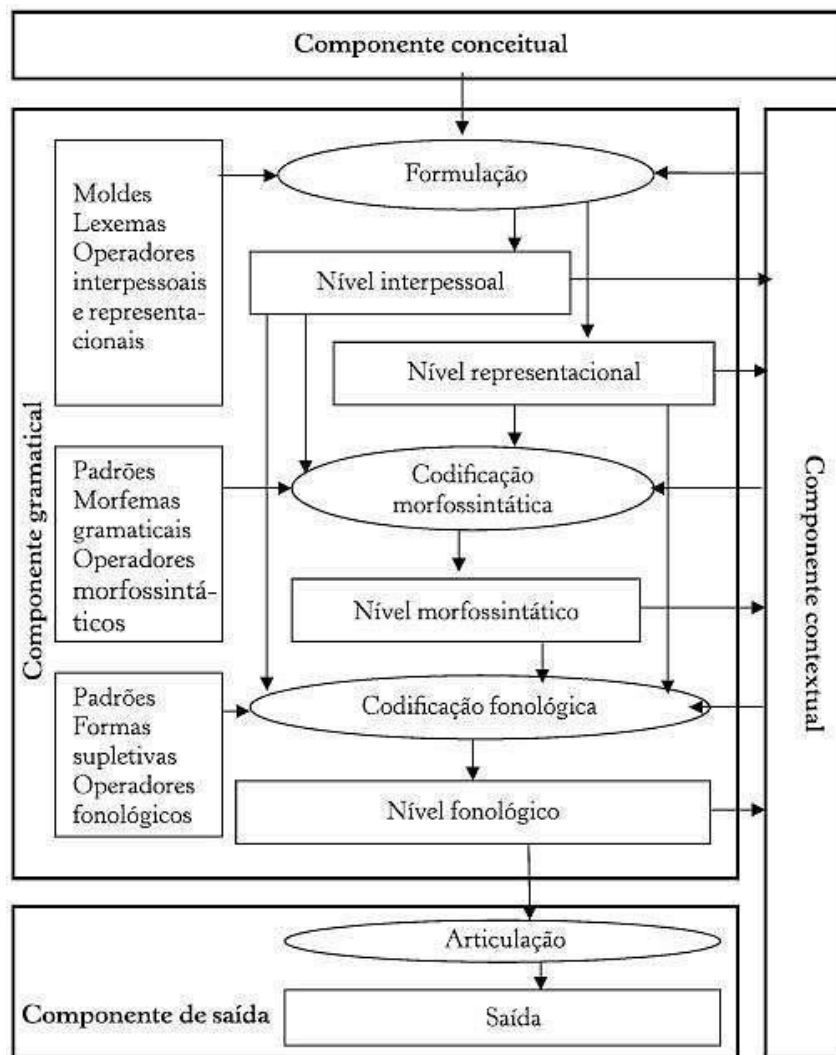
Como podemos observar no quadro, a GDF é composta pelo Componente Gramatical, que será o foco de interesse neste trabalho, visto que é nele que ocorrem as operações de Formulação e de Codificação. A Formulação transforma a intenção comunicativa do falante

em representações pragmáticas e semânticas, conforme as regras de cada língua, envolvendo, para isso, os níveis Interpessoal e Representacional. Por outro lado, a Codificação converte essas representações pragmáticas e semânticas, geradas na etapa anterior, em representações morfossintáticas e fonológicas, envolvendo, portanto, os níveis Morfossintático e Fonológico.

Através dessas operações, o Componente Gramatical se conecta aos outros três componentes envolvidos no processo de interação. A organização interna desse Componente é formada por partes inter-relacionadas: há operações (representadas por meio de formas ovais), primitivos (representados em caixas) e quatro distintos níveis de análise (representados em retângulos).

A Figura 2, abaixo, mostra a organização interna do Componente Gramatical da GDF, evidenciando as operações de Formulação e de Codificação e seus níveis de análise: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Este quadro ilustra como as representações pragmáticas e semânticas são transformadas em formas linguísticas, seja na fala ou na escrita.

Figura 2 - Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

As operações de **Formulação** e de **Codificação** distinguidas pela GDF são descritas nas duas próximas subseções.

Dentro do Componente Gramatical, a primeira operação é a de **Formulação**, visto que a organização da teoria é descendente, isto é, parte da função em direção à forma das expressões linguísticas. Essa operação recebe três tipos de entrada (do inglês *input*): a primeira vem do Componente Conceitual e traduz as representações conceituais do Componente em representações pragmáticas e semânticas (Hengeveld; Mackenzie 2008, p. 13). Para isso, o modelo postula um conjunto de primitivos gramaticais, nomeadamente moldes, lexemas e operadores, como mencionado anteriormente. Os moldes dizem respeito às possibilidades combinatórias das unidades pragmáticas e semânticas. Os lexemas são o conjunto de itens lexicais, que tanto podem ser interperssoais como representacionais. E, por fim, operadores são as distinções gramaticalmente expressas na língua. Dessa forma, a influência do Componente

Contextual é importante para que, na Formulação, produzam-se enunciados que sejam não apenas gramaticalmente regulados, mas também apropriados e coerentes com o contexto da interação verbal.

Após a finalização da Formulação, ocorre o processo de **Codificação**, que envolve morfossintaxe e fonologia. Essa operação também recebe três formas de entrada: primeiramente, recebe o resultado da operação de Formulação (representações pragmáticas e semânticas); posteriormente, essas representações alimentam a operação para o codificador morfossintático, que converte essas representações em representações morfossintáticas, cujo resultado alimenta o codificador fonológico, que, por seu lado, converte essas informações em representações fonológicas. Por fim, a Formulação e a Codificação ativam o resultado do Componente Gramatical, que é o input do Componente de Saída. E, como a operação de formulação, a codificação também se utiliza do seu próprio conjunto de primitivos, a saber: padrões, morfemas (para o codificador morfológico), formas supletivas e operadores fonológicos e operadores fonológicos (para o codificador fonológico).

O trabalho do Componente Gramatical finaliza após as operações de Formulação e Codificação. A saída do Componente Gramatical é, então, alimentada no **Componente de Saída**. Visto que a articulação ocorre fora da gramática de uma língua, ela irá converter as informações gramaticais em formato acústico (na fala), ortográfico (na escrita) ou de sinalização (na linguagem em sinais). O resultado, ainda, pode ser afetado por fatores contextuais: por exemplo, como um resfriado que pode afetar a forma acústica da saída. Esses fatores não dispõem de uma função comunicativa, pois estão fora do controle do usuário da língua, portanto, estarão fora do Componente Gramatical.

Após a apresentação geral dos componentes que integram a GDF, passamos agora à descrição detalhada dos seus níveis hierárquicos. A apresentação será conduzida de acordo com a hierarquia proposta pela teoria, iniciando pelo Nível Interpessoal, responsável por representar as intenções comunicativas do Falante. Em seguida, apresentaremos o Nível Representacional, responsável pela estruturação semântica. Na sequência, o Nível Morfossintático, que codifica as estruturas formuladas nos níveis superiores. Por fim, apresentaremos o Nível Fonológico.

2.3 O NÍVEL INTERPESSOAL

O nível mais alto dentre os quatro que compõem o Componente Gramatical é o Nível

Interpessoal, que tem como objetivo “capturar os aspectos linguisticamente codificados de um enunciado relacionados à interação entre um Falante e um Ouvinte” (Keizer, 2015, p. 44).¹¹ Portanto, serão representadas as etapas realizadas pelo Falante para concretizar sua intenção comunicativa.

Os primeiros processos evocados pelo Falante estão relacionados à retórica e à pragmática: a primeira leva em consideração a maneira como o Falante ordena seu discurso para alcançar seus propósitos comunicativos, e a segunda está relacionada com as escolhas feitas pelo Falante para garantir que um enunciado linguístico tenha o efeito pretendido. Assim como os outros níveis, o Nível Interpessoal tem uma organização hierárquica em camadas, quais sejam: Movimento (M), Ato Discursivo (A), Ilocução (F), Falante (S), Ouvinte (A), Conteúdo Comunicado (C), Subato Atributivo (T) e Subato Referencial (R). A organização interna do Nível Interpessoal é representada pela seguinte estrutura:

$$(2-1a) \quad (M_1: (A_1: [(F_1: ILL (F_1)) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [...(T_1) (R_1)...] (C_1))] (A_1)) (M_1))^{12}$$

Na representação, os colchetes delimitam as unidades não hierárquicas/configuracionais e as combinações dos elementos que estão dentro do Ato Discursivo (a Ilocução, os Falantes e o Conteúdo Comunicado) e do Conteúdo Comunicado (os Subatos Atributivos e Referenciais). Além desta representação condensada, podemos incluir espaços para modificadores (Σ) e operadores Π como mostra a representação a seguir, que melhor ilustra a organização hierárquica do Nível:

(2-1b) (ΠM_1 : [	Movimento
(ΠA_1 : [	Ato Discursivo
(ΠF_1 : ILL (F ₁): Σ (F ₁))	Ilocução
(ΠP_1 : . . . (P ₁): Σ (P ₁)) Φ	Falante
(ΠP_2 : . . . (P ₂): Σ (P ₂)) Φ	Ouvinte
(ΠC_1 : [	Conteúdo Comunicado
(ΠT_1 : [. . .] (T ₁): Σ (T ₁)) Φ	Subato de Atribuição
(ΠR_1 : [. . .] (R ₁): Σ (R ₁)) Φ	Subato de Referência

O **Movimento** é a maior unidade do Nível Interpessoal e é definido como uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento (Hengeveld; Mackenzie 2008, p. 50). É utilizado pelo Falante para iniciar uma interação ou até mesmo para incentivar que o

¹¹ No original: *to capture all the linguistically coded aspects of an utterance that relate to the interaction between a Speaker and an Addressee.*

¹² As variáveis do Nível Interpessoal são escritas com letra maiúscula.

Ouvinte reaja, como podemos observar na ocorrência (2-2):¹³

- (2-2a) A: Boyero, ¿cómo le va con el rock? (*El País*, 17/03/2011, CORPES)
 ‘Boyero, o que você acha do rock?’

Em (2-2a) o Falante A introduz o Movimento evocando o Ato Discursivo *Boyero, ¿cómo le va con el rock?* para perguntar ao Ouvinte sua opinião sobre o rock. Veja, no diálogo mais amplo, os dois Movimentos que partem do Falante A:

- (2-2b) A: Boyero, ¿cómo le va con el rock? ¿Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein? ¿Le pone el blues? Gracias si contesta (y si no también)
 B: Llevo años sin escuchar música, algo alarmante, ya que ha sido una parte fundamental de mi vida. No me interesa AC/DC aunque reconozco que pueden hacer mucho ruido. No conozco a Rammstein. (*El País* 17/03/2011, CORPES)
 ‘A: Boyero, você gosta de rock? Você tem alguma opinião interessante sobre bandas como AC/DC e Rammstein? Você tem alguma opinião interessante sobre bandas como AC/DC e Rammstein? Gosta de blues? Obrigado se você responder (e se não responder também).
 B: Não ouço música há anos, o que é alarmante, pois ela foi uma parte fundamental de minha vida. Não me interesso pelo AC/DC, embora admita que eles podem fazer muito barulho. Não conheço Rammstein.’

O Movimento corresponde, de modo geral, ao turno de um falante. Observe que a fala de A apresenta um Movimento complexo, que seria *Boyero, ¿cómo le va con el rock? ¿Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein? ¿Le pone el blues?*. Todos esses Atos Discursivos com ilocução interrogativa fazem parte de apenas um Movimento (1), e gera como resposta um novo Movimento (2), que não formula uma pergunta, é introduzido por *Gracias si contesta (y si no también)*, uma digressão. Veja a representação dos Movimentos complexos a seguir:

- (2-2c) A: Boyero, ¿cómo le va con el rock?
 ¿Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein?
 ¿Le pone el blues?
 Gracias si contesta (y si no también)

¹³ Os exemplos dados neste capítulo foram extraídos de diferentes corpora do espanhol peninsular, incluindo o Banco de Datos del Español (BDS), o Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES XXI), o Corpus de Referencia del Español Actual (CREA) e o Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América (PRESEEA).

A: Boyero, ¿cómo le va con el rock? ¿Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein? ¿Le pone el blues?	/	Movimento 1
Gracias si contesta (y si no también)	\	Movimento 2

O Falante tende a indicar o final de um Movimento com uma entonação mais baixa e aumentar o tom para indicar que o Movimento ainda não terminou. Por esta razão, o Movimento 1 é ascendente, enquanto o Movimento 2 é descendente. Cada um tem seu próprio contorno de entonação e sua própria Ilocução, e, neste caso, foi composto por uma série de ilocuições Interrogativas (Movimento 1) seguida de um único Ato Declarativo (Movimento 2). O **núcleo** de um Movimento consiste, portanto, em um ou mais Atos Discursivos, como podemos observar na representação em (2-2d).

(2-2d) N₁: (M₁: [(A₁: –Boyero, cómo le va con el rock – (A₁)) (A₂: –Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein– (A₂)) (A₃: - Le pone el blues - (A₃))] (M₁)) (M₂: [(A₁: - Gracias si contesta - (A₁)) (A₂: y si no también - (A₂))])

O Movimento também pode conter **modificadores e operadores**. **Modificadores** adicionam informações opcionais sobre o papel do movimento no discurso em andamento (Hengeveld; Mackenzie 2008, p. 58-9). Operadores, embora tenham a mesma função dos modificadores, são de natureza gramatical e não são modificáveis. Observemos as ocorrências (2-3) e (2-4) a seguir:

(2-3) **En resumen**, queremos que nos dejen en paz. (Mendoza, E: *La aventura del tocador de señoras*. Ficción. CORPES)
‘Resumindo, queremos que nos deixem em paz’

(2-4) La última matanza, en una escuela de Newton en diciembre, ha hecho sonar las alarmas. **Sin embargo**, teniendo en cuenta la Segunda Enmienda a la Constitución, que desde 1791 protege el derecho de los ciudadanos a poseer y llevar armas, [...] el presidente Obama lo va a tener muy difícil para lograr cambios significativos. (El País. No ficción. CORPES)
‘O último tiroteio, em uma escola em Newton, em dezembro, fez soar o alarme. No entanto, considerando a Segunda Emenda da Constituição, que protege o direito dos cidadãos de manter e portar armas desde 1791, [...] o presidente Obama terá dificuldade em fazer mudanças significativas.’

Na ocorrência (2-3), *en resumen* é considerado um modificador, visto que especifica o papel que o Movimento desempenha na interação verbal (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.

58). Como podemos observar, o elemento escopa todo o segmento *queremos que nos dejen en paz*. Tal elemento é considerado um modificador porque é de natureza lexical, diferentemente do que podemos observar em (2-4), uma vez que a construção *Sin embargo* pode ser considerada gramatical, expressando adversidade.

O Movimento pode ser formado por um ou por vários Atos Discursivos. O **Ato Discursivo** é a unidade básica de análise da GDF. Definidos por Kroon (1995, p.65) como a menor unidade identificável no comportamento comunicativo, os Atos Discursivos podem ser constituídos por elementos menores que uma oração, como um único sintagma, ou por elementos maiores que uma oração. Observe a ocorrência (2-5a) a seguir e sua representação abaixo:

- (2-5a) - Cuidado, porque si te pasas de fuerza, el experimento no funcionará. (Pérez Vergara, E; Ibáñez Pérez, P: *Los experimentos de Flipy "el científico loco"*. No ficción, CORPES)
 ‘Cuidado, porque se você exagerar na força, o experimento não funcionará’

(M₁: [(A₁) (A₂)]^M)

Como pode ser observado, há um Movimento composto por mais de um Ato Discursivo (A₁: cuidado e A₂: porque si te pasas de fuerza, el experimento no funcionará). As relações entre os Atos Discursivos podem ser de equipolência, quando os Atos têm o mesmo *status* comunicativo, ou de dependência, quando um Ato depende do outro, havendo um Ato Nuclear e um Ato Subsidiário. Neste caso, o Movimento mostrado em (2-5a) contém dois Atos Discursivos dependentes, visto que o segundo Ato (A₂) depende do primeiro (A₁). No caso de Atos dependentes, o Ato Discursivo Subsidiário apresenta uma função retórica. Em (2-5a), ao segundo Ato, Subsidiário, atribui-se a função retórica Motivação, que expressa sua relação com o Núcleo e é orientada para advertir ou prevenir o ouvinte, motivando o tipo de Ilocução do Ato Nuclear, como mostra (2-5b):

- (2-5b) (M₁: [(A₁: - Cuidado -) (A₂: - porque si te pasas de fuerza, el experimento no funcionará -)MOTIV])

Além da função retórica Motivação, a GDF distingue outros tipos, incluindo a Orientação, Correção, Aposição e Concessão.

A função retórica Orientação aplica-se a um Ato Discursivo Subsidiário para indicar ao destinatário a intenção do Falante de introduzir um referente no discurso e prepara o Ouvinte para receber o Ato Discursivo Nuclear conforme (2-6):

- (2-6) Esta clase de conducta es muy típica en los primates. Uno de los animales del grupo hace un «invento» y los otros le copian y lo aprenden. Es como si se produjese una transmisión cultural de unos chimpancés a otros. **A propósito de lo que habíamos visto con el «invento» del puré de manzana**, le pregunté al doctor Fernández Carriba si esta habilidad podía ser heredada. Él me contestó que por supuesto, que los animales heredan de sus padres algunas facetas de comportamiento. (López, M. *Un gorila con paperas*, 2001. No ficción. CORPES)

‘Esse tipo de comportamento é muito típico dos primatas. Um dos animais do grupo faz uma "invenção" e os outros o copiam e aprendem. É como se houvesse uma transmissão cultural de um chimpanzé para outro. Em relação ao que tínhamos visto com a "invenção" do molho de maçã, perguntei ao Dr. Fernández Carriba se essa habilidade poderia ser herdada. Ele respondeu que é claro que sim, que os animais herdavam certas características comportamentais de seus pais.’

A função retórica Correção (ou Esclarecimento), por sua vez, ocorre quando o Falante está proferindo um Ato Discursivo de autocorreção, instruindo o Ouvinte a substituir algum elemento, tratando-se de um Ato Discursivo Subsidiário que corrige ou esclarece o que está contido no Ato Discursivo Nuclear, como no caso de (2-7).

- (2-7) E: bueno mmm me gusta me gustaría // mmm conseguirlo / me gustaría conseguirlo
 I: hay que conseguirlo y **¿qué vienes por la tarde?** / **¿vienes por la tarde al colegio**
 E: sí yo vengo claro por la tarde
 I: después del trabajo (ALCA_H21_043)
 ‘E: Bem, mmm, eu gostaria, gostaria de conseguir, gostaria de conseguir.
 E: Você tem que conseguir e você vem pela tarde? Você vem para a escola à tarde?
 E: sim, eu venho à tarde, claro. I: depois do trabalho’

A função retórica Aposição (*Aside*), por seu turno, fornece uma informação de fundo, adicional, sobre um referente introduzido no primeiro Ato. Esclarecem Pezatti e Camacho (2017) que, na forma de uma oração adjetiva, essa informação atua como um aposto do sintagma nominal, como exemplificamos em (2-8):

- (2-8) El personaje más relevante de esta familia política fue Laureano López Rodó, que sedujo al general Franco y al entonces Príncipe de España –**que luego sería el Rey**– y se metió en el bolsillo al almirante Carrero Blanco. (Romero, E. *Tragicomedia de España*. Ficción, CREA)
 ‘O personagem mais importante dessa família política foi Laureano López Rodó, que seduziu o general Franco e o então príncipe da Espanha - que mais tarde se tornaria o rei - e colocou o almirante Carrero Blanco em seu bolso.’

A função retórica Aposição, como mostra (2-8), é normalmente expressa por orações relativas não restritivas ou elementos apositivos (Hengeveld; Mackenzie 2008, p. 58).

A função retórica Concessão, por último, expressa uma objeção possível ao que está sendo apresentado no Ato Discursivo Nuclear, ou seja, o falante concede algo que poderia interferir no que foi anteriormente expresso, conforme (2-9a):

(2-9a) Yo llegaba de un pueblo, y estaba prácticamente inhábil, y os repito, **aunque parezca una tontería**, que en 1952, época aún marcada por la posguerra, era muy difícil, pues no había libros ni publicaciones; por ello, lo del TEU representaba la posibilidad de acceder a un mundo distinto al que yo conocía (Imagínate, 16/01/92, Radio 5. Oral, adaptado de CREA)

‘Eu vinha de um vilarejo, e estava praticamente despreparado, e repito, embora possa parecer bobagem, que em 1952, época ainda marcada pelo pós-guerra, era muito difícil, pois não havia livros nem publicações; por isso, o TEU representava a possibilidade de acessar um mundo distinto daquele que eu conhecia.’

Em (2-9a), o Ato subsidiário, introduzido por *aunque*, é usado para admitir que o Falante está ciente do fato de que o conteúdo do Ato Discursivo anterior pode não ter sido esperado. É o que Keizer (2015, p.56) chama de *afterthought*, isto é, uma reflexão tardia. Além dos nexos concessivos prototípicos (*although, aunque, embora*), a função retórica pode ser expressa por *but, pero, mas*, como mostram Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 53, Pedro (2020); Pedro e Garcia (2021) e Garcia e Pedro (2021):

(2-9b) E: Cuéntame algún viajecillo que hayas hecho tú por ahí algún sitio que te haya gustado

I: La verdad es que no he hecho muchos viajes pero bueno con mi antigua novia estuvimos el año pasado en Mallorca

E: Yo no lo conozco.

I: *Coruña he estado también pero salir fuera de España no*, no he hecho muchos viajes. (adaptado de PEDRO, 2020, p. 75)

‘E: Conte-me sobre uma pequena viagem que você fez lá em algum lugar que você gostou

E: A verdade é que não fiz muitas viagens, mas bem com minha antiga namorada estivemos no ano passado em Mallorca

E: Eu não conheço.

E: [...] Coruña também estive, **mas** sair da Espanha não, eu não fiz muitas viagens.’

(M_I: [(A_I: -Coruña he estado también- (A_I))_{Conc} (A_J: -salir fuera de España no- (A_J))]) (M_I)

O núcleo configuracional do Ato Discursivo pode ser constituído por quatro elementos: por uma Ilocução (F), pelos participantes da interação - Falante (S) e Ouvinte (A) - e por um Conteúdo Comunicado (C).

A Ilocução, por exemplo, é definida por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 68) como uma forma convencional disponível na língua que expressa formalmente a intenção comunicativa por trás do Ato Discursivo. A Ilocução pode ter núcleo abstrato ou lexical. Uma Ilocução abstrata pode ser declarativa (DECL), interrogativa (INTER), exclamativa (EXCL),

imperativa (IMPER) ou optativa (OPT).¹⁴ Quanto a Ilocuções com núcleo lexical, Keizer (2015, p. 64) menciona o uso de verbos performativos, visto que é uma estratégia lexical disponível para os falantes expressarem suas intenções comunicativas. Observe o exemplo (2-10a) a seguir:

(2-10a) Te prometo que te llamaré
‘Prometo que te ligarei’

Em (2-10a), observamos um Ato performativo, pois a ilocução é expressa explicitamente pelo item lexical *prometo*, que é considerado performativo por estar na primeira pessoa do discurso e no presente do indicativo. Portanto, o Falante evoca uma ação usando o predicado *prometo*. Veja sua representação em (2-10b):

(2-10b)(A₁: [(F₁: prometo) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: te llamaré - ^C)]^A)

Além de construções performativas, outras construções também podem ser analisadas como Ilocuções lexicais na teoria da Gramática Discursivo-Funcional, como interjeições e vocativos, exemplificados em (2-11) e (2-12):

(2-11) ¡Hostia!
‘Caramba!’
(A₁: [F₁: hostia) (P₁)_S]^A)

(2-12) ¡Hola!
‘Oi!’
(A₁: [F₁: hola) (P₁)_S (P₂)_A]^A)

Em (2-10), podemos observar um exemplo de interjeição com a palavra *¡Hostia!* (Caramba!), compondo uma Ilocução cujo núcleo é um lexema interpessoal, que é representado na GDF como um Ato Discursivo Expressivo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 76). Neste caso, não há a alocação de um Ouvinte nem de um Conteúdo Comunicado. O Ato é composto somente por uma Ilocução e um Falante. Por sua vez, o vocativo *¡Hola!* (Oi!), que é analisado como o núcleo de uma ilocução em (2-11), é um tipo de Ato Discursivo Interativo, usado para chamar a atenção do Ouvinte (Hengeveld; Mackenzie 2008: 78). Portanto, na representação, o Ato Discursivo é composto por uma Ilocução e pelos dois participantes, Falante (P₁) e Ouvinte (P₂).

¹⁴ Nos limitamos a mostrar os tipos de ilocuições relevantes para o português e para o espanhol.

Como aponta Keizer (2015, p. 71-72), embora os operadores na camada dos Participantes sejam raros na língua inglesa, podem ser encontrados em línguas com meios sistemáticos de indicar o *status* social atribuído ao Ouvinte pelo Falante. Observe o exemplo (2-13) com sua representação a seguir:

- (2-13) ¿Usted está bien?
 ‘O senhor está bem?’
 A1: [F1: INTER) (P1)s (h P2)A (C1)]^A

Em (2-13), o Falante usa o pronome sujeito da terceira pessoa do singular *Usted*, forma pronominal utilizada em tratamento respeitoso no espanhol, para indicar que ele acredita que o destinatário merece respeito. Esta marca é indicada pelo operador 'h' (Hengeveld; Mackenzie 2008, p. 86), que se refere à *honorífico*, que confere consideração e respeito.

Na camada do **Conteúdo Comunicado**, por sua vez, há o que o Falante deseja evocar em sua comunicação (Hengeveld; Mackenzie 2008, p. 87). Cada Conteúdo Comunicado contém ao menos um Subato que pode ser utilizado para evocar uma determinada Propriedade, denominado Subato Atributivo, ou um referente, chamado Subato Referencial. Em (2-14), apresentamos a representação simplificada do Conteúdo Comunicado:

- (2-14) (A1: [(F1: DECL) (P1)s (P2)A (C1: [(T1) (R1) (R2)]^C)]^A)

Dentro do Conteúdo Comunicado pode haver modificadores que fornecem informações adicionais sobre o que foi comunicado, como a fonte da informação ou a atitude do Falante com relação a alguma informação que foi relatada.

- (2-15) hablar de costes es muy complicado / porque / indudablemente / también hay una parte de beneficios // cuando se genera empleo / **felizmente** los nuevos empleados cotizan a la seguridad social (Rueda de Prensa del Consejo de Ministros del Gobierno Español, 2001. Oral [formal], CORPES)
 ‘falar sobre custos é muito complicado / porque / sem dúvida / há também uma parte de beneficios // quando empregos são gerados / felizmente os novos funcionários pagam contribuições para a segurança social’

Em (2-15), o advérbio *felizmente* só pode ser interpretado como expressão da atitude do Falante em relação ao Conteúdo Comunicado. Veja mais um exemplo com o modificador *supuestamente* em (2-16):

- (2-16) Fermín dejó caer una pausa dramática, dirigiéndome su mirada de alta intriga.
 — **Supuestamente**, Carax cruza la frontera y, demostrando una vez más su proverbial

sentido de la oportunidad, regresa a Barcelona en 1936, justo en pleno estallido de la guerra civil. (Ruiz Zafón, C. *La sombra del viento*, 2002. Ficción, CREA)

‘Fermín fez uma pausa dramática, dando-me seu olhar de grande intriga.

- Supostamente, Carax atravessa a fronteira e, mais uma vez demonstrando seu proverbial senso de oportunidade, retorna a Barcelona em 1936, exatamente quando a guerra civil está começando.’

(C1: [(T1) (R1)...]: supuestamente ^C)

Em (2-16), podemos observar um Conteúdo Comunicado. Todo este Conteúdo Comunicado é lexicalmente modificado por *supuestamente*. Em termos de representação, todos os modificadores têm a mesma posição na camada do Conteúdo Comunicado. Este Conteúdo Comunicado contém um Subato Atributivo (T) que evoca uma propriedade (*cruza*) e um Subato Referencial (R) (*Carax*).

Os **Subatos** são uma espécie de “blocos construtores” do Conteúdo Comunicado, que podem ser tanto Atributivo como Referencial. O Subato Atributivo é a tentativa de o falante evocar uma Propriedade; o Subato Referencial é a tentativa do falante de evocar um referente. Veja o exemplo em (2-17):

(2-17) ¡Si es la ocasión ideal para llamar a **fulanito** o **menganita**! (Metro, 26-1-2004. Prensa, CORPES)

‘Se é a ocasião ideal para ligar para fulano ou sicrano!’

O caso em (2-17) é de um Subato Atributivo. O locutor seleciona um núcleo "fictício" semanticamente vazio, seja porque não consegue encontrar o item lexical apropriado, seja porque opta por usar um item não informativo. Ocorre quando o Falante não consegue encontrar a correta expressão para evocar uma propriedade. Este recurso é utilizado como uma estratégia comunicativa por parte do Falante para indicar ao Ouvinte sua impossibilidade ou falta de vontade de evocar a propriedade relevante. Observe o exemplo (2-18):

(2-18) Todo esto está muy bien, pero, ¿puede alguien decirme quién mató a Pardalot? La intriga se complica cada vez más y, si quiere saber mi opinión, se está convirtiendo en un **auténtico** rollo. O nos dice quién mató a Pardalot o aprovechando que estamos cerca del Prat, me voy a hacer unos hoyos. (Mendoza, E. *La aventura del tocador de señoras*. Ficción. CORPES)

‘Tudo isso é muito bom, mas alguém pode me dizer quem matou Pardalot? A intriga está ficando cada vez mais complicada e, se quer saber, está se tornando uma autêntica confusão. Ou você nos diz quem matou Pardalot ou, como estamos perto de El Prat, vou cavar alguns buracos.’

Auténtico em (2-18) funciona como um modificador na camada do Subato Atributivo (T), analisado no Nível Interpessoal, porque é considerado como uma ênfase por parte do Falante, não fornecendo informações descritivas. Dizer *auténtico rollo* (autêntica confusão)

não significa que a confusão seja descrita como real.

Por sua vez, o Subato Referencial evoca uma entidade, como mostra (2-19):

- (2-19) Tenía un billete de avión, pero **lo** perdí. (Conde-Lobato, M. *Los lobos no piden perdón*, 2019. CORPES)
 ‘Eu tinha um bilhete de avião, mas o perdi.’

Em (2-18), a entidade *billete de avión* foi introduzida no discurso. Esta entidade não era identificável pelo Ouvinte, pois é nova. No entanto, logo após essa nova entidade ser mencionada, ela se torna identificável e disponível para uma posterior referência, que é demonstrada pelo pronome *lo*, que se refere anafóricamente a *billete de avión*.

Nesta camada, os operadores tratam da identificabilidade do referente. O operador ‘+id’ é, então, utilizado para indicar que o Falante supõe que o referente é identificado e ‘-id’ quando supõe que o referente não é identificado pelo Ouvinte. Observe a diferença entre os Subatos Referenciais em (2-20a) e (2-21a) a seguir:

- (2-20a) Tengo una asistenta que viene dos días a la semana.
 ‘Tenho uma assistente que vem dois dias na semana’
 (2-21a) Busco una asistenta que **venga** dos días a la semana.
 ‘Procuro uma assistente que venha dois dias na semana’

Em (2-20a), o Falante usa um Subato Referencial com uma entidade em mente (*tengo una asistenta*), que, apesar de ser específica para ele (representado com +s), não é identificável para o Ouvinte. Em (2-21a), o Falante evoca uma entidade não específica a ele (representado com -s) *una asistenta*, que com o uso do artigo indefinido *una*, demonstra que não é possível identificar o referente em questão, poderia ser *qualquer* assistente. Isso quer dizer que o referente não é específico (-s) para o Falante e nem identificável (-id) para o Ouvinte. Veja as representações em (2-20b) e (2-21b):

- (2-20b) (-id +s R₁: [(T₁) (T₂)]^R)
 (2-21b) (-id -s R₁: [(T₁) (T₂)]^R)

Para indicar o *status* informacional dos Subatos contidos no Conteúdo Comunicado, podem ser atribuídas as funções pragmáticas de **Tópico, Foco e Contraste**.¹⁵

¹⁵ O conceito de *foco* apresentado neste Capítulo, baseado na Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), não corresponde ao sentido usualmente empregado nos estudos semânticos. No Capítulo 3, a seguir, será apresentada a noção de *foco* segundo a tradição gramatical descritiva do espanhol, com base em Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009).

A função pragmática Tópico é como o “Conteúdo Comunicado se relaciona com o registro gradualmente construído no Componente Contextual.”¹⁶ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 92).

A função Foco, por sua vez, é a “Seleção estratégica de informação nova por parte do Falante, por exemplo, com o objetivo de preencher uma lacuna na informação do Ouvinte ou de corrigir a informação do Ouvinte.”¹⁷ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 92).

Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 96–99), a função Contraste sinaliza, na interação, o desejo do Falante de evidenciar diferenças entre dois ou mais Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis na situação discursiva. De acordo com Keizer (2018), o Contraste, assim como Tópico e Foco, só se aplica a unidades que recebem destaque formal, seja por posição, entoação ou outros recursos linguísticos. Embora muitas vezes o Contraste seja confundido com o Foco, a GDF trata essa função como autônoma, justamente porque ela pode coocorrer tanto com estruturas focais quanto com tópicas, como mostra o exemplo em inglês, a seguir, dado por Dik (1997a, p. 326), e retomado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 96).

- (2-22) John and Bill came to see me. John was nice, but Bill was rather boring.
 ‘John e Bill vieram me visitar. John foi simpático, mas Bill foi muito chato.’

Nesse caso, a intenção comunicativa é salientar a diferença entre os julgamentos sobre John e Bill, não apenas introduzir informação nova. Por isso, John e Bill assumem papel de Tópicos Contrastivos.

Em línguas como o inglês, a distinção entre Foco e Contraste pode ser marcada por prosódia ou por construções clivadas. Veja o exemplo fornecido por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 98):

- (2-23) I like the GREEN car.
 ‘Eu gostei do carro VERDE.’

Aqui, o elemento em destaque (*GREEN*) reflete um contraste contextual (com o carro vermelho mencionado antes), ainda que o restante da informação seja conhecido. A saliência não é motivada pela informação nova, mas pela oposição intencional à expectativa. Outro

¹⁶ No original: *how the Communicated Content relates to the gradually constructed record in the Contextual Component.*

¹⁷ No original: *Speaker’s strategic selection of new information, e.g. in order to fill a gap in the Addressee’s information, or to correct the Addressee’s information.*

exemplo ocorre em sentenças clivadas como:

(2-24) It was him, Philip, that had been violent. It was Lee that had the bleeding nose, not him. (Keizer, 2015, p. 77)

‘Foi ele, Philip, que foi violento. Era Lee que estava com o nariz sangrando, não ele.’

Ambos os constituintes (Philip e Lee) estão sendo contrastados intencionalmente pelo Falante, o que justifica seu tratamento como Foco-Contraste.

Esses exemplos demonstram que, na GDF, a função de Contraste opera como uma estratégia de organização informacional orientada para a interlocução. Ela pode incidir sobre diferentes unidades (Subatos ou Conteúdos Comunicados inteiros), combinando-se com Foco ou Tópico, dependendo da intenção do Falante, como se verá mais adiante, em detalhes, na subseção 2.7.

A organização das funções pragmáticas no interior do Conteúdo Comunicado é formalizada por meio de **moldes de conteúdo** (*content frames*)¹⁸. Esses moldes representam as possíveis combinações de funções pragmáticas atribuídas aos Subatos de Atribuição e de Referência que compõem o Conteúdo Comunicado, refletindo a estrutura informacional das expressões linguísticas.

Diferentes tipos de construções estão associados a distintos moldes de conteúdo, a depender de como a informação é apresentada no discurso. Um exemplo é o **molde Tético**, no qual todo o Conteúdo Comunicado é novo para o Ouvinte — ou seja, trata-se de uma construção com informação completamente nova. Nesse caso, o Conteúdo Comunicado recebe integralmente a função de Foco, e não há unidade marcada como Tópico.

Em contraste, o **molde Categorical** estabelece uma distinção entre um elemento conhecido ou recuperável no contexto (Tópico) e uma unidade que introduz informação nova (Foco). Assim, esse molde pressupõe a presença de pelo menos um Subato com função de Tópico e outro com função de Foco, refletindo uma estrutura informacional bipartida.

Há ainda o **molde Apresentativo**, típico de construções empregadas para introduzir um novo Tópico no discurso. Nesses casos, uma mesma unidade pode ser simultaneamente marcada com as funções de Tópico e Foco (Tópico/Foco), indicando que se trata de uma informação nova que será tematizada a partir daquele ponto da interação.

A seleção e a forma específica de cada molde de conteúdo variam conforme as propriedades estruturais e discursivas de cada língua, de acordo com a organização da

¹⁸ Cf. Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 100.

informação e com as estratégias comunicativas do Falante.

O Nível Interpessoal, portanto, envia o *input* para o próximo nível, o Nível Representacional (NR), responsável pelo conteúdo semântico. O NR lida com aspectos que já não envolvem a intenção comunicativa do falante, sendo responsável pela designação (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 103).

2.4 O NÍVEL REPRESENTACIONAL

O segundo nível que compõe o Componente Gramatical é o Nível Representacional, que diz respeito aos aspectos semânticos das unidades linguísticas. Este nível também apresenta camadas hierarquicamente organizadas. Assim como na seção anterior, serão apresentados exemplos na língua espanhola para demonstrar as representações neste nível e poder fazer as comparações e diferenciações necessárias entre o NI e o NR.

Este nível, como mencionado, é responsável pela designação, isto é, a descrição de entidades que pertencem a diferentes categorias semânticas. Apresentamos, a seguir a organização em camadas deste nível:

(2-25)	$(\pi p_1: [$	$]: \sigma^p)$	Conteúdo Proposicional
	$(\pi ep_1: [$	$]: \sigma^{ep})$	Episódio
	$(\pi e_1: [$	$]: \sigma^e)$	Estado-de-Coisas
	$(\pi s_1: \dots]: \sigma^s)$		Propriedade Situacional
	$(\pi f_1: [\dots]: \sigma^f)$		Propriedade
	$(\pi x_1-n: [\dots]: \sigma^x)$		Indivíduo
	$(\pi l_1: [\dots]: \sigma^l)$		Lugar
	$(\pi t_1: [\dots]: \sigma^t)$		Tempo

A camada mais alta deste nível é o **Conteúdo Proposicional (p)**. Conteúdos Proposicionais são construtos mentais, informações que podem ser acreditadas, esperadas ou questionadas e que não podem ser localizadas no espaço nem no tempo, como em (2-26):

- (2-26) Yo creo **que me engañas**. (Bueno Álvarez, J. A. *El último viaje de Eliseo Guzmán*. Ficción. CORPES)
 ‘Creio que você me engana.’

O verbo *creer* (achar) toma como argumento o Conteúdo Proposicional *que me engañas*, conteúdo este que é fruto da crença do falante.

É possível observar a atuação de modificadores e operadores que incidem sobre o Conteúdo Proposicional, indicando, por exemplo, o grau de certeza do falante ou a fonte da informação. A expressão desses elementos pode ser observada nos exemplos abaixo:

- (2-27) Entonces le di el número de la casa, le expliqué cómo funcionaba el portero automático, y le comenté que **seguramente** él estaría trabajando pero que solía llegar pronto, a las seis, más o menos, por si quería quedarse a comer por aquí y esperarle. (Grandes, A. *Los aires difíciles*, 2002. Ficción, CREA)
 ‘Então dei-lhe o número da casa, expliquei como funcionava o interfone e disse-lhe que ele certamente estaria trabalhando, mas que geralmente chegava cedo, às seis horas, caso ele quisesse ficar aqui para almoçar e esperar por ele.’
- (2-28) Una vez en la calle, me dijo con voz mansa que no nos podíamos permitir su precio. La librería daba lo justo para mantenernos y enviarme a un buen colegio. La pluma Montblanc del augusto Víctor Hugo tendría que esperar. Yo no dije nada, pero mi padre **debió de** leer la decepción en mi rostro. (Ruiz Safón, C. *La sombra del viento*, 2001. Ficción, CREA)
 ‘Uma vez na rua, ele me disse com uma voz mansa que não podíamos permitir seu preço. A livraria dava apenas o suficiente para nos sustentar e me mandar para uma boa escola. A caneta Montblanc do augusto Victor Hugo teria de esperar. Eu não disse nada, mas meu pai deve ter percebido a decepção em meu rosto.’

Em (2-27) o modificador *seguramente* indica até que ponto o Falante está comprometido com o valor de verdade da proposição. Em (2-28), por sua vez, o operador *debió de* é um operador modal subjetivo, ou seja, incide sobre o Conteúdo Proposicional. Por possuir natureza proposicional, tanto o operador quanto o modificador têm, nesses casos, escopo sobre a camada do Conteúdo Proposicional. A representação interna deste nível pode ser simplificada no esquema em (2-29):

(2-29) (p₁: (ep₁: (e₁: (s₁) [(f₁) (x₁) (l₁) (t₁)...] ^s) ^c) ^{ep}) ^p)

Cada Conteúdo Proposicional contém um ou mais **Episódios** (ep), que são conjuntos de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, que apresentam continuidade (ou unidade) de tempo, espaço e indivíduos. Considere a ocorrência (2-30) a seguir:

- (2-30) Ayer, después de telefonearte para interesarme por tu salud, salí a dar una vuelta con dos amigos. Fui a su casa a cenar, y luego di una vuelta por Chueca. (Gala, A. *Los invitados al jardín*. Ficción, CREA)
 ‘Ontem, depois de te ligar para me interessar pela sua saúde, saí para dar uma volta com amigos. Fui à sua casa jantar e depois dei uma volta por Chueca.’

[Ayer, después de telefonearte para interesarme por tu salud, salí a dar una vuelta con dos amigos] ep1 [Fui a su casa a cenar, y luego di una vuelta por Chueca.] ep2

Em (2-30), podemos identificar dois Episódios diferentes, que não ocorrem no mesmo período de tempo, mas que mostram continuidade formando uma unidade do evento que foi

descrito. O primeiro Episódio, por exemplo, *Ayer, después de telefonarte para interesarme por tu salud, salí a dar una vuelta con dos amigos* contempla dois eventos que estão localizados na mesma zona temporal, que é o passado. Deste modo, observamos que o episódio poder ser localizado em tempo absoluto, que toma o momento da fala como referência, diferentemente de simples eventos, que são localizados em tempo relativo.

A camada do **Estado-de-Coisas**¹⁹ apresenta entidades que podem ser localizadas no tempo e no espaço e que podem ou não ser reais, como mostra (2-31):

- (2-31) a. Era lo que me había dicho justo **antes del almuerzo**. (Marías, J. *Tu rostro mañana*. Ficción. CORPES)
 ‘Era o que havia me dito justamente antes do almoço’
 b. **A menudo** les cortaban el agua. (Etxebarria, L. *De Todo lo Visible y lo Invisible*. Ficción. CORPES.)
 ‘Com frequência cortavam sua água’
 c. Surat es **efectivamente** un ingenuo. (Dezcallar, R. *Seda negra*. Ficción. CORPES)
 ‘Surat é realmente um ingênuo’

A ocorrência (2-31a), dispõe de um item que expressa tempo relativo, *antes*, enquanto (2-31b) assinala frequência, *a menudo*, e, por fim, (2-31c) mostra uma entidade que é avaliada em termos de sua realidade, *efectivamente*. Esses elementos incidem sobre diferentes Estados-de-Coisas: A diferença entre um Estado-de-Coisas e um Conteúdo Proposicional é que o primeiro pode ser visto, percebido (como uma ação ou um evento).

Nesta camada, os modificadores, que acrescentam informações adicionais, podem expressar informações no que tange ao lugar (2-32), ao tempo (relativo) do evento (2-33), à finalidade (2-34), à frequência (2-35) e à causa (2-36):

- (2-32) Papá continuó trabajando **desde casa** (Yanes, J. *Si nunca llego a despertar*. Ficción. CORPES)
 ‘Papai continuou trabalhando de casa’
 (2-33) **Después de la cena**, nos sentamos en la terraza de una cafetería (García Morales, A. *El testamento de Regina*. Ficción. CORPES)
 ‘Depois do jantar nos sentamos em um terraço de uma cafeteria’
 (2-34) como yo no podía levantarme, fue a comprarme una tarjeta **para que pudiera llamar por teléfono** (Rico, E. *La edad secreta*. Ficción. CORPES)
 ‘como não conseguia me levantar, ele foi comprar um cartão para que eu pudesse fazer uma ligação telefônica.’

¹⁹ Esta seção está baseada no manuscrito não publicado *States of Affairs & Situational Properties*, de Hella Olbertz (2023).

(2-35) ¿te envían flores **a menudo**? (Reverte, J. M. *Gálvez en la frontera*. Ficción. CORPES)
 ‘te enviam flores com frequência?’

(2-36) Rilke murió **a causa del pinchazo de una espina de rosa**. (Nieva, F. *La tragedia feroz*. Ficción. CORPES)
 ‘Rilke morreu devido à picada de um espinho de rosa.’

No *rol* dos modificadores, que acrescentam informações adicionais ao Estado-de-Coisas, o lugar, o tempo relativo, a finalidade, a frequência e a causa são categorias que podem ser expressas em relação ao evento descrito. Em todos os exemplos (de 2-32 a 2-36) os Estados-de-Coisas contêm um núcleo configuracional, ou Propriedade Configuracional (f^c), que corresponde ao predicado e seus e seus argumentos. Para exemplificar, a modificação temporal em (2-33) ilustra como o Estado-de-Coisas pode ser localizado temporalmente com relação a outro evento. Tratando-se do tempo relativo, é possível que o Estado-de-Coisas seja posterior como em *después de la cena*, simultâneo, *durante la cena* ou anterior ao evento *antes de la cena*.

Observe os argumentos em (2-37) a seguir. O sujeito (*el ladrón*) é um Indivíduo, isto é, uma entidade de primeira ordem. No entanto, a GDF também prevê argumentos de outra natureza semântica, como o de Lugar, que aparece como *por la ventana*. Esse participante designa um local por onde se dá o deslocamento do evento e, portanto, corresponde a uma entidade de segunda ordem na categorização funcional:

(2-37) **El ladrón saltó por la ventana**. (El país. *Atraco millonario en la mansión de Ozzy Osbourne*. No ficción. CORPES)
 ‘O ladrão pulou pela janela’

$(e_1: (s_1: [(f_2: \text{saltar}) (x_1: \text{-ladrón-})_A (l: \text{-por la ventana-})] \text{ } ^s) \text{ } ^e)$

A camada do Estado-de-Coisas também pode ser modificada por meios gramaticais, representados na GDF pelos operadores. Um dos operadores dessa camada é a expressão gramatical de tempo relativo, como se observa na ocorrência abaixo:

(2-38a) Juan vio **al ladrón saltar por la ventana** (adaptado de El país. *Atraco millonario en la mansión de Ozzy Osbourne*. No ficción. CORPES)
 ‘João viu o ladrão pular pela janela’

Em (2-38a), podemos verificar que o evento da observação e o evento do *ladrão pular a janela* acontecem ao mesmo tempo e isso é representado pelo acréscimo do operador de simultaneidade (*sim*), na representação a seguir:

(2-38a) (sim e₁: (s₁: [(f₂: saltar (f₂)) (x₁: -ladrón- (x₁))_A (l: -por la ventana- (l))]) (s₁)) (e₁))²⁰

Outro tipo de operador que podemos mencionar é o de Modalidade Orientada para o evento, que descreve a existência de obrigações, possibilidades ou necessidades em eventos não factuais. Nesta camada, as distinções modais relevantes são a *dinâmica* (dyn), que depende de fatores externos, e a deôntica (deo), relacionada ao que é permitido/obrigatório. Veja os exemplos:

(2-39) **Hay que** esquivar los obstáculos del campo, ya sean policías, defensas, abuelas o árbitros. (Jiménez Cano, R: Futbolistas cabreados, 2012. No ficción. Adaptado de CORPES)
 ‘É preciso desviar dos obstáculos do campo, sejam eles policiais, defensores, avós ou árbitros.’

(2-40) **Hay que** presentar el pasaporte, tres fotografías y contratar un seguro médico. (Varela, P: *Anatomía líquida de Rusia*, 2006. No ficción. Adaptado de CORPES)
 ‘Tem que apresentar o passaporte, três fotografias e contratar um seguro médico.’

Em (2-39), a modalidade dinâmica focaliza as condições situacionais que, por si só, definem o que é possível. As condições do campo, neste caso, é o que determina o que deve ser desviado (policiais, defensores, avós ou árbitros). (2-40) é um caso de modalidade deôntica, pois o uso de *hay*, impessoal, está orientado ao Estado-de-Coisas, sendo uma norma imposta. A modalidade deôntica diz respeito às obrigações e permissões determinadas por agentes ou instituições.

Na representação de (2-37), apresentada na anteriormente, a **Propriedade Situacional** (s)²¹ *ladrón saltar la ventana* está inserido no Estado-de-Coisas (e), que contém a Propriedade Lexical *saltar* em (f_i) e seu argumento *por la ventana*, que indica um Lugar (l).

A Propriedade Situacional com predicados verbais pode ser de zero a três argumentos (participantes). Os moldes de predicação com zero argumentos se referem a verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *nevar*, *ventar*, que não exigem participantes, como veremos a seguir em (2-41a):

(2-41a) Comenzó a llover. (Sánchez-Andrade, C.: *Bueyes y rosas dormían*. Ficción. CORPES)

²⁰ Esta representação reflete apenas o Estado-de-Coisas incorporado em “el ladrón saltar por la ventana”, não a oração completa. A camada do Episódio, que seria utilizada para o operador de tempo passado, também não é fornecida aqui.

²¹ Os conceitos apresentados aqui estão baseados em Olbertz (2023).

‘Começou a chover.’
(f_i: llover)

Já os **moldes de um lugar** requerem um único argumento, normalmente do tipo Indivíduo, como em (2-43a), em que o predicado *llorar* (‘chorar’) exige um participante:

- (2-42a) Ese hombre está llorando. (Sánchez-Andrade, C. *Bueyes y rosas dormían*. Ficción. CORPES)
‘Esse homem está chorando’
NR: (s₁: [(f₁: llorar) (1x₁: (f₂: hombre) ^x)] ^s)

Nos **moldes de dois lugares**, dois argumentos são requeridos, representados pelos indivíduos *Maria José* e *hojas de lechuga* (folha de alface):

- (2-43a) María José comió apresuradamente un par de hojas de lechuga. (Millás, J. J. *Dos mujeres en Praga*. Ficción. CORPES)
‘María José comeu apressadamente algumas folhas de alface.’
(s₁: [(f₁: comer) (x₁) (x₂: (-hojas de lechuga-) ^x)] ^s)

Por fim, os **moldes de três lugares** incluem três argumentos. Em (2-45), o verbo *entregar* exige os argumentos *yo*, *mi documento* e *al funcionario*:

- (2-44a) Entregué mi documento al funcionario. (Castilla del Pino, C: *Casa del olivo*. Autobiografía (1949-2003). No ficción. CORPES)
‘Entreguei meu documento ao funcionário.’
(s₁: [(f₁: entregar) (1x₁) (x₂: f₂: documento)^x) (x₃: f₃: funcionario)^x]^s)

Este tipo de predicação apresenta, no Nível Interpessoal, um Subato Atributivo e um Subato Referencial. A representação dos molde de predicação é:

- (2-41b) NI: T
NR: (f₁: llover)

- (2-42b) NI: T R
NR: (s₁: [(f₁: llorar) (1x₁: (f₂: hombre) ^x)] ^s)

- (2-43b) NI: T R1 R2
NR: (S₁: [(F₂) (V₁) (V₂)]^s)

- (2-44b) NI: T R1 R2 R3
NR: (s₁: [(f₂) (v₁) (v₂) (v₃)] ^s)

Esses aspectos que foram tratados acima dizem respeito ao que a GDF chama de valência quantitativa, que trata da quantidade de argumentos. No entanto, o modelo também trata da valência qualitativa, que será apresentada a seguir.

A **valência qualitativa** diz respeito às relações que os argumentos terão com seu núcleo, que são definidas em termos de funções semânticas: Ativo (A), Inativo (U) e Locativo (L)²². A primeira diz respeito ao referente que controla o evento; a segunda representa o referente que está envolvido passivamente no evento. Enquanto a terceira indica, em termos gerais, o local no qual ocorre o evento descrito pela predicação. Veja como podem ser identificados em (2-45), (2-46) e (2-47):

(2-45a) Francisco abrazó a Laura. (Serna, E. *El orgasmógrafo*. Ficción. CORPES)

‘Francisco abraçou Laura’

(2-46a) ...un poeta francés estaba sentado a la mesa de una cantina. (Aridjis, H. *La zona del silencio*. Ficción. CORPES)

‘...um poeta francês estava sentado na mesa de uma cantina.’

(2-47a) Arantxa tiró la flor a la basura. (Aramburu, F. *Patria*. Ficción. CORPES)

‘Arantxa jogou a flor no lixo’

Em (2-45b), Francisco é o Ativo, o referente humano que controla a ação de *abrazar* (abraçar), e Laura é o Inativo, pois está envolvida passivamente e não controla o evento em si. Este caso poderia ter a seguinte representação:

(2-45b) (s₁: [(f₁: abrazar) (1x₁)_A (f₁: x₂)_U ^P]) ^S)

Diferentemente, em (2-46b), temos um Ativo e um Locativo, que se referem respectivamente a *un poeta francés* (um poeta francês) e *mesa de una cantina* (mesa de uma cantina).

(2-46b) (s₁: [(f₁: sentarse) (1x₁: -un poeta francés-) ^x]_A (x₂: (f₂: -mesa de una cantina-) ^x)_L] ^S)

Em (2-47b), encontramos as três funções semânticas, o Ativo (*Arantxa*), o Inativo (*flor*) e o Locativo (*a la basura*, no lixo), que poderia ser representado como:

(2-47b) (s₁: [(f₁: tirar)_A (x₂: -flor- ^x)_U (l₂ (f₂: basura) ⁱ)] ^S)

As funções semânticas analisadas nas ocorrências acima podem ser vistas

²² No original: *Actor (A), Undergoer (U) e Locative (L)*.

panoramicamente no seguinte quadro:

Quadro 1 - Funções semânticas

Ativo	Inativo	Locativo
Francisco	Laura	-
Un poeta francês	-	Mesa de uma cantina
Arantxa	Flor	A la basura

Fonte: autoria própria

Após tratar do número e das funções dos argumentos, apresentamos as construções não verbais copulares e existenciais que se encontram na camada da Propriedade Situacional.

As **construções não verbais copulares** são sempre estativas e, portanto, envolvem sempre função de Inativo (U). No caso do espanhol, essas construções requerem uma cópula, uso do verbo *ser/estar* que serve para exprimir as categorias gramaticais de tempo, modo e aspecto, para esse tipo de construção, em todos os contextos, como observamos em (2-48):

- (2-48) Papá está enfermo. (Chavarrías, A. *Volverás*. Ficción. CORPES)
 ‘Papai está doente.’
 $(s_1: [(f_1: \text{enfermo}) (1x_1)U]^S)$

No caso de construções com predicados nominais, há três diferentes tipos de Propriedades Lexicais: a Propriedade Situacional *relacional*, a *classificacional* e a *identificacional*. Observe os exemplos desses três tipos, respectivamente:

- (2-49) El libro es **de** Dylan Thomas, el poeta galés. (Reyes, J. *Subidón*. Ficción. CORPES)
 ‘O livro é de Dylan Thomas, o poeta galês.’
 (2-50) Gian Carlo Bertelli **es** **periodista**. (Del Rey del Val, P. *Montaje*. Una profesión de cine. No ficción. CORPES)
 ‘Gian Carlo Bertelli é jornalista.’
 (2-51a) Beckham **es el futbolista** más rico de su país, Reino Unido. (“El jugador más rico en el país más pobre”. El País. No ficción. CORPES)
 ‘Beckham é o jogador de futebol mais rico do seu país, Reino Unido.’

O exemplo (2-29) é relacional, pois contém uma preposição que especifica a relação entre o argumento e a Propriedade Lexical. A classificacional indica o grupo ao qual o argumento pertence. Em (2-50), temos um Subato Referencial e outro Atributivo, que classifica Gian Carlo Bertelli como jornalista, sua profissão. A identificacional em (2-51a), por outro lado, não classifica Beckham como jogador de futebol (*futebolista*), mas o identifica como o jogador mais rico. As duas entidades são equivalentes, portanto, a ordem poderia ser inversa ($\equiv$):

- (2-51b) Beckham es el futbolista más rico de su país, Reino Unido. ≡ El futbolista más rico de su país, Reino Unido, es Beckham
 ‘Beckham é o jogador de futebol mais rico de seu país, o Reino Unido. ≡ O jogador de futebol mais rico de seu país, o Reino Unido, é Beckham.’

Os modificadores da camada da Propriedade Situacional têm função de Instrumento (*con un cuchillo* em (2-52)), Beneficiário (*me* em (2-53)), Comitativo (*con su familia* em (2-54)) e de Duração (*por dos semanas* (2-55)):

- (2-52) el hombre atacó a Luis Márquez **con un cuchillo**. («EFE. BARCELONA.». Diario de Navarra. No ficción. CORPES)
 ‘o homem atacou Luis Márquez com uma faca.’
- (2-53) **Me** compré dos pares de gafas. (Vila-Matas, E. *París no se acaba nunca*. Ficción. CORPES)
 ‘Eu comprei para mim dois pares de óculos’
- (2-54) Benjamín huyó **con su familia** (Fernández, R. *Adelina Kondrátieva, combatiente de la Guerra Civil española*. El País. No ficción. CORPES)
 ‘Benjamín fugiu com sua família’
- (2-55) Pidió a la empresa que retrase al menos **por dos semanas** su plan de despidos. (*Fiat asegura que los trabajadores de Sicilia recuperarán sus puestos en junio*. El País. No ficción. CORPES)
 ‘Ele pediu à empresa que adiasse seu plano de demissão em pelo menos duas semanas.’

A **Propriedade** (f) é a unidade mais básica do Nível Representacional (Keizer, 2015, p. 146), pois fornece informações descritivas necessárias para designar categorias semânticas. As Propriedades têm um conteúdo descritivo, e por isso são lexicais, necessário para se designar (um conjunto de) entidades. Esse conteúdo descritivo é dado na forma de lexemas que, geralmente, funcionam como núcleos de uma Propriedade (Keizer, 2015, p. 148).

Para melhor reconhecimento das diferentes classes semânticas de lexemas, observe a ocorrência abaixo:

- (2-56) Y teniendo en cuenta que la **reunión** es **clandestina**, y por tanto **peligrosa**, yo **creo** que la **cuadra** es el lugar más indicado. (Landero, L. *Juegos de la edad tardía*, 1989. Ficción, CREA)
 ‘E considerando que a reunião é clandestina e, portanto, perigosa, acredito que o estábulo seja o local mais apropriado.’

As palavras *reunión* e *cuadra* são lexemas nominais, e os elementos *clandestina* e *peligrosa* são lexemas adjetivais. Por fim, encontramos um lexema verbal que se dá pelo verbo *creer*. Observe a representação no quadro abaixo que apresenta as principais classes

de lexemas:

Quadro 2 - Propriedades e tipos de núcleos

Representação das propriedades	Tipo de núcleo lexical
(f1: reunión _{NN}) / (f1: cuadra _N)	Lexema nominal (N)
(f1: clandestina _{AA}) / (f1: peligrosa _{AA})	Lexema adjetival (A)
(f1: creov)	Lexema verbal (V)

Fonte: adaptado de Keizer (2015, p. 146)

Os modificadores desta camada podem ser variados, a depender da classe lexical do núcleo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 230), como em (2-57) e (2-58):

(2-57) Para Herra la literatura es un campo ideal para estudiar la conducta humana en situaciones **extremamente** tensas. (Gatzemeier, C. Universidad Complutense de Madrid. No ficción. CORPES)

‘Para Herra, a literatura é um campo ideal para estudar o comportamento humano em situações extremamente tensas.’

(2-58) Cásate conmigo y hazme **maravillosamente** infeliz. (García Valiño, I. *Las dos muertes de Sócrates*. Ficción. CORPES)

‘Case-se comigo e me faça maravilhosamente infeliz.’

Descendo ainda mais na hierarquia do Nível Representacional, observamos a categoria do Indivíduo. Os **Indivíduos** são categorias de primeira ordem. São entidades concretas e tangíveis (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 236) que podem, assim, ocupar algum lugar no espaço.

Os modificadores desta camada podem ter uma diversidade de formas, podendo ser adjetivais (2-59), acrescentando uma informação sobre o próprio Indivíduo, podem tomar a forma de possessivos (2-60), tomar a forma de sintagmas preposicionais (2-61) ou até mesmo ser expressos por orações (2-62).

(2-59) el **famoso** bailarín. (Nieva, Francisco. *Masques et bergamasques*. Argumentario clásico. Ficción. CORPES)

‘o famoso dançarino’

(x1: (f1: bailarín): (f2: famoso) ^X)

(2-60) el juguete **del vecino**. (Cobos Wilkins, Juan. *La oferta y la demanda*. Siete parejas y un solitario. Ficción. CORPES)

‘o brinquedo do vizinho’

(x1: [(f1: vecino_N): (x2: (f2: juguete_N))_{Ref}] ^X)

(2-61) Pero Raúl iba **en el tren** pensando en Manolo. (Aranda Ruiz, P. *La otra ciudad*.

Ficción. CORPES)

‘Mas Raúl estava no trem pensando em Manolo.’

$(x_1: [(f_1: x) (x_2: (l_1: -en\ el\ tren-))]^x)$

(2-62) La lluvia **que caía sobre él** era de mayor intensidad. (Casavella, F. *Los juegos feroces*.

Ficción. CORPES)

‘o famoso dançarino’

$(x_1: (f_1: lluvia^f)^x): (e_1: [(f_2: caer) (x_1)_L]^e)^x)$

Em (2-60), o brinquedo pertence ao vizinho, mas isso pode mudar, pois o brinquedo pode ser dado a outra criança. A propriedade associativa se difere da propriedade inalienável, que relaciona duas entidades por uma ligação essencial ou permanente (como "a perna de uma pessoa").

Os operadores desta camada são especificações gramaticais que indicam número (singular ou plural), quantificação e localização (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 245; Keizer, 2015, p. 158). Demonstramos, abaixo, a partir de algumas ocorrências, o uso e a representação destes operadores:

(2-63) a. Al fondo, varias torres eléctricas y **algunas casas** sueltas. (Gopegui, B. *Lo real*, 2001. Ficción, CREA)

‘Ao fundo, vários postes de eletricidade e algumas casas isoladas.’

b. Con las manos vacías y **ninguna casa** a la que volver. (Grandes, A. *Los aires difíciles*, 2002. Ficción, CREA)

‘De mãos vazias e sem um lar para onde voltar.’

c. Al recorrerlo, uno se da cuenta de que estamos hechos de palabras, como la Biblia o el Quijote, a cuyo lado, en **todas las casas**, debería haber un diccionario. (Millás, J. J. *Articuentos*, 2001. Ficción, CREA)

‘Caminhando por ele, percebemos que somos feitos de palavras, como a Bíblia ou Dom Quixote, ao lado dos quais, em toda casa, deveria haver um dicionário.’

d. Mira, como **estas casas** aguantan aquí, las tienen tan arregladitas (PRESEEA Alcalá, 46, primaria, m 44)

‘Veja como essas casas se mantêm aqui, são tão limpas e arrumadas.’

e. **Aquella casa** era mi santuario, sus fetiches me pertenecían. (Pedraza, P. *La pequeña pasión*, 1990. Ficción, CREA)

‘Aquela casa era meu santuário, seus fetiches pertenciam a mim.’

Quadro 3 - A representação dos operadores na camada do Indivíduo

Operadores	Representação
Algunas casas	$(\exists x_1: (f_1: casa_N))$
Ninguna casa	$(\emptyset x_1: (f_1: casa_N))$

Todas las casas	$(\forall x_1: (f_1: \text{casa}_N))$
Estas casas	$(m \text{ prox } x_1: (f_1: \text{casa}_N))$
Aquella casa	$(1 \text{ dis } x_1: (f_1: \text{casa}_N))$

Fonte: Adaptado de Keizer (2015, p. 159)

As últimas categorias semânticas do Nível Representacional são **Lugar** e **Tempo**. Lugares são entidades concretas e tangíveis. Algo em comum entre essas duas categorias é o fato de que o Tempo é frequentemente concebido em termos espaciais (Olbertz, comunicação pessoal).

Existem pronomes interrogativos, relativos e anafóricos básicos que localizam um evento no tempo. No Espanhol, por exemplo, podemos usar os pronomes *cuando* (quando) e *donde* (onde) para frases interrogativas e relativas.

Após tratar da formulação no Nível Interpessoal e no Nível Representacional, responsáveis pela representação pragmática e semântica, trataremos, na próxima seção, do terceiro nível do Componente Gramatical, o Nível Morfossintático, que codifica as informações recebidas dos dois níveis anteriores.

2.5 O NÍVEL MORFOSSINTÁTICO

O Nível Morfossintático (NM) desempenha o papel de receber o *input* proveniente dos dois níveis hierarquicamente mais altos, o NI e o NR, e transformá-lo em uma representação formal morfossintática. Dessa maneira, este nível codifica as intenções comunicativas do falante. Assim, as diferenças interpessoais e representacionais que foram *formuladas* nos níveis anteriores serão *codificadas* no NM, o qual tem sua própria estrutura organizacional. As camadas desse nível são a Expressão Linguística (Le), a Oração (Cl), o Sintagma (Xp) e a Palavra (Xw). Podemos observar a hierarquia destas camadas abaixo:

(2-64) (Le ₁ : [	Expressão Linguística
(Cl ₁ : [	Oração
(Xp ₁ : [	Sintagma
(Xw ₁ : [	Palavra
(Xs ₁)/(Xr ₁)	Radical/Raiz
{(Xr ₁)}	Raiz
{(Affl)}	Afixo
] (Xw ₁))/(Xp ₂))/(Cl ₂)	Palavra/Sintagma/Oração

No Nível Morfossintático, a complexidade das representações é construída por meio

de dois mecanismos principais: *empilhamento* (stacking) e *encaixe* (nesting). O **empilhamento** é o processo de adição de unidades pertencentes à mesma camada morfossintática, resultando na justaposição de múltiplos constituintes com a mesma função, sem que haja uma relação de subordinação entre eles (cf. Keizer, 2015, p. 178; cf. Pezatti, Camacho e Hattner, 2021). Trata-se, portanto, de um mecanismo que amplia a extensão ou detalhamento de uma camada, mantendo a sua linearidade estrutural (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 296; Keizer, 2015, p. 175). Por outro lado, o **encaixe** aumenta a complexidade de uma camada incorporando uma unidade dentro de outra, criando uma relação hierárquica mais profunda (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 553).

A primeira camada deste nível, a Expressão Linguística, consiste em uma ou mais unidades morfossintáticas de cada camada inferior (como a Oração, os Sintagmas ou as Palavras).

A segunda camada do Nível Morfossintático é a **Oração**, que é composta por uma combinação de Palavras (Xw), Sintagmas (Xp) e outras Orações, que podem ocorrer com diversas combinações. A GDF define a oração como “uma configuração sequenciada de Palavras (Xw), Sintagmas (Xp) e outras Orações (Cl) (encaixadas)”²³ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 310, tradução nossa). Veja uma possível combinação abaixo:

- (2-65) Él puso la botella sobre la mesa. (adaptado de Pérez-Reverte, A. El pintor de batallas. Ficción. CORPES)
 ‘Ele colocou a garrafa sobre a mesa’
 (Cl₁: [(Np₁)_{Subj} (Vp₁) (Np₂)_{Obj} (Adpp₁)]Cl₁)

A Oração em (2-65) é formada por dois Sintagmas Nominais (*Él* e *la botella*), um Sintagma Verbal que contém apenas um verbo (*puso*) e um Sintagma Adposicional (*sobre la mesa*) que contém uma preposição como núcleo. Por ser a camada que assinala funções sintáticas, ao lado dos Sintagmas Nominais temos a indicação da função veiculada para cada um deles: a função sintática de Sujeito para *Él* (Np₁) e de Objeto para *la botella* (Np₂). No NM, os elementos são sempre apresentados na ordem em que são expressos, isto é, as unidades são ordenadas de forma linear (Keizer, 2015, p. 184). Essa é uma das principais características que difere o NM dos níveis anteriores.

No interior da Oração, as unidades podem combinar-se por meio de um processo conhecido como Empilhamento (*stacking*), termo empregado por Keizer (2015) para

²³ No original: *a sequenced configuration of Words (Xw), Phrases (Xp), and other (embedded) Clauses (Cl)*.

descrever um dos mecanismos de aumento de complexidade no Nível Morfossintático.

De acordo com Keizer (2015, p. 178), trata-se de um mecanismo que aumenta a complexidade interna de uma camada por meio da adição de unidades da mesma natureza estrutural, o que pode incluir casos de coordenação interna. Essa perspectiva se aproxima da proposta de Dik (1997b), que descreve o fenômeno como a multiplicação de constituintes subordinacionais dentro de uma mesma oração. Keizer (2015, p. 178) dá como exemplo a construção *John bought [two apples, three bananas, two pears, six kiwis, some strawberries...]* ‘John comprou [duas maçãs, três bananas, duas peras, seis kiwis, alguns morangos...]’. Este exemplo demonstra que, no Nível Morfossintático, cada unidade pode conter um número infinito de outras unidades da mesma camada, constituindo o Empilhamento.

Portanto, o Empilhamento é um processo morfossintático que se realiza no âmbito da Oração, no qual se combinam Palavras, Sintagmas ou Orações dependentes que desempenham a mesma função semântica dentro da estrutura oracional em que se inserem.

É também no Nível Morfossintático que se ordenam os constituintes e são mapeadas as escolhas feitas no Nível Interpessoal e no Representacional. Nesse sentido, seguindo Keizer (2015), três posições absolutas são consideradas para uma Oração: P^I , P^M e P^F , em que P^I se refere à posição inicial da oração, P^M é a posição média e P^F a posição final. A elas podemos acrescentar outras posições, que são relativas, como podemos observar abaixo:

P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^M	P^{M+1}	P^{F-1}	P^F
-------	-----------	-----------	-------	-----------	-----------	-------

Se considerarmos que a Oração pode ser combinada com elementos extraoracionais, temos outra configuração, com o acréscimo de duas posições. Dentro de uma Expressão Linguística temos uma posição antecede a Oração (P^{pre}); a posição central está designada para a Oração propriamente dita, que terá suas próprias posições; por fim, a posição que segue a Oração (P^{pos}), como vemos no quadro a seguir:

Quadro 4 - Posição dos constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística

Expressão Linguística (Le)	P^{pre} Oração P^{pos}
Oração (Cl)	P^I P^M P^F

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.312)

Como mostra o quadro 4, a posição central da Expressão Linguística é expandida, abrigando os membros coordenados. Isto é, serão colocadas em suas devidas posições três posições absolutas e duas relativas. Isso afeta a expressão de modificadores na abordagem descendente da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.313).

O **Sintagma** (Xp), terceira camada deste nível, de acordo Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 60), tem como núcleo um elemento lexical derivado de um dos níveis de formulação. Assim, os Sintagmas, assim como a Oração (Cl), são formados por uma sequência de palavras, outros sintagmas e orações encaixadas. Dependendo do núcleo, o sintagma pode ser classificado como Verbal (Vp), Nominal (Np), Adjetival (Ap), Adverbial (Advp) ou Adposicional (Adp).

- (2-66) las promesas **que** él ha hecho (adaptado de Sánchez Ferlosio, R. God & Gun. *Apuntes de polemología*. No ficción. CORPES)
 ‘as promessas que ele fez’
 (Np₁: (Gw₂: las) (Nw₁: promesas) (Cl₁: [(Gw₂: que) (Np₂: (Nw₂: él)) (Vp_i: [(^{fin}Vw: ha) (^{non-f}Vw: hecho)] ^{Vp})] Cl)] Np)

Em (2-66), podemos observar um Sintagma Nominal (Np) com uma Palavra Gramatical (Gw) - o artigo definido *las* -, e um núcleo nominal (promesas). Além disso, esse Np contém uma oração encaixada consistindo em uma Palavra Gramatical (a conjunção *que*) e um Sintagma Verbal que consiste na junção de um verbo auxiliar (*ha*) e o particípio passado do verbo *hacer* *fazer* (*hecho*)

Por fim, a camada mais baixa do Nível Morfossintático, a **Palavra** (Xw), pode ser simples (consistindo em um único morfema) ou complexa (composta por mais de um morfema). É constituída por Raízes (Xs) e Afixos (Aff) e, em algumas línguas, pode incluir camadas superiores, como sintagmas e orações, seguindo o princípio da recursividade (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 61). A raiz é um Morfema com conteúdo lexical, mas que só pode ocorrer em conjunto com outro Morfema. Não constitui, por si só, uma Palavra. Por outro lado, o Afixo é “um Morfema com conteúdo gramatical e só pode ocorrer em conjunto com um Radical [ou uma Raiz]”²⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 404, tradução nossa).

No NM, as unidades estruturais podem se combinar de diferentes formas. As principais manifestações são as macroestruturas de Coordenação, Listagem, Cossubordinação e Equiordenação (Keizer, 2015, p. 181-182). Observe uma possível

²⁴ No original: *a Morpheme with grammatical content, and may only occur in conjunction with a Stem.*

estrutura de Expressão Linguística:

(2-67a) Entró en el supermercado y compró dos botellas de agua. (Redondo, D. *Esperando al diluvio*. Ficción. CORPES)

‘Entrou no supermercado e comprou duas garrafas de água.’

A Expressão Lingüística formada em (2-67a) contém duas Orações (Cl), *entró en el supermercado* e *compró dos botellas de agua*, que são coordenadas pela conjunção aditiva y (e), uma Palavra Gramatical (Gw) no NM, como mostra (2-68b):

(2-67b) (Le₁: [(Cl₁) (Gw₁) (Cl₂)]^{Le})

Uma estrutura como a de (2-67b) representa o processo de **Coordenação**, um que consiste em duas ou mais orações que podem ser utilizadas independentemente. As orações coordenadas são unidades funcionalmente equipolentes, ou seja, possuem o mesmo status dentro de uma unidade superior, o que se alinha com o princípio do empilhamento de adicionar unidades na mesma camada (cf. Keizer, 2015, p.178).

Outra maneira de construir uma Expressão Linguística é utilizando um número de Frases ou Sintagmas coordenados, a **Listagem**, como em (2-68) e sua representação:

(2-68) (¿Qué compró?) dos botellas de agua, una caja de galletas y espuma de afeitar. (Adaptado de Redondo, D. *Esperando al diluvio*. Ficción. CORPES)

‘(O que ele comprou?) duas garrafas de água, uma caixa de biscoitos e espuma de barbear.’

(Le₁: [(Xp₁) (Xp_{1n-1}) (Gw₁) (Xp_n)]^{Le})

Estes casos, em (2-67) e (2-68), apresentam constituintes que não dependem uns dos outros, pois podem ser utilizados separadamente sem nenhum prejuízo à compreensão. Isso significa que frases ou sintagmas do mesmo tipo são justapostos e conectados, sem que um esteja subordinado ao outro, aumentando a complexidade da Expressão Linguística.

No entanto, há Expressões Linguísticas que contêm um constituinte que pode ser utilizado independentemente, enquanto a outra é dependente.

(2-69a) Aparte de ser director titular de la Orquesta Filarmónica Nacional de Hungría, diseña grupos musicales para giras concretas. (Adaptado de Ruiz Mantilla, J. “Zoltán Kocsis asegura que se arriesga más dirigiendo que al piano”. *El País*. No ficción. CORPES)
‘Além de ser o regente principal da Orquestra Filarmônica Nacional da Hungria, ele cria conjuntos musicais para turnês específicas.’

Em (2-69a) observamos um exemplo de **Cossubordinação**, uma vez que há a combinação entre duas orações em que uma pode ser usada independentemente *diseña grupos musicales para giras concretas* e a outra, *Aparte de ser director titular de la Orquesta Filarmónica Nacional de Hungría*, não.

A seguir apresentamos a representação do processo de Cossubordinação, que constitui uma Expressão Linguística (Le) formada por duas Orações (Cl), em que se formaliza uma dependência unilateral, que é própria desse nexos morfossintático.

(2-70b) (Le₁: [^{dep}(Cl₁) (Cl₂)^{Le}]

É também possível encontrar Expressões Linguísticas com duas orações que apresentam uma dependência mútua. Este processo é denominado **Equiordenação**, como o mostra o exemplo abaixo e sua representação que marca a dependência das duas orações:

(2-71) Cuanto más fuma, más ronca le noto la voz. (Freixas, L. *La noche*. Cuentos a los cuarenta. Ficción. CORPES)
 ‘Quanto mais ele fuma, mais rouca fica sua voz.’
 (Le₁: [^{dep}(Cl₁)^{dep}(Cl₂)^{Le}]

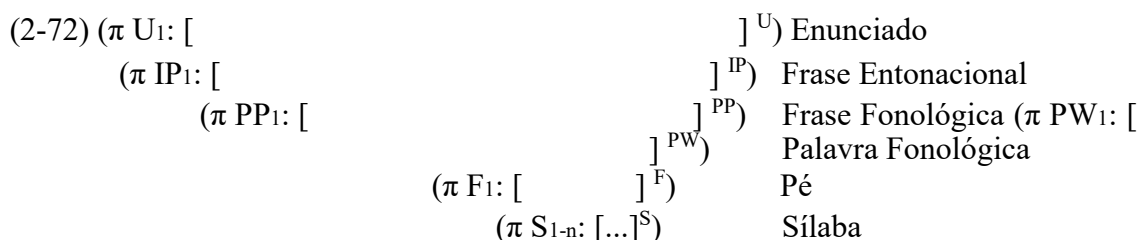
Realizada a primeira etapa de codificação no NM, se dará início à segunda etapa, responsável por lidar com a forma fonológica dos enunciados.

2.6 O NÍVEL FONOLÓGICO

Assim como o Nível Morfossintático, o Nível Fonológico (NF) faz parte do processo de Codificação. As informações provenientes da operação de Formulação – realizadas no Nível Interpessoal e no Nível Representacional - que não são mapeadas no NM, são direcionadas ao Nível Fonológico. As representações deste nível constituem a saída total da Codificação, transformando o *input* dos três níveis superiores nas formas fonológicas adequadas, que alimentam o Articulador (por exemplo, o aparelho fonador no caso da fala). Este articulador está fora do Componente Gramatical, fazendo parte do Componente de Saída.

O Nível Fonológico é específico de cada língua e contém representação fonológica do discurso. Suas camadas, em uma representação hierárquica decrescente, são formadas pelo

Enunciado (U), seguindo pelo Frase Entonacional (IP), pelo Frase Fonológica (PP), em direção à Palavra Fonológica (PW), ao Pé (F) e à Sílabas (S). Para melhor compreensão da hierarquia dividida em seis camadas, apresentamos o esquema²⁵ de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 428) a seguir:



O **Enunciado** (U) é o maior trecho de discurso abrangido pelo Nível Fonológico. Pode ser considerado fácil reconhecê-lo, visto que cada enunciado é separado de outro por uma pausa substancial (Keizer, 2015, p. 257). Geralmente, na língua falada, o Enunciado corresponde ao Movimento no Nível Interpessoal. Considere o seguinte diálogo com mais de um Movimento, analisado no Nível Interpessoal, em (2-1) e retomado aqui por conveniência:

- (2-73) A: Boyero, ¿cómo le va con el rock?
 ¿Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein?
 ¿Le pone el blues?
 Gracias si contesta (y si no también)

Cada um desses quatro turnos pode ser considerado um Enunciado. Inicialmente, podemos reconhecer a abertura de um Movimento com *Boyero, ¿cómo le va con el rock?* constituindo uma unidade prosódica, precedida de uma pausa. Após a pausa, o mesmo interlocutor acrescenta uma outra pergunta (*¿Tiene alguna opinión interesante sobre grupos como AC/DC y Rammstein?*), seguido de pausa e outra pergunta (*¿Le pone el blues?*). Enquanto podemos reconhecer uma entonação ascendente nos enunciados interrogativos, diferenciamos o último enunciado, declarativo (*Gracias si contesta (y si no también)*), com entonação descendente.

Podemos reconhecer, portanto, que um Enunciado consiste em um ou mais Sintagmas Entonacionais. A Frase **Entonacional** (IP) é caracterizada por um núcleo e é normalmente separado de outro por uma breve pausa, menor do que aquela entre os Enunciados, podendo

²⁵ Observe que o Nível Fonológico não possui modificadores, mas contém operadores (π).

facilitar a diferenciação entre eles.

A seguinte camada do NF é a **Frase Fonológica** (PP), menor do que o Sintagma Entonacional. Ele é responsável por estruturar a informação prosódica da fala, agrupando as palavras com base na entonação e ritmo, o que impacta na interpretação do discurso. Em línguas acentuais, como o português e o espanhol, uma palavra contém uma sílaba que é mais fortemente acentuada do que as outras.

Em muitos casos, a estrutura prosódica da fala, relacionada ao NF, se alinha com a organização dos Subatos no NI. Isto é, ao falarmos, os Sintagmas Fonológicos muitas vezes coincidem com a divisão entre Subatos Referenciais e Atributivos. No Nível Fonológico, a ênfase se reflete na prosódia. Veja os exemplos abaixo com as representações baseadas em Keizer (2015, p. 265):

- (2-74) E: ¿Qué tal está el edificio?
 I: ¡**Fatal!** (SCOM_M21_049. Entrevista. Adaptado de CORPES)
 ‘E: Como está o prédio?
 I: Horrroso!’
- NI: (**emph** A₁: [(F₁: DECL) (P₁)_S (P₂)_A (C₁)] ^A)
 NF: (U₁: (**f** IP₁: (**f** PP₁: / fa'tal /)))
- (2-75) I: lo más religioso que hay en el mundo
 E: ¿**En serio?** (CORALES: *Estas no son las noticias de las nueve*, 23/06/02, *Onda Cero*. Adaptado de CORPES)
 ‘I: o mais religioso que existe no mundo
 E: Sério?’
- NI: (**emph** A₁: [(F₁: INTER) (P₁)_S (P₂)_A (C₁)] ^A)
 NF: (U₁: (**r** IP₁: (**r** PP₁: / en 'serjo /)))

Em (2-74) e em (2-75) podemos observar como a ênfase é expressa no Nível Interpessoal e refletida no Fonológico com variações de entonação determinadas pela Ilocução do enunciado. Em (2-74), O interlocutor responde ¡*Fatal!* transmitindo uma ênfase. No NI, a ênfase é indicada pelo operador (**emph**) associado ao Ato Discursivo. No NF, o operador ‘f’ sinaliza uma entonação descendente, típica de ilocuições declarativas. Por sua vez, em (2-75), a expressão ¿*En serio?* também expressa ênfase marcada pelo operador (**emph**) no NI. No NF, o operador ‘r’ indica uma entonação ascendente, característica de ilocuições interrogativas, diferenciando-se da queda tonal da ocorrência anterior.

Keizer (2015, p. 266) destaca que a entonação pode ser influenciada pelas funções pragmáticas Foco e Contraste. Além disso, diferentemente de outras funções pragmáticas que

podem exigir reestruturação sintática, o Foco e o Contraste são frequentemente marcados exclusivamente por meios fonológicos (prosódicos)²⁶. Para Keizer (2015, p. 254), a prosódia possui um papel fundamental na marcação do Foco no NF, pois direciona a atenção do ouvinte para a informação mais relevante.

A **Palavra Fonológica** (PW) pode estar relacionada ao número de segmentos, aos recursos prosódicos ou ao domínio das regras fonológicas. Uma das principais funções do Nível Fonológico é converter todos os marcadores de posição de outros níveis na forma fonológica e integrá-los em Palavras Fonológicas, que consistem em um ou mais Pés (F), os quais, por sua vez, consistem em uma ou mais Sílabas (S). Isto é, um Pé é formado por uma sílaba forte acompanhada, na maioria dos casos, por uma sílaba mais fraca. As sílabas fortes são aquelas que carregam acento primário ou secundário. A Sílaba nuclear (PL) é aquela que apresenta o acento mais marcante dentro de uma frase fonológica, sendo que essa ênfase geralmente decorre da presença de uma função pragmática – como o foco ou o contraste – no Nível Interpessoal. (Keizer, 2015, p. 309). Por fim, a sílaba pode ser composta por um único fonema ou por uma sequência contínua de fonemas.

A análise de pausas, Frases Entonacionais e contornos permite corroborar a interpretação pragmática das construções com *sino*, evidenciando se o falante realiza uma substituição ou uma expansão aditiva da informação.

2.7 AS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS: UMA VISÃO FUNCIONAL E DISCURSIVO-FUNCIONAL

Para Dik (1997, p. 331–334), a relação de Contraste constitui um tipo de Foco, denominado Foco Contrastivo. Isto é, a informação em foco vincula algum tipo de contraste, seja ele implícito ou explícito, com uma parte da informação mais relevante. O Foco Contrastivo pode ser *Paralelo* ou *Contrapressuposicional*. O primeiro, *Paralelo*, é atribuído a constituintes correspondentes em construções paralelas, como em (2-76) abaixo:

- (2-76) John and Bill came to see me. John was nice, but Bill was rather boring. (DIK, 1997, p. 326)
 ‘John e Bill vieram me ver. John estava legal, mas Bill estava bastante chato.’

O segundo, *Contrapressuposicional*, por sua vez, ocorre quando a informação apresentada se opõe a outra que o Falante pressupõe estar armazenada na memória do

²⁶ No original: *The pragmatic functions Focus and Contrast are often coded by phonological (prosodic) means only.* (Keizer, 2015. P. 254)

Ouvinte. Para o autor, existem cinco tipos de Foco *Contrapressuposicional*: o primeiro, de *Rejeição*, ocorre quando o Falante pressupõe que o Ouvinte sabe uma parte de informação *p* para a qual o Falante tem *não-q*, por isso rejeita a informação do Ouvinte, corrigindo-a:

- (2-77) A: John bought apples.
 B: No, he didn't buy APPLES. (DIK, 1997, p. 333)
 'A: John comprou maçãs.
 B: Não, ele não comprou MAÇÃS.'

O segundo tipo, intitulado *Substitutivo*, ocorre quando o Falante presume que o destinatário sabe uma parte incorreta de informação *p*, e que deve ser substituída por uma informação *q*, que seria a correta, como em (2-78):

- (2-78) A: John bought apples.
 B: No, he didn't buy APPLES, he bought BANANAS. (DIK, 1997, p. 333)
 'A: 'John comprou maçãs.
 B: Não, ele não comprou MAÇÃS, ele comprou BANANAS.'

O terceiro tipo mencionado pelo autor é o *Expansivo*, que ocorre quando o Falante presume que o destinatário conhece uma informação *p*, mas que não é suficiente, havendo uma informação que é importante que o destinatário conheça (*q*):

- (2-79) A: John bought apples.
 B: John not Only bought APPLES, he also bought BANANAS. (DIK, 1997, p. 334)
 'A: John comprou maçãs.
 B: John não só comprou MAÇÃS, ele também comprou BANANAS.'

Em outros casos, o Falante pressupõe que o destinatário conhece uma parte de informação correta e outra incorreta. Nesse quarto caso, o Falante corrige a informação pragmática do destinatário ao restringir um conjunto de itens pressupostos àqueles que considera ter os valores para a posição envolvida. Este tipo de foco contrastivo é denominado *Restritivo*, como podemos observar em (2-80):

- (2-80) A: John bought apples and bananas.
 B: No, he didn't buy bananas, he only bought APPLES. (DIK, 1997, p. 334)
 'A: John comprou maçãs e bananas.
 B: Não, ele não comprou bananas, ele comprou apenas MAÇÃS.'

O último tipo é intitulado *Seletivo*, caso em que o Falante pressupõe que o destinatário acredita que a informação *p* ou *q* está correta, mas não sabe qual, como em (2-81):

- (2-81) A: Would you like coffe or tea?
 B: COFFEE, please. (DIK, 1997, p. 334)
 ‘A: Você gostaria de café ou chá?’
 B: CAFÉ, por favor.’

Neste estudo, interessam-nos os casos de Substituição e de Expansão, pois são esses usos que evidenciam a complexidade funcional do juntor *sino* no espanhol peninsular.

O Contraste, no modelo da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 96–99), é concebido de modo diferente, pois sinaliza o desejo do Falante de expressar diferenças entre duas informações disponíveis na situação discursiva. O Contraste é uma função pragmática, ao lado de Foco e Tópico.

Na GDF, como mencionado anteriormente, as funções pragmáticas de Foco, Tópico e Contraste são atribuídas aos Subatos contidos no Conteúdo Comunicado para indicar o seu status informacional. No exemplo (2-82), podemos observar a função **Foco** nos elementos em negrito:

- (2-82) Sí, estaba yo... Estaba yo... Lo recuerdo muy bien... En el teatro Infanta Isabel, de Madrid. Estrenábamos aquella obra de Víctor Ruiz Iriarte... **Lo que he olvidado es el título...** Parece imposible, ¿verdad?, pero lo he olvidado. (Fernán Gómez, F. El viaje a ninguna parte, 1985. Ficción, CREA)
 ‘Sim, eu estava... Eu estava... Eu me lembro muito bem... No teatro Infanta Isabel, em Madri. Estávamos estreando aquela peça de Víctor Ruiz Iriarte... O que eu esqueci foi o título... Parece impossível, não é? Mas eu esqueci.’

Em (2-82), a estratégia sintática de Foco é utilizada pela construção *lo que*, que focaliza uma nova informação e preenche um vazio nos conhecimentos do Ouvinte. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 89), a função de Foco “indica a seleção estratégica de informação nova por parte do Falante, por exemplo, com o objetivo de preencher uma lacuna na informação do Ouvinte ou de corrigi-la”²⁷.

O **Tópico, por seu turno**, é um reflexo linguístico de uma instrução para o Destinatário resgatar uma informação (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 92). Dessa maneira, o Tópico contém uma informação que pode ser inferida do contexto ou uma informação que pode ser ativada na memória dos interlocutores. Observe a função Tópico no exemplo (2-83):

- (2-83) — ya:// para la gente mayor ¿[...]cómo lo ves// (e:)// este: ...?
 — **a la gente mayor** la cuidan// a la gente mayor la cuidan les interesan// son muchos votos (PRESEEA, Alcalá de Henares, media 27)

²⁷ No original: *The Focus function signals the Speaker’s strategic selection of new information, e.g. in order to fill a gap in the Addressee’s information, or to correct the Addressee’s information.*

‘- sim:/// para as pessoas mais velhas ... como você vê/// (e:)// isso: ...?
 -as pessoas mais velhas são atendidas//eles se interessam pelas pessoas mais velhas, cuidam delas//eles estão interessados em// são muitos votos’

Em (2-83), *a la gente mayor* retoma um elemento já mencionado na conversa, indicando que a nova informação será adicionada em relação a essa entidade. Portanto, funciona como o ponto de partida da resposta, ligando-a a algo que já foi introduzido na conversa e indicando que o restante da informação é um Comentário sobre algo já conhecido pelo Falante e pelo Ouvinte, cumprindo assim a função de Tópico na interação.

Pezatti e Mackenzie (2022) e Galvão-Passetti e Pezatti (2023) dão contribuições importantes para a compreensão da função pragmática de Contraste na GDF. Ambos os trabalhos partem da premissa de que o Contraste é uma operação pragmática autônoma, cujo objetivo é guiar o Ouvinte a perceber diferenças relevantes entre elementos no discurso.

O estudo de Pezatti e Mackenzie (2022) identifica o Contraste como uma função pragmática, ao lado de Tópico e Foco, responsável por sinalizar a intenção do Falante de realçar distinções específicas entre Conteúdos Comunicados, sejam essas diferenças estabelecidas entre dois conteúdos explicitamente mencionados ou entre um conteúdo e o conhecimento compartilhado no contexto discursivo. Nesse escopo, os autores tratam do juntor *mas* em seus distintos usos: quando conecta Atos Discursivos completos, *mas* introduz relações retóricas como Concessão (no Nível Interpessoal) e contém uma Adição (no Nível Representacional); já quando conecta Subatos dentro de um mesmo Ato, *mas* atua como estratégia contrastiva explícita, associada ao que Dik (1997a) denomina Foco Paralelo. Essa distinção permite diferenciar contrastes sintáticos e pragmáticos, bem como contrastes do tipo contrapressuposicional, frequentemente marcados por partículas restritivas como *só* ou *apenas*.

Complementarmente, Galvão Passetti e Pezatti (2023) analisam a construção adversativa substitutiva *não X, mas Y*, que podemos identificar como o equivalente ao *sino* no espanhol e ao *sondern* no alemão. O estudo revisita o tratamento tradicional dessa construção, geralmente interpretada como um caso de "apagamento sintático", e demonstra que, sob a ótica da GDF, tal apagamento é explicado como um *mismatch* entre os níveis de Formulação. No Nível Interpessoal, o conteúdo é organizado como um único Ato Discursivo de molde Tético, com um Subato de Atribuição que assume simultaneamente as funções de Foco e Contraste. Já no Nível Representacional, observa-se a ativação de moldes de predicação classificacional, relacional ou identificacional, com dois argumentos, sendo um deles elíptico e recuperável pelo Componente Contextual. A articulação entre esses níveis revela que o contraste substitutivo é formalmente mais conciso, mas funcionalmente completo, sendo estruturado de forma a

substituir uma informação negada por outra afirmada.

Com a atualização dos estudos de contraste na GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Pezatti; Mackenzie, 2022), o Contraste é reconfigurado como uma função pragmática independente, e não apenas como uma subcategoria de foco.

Essa reinterpretação contribui para a análise mais precisa das estratégias discursivas utilizadas pelos falantes para marcar oposição, substituição ou ampliação da informação. A análise da conjunção *sino*, sob essa nova perspectiva, demonstra que o papel do contraste é responsável por um efeito pragmático.

2.8 A NEGAÇÃO: UMA VISÃO FUNCIONAL E DISCURSIVO-FUNCIONAL

Para analisar os usos de *sino*, é importante entender os tipos de negação que podem ocorrer com esta junção. Flamenco García (1999, p. 2869), com base em Ducrot (1977, p. 38), ressalta dois tipos de negação: a negação descritiva e a polêmica.

A negação descritiva é um “operador lógico cuja função é inverter o valor de verdade da expressão à qual se aplica, ou seja, está exclusivamente voltada a informar sobre um fato, dando origem a simples assertivas negativas”²⁸, como em *No he preparado el examen* ‘Não preparei a prova’ ou *No hay bebidas en la nevera* ‘Não há bebidas na geladeira.’.

Por sua vez, a negação polêmica (ou metalinguística) refere-se a um uso da negação que não atua sobre o valor de verdade de uma expressão, como faz a negação descritiva, mas sim sobre o conteúdo linguístico de uma afirmação anterior, geralmente feita pelo interlocutor. É uma estratégia discursiva que visa corrigir ou reformular o que foi dito. É nesse contexto que a conjunção *sino* se manifesta como preferencial, pois introduz uma reformulação que substitui o conteúdo negado por uma nova proposta mais adequada.

Dentro de uma perspectiva funcional, Dik (1997b, p. 169-187) propõe que a negação pode ser encontrada em todas as camadas. Para Dik, a negação é tratada como um operador que atua sobre uma estrutura proposicional, ou seja, ela modifica uma predicação. Ele vê a negação como um fenômeno gramatical altamente funcional, porque serve para intenções comunicativas, como recusar, corrigir, contrastar, impedir, questionar. Desta maneira, o papel da negação, na visão funcionalista, está sempre relacionado ao efeito comunicativo que ela produz no discurso.

²⁸ No original: *es un operador lógico cuya función es invertir el valor de verdad de la expresión a la que se aplica, esto es, se orienta exclusivamente a informar sobre un hecho dando lugar a simples aserciones negativas.* (Flamenco García, 1999, p. 3869)

Dik (1997b) aponta que a negação normalmente pode incidir sobre (i) a predicação inteira; (ii) sobre o núcleo verbal; (iii) partes específicas da oração (um argumento, um adjunto, etc.). A depender de onde a negação atua, o escopo muda. Por isso, ele discute a importância de distinguir os diferentes tipos ou níveis de negação, como vamos ver a seguir, de acordo com sua ordem hierárquica *top down*, ‘de cima para baixo’.

O primeiro tipo de negação apresentado por Dik (1997b, p. 172) é chamado de *Illocutionary negation*²⁹. Aqui, um verbo performativo é negado, como em *I do not promise to come* ‘Eu não prometo vir’.

No segundo caso, *Propositional negation*, a negação recai sobre toda a proposição. O que está sendo negado é a verdade da afirmação como um todo. É muito comum em contextos argumentativos, quando alguém contesta uma informação dita por outra pessoa. Como em: A: *John is rich* ‘John é rico’. B: *No, John is not rich* ‘Não, o John não é rico. Desta maneira, a negação nega o fato de que John é rico: não, não é verdade que John é rico (Dik, 1997b, p. 174-177). O autor também ressalta que neste tipo de negação costuma vir com entonação marcada (em *not* ‘não’), pois o falante está corrigindo ou refutando uma afirmação anterior.

O terceiro tipo de negação de Dik é o *Predicational negation* (ou negação de Estado-de-Coisas). Essa negação incide sobre o evento, sem necessariamente corrigir ninguém, como no exemplo do autor *John is not rich* ‘John não é rico’ (Dik, 1997b, p. 177)

A *Predicate negation* é o quarto tipo, e tem um escopo ainda mais estreito: atua sobre o predicado lexical em si. Dik apresenta o exemplo *John married a not unattractive girl* ‘John se casou com uma garota não atrativa’. É uma forma mais sutil ou cuidadosa de dizer algo negativo, comum em contextos em que o falante modula a intensidade de sua informação.

Por fim, o último tipo de negação apresentado por Dik trata-se do *Term negation* ou *Zero quantification*. A negação não aparece como um operador ‘neg’, mas como um quantificador com valor zero (Ø). Isso se vê especialmente com determinantes negativos, como no inglês *no, none, nobody, never* ‘não’, ‘nenhum’, ‘ninguém’, ‘nunca’.

O modelo hierárquico da Gramática Discursivo-Funcional, baseado em Dik (1997), amplia a classificação dos tipos de negação. Em um estudo sobre a negação na GDF, Hengeveld e Mackenzie (2018) propõem como podemos considerar o operador de negação ‘neg’ dentro das diferentes camadas da teoria.

²⁹ Hengeveld & Mackenzie (2018, p. 36) discutem se é realmente performativa, pois os exemplos dados por Dik, segundo os autores, não são de *Illocutionary negation*. Esse tipo de fenômeno será posteriormente categorizado pelos autores como *F-negation*.

No Nível Interpessoal, o primeiro tipo de negação reconhecido pelos autores é no Ato Discursivo, a *A-negation*. Ela ocorre especialmente em respostas a pedidos, sugestões, ordens, quando o falante recusa alguma ação proposta, como no exemplo dos autores:

- (2-84) A: Go home!
 B: No!
 ‘A: Vá para casa!
 B: Não!’

Aqui, a negação recai sobre a ação comunicativa do interlocutor. O falante nega participar da ação proposta.

O segundo tipo de negação no Nível Interpessoal é a *F-negation*, associada à força ilocutiva do enunciado, ou seja, à intenção do falante (dar ordens, sugerir, permitir...). A *F-negation* aparece quando o falante realiza uma ilocução negativa, como uma proibição (*No te vayas!* ‘Não vá embora!’)

Na GDF, como mencionado, um Conteúdo Comunicado é uma mensagem transmitida por um Falante por meio de um Ato Discursivo. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 38), o Conteúdo Comunicado não pode ser negado como uma proposição, pois já foi introduzido no discurso. No entanto, ele pode ser negado quanto sua adequação ou forma de apresentação. Os autores observam que, em espanhol, quando se quer negar o Conteúdo Comunicado por outra pessoa, ou seja, quando se realiza uma C-negation, é comum construções do tipo *No es que* + oração no subjuntivo, como em:

- (2-85) -¿Por qué los curas no pueden casarse, entonces?
 -**No es que** no puedan -contestó él-. No nos casamos para no distraer nuestra atención que debe estar concentrada en servir a Dios y a nuestros semejantes. (CORPES)
 ‘—Por que os padres não podem se casar, então?
 —Não é que não possamos —respondeu ele—. Nós não nos casamos para não desviar nossa atenção, que deve estar concentrada em servir a Deus e aos nossos semelhantes.’

Nesses casos não se trata de uma negação comum (construções com *no* seguido de verbos no indicativo), mas de uma estrutura marcada, com subjuntivo, que indica que aquilo que está sendo negado já foi dito, sugerido ou pressuposto anteriormente no discurso.

Já a negação que incide sobre o Subato de Atribuição é chamada de *T-negation*, negação metalinguística. Neste caso, a negação recai sobre a maneira como algo foi qualificado, especialmente adjetivos ou juízos de valor. É uma negação metalinguística, ou seja, o que se contesta é a escolha lexical:

(2-86) She is not pretty. She is gorgeous. (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 39)
 ‘Ela não é bonita. Ela é linda’

Neste tipo de negação, o falante não está dizendo que a pessoa não é bonita no sentido comum, mas sim que usar essa palavra específica (bonita) não é suficiente. O mais adequado seria dizer que ela é linda.

Por fim, a negação metalinguística de referência, chamada *R-negation*, nega o uso de uma forma inadequada de referência, geralmente por ser informal ou incorreta, como em *He is not “Mr Bergoglio”, he is His Holiness the Pope* ‘Ele não é ‘o Bergoglio’, ele é ‘Sua Santidade, o Papa’ (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 40).

Para complementar a análise, apresentamos abaixo um quadro que irá ilustrar os tipos de negação identificados no Nível Interpessoal. Nela estão organizadas as camadas envolvidas, o tipo de negação, uma breve explicação e um exemplo aplicado na língua espanhola. Este detalhamento é importante para esta pesquisa porque permite identificar as diferentes funções comunicativas da negação. Considerando que *sino* se manifesta em contextos negativos e que suas combinações envolvem operadores de polaridade, é conveniente compreender como a negação é estruturada na interação. Essa diferenciação auxilia na análise dos usos substitutivos e expansivos de *sino* e suas implicações na organização discursiva.

Quadro 5 - Tipos de negação no Nível Interpessoal

Camada	Tipo de negação	Explicação	Exemplo em espanhol ³⁰
A (Ato Discursivo)	A-negation	Rejeita o ato discursivo: recusa a ação comunicativa do interlocutor.	—¡Vete! —¡No!
F (Ilocução)	F-negation	Proibição: nega a modalidade da fala.	—No abras la puerta.
C (Conteúdo Comunicado)	C-negation	Nega a forma de apresentação de uma mensagem já dita.	—Te engañaon. — No es que me hayan engañado...
T (Subato Atributivo)	T-negation	Nega a predicação, corrigindo o termo usado para qualificar.	No es “bonita”, es deslumbrante.
R (Subato Referencial)	R-negation	Nega o termo referencial usado por inadequação.	No es “Felipe”, es “Su Majestad el rey”.

³⁰ Todos os exemplos do Quadro 5 e 6 são de nossa autoria.

Fonte: Autoria própria

No Nível Representacional, Hengeveld e Mackenzie (2018) reconhecem a negação em todas as camadas: A *p-negation* se dá na camada do Conteúdo Proposicional, a *ep-negation* na camada do Episódio, a *e-negation* na do Estado-de-Coisas, a *fc-negation* na Propriedade Configuracional, a *fl-negation* na Propriedade Lexical, e a *\$-negation* incide sobre itens lexicais derivados por prefixação negativa. Já nas camadas mais baixas — como as de Indivíduo (x), Local (l), Tempo (t), Razão (r) e Quantidade (q) — a negação se manifesta por meio do operador de quantificação nula ($\emptyset$).

O primeiro tipo de negação apresentado pelos autores é baseado na análise de Dik (1997). A *P-negation*, ou *negação proposicional*³¹, ocorre na camada do Conteúdo Proposicional³², e a negação incide sobre o valor de verdade da proposição como um todo. Ela é utilizada quando se contesta uma afirmação anterior ou quando se quer enfatizar que algo não acontece, como (2-87) e sua representação:

- (2-87) Its not true that Mary is reading a poem. (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 23)
 ‘Não é verdade que a Maria está lendo um poema.’
 (neg p_1 : [...] (p_1))

O segundo tipo de negação apresentado trata-se do *Ep-negation*, ou *negação de episódio*. Tendo em conta que um Episódio é um grupo de Estado-de-Coisas (com tempo, lugar e participantes), este tipo de negação escopa Estado-de-Coisas, como em:

- (2-88) Mark didn’t Wash the dish and hoover the floor. (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 24)
 ‘Mark não lavou a louça e passou o aspirador’
 (p_i : (neg past p_i : [(e_i) (e_j)] (ep_i)) (p_i))

³¹ Tradução nossa.

³² Conteúdos Proposicionais são construtos mentais que não existem no espaço ou no tempo, mas que existem na mente daqueles que os formulam. Um Conteúdo Proposicional pode ser factual, como quando representam conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não-factual, como quando são esperanças ou desejos em relação a um mundo imaginário. Dada a sua natureza, os Conteúdos Proposicionais são caracterizados pelo fato de poderem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum compartilhado, evidência sensorial, inferência). (Cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 144).

Neste caso, vemos que duas ações no passado (past) são negadas (lavar a louça e passar o aspirador). Portanto, um uso típico de *Ep-negation* é quando a intenção do falante é negar uma sequência de ações, onde todo o Episódio será negado.

O terceiro tipo de negação trata-se do *E-negation*, que para Dik (1997) corresponderia à negação predicacional (*predicational negation*). Neste caso, a negação é de um Estado-de-Coisas, indicando um contraste entre dois elementos:

- (2-89) Mark washed the dishes but didn't Hoover the floor. (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 26)
 'Mark lavou a louça, mas não aspirou o chão.'
 (2-90) Mark didn't wash the dishes but hoovered the floor.
 'Mark não lavou a louça, mas aspirou o chão.'

Como discutido anteriormente, no NI, o Conteúdo Comunicado é constituído por Subatos de Referência (R) e Subatos de Atribuição (T). Nessa estrutura, há uma distinção entre Foco e Background. No caso da *e-negation*, apenas os elementos em foco são interpretados como realmente negados. Os elementos em background (isto é, pressupostos ou já estabelecidos) não são diretamente afetados pela negação. No exemplo *Mark didn't wash the dishes but hoovered the floor*, o foco recai sobre Mark, e os demais elementos tendem a ser interpretados como background. Assim, embora a negação atinja o Estado-de-Coisas como um todo, pragmaticamente ela se concentra nos elementos focais. Isso distingue a *e-negation* da *ep-negation*, pois esta última nega todo um Episódio, enquanto a *e-negation* se restringe a um evento isolado.

A negação de Propriedade Configuracional, *F^c-negation*, incide sobre uma estrutura predicativa configuracional, muitas vezes marcada por verbos auxiliares. Em inglês, aparece com o uso do verbo "fail to" em sentido gramaticalizado, como:

- (2-91) The train failed to arrive on time. (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 28)
 'O trem não chegou a tempo'

F^l-negation, ou negação de Propriedade Lexical, trata-se da negação de substantivos ou de adjetivos, isto é, do conteúdo lexical. Este tipo de negação qualifica elementos com valor negativo sem negar o evento completo. Em inglês, por exemplo, a negação é marcada por *not* (não) como em *a not happy endind* 'um final que não é feliz' ou prefixos como *non-*, em *a non-happy ending* (um final infeliz). No espanhol, aconteceria com o advérbio *no* junto com adjetivos ou substantivos, como em:

- (2-92) A Teodoro le recordaba a Danny DeVito, pero con un rostro **no amable** y nunca sonriente. (Ortiz, L: Las manos de Velázquez, 2006. Ficción. CORPES)
 ‘Teodoro lembrava o Danny DeVito, mas com um rosto não amável e nunca sorridente.’

Diferentemente, na negação lexical derivacional, chamada *\$-negation*, o item já nasce negativo no léxico, expresso por prefixos como *-in*, *-des*, *-im* no espanhol (injusto, desonesto, imposible ‘impossível’).

Por fim, a negação de quantificação nula, ou Zero-quantification. Essa negação aparece com determinantes negativos, como *no* ‘não’, que expressam a ausência total de indivíduos, lugares, tempo, etc. Nega-se a existência de algum argumento do predicado, como em *No tengo dinero* ‘não tenho dinheiro’, *Nadie há venido* ‘ninguém veio’.

Para melhor ilustrar os diferentes tipos de negação no Nível Representacional, apresentamos a seguir um quadro que resume as camadas em que a negação pode ocorrer, o nome atribuído a cada tipo de negação, uma breve explicação sobre sua aplicação e exemplos correspondentes em espanhol.

Quadro 6 - Tipos de negação no Nível Representacional

Camada	Tipo de negação	Explicação	Exemplo
P (Conteúdo Proposicional)	P-negation	Nega a verdade da proposição como um todo.	No es verdad que María esté leyendo un poema.
Ep (Episódio)	Ep-negation	Nega um grupo de eventos coerentes — o episódio completo.	No lavó los platos y pasó la aspiradora.
E (Estado-de-Coisas)	E-negation	Nega um evento isolado — o estado-de-coisas principal.	No lavó los platos, pero pasó la aspiradora.
Fc	Fc-negation	Nega a estrutura configuracional de um predicado, como em "fail to" no inglês.	El tren no logró llegar a tiempo.
Fl	Fl-negation	Nega substantivos ou adjetivos com "no".	Un final no feliz
\$	\$-negation	Prefixos derivacionais negativos como in-, des-.	Injusto, imposible, deshonesto
x, l, t, r, q	Zero-quantification	Quantificação nula:	Nadie vino / No

		ausência de indivíduos, lugares, tempos etc.	tengo dinero / No fui a ningún lugar
--	--	--	--------------------------------------

Fonte: Autoria própria

Essa visualização permite compreender de forma mais clara como a negação se distribui nas diversas camadas da estrutura semântica proposta pela Gramática Discursivo-Funcional.

Em estudos recentes, Mackenzie (2025a, 2025b), ao analisar a negação no espanhol, formaliza a estratégia básica de negação da língua e discute como ela se articula com as demais camadas do modelo. O autor argumenta que a negação prototípica do espanhol é realizada pela partícula *no*, localizada na camada do Conteúdo Proposicional (Neg p), isto é, no nível em que se expressa o valor de verdade de uma proposição completa (Mackenzie, 2025a, p. 11). Essa análise é sustentada pelo fato de que *no* pode atuar em contextos anafóricos (*Creo que no*) e pelo uso das *checking tags* (*¿no?*, *¿verdad?*), que confirmam a validade da proposição enunciada (Mackenzie, 2025a, p. 11-12). Com base nisso, Mackenzie (2025a) formula a hipótese da *Basic Negation as Highest Negation* (“Negação Básica como Negação Mais Alta”, tradução nossa), segundo a qual a negação prototípica de uma língua opera sempre na camada mais alta possível, o Conteúdo Proposicional, Mackenzie e, por essa razão, não se projeta a níveis superiores, como o da ilocução (MACKENZIE, 2025a, p. 7).

Essa perspectiva tem como consequência a constatação de que o espanhol não tem uma negação ilocucionária específica, diferentemente de línguas como o gaélico escocês, em que ilocução e polaridade são formalizadas separadamente (Mackenzie, 2025a, p. 13). Em espanhol, mesmo quando se expressa uma força ilocucionária negativa, como em proibições (*No abras la puerta*), isso se dá por meio de estratégias composicionais, isto é, pela combinação do operador negativo *no* com o modo verbal (subjuntivo). Não há, portanto, um marcador lexicalizado que una ilocução e negação em uma única forma, como ocorre em línguas como Tauya ou Kamaiurá (Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 37, 631).

No entanto, a ausência de uma negação ilocucionária no espanhol não invalida a tipologia ampla de negação proposta por Hengeveld e Mackenzie (2018). Como mostram os autores, outras manifestações negativas podem ocorrer no Nível Interpessoal, tais como a negação do Ato Discursivo (A-negation), que rejeita uma ação comunicativa (*—¡Vete! —¡No!*), a negação do Conteúdo Comunicado (C-negation), que refuta a adequação de uma mensagem já proferida (*—Te engañaron. —No es que me hayan engañado...*), e as negações metalinguísticas de Subato Atributivo (T-negation) e de Subato Referencial (R-negation), que corrigem escolhas lexicais. Esses exemplos reforçam que, embora a negação básica se localize no Conteúdo Proposicional,

o espanhol dispõe de outras estratégias para expressar negação em diferentes camadas da interação.

2.9 RESUMO

Neste capítulo, exploramos os aspectos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional que serão fundamentais para a análise do uso do juntor *sino* no espanhol nos próximos capítulos. Como observado, a GDF se destaca por seu modelo teórico estruturado em níveis e camadas hierárquicas, com dois níveis dedicados à Formulação, o Interpessoal e o Representacional, e outros dois voltados à Codificação, o Morfossintático e o Fonológico. Além disso, sua abordagem permite uma análise que vai além da oração, considerando a organização do texto e os contextos comunicativos em que as estruturas linguísticas aparecem. Esses aspectos são apropriados para a compreensão do comportamento de *sino*, visto que seu valor adversativo envolve uma relação estreita entre duas ou mais unidades discursivas, muitas vezes com uma substituição de uma negação anterior.

Ademais, a divisão em camadas proposta pela GDF permite considerar as funções interacionais de *sino*. O Nível Interpessoal, pragmático, é central para entender como o Falante seleciona *sino* de acordo com suas intenções comunicativas e da necessidade de contraste no discurso. Neste Nível, destacamos conceitos centrais como a abordagem descendente da formulação linguística, os Subatos de Atribuição (T) e Referencial (R), e as funções pragmáticas atribuídas aos Conteúdos Comunicados, como Foco, Tópico e Contraste. Estes aspectos serão proveitosos para a análise das construções com *sino*. O Nível Representacional nos ajudará a observar as implicações do significado adversativo e do escopo da negação, enquanto o Nível Morfossintático nos permitirá identificar a estrutura formal que acompanha esse juntor.

A GDF, assim, nos permite analisar o funcionamento de *sino*, visto que integra os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, possibilitando uma melhor compreensão de como esse juntor é usado para estruturar o discurso no espanhol, sendo eficiente para analisar não só a estrutura interna dos enunciados com *sino*, mas também seu papel na construção do sentido adversativo. Essa abordagem contribui para uma descrição mais detalhada e funcional do comportamento de *sino*, diferenciando-o de *pero*.

3 CONEXÕES E CONTRASTES: OS USOS DE *SINO* NA LÍNGUA ESPANHOLA

A proposta deste capítulo é apresentar o funcionamento do juntor *sino* e da expressão conjuntiva *no solo...sino también*, oferecendo uma visão geral do que dizem as gramáticas de referências do espanhol e os estudos funcionalistas. Para tanto, trataremos inicialmente, em 3.1, dos jutores adversativos na língua espanhola sob a perspectiva de Flamenco García (1999), de Gili Gaya (2002) e da Real Academia Española (RAE e ASALE, 2009). Em 3.2 abordamos a evolução semântica e gramatical de *sino*, traçando sua trajetória desde suas raízes latinas até seus usos atuais. Posteriormente, em 3.3, faremos uma breve apresentação sobre os conceitos de foco e de polaridade, visto que ambos desempenham um papel central na interpretação e funcionamento dessas construções. Por fim, em 3.4 dialogamos com as propostas de Módolo (2016), Rosário (2024) e de outros autores funcionalistas sobre as estruturas com *no...mas* e *no sólo...mas también* no português, equivalentes a *no...sino* e *no solo... sino También*.

3.1 OS JUTORES ADVERSATIVOS NO ESPANHOL

De um ponto de vista descritivo, a RAE e ASALE (2009, p. 2396) consideram que a coordenação é uma operação que consiste em unir dois ou mais elementos com uma ou mais conjunções sem estabelecer entre eles uma relação hierárquica. O resultado da coordenação é um grupo sintático que possui a mesma categoria gramatical dos elementos coordenados e pode exercer as mesmas funções sintáticas que cada um deles.³³

A RAE classifica as conjunções coordenadas em três grandes grupos, conforme a relação que estabelecem entre os elementos coordenados: copulativas, disjuntivas e adversativas. Cada grupo reúne conjunções com funções distintas no discurso. As copulativas (*y*, *e*, *ni*, *ni...ni*) expressam adição de ideias; as disjuntivas (*o*, *u*, *o bien...o bien*) indicam alternância; as adversativas (*pero*, *mas*, *sino*, entre outras) introduzem oposição entre os membros coordenados.

A RAE e ASALE (2009, p. 2395-2396) também dividem as conjunções coordenadas em dois grupos: *simples*, que contém os nexos copulativos (*y* ‘e’), disjuntivos (*o* ‘ou’, *ni* ‘nem’) e adversativos (*pero* ‘mas’, *sino* ‘mas sim’ e *mas* ‘mas’); e *compuestas ou correlativas*, com os

³³ No original: *la COORDINACIÓN es una operación que consiste en unir dos o más elementos mediante una o más conjunciones sin establecer entre ellos una relación jerárquica. El resultado de la coordinación es un grupo sintático que posee la misma categoría gramatical de los elementos coordinados y puede realizar las mismas funciones sintáticas que cada uno de ellos.*

nexos copulativos (*o...o* ‘ou...ou’, *ni...ni* ‘nem...nem’, entre outros), e nexos disjuntivos, como *sea...sea* ‘seja...seja’, *ora...ora* ‘ora...ora’ etc.

Embora a maioria das gramáticas de referência (RAE e ASALE, 2009; Flamenco García, 1999) considere as construções adversativas como coordenadas, alguns autores (García Berrio, 1969-1970; Echaide, 1974-1975; Rojo, 1978) questionam essa classificação.³⁴ Para García Berrio (1970, p. 17), a coordenação adversativa é o limite entre a coordenação e a subordinação, visto que embora seja classificada como uma coordenação, apresenta traços de dependência semântica, isto é, o segundo membro geralmente corrige, limita ou contrapõe a ideia da primeira oração, o que lembra a função de uma oração subordinada. Esse tipo de estrutura não é totalmente independente como outras coordenadas (aditivas, alternativas) mas também não é plenamente dependente como as subordinadas. Funciona, portanto, como uma fronteira ou limite entre os dois tipos. Echaide (1975, p. 7) afirma que a adversidade se situa entre a coordenação e a subordinação, configurando-se como um fenômeno paratático singular. Por sua vez, Rojo (1978, p. 126-127) propõe o conceito de orações bipolares,³⁵ que ocorre quando uma oração adversativa une dois elementos de forma tão interdependente que compartilha traços das orações subordinadas.

Na língua espanhola, os juntores adversativos são, portanto, *pero* e *sino*, embora a RAE e ASALE (2009, p. 2450) também considerem *mas* (atualmente em desuso no espanhol europeu) no *rol* das adversativas. Há, no entanto, como já mencionado, diferenças entre elas. As construções coordenadas unidas pelo jutor *pero* em (3-1) e (3-2) e pelo jutor *mas* em (3-3) e (3-4) aparecem em contextos tanto afirmativos como negativos, enquanto as orações unidas por *sino* (3-5) ocorrem somente em contexto negativo, pois o segundo elemento introduz uma substituição, exigindo, então, uma negação prévia. Observe os exemplos a seguir:

- (3-1) *Fue a Australia en busca de oro pero acabó convirtiéndose en granjero* (Ramos, R. No ficción. CORPES)
 ‘Foi para a Austrália em busca de ouro, mas acabou virando fazendeiro’
- (3-2) *No quiero interrumpirte, pero te ruego encarecidamente que no uses términos despectivos.* (Naveros, M. Ficción. CORPES)
 ‘Não quero te interromper, mas, por favor, não use termos depreciativos.’

³⁴ Martín Cid (2002, p. 54) classifica as conjunções coordenadas como *monemas instrumentales parataxiadores* ‘monemas instrumentais’, o que significa que elas são unidades mínimas da língua (monemas) que têm uma função relacional dentro da estrutura sintática. Elas não possuem um significado léxico próprio, como os substantivos ou verbos, mas sim um papel instrumental na organização do discurso, conectando partes da oração e estabelecendo relações lógicas, como a adição ou a oposição.

³⁵ No original: *Son las constituidas por dos cláusulas que mantienen entre sí una relación de interordinación.*

- (3-3) *La doctora atendió a toda aquella explicación incoherente, salpicada de pausas y titubeos, **mas**, pese a todo, fluida*, sin que se interrumpiera en ningún momento la sostenida corriente de palabras. (Etxebarria, L. Ficción. CORPES)
 ‘A médica ouviu toda a explicação incoerente, pontuada por pausas e hesitações, mas ainda assim fluente, sem nunca interromper o fluxo constante de palavras.’
- (3-4) La obra olímpica de Samaranch ha sido colosal. Como toda obra humana **no** ha carecido de sombras, **mas** su balance final es, a mi juicio, deslumbrante. (Cazorla, L. M. No Ficción. CORPES)
 ‘O trabalho olímpico de Samaranch foi colossal. Como qualquer obra humana, não deixou de ter suas sombras, mas seu saldo final é, em minha opinião, deslumbrante.’
- (3-5) *El País de Gales **no** nos recibe con ametralladoras y exigencias de visado, **sino** con delicioso 'risotto' de espárragos* (Ramos, Rafael. No ficción. CORPES)
 ‘O País de Gales não nos recebe com metralhadoras e exigências de visto, mas com um delicioso risoto de aspargos.’

Em (3-1), (3-2), (3-3) e (3-4) há contraposição entre duas informações, de maneira que *pero* e *mas* estabelecem uma orientação argumentativa, indicando que o que deve ser levado em consideração é o que está no segundo elemento, após o juntor. Em (3-1), da oração *fue a Australia en busca de oro* ‘foi a Austrália em busca de ouro’ poder-se-ia inferir que alguém era ambicioso e que, provavelmente, a busca foi bem-sucedida com essa expedição. No entanto, a oração, *acabó convirtiéndose en granjero* ‘acabou se tornando fazendeiro’, opõe-se à primeira e o uso de *pero* implica a negação da possível inferência do ouvinte. Há, então, uma quebra de expectativas com relação ao que era esperado da primeira oração.

Em (3-2) também observamos uma relação de contraposição, em que a primeira oração está em contexto negativo, *no quiero interrumpirte* ‘não quero te interromper’, expressando cortesia por parte do falante ao manifestar intenção de não causar incômodo. Aqui, como se observa, a relação é pragmática, já que a primeira oração tem o papel de alertar o ouvinte para o que virá em seguida, na segunda oração.

Em (3-3) observamos que o juntor *mas* ‘mas’ desempenha o papel de introduzir uma ideia contrária. A primeira oração *La doctora atendió a toda aquella explicación incoherente, salpicada de pausas y titubeos* expressa que a explicação foi difícil de seguir, caracterizada por incoerências, frequentes pausas e hesitações. A expectativa aqui é de uma comunicação difícil de acompanhar. No entanto, *mas* introduz um contraste inesperado: apesar dessas dificuldades, a explicação foi *fluida* ‘fluída’, indicando que o discurso manteve uma certa fluidez. Ademais, a médica “sem nunca interromper o fluxo constante de palavras” sugere que, apesar das dificuldades na comunicação, houve uma continuidade no discurso. Desta

forma, *mas* serve para corrigir a ideia inicial de que incoerências e pausas comprometem a fluência do discurso.

Apresentamos, em (3-4), um uso de *mas* em contexto negativo em que a primeira oração *La obra olímpica de Samaranch ha sido colossal* traz uma afirmação positiva, que avalia bem o trabalho de Samaranch, e a segunda, por sua vez, apresenta uma informação negativa, *Como toda obra humana no ha carecido de sombras*. Aqui, reconhece-se que, como qualquer empreendimento humano, o trabalho de Samaranch teve aspectos negativos, ou "sombras". Isso estabelece um ponto de crítica ou uma nota negativa. O uso de *mas* introduz uma ideia que contrasta com o elemento anterior, indicando que apesar dos aspectos negativos, há algo mais importante a ser considerado, de que, ao final, o resultado geral do trabalho de Samaranch é positivo.

Os usos de *pero* em (3-1) e (3-2) e de *mas* em (3-3) e (3-4) introduzem contraste entre ideias, há uma quebra de expectativas, mas nenhum elemento é excluído. No entanto, em (3-5), *sino* ocorre de maneira diferente, pois o primeiro elemento *El País de Gales no nos recibe con ametralladoras* 'O País de Gales não nos recebe com metralhadoras' é substituído pelo segundo elemento (*nos recibe*) *con delicioso 'risotto' de espárragos* '(nos recebe) com um delicioso risoto de aspargos.'

Atrêamos o que foi exposto aos exemplos de Schwenter (2000), que evidenciam como esses juntores indicam oposição distintamente.

(3-6) Juan es bajo, pero fuerte. (Schwenter, 2000, p. 44)
'Juan é baixo, mas forte'

Juan no es bajo, sino alto. (Schwenter, 2000, p. 44)
'Juan não é baixo, mas sim alto'

Para o autor, no primeiro exemplo, o interlocutor pode fazer inferências a partir do primeiro elemento (Juan es bajo). Dependendo do contexto, o fato de Juan ser baixo pode impedi-lo de realizar, por exemplo, alguma atividade física. No entanto, ao introduzir o juntor *pero* com o segundo elemento *fuerte*, o falante quebra a expectativa do interlocutor e faz uma afirmação, corrigindo a inferência anterior, dizendo que Juan é capaz de realizar atividades, pois, por mais que seja baixo, ele é forte. Veja como podemos interpretar o exemplo dado anteriormente por Schwenter:

(3-7) Juan é baixo → não poderá fazer a atividade física
Juan é forte → está apto para fazer a atividade física

Portanto, com *pero* pode-se “inferir conclusões distintas” (Fuentes Rodríguez, 1998, p. 127).³⁶ Isso nos permite reconhecer que a oposição realizada através de *pero* está relacionada à pragmática, pois depende de conhecimentos prévios e inferências do que é ser “baixo” ou “forte”. No entanto, a partir do ponto de vista do falante, *baixo* e *forte* são opostos, fazendo com que *pero* tenha um “contraste semântico e incancelável” (Schwenter, 2000, p. 44),³⁷ no sentido de que os dois predicados (ser baixo e ser forte) são atribuídos ao mesmo referente e pertencem a domínios opostos sob a perspectiva do falante.

Por sua vez, a oração com *sino* faz uma substituição à oração anterior. O primeiro elemento é negado (Juan no es bajo), e o segundo elemento afirma o oposto (sino alto). Diferentemente da oração com *pero*, em que Juan apresentava duas características possíveis (baixo e forte), com o uso de *sino* há apenas uma característica (alto), pois a anterior (baixo) foi excluída. Enquanto *pero* é considerado um operador contra-argumentativo, *sino* é refutativo, reformulativo, de correção (Fuentes Rodríguez, 1998, p. 133-135).

Esse mesmo padrão de oposição entre um juntor restritivo e exclusivo aparece também em línguas germânicas. No alemão, *aber* funciona como conjunção adversativa que não impõe negação e pode ser usada tanto no início da oração quanto em posição média³⁸ (Koenig; Benndorf, 1998, p. 4). Observe o exemplo abaixo e sua equivalência a *pero*:

- (3-8) Er ist intelligent, **aber** arrogant.
 Es intelligente, **pero** arrogante.
 ‘Ele é inteligente, **mas** arrogante.’

Em (3-8), tanto *aber* quanto *pero* podem ser utilizados em posição média, como no exemplo, ou até mesmo em posição inicial, mantendo liberdade de colocação, como em (3-9):

- (3-9) **Aber** er ist intelligent
Pero él es inteligente
 ‘**Mas** ele é inteligente’

Já *sondern*, chamado de *coordenador corretivo* por Koenig e Benndorf (1998), pode ser considerado equivalente a *sino*, visto que ocorre exclusivamente após uma afirmação negativa;

³⁶ No original: se infieren conclusiones distintas.

³⁷ No original: the contrast conveyed by *pero* is semantic and uncancellable.

³⁸ No original: *Im Deutschen fungiert aber als adversative Konjunktion, die keinerlei Negationszwang aufweist und sowohl in Satzanfang als auch in Mittelfeld völlig frei stehen kann.*

tem função opositiva, não argumentativa, e introduz uma correção total ou exclusão do elemento inicial³⁹ (Koenig; Benndorf, 1998, p. 7). Veja o exemplo abaixo e sua equivalência a *sino* no espanhol:

(3-10) Er kommt **nicht, sondern** bleibt hier.

Él **no** viene, **sino** se queda aquí.

‘Ele **não** vem, **mas (ao invés disso)** fica aqui.’

Essa correspondência reforça a paridade entre *pero/aber* e *sino/sondern*, que formam pares funcionais paralelos, um de coordenação adversativa restritiva e outro de exclusiva. Em ambos os idiomas o juntor exclusivo só pode ser utilizado precedido de negação, e sempre introduz uma correção ou substituição, diferentemente de *aber/pero*, que possibilita um elemento afirmativo.

Por esta razão, as conjunções adversativas são normalmente referidas como conjunções PA e SN⁴⁰ (ou ‘mas-PA/mas-SN’, no português), sendo PA referente a *Pero/Aber* e SN a *Sino/Sondern*, denominação dada por Anscombe e Ducrot (1994) em um estudo sobre as características pragmáticas, semânticas e sintáticas dos dois jutores adversativos. Os autores apontam que, embora nem todas as línguas disponham dessas duas formas lexicalizadas morfologicamente, todas as línguas contam com diferentes construções que permitem aos falantes expressarem as noções associadas à adversatividade restritiva (PA) e exclusiva (SN). Veja o quadro 7 abaixo:

Quadro 7 - Comparação entre conectores de PA e SN em três línguas

Conector PA/SN	Espanhol	Alemão	Português	Condição de uso	Efeito
Mas (PA)	Pero	Aber	Mas	Livre, sem restrição de negação	Contraste
Mas (SN)	Sino	Sondern	Mas	Exige negação no primeiro termo	Substituição

Fonte: Autoria própria

³⁹ No original: *Dagegen tritt sondern ausschließlich nach einer negativen Aussage auf; es hebt die vorangehende Verneinung auf und leitet eine vollständige Korrektur bzw. Exklusion des ersten Arguments ein.*

⁴⁰ Cf. Schwenter (2002)

O estudo de Anscombe e Ducrot (1994) permite observar que *sino* é a conjunção utilizada exclusivamente em contextos negativos, em que se observa algum tipo de operador de polaridade negativa do tipo *no* ‘não’/ *nadie* ‘ninguém’. Diante disso, é possível questionar se a conjunção *pero* é compatível com elemento negativo. Embora existam registros do uso de *no...pero* em contextos de reformulação, tal construção não se enquadra no escopo deste estudo, pois difere funcionalmente de *sino*, tanto pelo tipo de relação entre as orações quanto pelo alcance da negação.⁴¹

Flamenco García (1999, p. 3868) defende que, a partir de uma perspectiva pragmática, *sino* terá uma relação direta com a refutação, estratégia comunicativa do falante para provar a inadequação de uma informação prévia, enquanto *pero* mantém uma relação direta com a contra-argumentação. A escolha da junção em contextos negativos se dá pelo tipo de negação. *Pero* é compatível com a negação descritiva e *sino* com a negação metalinguística. Observe os exemplos do autor a seguir:

- (3-11) a. No aguanto a tu Hermano, pero habrá que invitarle a la boda.
 ‘Não aguento seu irmão, mas será necessário convidá-lo para o casamento’
 b. *No aguanto a tu Hermano, sino que habrá que invitarle a la boda.
 ‘Não aguento seu irmão, mas sim será necessário convidá-lo ao casamento.’

No exemplo dado, ‘no aguanto a tu hermano’ configura uma negação descritiva. Em (3-11a), o falante apenas expressa o fato de não suportar o irmão de alguém e em seguida traz uma quebra de expectativa, pois embora não aguente o irmão, ele será convidado ao casamento. A conjunção *pero* é adequada nesse contexto, pois está introduzindo uma oposição entre dois fatos.

Já em (3-11b), a construção com *sino* é agramatical porque *sino* exige que o segundo membro substitua uma ideia anterior, o que não ocorre aqui. O falante não está reformulando nenhuma afirmação anterior, mas apenas apresentando duas informações diferentes. Assim, *sino* não pode ser usado nesse tipo de sequência.

A RAE e ASALE (2009, p. 2457) apresentam uma construção que ainda aparece ocasionalmente em variedades linguísticas como o espanhol falado em Porto Rico, como em *El traje no era azul, pero verde azulado* ‘O terno não era azul, mas verde azulado’. A RAE associa

⁴¹ Matte Bon (1995, p. 116) menciona o uso de *no...pero* em contextos em que o falante busca compensar a informação negada, introduzindo uma avaliação positiva subsequente (*Ella no habla inglés, pero es muy buena y trabaja bien y rápido* ‘Ela não fala inglês, mas é muito boa e trabalha bem’). Contudo, trata-se de uma estrutura formada por duas orações independentes, em que o *pero* introduz uma consideração adicional, e não uma substituição de conteúdo. Por isso, essa construção não se confunde com o funcionamento do *sino* analisado nesta tese.

esse uso à influência do inglês no espanhol porto-riquenho, que contém uma única conjunção adversativa (*but*), sem a distinção entre *pero* e *sino* existente no espanhol.⁴²

Outra possibilidade seria pensar no uso de *pero sí* substituindo *sino*. Considere os exemplos⁴³ a seguir:

- (3-12) No ha llegado a nosotros la invitación al banquete, **pero sí**, el menú que siempre se adjuntaba. (Paredes-Candia, A.: *El banquete, su historia y tradición en Bolivia*, 2001. No ficción. CORPES)
 ‘Não chegou até nós o convite para o banquete, mas sim o cardápio que sempre era anexado’
- (3-13) Varelita, que no es muy buen alumno **pero sí** voluntarioso y aplicado, se da vuelta para mirarlo a través de sus lentes gruesos y sucios. (Majfud, J.: *La reina de América*, 2001. Ficción. CORPES)
 ‘Varelita, que não é um bom aluno, mas sim esforçado e aplicado, vira-se para olhá-lo através de seus óculos grossos e sujos’
- (3-14) Las jovencitas también apostaban entre sí. No dinero, desde luego, **pero sí** un desayuno o una cena en casa de la perdedora. (Hernández Rodríguez, R.: *La muerte de un cardena*. Ficción. CORPES)
 ‘As moças também apostavam entre si. Não dinheiro, é claro, mas sim um café da manhã ou um jantar na casa da perdedora.’

Nessas três ocorrências, observa-se que o uso de *pero sí*⁴⁴ contrasta dois elementos. O primeiro contém negação explícita (*No ha llegado a nosotros la invitación al banquete*; *No es muy buen alumno*; *No (apostaban) dinero* e o outro contém uma afirmação (*pero sí, el menú*; *pero sí voluntarioso y aplicado*; *pero sí un desayuno o una cena*). A presença explícita do elemento de afirmação (*sí* ‘sim’), funciona como um valor positivo que se opõe ao que foi negado, sem provocar uma substituição direta do primeiro termo, como ocorreria com *sino*.

Para Flamenco García (1999, p. 3870), esses casos funcionam porque o que é apresentado no segundo elemento é uma afirmação enfática.

Em termos sintáticos, tanto *pero sí* quanto *sino* ocorrem após uma negação e introduzem um novo elemento. No entanto, há diferenças no funcionamento de cada construção (cf. RAE e ASALE, 2009, p. 2457). A conjunção *sino* atua como marcador de substituição, pois o segundo elemento substitui o primeiro, fazendo uma oposição exclusiva. Essa oposição está centrada na negação e no foco contrastivo: o que se nega explicitamente no primeiro elemento

⁴² Além deste uso, ocasionalmente, na fala popular do espanhol boliviano, também pode ocorrer o uso de *mas por el contrario* com o mesmo sentido de *sino*, como em *No habló de golpe de estado, mas por el contrario de elecciones libres* (RAE e ASALE, 2009, P. 2459.)

⁴³ Não foram encontradas ocorrências da construção *pero sí* na variedade espanhola peninsular no corpus CORPES XXI. Por essa razão, os exemplos analisados provêm de outras áreas geográficas.

⁴⁴ Em espanhol, a construção *pero sí* é equivalente ao *mas sim* do português, utilizada para afirmar algo após uma negação. No português, não há uma conjunção específica que desempenhe o papel de *sino* nesse tipo de contraste.

é retomado e substituído pelo segundo. Assim, a construção orienta a interpretação para a reformulação da informação apresentada anteriormente, substituindo o conteúdo negado por outro considerado mais adequado no contexto. Por outro lado, *pero sí* conserva o valor adversativo de *pero*, introduzindo uma oposição, mas sem implicar substituição. A negação não recai necessariamente sobre o mesmo item afirmado depois. Há uma quebra de expectativa e a adição de uma informação que contrasta com a anterior.

Para a RAE e ASALE (2009, p. 2457), *pero sí* introduz uma informação considerada informacionalmente inferior ~~à~~ primeira, em alguma “escala valorativa implícita”. Flamenco García (1999, p. 3871) também propõe que o uso de *pero* em construções como as que foram apresentadas anteriormente forma parte de uma escala argumentativa. No exemplo (3-14), por exemplo, o uso de *pero sí* permite interpretar que as moças não apostavam dinheiro, mas ainda assim apostavam alguma coisa, que no caso seria um café da manhã ou jantar. Não há exclusão total do primeiro elemento, como ocorre com *sino*, que implicaria: ‘não apostavam dinheiro, mas (pelo menos apostavam) comida’. Em (3-13), não é um bom aluno, mas (pelo menos é) esforçado e aplicado. Ainda que as condições sintáticas de *pero sí* possam, em alguns casos, se aproximar de *sino*, suas funções semânticas são diferentes, principalmente no que diz respeito à substituição e ao contraste.

À luz da proposta de Fuentes Rodríguez (1998, p.148), podemos concluir que ambas as conjunções apresentam uma hierarquização das informações apresentadas, indicando no segundo elemento a informação mais relevante e que determina a orientação argumentativa do enunciado. No entanto, não podemos dizer que *pero* e *sino* são intercambiáveis. É necessária uma análise semântica e pragmática para compreender a diferença entre o uso desses jutores a fim de comprovar que embora tradicionalmente seja classificado como uma conjunção adversativa exclusiva, não se limita à substituição.

Para compreender melhor o funcionamento de *sino* e justificar sua particularidade em relação a outros jutores adversativos, é necessário retomar seu percurso histórico. Em 3.2, a seguir, apresentamos a origem e a evolução de *sino*.

3.2 A ORIGEM E O FUNCIONAMENTO DO JUTOR *SINO*

O jutor *sino* passou por uma evolução semântica e gramatical significativa, desde sua origem do latim até seus usos atuais. Lapesa (1981, p.421), em sua obra sobre a história da língua espanhola, *Gramática Histórica de la Lengua Española*, explica as mudanças linguísticas que ocorreram no espanhol durante o século XVIII, principalmente as que estão

relacionadas com a simplificação da pronúncia de alguns grupos de consoantes que vinham do latim.

Originalmente, *sino* e *signo* compartilhavam a mesma raiz etimológica, derivada de *signum*, do latim. No entanto, de acordo com o autor, ao longo do tempo, a *Real Academia Española* estabeleceu que *signo* seguiria o padrão original do latim, enquanto *sino* adotaria uma forma mais simplificada, resultando em significados e funções distintas.

Seguindo os padrões da fonética espanhola, surgiu *sino* em vez de *signum*. Sua origem etimológica é a mesma de *signo*, mas foi simplificada na forma e no uso. Nesse processo, *sino* e *signo* passaram a ter significados e usos diferentes. *Sino*, inicialmente, manteve um significado arcaico relacionado a *hado* ('destino' ou 'presságio'), um uso que se encontra em textos clássicos e medievais. Este uso, contudo, caiu em desuso e passou a funcionar como uma conjunção adversativa, utilizada para contrapor elementos no discurso; *signo*, por sua vez, atua como um substantivo equivalente a 'símbolo' ou a 'sinal'.

Este processo de definir duas formas diferentes para uma mesma palavra foi um recurso que a Academia Espanhola usou para criar distinções semânticas entre palavras que tinham a mesma origem, mas que, com o tempo, assumiram significados diferentes e funções gramaticais distintas.

Alguns autores (cf. RAE, 1931, p. 304-308; Flamenco García, 1999, p. 3856; Gili Gaya, 2002, p. 283) apresentam a hipótese de que *sino* tem origem na fusão da conjunção condicional *si* 'se' e do advérbio de negação *no* 'não'. Esse processo teria ocorrido dentro de orações condicionais negativas, por meio de um fenômeno de elisão, resultando na transformação da estrutura condicional em um tipo de oposição exclusiva:

A conjunção *sino* formou-se ao adicionar a negação *no* à condicional *si*: *No se veía otra cosa si no (se veían) ruinas*. Quando, por elipse, o verbo da segunda oração é suprimido, *si no* começou a ser sentido como uma única palavra coordenante, já que deixou de ligar orações completas, passando a conectar apenas elementos análogos dentro de uma mesma oração. Assim, *sino* adquiriu um sentido independente de seus componentes, o que faz com que não seja o mesmo dizer *no vive si no estudia* do que *no vive, sino estudia*; *no trabaja si no descansa*, em contraste com *no trabaja, sino descansa*. (GILI GAYA, 2002, p. 283)⁴⁵

⁴⁵ No original: *La conjunción sino se ha formado añadiendo la negación no a la condicional si: No se veía otra cosa si no (se veían) ruinas. Al suprimirse por elipsis el verbo de la segunda oración, se sintió si no como una sola palabra coordinante, puesto que ya no enlazaba oraciones: enlazaba sólo elementos análogos de una misma oración. Así adquirió sino significado independiente de sus componentes, lo cual hace que no sea lo mismo decir no vive si no estudia, que decir no vive, sino estudia; no trabaja si no descansa, frente a no trabaja, sino descansa.*

Inicialmente, essa construção expressava uma relação condicional negativa, como em *No se veía otra cosa si no (se veían) ruinas*⁴⁶ ‘Não se via outra coisa, a não ser ruínas’. Com o tempo, devido à elipse do verbo na segunda oração, *sino* passou a ser percebido como um único elemento de conexão, ligando não mais duas orações completas, mas elementos equivalentes dentro da mesma oração. Esse avanço levou à distinção entre construções condicionais e adversativas, como vemos na diferença dada por Gili Gaya (2002, p. 283) entre *No trabaja si no descansa* ‘Não trabalha se não descansa’ (interpretação condicional) e *No trabaja, sino descansa* ‘Não trabalha, mas sim descansa’ (interpretação adversativa).

Essa origem ainda pode ser utilizada em alguns exemplos da língua atual. Flamenco García (1999, p. 3856) nos fornece como exemplo a frase *Allí no se hacía otra cosa, sino trabajar* ‘Lá não se fazia outra coisa, senão trabalhar’. Se separarmos os elementos que formam *sino*, obtemos a estrutura condicional que está implícita: *Allí no se hacía otra cosa, si no era trabajar* ‘Lá não se fazia outra coisa, se não fosse trabalhar’. Desta maneira, a construção pode ser interpretada como hipotética, reforçando a ideia de que *sino* deriva de uma estrutura condicional.

Além disso, Flamenco García (1999, p. 3856) também considera o uso do *sino* *exceptivo*, que introduz um elemento que restringe o enunciado anterior. Esse uso, embora hoje seja pouco frequente, podia ser encontrado em construções como *Todos se aprovecharon, sino yo*, equivalente a ‘Todos se aproveitaram, exceto eu’.

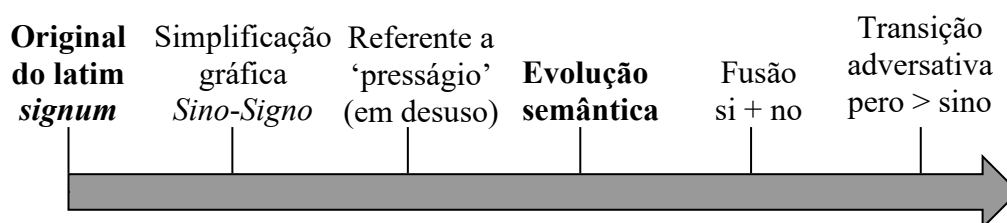
Lapesa (1981) também explica a mudança de uso de advérbios, preposições e conjunções. Menciona, no rol das conjunções, que após uma negação, usava-se comumente o juntor *pero* onde hoje seria obrigatório o uso de *sino*. Lapesa (1981, p. 406 e 407) nos fornece o exemplo *no una manzana, pero todo un cesto* ‘não uma maçã, mas o cesto inteiro’, que no espanhol moderno seria substituído por *no una manzana, sino todo un cesto* ‘não uma maçã, mas sim o cesto inteiro’. A RAE e ASALE (2009, p. 2457) trazem também como exemplo um trecho do espanhol antigo, ilustrando como a conjunção *pero* podia desempenhar o papel que hoje é exclusivo de *sino*, funcionando como conjunção substitutiva após uma negação:

(3-15) Todo lo cual, no solo no me ablandaba, **pero** me endurecía. (Cervantes, p. 211)
 ‘Tudo isso, não só não me comovia, mas me endurecia’

⁴⁶ Exemplo dado por Gili Gaya, 2002, p. 283

Esses usos refletem a transição do uso de *pero* para *sino* em estruturas adversativas que contrapõem elementos. Observe a figura a seguir para melhor visualização da evolução de *sino*:

Figura 3 - A evolução linguística de *sino*



Fonte: Autoria própria

Assim, a evolução de *sino* revela um processo de mudança linguística em que duas palavras derivadas do latim *signum* passam a ser diferenciadas graficamente (*sino* e *signo*). Enquanto *signo* se referia a 'signo', a palavra *sino* se referia a 'destino', 'presságio'. A mudança semântica do juntor se dá pela estrutura condicional negativa *si + no* 'se + não', que passou a expressar uma relação adversativa exclusiva, substituindo *pero* por *sino* em estruturas adversativas após negação. Essa mudança linguística mostra como elementos funcionais da língua podem se transformar ao longo do tempo, adquirindo novos significados e usos na gramática do espanhol.

Atualmente, o Diccionario de la lengua española (DLE)⁴⁷, disponibilizado pela Real Academia Española, apresenta duas acepções distintas para a entrada *sino*: substantivo e conjunção adversativa. A primeira delas, de origem latina (*signum*), está associada à noção de 'sinal' ou 'presságio', apresentando uma carga semântica vinculada à ideia de destino ou fatalidade, ou seja, ao conceito de *hado*:

1. **m. hado.**
2. **m. desus.** pero (defecto).
3. **m. desus.** Cosa que evoca en el entendimiento la idea de otra.

Esse significado mais arcaico de *sino* está, como assinalado pelo próprio dicionário, em desuso 'desus', mas nos permite ter uma perspectiva histórica sobre o termo, uma vez que o *destino* 'hado' era frequentemente utilizado na literatura clássica e medieval. Encontramos

⁴⁷ Disponível em: <https://dle.rae.es/sino>

alguns desses usos na análise do corpus ARTHUS com textos teatrais, como em (3-16), que foram eliminados da análise por não se tratar de *sino* conjuntivo:

- (3-16) CARMIÑA.- A la guerra otra vez. Ay, meus filliños.
 ROCIO.- (Por CARMIÑA.) Claro, como somos ésta y yo las que limpiamos...
 MONTSERRAT.- Sí, a la vista está. (Mete la mano por algún sitio, la saca negra, grita. Porrazos en el cuarto de BEGOÑA.)
 PALOMA.- O han vuelto los espíritus, o el marido de Begoña también está limpiando lo que puede. (Gesto de robar.)
 CARMIÑA.- Qué **sino** el de la coitada. Un hombre solo, y hay que ver lo que le saca. Nosotras, sin embargo...
 (Gala, A: *El hotelito*. Madrid, 1988. BDS)
 ‘CARMIÑA: Para a guerra novamente. Oh, meus filhos.
 RÓCIO: (Para CARMIÑA.) É claro, já que somos eu e ela que limpamos tudo....
 MONTSERRAT: Sim, é óbvio. (Ela coloca a mão em algum lugar, tira a mão preta, grita...). Batida no quarto de BEGOÑA).
 PALOMA: Ou os espíritos voltaram, ou o marido de Begoña também está limpando o que pode. (Gesto de roubar.)
 CARMIÑA: Que destino o da coitada. Um homem só, e você tem que ver o que ele consegue com isso. Nós, no entanto...’

O segundo tipo de uso desta palavra está no rol das conjunções, como descreve a RAE:

1. **conj. advers.** U. para contraponer un concepto afirmativo a otro negativo anterior. *No lo hizo Juan, sino Pedro. No quiero que venga, sino, al contrario, que no vuelva por aquí. No sentí alegría ninguna por él, sino, antes bien, pesadumbre.*
2. **conj. advers.** Denota idea de excepción. *Nadie lo sabe sino Antonio.*
3. **conj. advers.** Solamente, tan solo. *No te pido sino que me oigas con paciencia.*
4. **conj. advers.** Denota adición de otro u otros miembros a la cláusula. *NO SOLO por entendido, sino también por afable, modesto y virtuoso, merece ser muy estimado.*

O dicionário apresenta quatro funções adversativas distintas, que permitem o uso de *sino* para contrapor ou acrescentar elementos no discurso. No primeiro tipo de uso, *sino* é classificado como uma conjunção adversativa usada para introduzir um elemento afirmativo que se opõe ao elemento negativo mencionado anteriormente. No exemplo dado pelo dicionário: *No lo hizo Juan, sino Pedro* ‘Não foi João quem fez, mas sim Pedro’, *sino* faz uma substituição do sujeito da oração.

O próximo uso de *sino* apresentado indica uma exceção. Neste caso, um elemento é isolado em relação a todos os outros. No exemplo oferecido pelo dicionário, *Nadie lo sabe sino Antonio* ‘Ninguém sabe com exceção de Antonio’, *sino* exclui qualquer outra possibilidade

anterior, apresentando uma única exceção para o elemento final (no caso, Antonio). Esse uso adversativo de *sino* delimita informações do enunciado.

Isso explica a razão pela qual as conjunções comparativas ('tanto...como') e exceptivas ('salvo', 'exceto') possuem traços comuns. São conjunções coordenadas, mas ocupam um lugar intermediário entre as coordenadas e as subordinadas (RAE e ASALE, p. 2009, p. 2398).

Fuentes Rodríguez (1998) exemplifica esse uso de *sino*, que apresenta um significado próximo de *exceto* e *senão*, no português, como no exemplo a seguir:

- (3-17) Nadie podría decirlo **sino** María. (Fuentes Rodríguez, 1998, p. 122)
 'Ninguém poderia dizê-lo exceto/senão Maria.'

Portanto, no uso exclusivo deste jutor, *sino* comunica que algo não pode ser substituído por outro, ninguém conseguirá cumprir as ações informadas no elemento principal senão a própria pessoa que foi mencionada. Para a RAE e ASALE (2009, p. 4680), esses casos podem ser substituídos por *más que* ou *otra cosa que*. Veja o teste a seguir:

- (3-18) No traje **sino** problemas (RAE e ASALE, 2009, p. 3000)
 'Não trouxe nada senão problemas'
 No traje **otra cosa que** problemas (RAE e ASALE, 2009, p. 3000)
 'Não trouxe outra coisa senão problemas'

A RAE traz duas distintas análises para as construções exclusivas. A primeira delas sugere que, na construção *No era sino un melindroso* (García, Criticón I, RAE e ASALE, 2009, p. 3000), *era* é uma expressão complexa de núcleo tácito, ou seja, seu núcleo é geralmente um substantivo ou um pronome. Neste caso, o núcleo seria o pronome negativo *nada* ou "um grupo nominal subentendido que expresse alteridade (aproximadamente, *outra coisa*)"⁴⁸ (RAE e ASALE, 2009, p. 3000). A segunda análise, por outro lado, afirma que essas unidades não podem ser tácitas, visto que o atributo de *era* seria *sino un melindroso*.

Nos parece coerente apoiar, na língua espanhola, a segunda análise, segundo a qual esses tipos de construções podem ocorrer sem a presença de um objeto direto explícito, não exigindo a apresentação de um grupo nominal, mas sim sendo estruturadas pela conjunção em foco *sino*. Portanto, seria natural dizer *No era sino un melindroso* sem a necessidade de acrescentar o pronome negativo *nada*.

⁴⁸ No original: *un grupo nominal igualmente sobrentendido que exprese alteridad (aproximadamente, otra cosa)*.

A terceira possibilidade de uso se assemelha com a anterior. No entanto, o dicionário reconhece este tipo de uso como sinônimo de *solamente* ‘somente’ ou *tan solo* ‘apenas’, também limitando o que se espera. No exemplo oferecido, *No te pido sino que me oigas con paciencia* ‘Não te peço nada, somente que me escute com paciência’, o falante restringe sua demanda a um único pedido.

Por fim, *sino* pode ser usado para introduzir uma adição de informações em uma oração. No exemplo *No solo por entendido, sino también por afable, modesto y virtuoso* ‘Não apenas como conhecedor, mas também como afável, modesto e virtuoso’, o juntor adversativo funciona para acrescentar características ao sujeito. Esse uso amplia o significado, permitindo que mais atributos ou informações sejam adicionadas ao discurso.

Nesta tese, nosso foco recai sobre dois dos usos conjuntivos adversativos de *sino*, conforme descritos pelo DLE. O primeiro refere-se ao uso **substitutivo**, em que *sino* contrapõe um conceito afirmativo a outro previamente negado (como no exemplo: *No lo hizo Juan, sino Pedro*), estabelecendo uma relação de exclusão entre os dois segmentos. O segundo diz respeito ao uso **expansivo** da conjunção, presente em construções do tipo *no solo...sino también*, nas quais *sino* introduz uma adição de membros à cláusula inicial (como em: *No solo por entendido, sino también por afable, modesto y virtuoso*).

3.1.2 Sino substitutivo

Como mencionado anteriormente, a conjunção *sino* pode ser usada somente em contextos negativos, pois introduz uma substituição do conteúdo que foi negado anteriormente. Considere as orações absolutas a seguir:

(3-19) No me gusta el pescado.⁴⁹

‘Eu não gosto de peixe’

(3-20) Me gusta la carne.

‘Eu gosto de carne’

Quando o falante deseja relacionar duas proposições refutando a informação do primeiro enunciado e apresentando como correto o segundo, recorre ao uso da conjunção adversativa *sino*, como em (3-21)

⁴⁹ Os exemplos apresentados ao longo deste capítulo que não indicam fonte de corpus são de autoria própria para fins de ilustração analítica.

(3-21a) **No** me gusta el pescado, **sino** Ø la carne.⁵⁰

‘Eu não gosto de peixe, mas sim de carne’

O falante, deste modo, evita repetir sujeito e predicado ao escolher uma única estrutura complexa. Na escolha desta estrutura, a conjunção *sino* desempenha dois papéis: primeiro, cancela a informação apresentada anteriormente (*me gusta el pescado* ‘gosto de peixe’); em seguida, introduz uma substituição ao conteúdo anteriormente relatado (*me gusta la carne* ‘eu gosto de carne’). Portanto, o primeiro elemento (*p*) é negado, enquanto o segundo (*q*) é afirmado como substituição válida. Neves (2011, p.329-330), com base em Givón (1990, p. 108) ressalta a importância da proposição negativa do ponto de vista do falante:

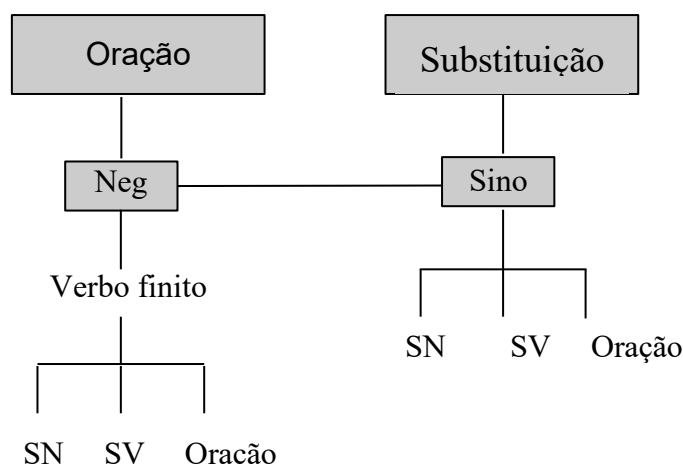
Quando o falante compõe um enunciado negativo, ele indica ter mais suposições sobre o conhecimento do ouvinte do que quando compõe um enunciado afirmativo. A partir daí, do ponto de vista comunicativo, pode-se dizer que os enunciados negativos não são empregados primariamente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressas, ou supostas na interação linguística.

Segundo a RAE e ASALE (2010, p. 761), uma negação contrastiva exclui um segmento sintático, de modo que o foco da negação, isto é, a informação mais saliente que o falante deseja transmitir ao ouvinte, é a informação afirmada (no segundo elemento), como em *no me gusta el pescado, sino la carne*, de (3-21).

O jutor *sino*, em (3-21), atua como um mecanismo de substituição, ao negar uma informação e apresentar outra que a corrige. O falante rejeita a primeira ideia, a de que gosta de carne, e introduz uma nova, considerada verdadeira, a de que gosta de peixe. Nessa estrutura, o termo afetado pela negação é o primeiro elemento, que é invalidado, enquanto o segundo ocupa o lugar da informação considerada correta. Assim, a negação recai sobre o elemento inicial e o contraste introduzido por *sino* reorganiza a mensagem, substituindo o conteúdo anterior por outro mais preciso. Veja como a figura abaixo pode esquematizar e resumir os distintos usos de *sino* substitutivo:

⁵⁰ O símbolo Ø assinala a categoria vazia que retoma o constituinte omitido (neste caso, *me gusta* ‘eu gosto’).

Figura 4 - A estrutura de sino substitutivo



Fonte: Autoria própria

Na figura 4 podemos verificar a típica estrutura das construções adversativas com *sino*. Nela, há uma negação em posição pré-verbal. A oração negada é formada por uma negação explícita (*no/nadie* ‘não’/ ‘ninguém’) seguida de um verbo finito, como *gusta* ou *quiere*, que constitui o núcleo da oração. Esse verbo pode ter como complemento um sintagma nominal (SN), como em *No me gusta el pescado*; ou verbal (SV), com um verbo não finito, como em *No quiere trabajar*. O uso da primeira oração negativa pode levar ao segundo elemento com o uso de *sino*.

O segundo elemento da estrutura introduzido por *sino* representa a substituição ou correção do conteúdo negado anteriormente, e pode ter a mesma forma categorial: um SN, um SV, ou ainda uma oração completa. Não há um verbo finito na segunda estrutura, visto que *sino* omite o constituinte:

(3-21b) No me gusta el pescado, **sino** (que me gusta) **la carne**.
 ‘Não gosto de peixe, mas (gosto) de carne’

(3-22) No quiere trabajar, **sino** (quiere) **estudiar**.
 ‘Não quer trabalhar, mas sim (quer) estudar.’

A figura, portanto, comprova o paralelismo sintático entre os termos contrastados, bem como a assimetria semântica entre negação (*No p*) e afirmação substitutiva (*Sino q*), característica das construções coordenadas exclusivas com *sino*, em consonância com o que foi descrito por Fuentes Rodríguez (1998) e também pela RAE e ASALE (2009).

3.1.3 Sino expansivo

Além do primeiro uso de *sino* que conhecemos em 3.3.1, o juntor também pode construir uma estrutura complexa. Observe o exemplo a seguir:

- (3-23) **No solamente** me gusta el pescado, **sino que también** la carne.
 ‘Não gosto apenas de peixe, mas também de carne.’

Neste caso, não há o uso de uma simples conjunção coordenando dois elementos, mas de uma estrutura complexa que se desdobra na construção *no solo...sino también*, que equivale, em termos gerais, a 'não só...mas também'. Vamos, a seguir, apresentar o uso desta estrutura em uma ocorrência encontrada em nosso corpus:

- (3-24) E: oye y ¿en- en el barrio donde tu vives entre los vecinos hay una relación así:// como las que había antiguamente tradicionalmente relaciones/ muy estrechas en que la gente se- se conoce todo el mundo: y se ayuda y tal o es ya una/ otro tipo de relación?
 I: hombre yo en mi barrio no lo sé pero lo que es mi comunidad mi portal sí
 E: ¿sí?// pero ¿y por la- por la/ **no solamente en el edificio sino también en los alrededores de tu calle** o: ...?
 I: sí también no sé se juntan en el parque y se ponen a hablar de cualquier cosa/ yo creo que sí que hay confianza y:/ si pasara algo yo creo que sí que se ayudarían (ALCA, M, 23)
 ‘E: Ei, na vizinhança onde você mora, existe um relacionamento como esse entre os vizinhos // como costumava ser antigamente, relacionamentos muito próximos em que as pessoas se conhecem e se ajudam e assim por diante, ou é um tipo diferente de relacionamento?
 E - Não sei quanto ao meu bairro, mas no meu condomínio, no meu prédio, sim. E: Sim, mas e no - no - no - não apenas no prédio, mas também na área ao redor de sua rua ou...?
 E - Sim, não sei, eles se reúnem no parque e conversam sobre qualquer coisa/ acho que há confiança e:/ se algo acontecesse, acho que eles ajudariam uns aos outros.’

O entrevistador (E) pergunta sobre as relações entre os vizinhos do informante (I) e se são como antigamente, em que todos os vizinhos costumavam se conhecer. O informante responde que não sabe se isso acontece em todo o bairro, mas que dentro de seu prédio, sim. O entrevistador, então, nega a restrição ao tratar da relação dos vizinhos do edifício, e acrescenta uma nova informação, a de que o Ouvinte deveria tratar da relação entre os vizinhos do edifício e, também, na rua onde morava, na vizinhança.

A presença de *también* no segundo elemento introduz um valor aditivo que pressupõe uma relação de coexistência entre as duas informações (Fuentes Rodríguez, 1998, p. 145). Isto é, o falante se refere ao que ocorre tanto nos edifícios, como ao redor da rua, do bairro, não há a exclusão de um elemento como ocorre na estrutura prototípica *no...sino*.

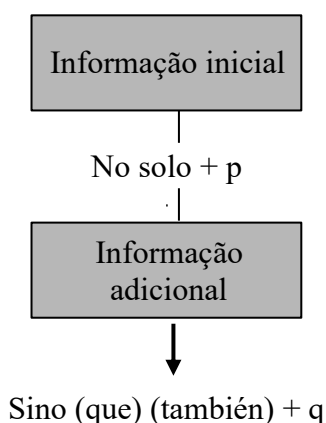
Veja que, neste caso, a função de *sino* não é substituir uma informação, mas sim expandir, adicionar outra. A função de adição, nesse caso, se explicita com o uso de *también*.

Fuentes Rodríguez (1998, p. 139) classifica a estrutura *no solo...sino también* como um conector coordenativo com valor semântico de adição. No entanto, ressalta que essa característica não implica a inclusão de *sino* na categoria dos conectores aditivos. Para a autora, *no solo...sino también* mantém sua natureza adversativa, na qual a oposição se manifesta apenas em *solo*. Nessa perspectiva, predomina a orientação argumentativa do segundo elemento.

Padilla (2002, p. 201) postula que o valor de ênfase presente em certas construções linguísticas envolve uma afirmação que é apresentada como ponto de partida, mas que será superada por uma nova informação, agregando valor e intensidade ao que foi dito anteriormente. Nesse contexto, a estrutura *no solo...sino también* funciona de forma semelhante à conjunção aditiva *y* em espanhol, que corresponde a 'e' em português. Essa equivalência pôde ser ilustrada pelo exemplo dado pela autora *No solo habla inglés, sino que también lo habla fluidamente* 'Ele não só fala inglês, mas também o fala fluentemente', no qual a primeira parte da oração introduz uma informação básica, que seria 'falar inglês', que é intensificada e complementada pela segunda parte 'falar fluentemente'. Assim, a construção não se limita a somar duas informações, mas a apresentar a segunda como uma informação nova.

Observe a figura abaixo, que demonstra o funcionamento da estrutura:

Figura 5 - A estrutura de sino expansivo



Fonte: Autoria própria

A Figura 5 mostra como a construção tende a expandir a informação inicial (No solo p) adicionando um segundo elemento, em vez de substituí-la, como acontece nos casos de

sino substitutivo. Os constituintes *que* e *también* são colocados entre parêntesis, para demonstrar que são opcionais na expressão. Isso se dá pelo fato de que tais elementos não são essenciais para a estrutura, uma vez que o advérbio *solo* já sugere a exclusividade que precede a adição da nova informação.

Como se observa, cada um desses usos do juntor *sino* apresentados em espanhol tem uma função específica: substituir ou adicionar informações. A escolha entre eles depende do contexto e da necessidade de expressar uma simples substituição, uma expansão de informação ou uma expansão de informação com uma negação intensificada.

Para representar os diferentes usos analisados neste trabalho, propomos os esquemas⁵¹ abaixo:

Quadro 8 - Usos de *sino* substitutivo

<i>No</i>	<i>Sino</i>
$\sim p$	Q
Informação inicial	Informação corrigida

Fonte: Autoria própria

Quadro 9 - Usos de *sino* expansivo

<i>No solo</i>	<i>Sino También</i>
P	Q
Informação inicial	Informação adicionada

Fonte: Autoria própria

No Quadro 8, mostramos que *sino* é empregado para indicar uma contraposição direta entre duas ideias. Há uma informação inicial negada ($\sim p$), que é rejeitada pelo Falante e substituída por uma segunda informação (Q), a qual passa a ser apresentada como a única válida. Trata-se, portanto, de uma operação de exclusão, em que o conteúdo negado é descartado em favor da alternativa introduzida por *sino*, caracterizando o uso substitutivo do juntor.

Já no Quadro 9, apresentamos o esquema da construção *no solo... sino también*, em

⁵¹ Os esquemas apresentados foram desenvolvidos durante o período de doutorado sanduíche na Universidad de Santiago de Compostela, na Espanha, sob a orientação da Profa. Dra. Hella Olbertz. A ideia para sua elaboração surgiu da professora, a quem agradeço pela valiosa contribuição.

que *sino también* não opera uma exclusão, mas uma ampliação da informação. Nesse caso, a segunda parte (Q) não substitui a primeira (P), mas a complementa, acrescentando um novo aspecto considerado relevante pelo Falante. A negação em *no solo* atua sobre a exclusividade da primeira informação, abrindo espaço para a adição de outro conteúdo, como em *No solo me recordaría a Ibiza, sino al día que conocí a Álex*. Essa diferença evidencia que, enquanto o uso substitutivo de *sino* está associado à correção e à exclusão de uma alternativa, o uso expansivo se caracteriza pela adição contrastiva de informações dentro de uma mesma unidade discursiva.

Concluimos que as estruturas com *sino* combinam (i) adversidade, quando corrige uma informação anterior; (ii) expansão, quando seleciona elementos específicos através de advérbios, como *también*; e (iii) polaridade, visto que gerencia valores positivos/negativos com *también*.

Portanto, faz-se necessário retomar brevemente os conceitos de foco e polaridade conforme apresentam as gramáticas do espanhol. Embora esses fenômenos já tenham sido discutidos no Capítulo 2, sob a perspectiva da GDF, a seguir apresentamos a abordagem semântica adotada na tradição gramatical descritiva da língua espanhola. Essa retomada permite estabelecer um diálogo entre as duas abordagens e criar o embasamento necessário para as análises posteriores, nas quais utilizaremos o conceito de foco tal como definido pela GDF.

3.3 FOCO E POLARIDADE: A PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL DESCRITIVA

Partindo de um ponto de vista semântico⁵², nesta seção apresentaremos noções de foco e polaridade que serão fundamentais para compreender como a informação é estruturada e contrastada nas orações com *sino*. Para tanto, tomamos como ponto de partida o estudo de Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009, p. 678), em que os autores discutem os conceitos de *información conocida* (pressuposição) e *información nueva* (foco), oferecendo uma base para a análise da estrutura informacional da oração. Segundo esses autores, toda oração está organizada em torno de elementos que o falante pressupõe como compartilhados com o interlocutor e de outros que constituem informação nova. Considere a ocorrência abaixo, retirada da nossa coleta de dados do corpus BDS:

⁵² A noção de *foco* aqui apresentada, dentro da tradição gramatical descritiva do espanhol, não coincide com o conceito de *foco* apresentado no capítulo anterior, da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), que será utilizado nas análises desta tese.

- (3-26a) Patrizia no estaba en la sala sino en una cama en Via Cappuccio. (Colinas, Larga carta a Francesca, 1986, novela, BDS)
 ‘Patrizia não estava na sala, mas em uma cama na Via Cappuccio.’

O narrador traz uma informação (não estava na sala) a respeito do indivíduo *Patrizia*, que já é conhecido pelo interlocutor, visto que o nome da personagem já foi introduzido anteriormente e é conhecido no contexto da narrativa. Posteriormente, acrescenta uma informação nova, de que, na verdade, ela estava em uma cama na Via Cappuccio. Veja como podemos estabelecer uma relação entre a informação pressuposta (informação dada, conhecida) e o foco (informação nova):

- (3-26b) Patrizia - pressuposição (o indivíduo *Patrizia* é conhecido pelo falante e pelo ouvinte)
 no estaba en la sala - foco (informação nova)
 no estaba en la sala - pressuposição (a pressuposição poderia ser *estava em algum lugar*)
 en una cama en Via Cappuccio - foco (informação nova)

"Patrizia" é uma entidade já introduzida no discurso, portanto, constitui uma pressuposição, conforme Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009, p. 679). *No estaba en la sala* aparece duas vezes na análise. Primeiramente, devemos considerar que este conteúdo é focal, pois é uma informação nova e é o conteúdo rejeitado pelo operador negativo (*no*) e contrastado com a oração introduzida por *sino*. Posteriormente, é uma informação pressuposta, pois o interlocutor pressupõe que, portanto, Patrizia estava em algum lugar. Esta informação, então, é substituída por uma informação nova e focal *en una cama en Via Cappuccio*, que corrige a pressuposição anterior e, portanto, configura-se como o foco principal da oração adversativa.

O constituinte que é focalizado pode ser interpretado como *foco contrastivo*, visto que contrasta um elemento focal com possíveis alternativas (Bosque; Gutiérrez-Rexach, 2009, p.692). De acordo com os autores, a determinação do constituinte que será focalizado estruturalmente (e que marca o foco [+foco]) é uma questão interpretativa. O que justifica essa proposição é a existência de *advérbios de foco* (ou *operadores de foco*), como *solo* ‘somente’, *hasta* ‘até’, *además* ‘ademais’.

O papel dos advérbios de foco e de polaridade é também fundamental para entender os usos das expressões conjuntivas como *no solo...sino también*. De acordo com a RAE e ASALE (2009b, p. 761), os advérbios de foco podem ser classificados em cinco grupos, dependendo da

forma como o elemento focal se relaciona com o conjunto de alternativas, seja de maneira explícita ou implícita.

Dentro dessa classificação, encontra-se o grupo dos advérbios de **inclusão**, que inclui *también* e *tampoco* (além de outros advérbios, como *incluso*, *inclusive*, *ni siquiera*, *hasta*, *sí*, *todavía*), que funcionam adicionando ou reforçando informações, ampliando o conteúdo da mensagem. O próximo grupo é o dos advérbios de **exclusão** ou de **exclusividade**, que contrariamente ao primeiro, não amplia, mas exclui uma informação - onde se encontram os advérbios *solo*, *tan solo*, *solamente*, *únicamente*, *exclusivamente*, *no más*, *nada más*.

Além destes dois, o de **particularização**, que engloba advérbios como *precisamente* e *particularmente* para fazer alguma especificação; o de **aproximação**, que utiliza advérbios como *casi* e *prácticamente* indicando uma proximidade; por fim, os **escalares**, que além de indicar um ponto de referência, podem também ter uma função de exclusão ou até mesmo inclusão, dependendo do contexto.

Por sua vez, o *rol* dos advérbios de polaridade negativa é menor. A RAE considera como advérbios de polaridade negativa *no*, *nunca*, *jamás*, *tampoco* e *nada*⁵³ e divide os tipos de negação entre sintática e morfológica (RAE e ASALE, 2009b, p. 927). A primeira se refere quando a negação é feita através de partículas independentes, como *no*, ou com advérbios como *tampoco*. A negação morfológica, por sua vez, é realizada através de prefixos negativos, como *-in*, *-des*, que modificam o significado lexical. Para a RAE, a força argumentativa da negação morfológica é maior, visto que tem maior peso argumentativo o uso do prefixo em *Está descontenta* do que o uso da negação sintática em *No está contenta*.⁵⁴

No que se refere à polaridade negativa, a RAE e ASALE (2009b, p. 937) afirmam que *tampoco* requer um elemento negativo prévio, seja ele explícito ou implícito, e possui funções aditivas e adversativas. Além de sua função aditiva, somando uma negação, também pode ser usado para amenizar uma afirmação anterior. Em outras palavras, *tampoco* serve também para contrapor ou reduzir a intensidade de uma declaração previamente feita. Observe o exemplo dado pela RAE: *Alberto es sumamente estricto. - Tampoco es tan estricto*⁵⁵. Neste diálogo, um interlocutor expressa a opinião de que Alberto é bastante rígido. O segundo interlocutor, utilizando o advérbio *tampoco*, responde de forma a atenuar ou contradizer essa afirmação,

⁵³ No original: *Pertenecen a la clase de los adverbios no, nunca, jamás, tampoco y nada*. (RAE e ASALE, 2009, p. 924).

⁵⁴ No original: *Está descontenta expresa una afirmación más enfática que [...] No está contenta*. (RAE e ASALE, 2009, p. 927).

⁵⁵ Alberto é extremamente rigoroso. —Tampouco é tão rigoroso. (RAE e ASALE, 2009b, p. 937).

indicando que o nível de rigidez de Alberto não é tão grande quanto o que o interlocutor havia sugerido.

O uso de *tampoco* cria, portanto, uma oposição com a afirmação original. Essa combinação de funções, aditiva e adversativa, é essencial para entender como se estrutura a relação de oposição no discurso.

Dessa forma, ao observarmos a atuação dos advérbios de foco e polaridade em combinação com *sino*, percebemos que esses elementos não apenas reforçam o contraste, mas também moldam a forma como as construções se organizam no interior da oração. Essa interação evidencia que o valor pragmático-discursivo de *sino* está diretamente relacionado às escolhas estruturais que o falante realiza. É justamente nesse ponto que se torna necessário observar com maior detalhe de que modo tais construções se configuram formalmente, distinguindo entre casos de coordenação e de correlação, tema da próxima seção.

3.4 ESTRUTURAS COM *SINO*: ENTRE A COORDENAÇÃO E A CORRELAÇÃO

Dando continuidade às considerações sobre foco e polaridade, nesta seção buscamos compreender como as construções com *sino* se comportam não apenas do ponto de vista funcional, mas também em sua estrutura formal. A distinção entre coordenação e correlação é importante, pois permite observar como o juntor se articula com outros elementos no interior da oração e no discurso, influenciando diretamente a análise e a representação dessas estruturas nos diferentes níveis da GDF.

Módolo (2008, p. 1092), ao tratar da gramática do português⁵⁶, com base no linguista Louis Hjelmslev (1984, p.42), propõe o seguinte esquema para diferenciar coordenação, subordinação e correlação:

- (i) $a \leftrightarrow b$ (correlação)
- (ii) $a \rightarrow b, a \leftarrow b$ (subordinação)
- (iii) $a — b$ (coordenação)

⁵⁶ Utilizamos, neste trabalho, contribuições de autores brasileiros por haver, no âmbito dos estudos gramaticais do português, uma produção mais consolidada sobre correlação. A aproximação com o espanhol se justifica pela semelhança tipológica e estrutural entre as duas línguas, o que possibilita estabelecer paralelos e aplicar conceitos de forma comparativa.

Em (i) observamos que os elementos ‘a’ e ‘b’ estão em uma relação de interdependência, o que significa que dependem um do outro. No caso de (ii), há uma relação de subordinação entre os elementos. Isso quer dizer que um dos elementos determina ou restringe o outro (conforme indica a seta) para ter sentido, como ocorre em uma oração subordinada. O terceiro item do esquema (iii) refere-se a uma relação de coordenação. Os elementos ‘a’ e ‘b’ estão conectados de forma coordenada, sem que um dependa do outro.

Castilho (2010, p. 386), também sob a perspectiva do português, explica que a diferença da coordenação para a correlação está no desdobramento de um juntor em duas expressões, conectando duas ideias. Ao fazer isso, a oração resulta em uma nova sentença complexa. O autor ainda destaca que a correlação envolve diversos processos linguísticos, como:

- (i) **Comparação**, representada por "como";
- (ii) **Negação**, através do uso de "não";
- (iii) **Focalização**, com "somente";
- (iv) **Inclusão**, marcada pelo "também".

Esta categoria de conexão é definida pela RAE e ASALE (2009, p. 2410) como conjunções *descontínuas* ou *correlativas*: juntadores coordenados, mas separados dentro de um mesmo grupo sintático, que vinculam elementos paralelos. Sob perspectiva descritiva, a RAE e ASALE fazem uma breve exposição sobre a correlação na língua espanhola, considerando as seguintes construções que unem grupos sintáticos como: *tanto...como* (3-27), *o...o* (3-28), *ni...ni* (3-29):

- (3-27) Una forma de banquete fue la antigua "Mesa de once", que es de indudable origen español, **tanto** por el nombre **como** por la forma de presentarla, por el contenido y las maneras que tipificaban esta costumbre social. (CORPES)
‘Uma forma de banquete foi a antiga ‘Mesa de once, que é de inegável origem espanhola, tanto pelo nome como pela forma de apresentá-la, pelo conteúdo e pelos modos que caracterizavam esse costume social.’
- (3-28) **O** él se va, **o** me voy yo. (CORPES)
‘Ou ele vai embora, ou eu vou’.
- (3-29) Tales datos que refiere Monje Ortiz no es **ni** asombroso **ni** sorprendente (CORPES)
‘Tais dados referidos por Monje Ortiz não são nem assombrosos nem surpreendentes.’

Em (3-27), o par correlativo *tanto...como* introduz elementos coordenados que compartilham a mesma função sintática e que são igualmente relevantes dentro da oração. Tanto o nome como a forma de apresentar o banquete da “Mesa de once” contribuem igualmente para o reconhecimento do evento como de origem espanhol. A NGLE (2009, p. 2411) reconhece que, embora a função de *tanto...como* seja aditiva, unindo dois elementos que poderiam ser

unidos pela conjunção aditiva *y*, ela apresenta um reforço enfático. Estrategicamente, o falante escolhe o par correlato para ressaltar e enfatizar que a coordenação une os dois elementos, que são igualmente afetados.

Em (3-28), o par *o...o* indica uma alternância. Há duas possibilidades: ou uma coisa acontece, ou a outra. Por fim, em (3-29), o par *ni...ni* indica que o sujeito da oração (*tales datos* ‘tais dados’) não possui nenhuma das características mencionadas, não é nem assombroso, nem surpreendente, funcionando como uma negação enfática.

Embora o termo *correlação* apareça em algumas gramáticas tradicionais da língua espanhola, como em Gili Gaya (2002, p. 245), sua aplicação é geralmente restrita a construções consecutivas, com estrutura com *tanto...que*, *tan...que* ou *de tal modo... que*, em que um elemento expressa intensidade e é seguido do conector *que* para introduzir a consequência. No exemplo dado pelo autor *Había tanta gente que no pudimos entrar* ‘Havia tanta gente que não pudemos entrar’, observa-se essa relação entre intensidade e consequência. Ainda que o autor reconheça que há uma correlação formal entre os dois elementos, o tratamento da correlação limita-se a esse tipo específico de estrutura.

Essas considerações permitem-nos verificar que as construções com *sino* transitam entre coordenação e correlação, visto que interpretação das construções com *sino* pode variar de acordo com o contexto: no uso substitutivo, o juntor estabelece uma relação coordenativa, em que um elemento é negado e substituído por outro; já no uso expansivo, o juntor introduz uma adição de informação, aproximando-se de estruturas correlativas, pois os dois membros mantêm uma relação de interdependência. Para ampliar essa discussão, nos subitens seguintes apresentaremos duas estruturas específicas: em 3.4.1, o caso de *no...sino*, tradicionalmente descrito como coordenativo; e, em 3.4.2, o caso de *no solo...sino también*, que evidencia relações de interdependência próprias da correlação.

Incluiremos, nestes subitens, estudos sobre as construções *não...mas sim* e *não só...mas também* do português, equivalentes a *no...sino* e *no solo...sino también* no espanhol, oferecendo uma base comparativa que contribua para a análise funcional do juntor *sino*. A comparação entre as duas línguas se justifica, em primeiro lugar, pelo desejo de estabelecer um diálogo teórico com a tradição dos estudos gramaticais do português, que apresenta uma produção mais consolidada sobre as construções correlativas. Isso nos permite avançar na descrição funcional das construções adversativas e correlativas em espanhol. Enquanto *sino* é tradicionalmente descrito como uma conjunção coordenativa adversativa nas gramáticas do espanhol, estudos recentes do português têm interpretado *não...mas sim* como um par correlativo. Essa diferença de enquadramento teórico abre espaço para discutir o caráter híbrido das construções com *sino*.

Além disso, o português e o espanhol, por compartilharem características semelhantes, especialmente no que diz respeito aos mecanismos de coordenação, nos permite compreender melhor como o contraste e a adição são estruturados em ambas as línguas. Em ambos os casos, iniciamos as considerações com contribuições de autores brasileiros e, posteriormente, espanhóis, para estabelecer um diálogo teórico que permita avançar na descrição funcional dessas construções.

3.4.1 A construção não...mas sim/no...sino

O primeiro caso a ser considerado é a estrutura *não...mas sim*, geralmente tratada como coordenativa pelas gramáticas de referência do português (Cunha e Cintra, 1985; Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011), mas interpretada como correlativa em estudos contemporâneos (Azeredo, 2013; Rosário e Campos, 2019; Campos, 2021; Campos e Novo, 2024). Para Azeredo (2013, p. 126), por exemplo, a construção *não...mas sim* corresponde a um par correlativo de focalização contrastiva, pois expressa uma relação de preferência ou de compensação no discurso. Essa leitura permite observar que, embora no espanhol *sino* seja descrito prototipicamente como conjunção coordenativa adversativa, há espaço para discutir seu funcionamento como par correlativo, sobretudo quando considerado em paralelo com o português.

Rosário e Campos (2019), com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, analisam as estruturas formadas por prótase e apódose como construções correlatas substitutivas contrastivas (CCSC), posteriormente denominadas por Campos e Novo (2024) de construções correlatas de negação e contraste (CCNC). Campos e Novo (2024), também ancoradas nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, aprofundam essa caracterização ao afirmar que, nesses casos, não há uma oração principal propriamente dita, mas sim uma conexão estabelecida entre duas partes interdependentes, ligadas por meio de pares correlativos. Segundo as autoras, trata-se de construções em que a relação sintático-discursiva não se organiza em termos de subordinação, mas de correlação, uma vez que os segmentos se articulam sem hierarquia estrutural, por meio de juntores que operam como pares correlativos (Campos e Novo, 2024, p. 213; p. 235).

Na tradição gramatical descritiva do espanhol, já se observa a aproximação das construções com *sino* a estruturas subordinadas. Gili Gaya (2002, p. 283) aponta que a presença do elemento *que* em determinadas construções com *sino* contribui para aproximá-las formalmente da subordinação. Em uma perspectiva funcionalista, essa mesma tendência já

havia sido observada por Echaide (1974–1975), para quem a possibilidade de inversão dos elementos unidos por *sino* condiciona a interpretação semântica da oração, característica que afasta essas construções da coordenação prototípica e as aproxima de relações hierárquicas. Conti Jiménez (2016, p. 8) reforça essa leitura ao argumentar que as orações introduzidas por *sino* apresentam mais semelhanças com construções subordinadas do que aquelas introduzidas por *pero*, tradicionalmente associadas à coordenação. Além disso, sugere que as orações com *sino que* devem ser incluídas na categoria de Cossubordinação, de acordo com trabalhos tipológicos-funcionais, uma forma de ligação reconhecida em estudos funcionalistas, como o de Hengeveld e Mackenzie (2008), mas ainda pouco desenvolvida nos estudos gramaticais do espanhol. As orações cossubordinadas são dependentes, mas não estão integradas e nem modificam o elemento do qual dependem (Van Valin, 1984, 2005; Van Valin; LaPolla, 1997; Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Em conjunto, essas propostas evidenciam que, embora *sino* seja frequentemente classificado como conjunção coordenativa adversativa, seu comportamento estrutural e interpretativo desafia essa categorização tradicional, apontando para um estatuto mais complexo na organização da oração.

Tratando da língua espanhola, Schwenter (2000) argumenta que a construção *no...sino* se caracteriza por introduzir uma correção categórica a um elemento negado anteriormente. Isto é, em vez de expressar dependência, esse mecanismo constrói uma oposição sem subordinação entre os elementos. O contraste, portanto, ocorre entre elementos com o mesmo estatuto sintático, o que é característico da coordenação, e não da correlação, segundo as distinções adotadas neste trabalho. Assim, ainda que *no...sino* possa ser interpretado por alguns autores como correlativo, sua configuração se aproxima mais da coordenação, já que funciona como um mecanismo de substituição entre dois elementos de igual estatuto sintático.

Em contrapartida, certas construções em espanhol, como *no solo... sino también*, apresentam características mais prototípicas da correlação, pois marcam relações de adição entre elementos que compartilham a mesma função sintática, estabelecendo uma interdependência entre os membros da estrutura. É justamente esse comportamento que será mostrado no subitem 3.4.2, dedicado à *no sólo...mas también*, no português, e *no solo... sino también*, no espanhol, em contraste com o que foi exposto para *no...sino*.

3.4.2 A construção *no sólo...mas también/no solo...sino*

Na língua portuguesa, Módolo (2008) considera a construção *não só...mas também*, a mais prototípica dentro da correlação aditiva. O primeiro elemento, que contém ‘não só’, restringe o conteúdo do enunciado. O falante, ao utilizar ‘não só’, é forçado a introduzir o segundo elemento ‘mas também’, que inclui uma outra informação. O autor reconhece, também, a possibilidade do emprego de uma única partícula na segunda parte da construção (*não só...mas*), assim como identificamos o uso de *no solo...sino* durante a etapa de coleta de dados, conforme será demonstrado no capítulo IV. As considerações realizadas para o português podem ser estendidas ao espanhol, uma vez que ambas as línguas compartilham características tipológicas semelhantes no que se refere à coordenação e à correlação, apresentando padrões sintáticos e funcionais comparáveis.

Podemos considerar como Castilho (2010, p. 387) difere as correlatas aditivas das coordenadas, justificando que a primeira, discursivamente, coloca em relevo dois atos de fala, combina diferentes categorias semânticas e são interligadas por meio de conjunções complexas. Observe o exemplo de Castilho (2010, p. 386) a seguir. Para o autor, a oração não seria possível sem o elemento gramatical ‘como também’, apresentado em (3-30), o que justifica a estrutura ‘não só, como também’ no rol das correlativas:

(3-30) O aluno **não só** estuda **como também** trabalha

*O aluno não só estuda trabalha.

Para Módolo (2008, p. 1093), a expressão inicial *não só*, apresentada no primeiro elemento, é uma “denotativa negativa de restrição”, enquanto a forma que ocorre no segundo membro, como *também* (ou *mas também*), é uma “denotativa de inclusão”. Segundo o autor, essa configuração cria uma expectativa discursiva: ao empregar *não só* na primeira parte do enunciado, o falante necessariamente projeta a introdução de um segundo elemento que complemente a informação inicial, o que se realiza por meio de *mas também*. Estabelece-se, assim, uma relação de adição entre os dois segmentos, que reforça a continuidade do enunciado. Nessa mesma linha, Rosário (2012) interpreta essa estrutura como um par correlativo formado por prótase e apódase. A prótase, que contém o operador de negação (*não*) associado a um advérbio de exclusão (*só*), prepara o interlocutor e instaura uma expectativa discursiva, enquanto a apódase é responsável por completar e expandir a informação previamente introduzida.

Módolo (2008, p. 1094) também reconhece que a estrutura ‘não só...mas’ pode ocorrer sem o uso de *também* na expressão prototípica ‘não só...mas também’. O autor as classifica,

respectivamente, em conjunções correlatas (i) constituída de uma única partícula na segunda parte correlata (*não só, mas*) e (ii) constituída de duas partículas na segunda parte correlata (*não só...mas também*). Além disso, diferencia as estruturas que contêm o pronome relativo *que* e acrescenta construções correlatas (iii) constituídas, por cruzamento sintático, de três partículas na segunda parte correlacionada (*não só...senão que também*) e com (iv) termo intensificador interferindo no primeiro elemento da correlação (*não tão-somente...mas*).

Mesmo sem o uso de *também*, a correlata aditiva não deixa de apresentar a força expressiva do segundo elemento, cuja estratégia serve a uma função semântico-pragmática de reforço ou ênfase (Rosário, 2012, p. 114). De acordo com Azeredo (2002, p. 246), a expressão *não só...mas também* é formada por “advérbios conjuntivos de valor aditivo” que assinalam à construção um realce a ambos os elementos da estrutura.

Em concordância, Rosário (2012, p.40; 2016, p. 41) esquematiza a correlação entre a prótase e a apódase com a seguinte definição:

Construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encabeçadas por correlatores, de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose).

A correlação aditiva, para Rosário (2012), é diferente da coordenação, visto que pragmaticamente há uma relação de intensidade que na coordenação com o *e* não é possível demonstrar. Não há independência nem semântica nem sintática entre os elementos, visto que são interdependentes. Cria-se uma relação argumentativa de *crescendum*, havendo uma hierarquia na informação, em que a informação nova agrega valor, ou seja, é o principal elemento.

Em prótase, na correlação aditiva, sempre há um elemento de negação e outro elemento de focalização. Em apódose, há um elemento de inclusão e de reforço. Na prótase, é comum que o elemento seja conhecido, portanto, uma informação dada. Por outro lado, na apódose, o elemento é uma informação nova, que pode surpreender o interlocutor. De acordo com Rosário (2024, p. 43), “os usos correlativos estão intimamente relacionados com os valores de intensidade, vigor e ênfase”. Embora as observações do autor sejam voltadas ao português, propomos que tais considerações podem ser relacionadas ao espanhol, dada a semelhança estrutural e funcional entre as construções correlativas nas duas línguas.

Podemos considerar que esses tipos de estruturas seriam equivalentes a estruturas como *no ...sino*, no espanhol, visto que a prótase é formada por um elemento de negação, como *não*,

nunca, ninguém, e um segmento oracional, sintagmático ou supraoracional, juntamente com a apódose que se refere a um conector de valor adversativo, como *e* ou *mas*, seguido ou não de partícula de reforço afirmativo, como *sim*.

A seguir, com base em Rosário (2012), apresentamos uma adaptação ao espanhol no seguinte esquema:

Quadro 10 - Representação das estruturas com *sino* expansivo dentro da prótase e apódose

Prótase		Apódose	
Negação	Focalização	Inclusão	Reforço/Ênfase
no	solo...	...sino	también
no	solo...	...sino	Ø
no	solo no...	...sino	tampoco

Fonte: autoria própria

O Quadro 10⁵⁷, acima, apresenta uma estrutura que exemplifica os diferentes usos expansivos do juntor *sino* em espanhol, mostrando como essa estrutura pode ser precedida pela negação e pela focalização, na prótase, e como essas combinações são reforçadas ou não na apódose.

A primeira estrutura indica o uso mais comum: uma negação simples com *no* na prótase, seguida pela focalização *solo* e pela conjunção *sino* na apódose, frequentemente reforçada pelo intensificador *también*. A segunda estrutura mantém o padrão da primeira, mas sem o uso de *también*, o que pode resultar em uma construção de menor ênfase, mas ainda sim com a inclusão de uma informação. Já a terceira estrutura introduz uma dupla negação com *no solo no* e o reforço de *tampoco* na apódose, o que intensifica a negação, criando um contraste mais enfático com a informação que vem a seguir.

A RAE e ASALE (2009) reconhecem o caráter correlativo em estruturas como *no solo...sino también*, mas tratam *no...sino* sobretudo como um caso de coordenação, por indicar oposição entre elementos cuja articulação sintática revela um padrão de independência, e não de interdependência, como ocorre na correlação propriamente dita. Nesta perspectiva, a

⁵⁷ Optamos por não acrescentar o uso do pronome relativo *que* dentro do Quadro 12, que é encontrado em algumas estruturas, como *no...sino que* ou *no solo...sino que también*, visto que não altera as funções de negação, focalização, inclusão ou ênfase já listadas, servindo apenas como um conector sintático.

conjunção *sino* conecta dois segmentos de igual estatuto, realizando uma substituição que não implica hierarquia estrutural entre os membros, mas sim uma construção simétrica, típica da coordenação.

Em síntese, a análise da construção *não só...mas também/no solo...sino también* evidencia que essas estruturas vão além da coordenação, configurando um caso de correlação aditiva, já que prótase e apódose mantêm uma relação de interdependência estrutural e pragmática. A articulação entre negação, focalização, inclusão e reforço não apenas garante a progressão argumentativa, mas também introduz uma hierarquia informacional em que o segundo membro assume maior relevância comunicativa.

3.8 RESUMO

Este capítulo teve como objetivo apresentar os diferentes usos da conjunção *sino* no espanhol, partindo de uma breve contextualização histórica, mostrando a evolução de *sino* a partir do latim *signum* e sua consolidação como conjunção adversativa, em contraste com *pero*, que, embora igualmente adversativo, mantém a informação anterior, enquanto *sino* a substitui ou a expande.

No desenvolvimento do capítulo, apresentamos os dois usos de *sino* *em foco*: (i) o uso substitutivo (*no...sino*), caracterizado pela negação de um primeiro elemento e sua substituição por outro; e (ii) o uso expansivo (*no solo...sino también*), nos quais a conjunção não faz uma substituição, mas acrescenta uma informação. Esses dois usos distintos demonstram que *sino* pode transitar entre comportamentos coordenativos e correlativos, dependendo da intenção do falante na escolha da construção.

Na última parte, estabelecemos um diálogo com descrições do português, com as construções equivalentes *não...mas sim* e *não só...mas também*. Essa comparação se mostrou pertinente, uma vez que ambas as línguas apresentam estratégias funcionais semelhantes para articular adversidade, substituição e adição, o que nos ajudará a compreender melhor seu funcionamento à luz de uma teoria discursivo-funcional. Desta maneira, poderemos realizar uma análise que ultrapassa a dicotomia tradicional entre coordenação e subordinação.

Destacamos, por fim, que o funcionamento de *sino* não pode ser entendido apenas por critérios formais ou sintáticos, pois sua atuação também depende de fatores pragmáticos. Essa natureza híbrida, levando em consideração tanto critérios pragmáticos como critérios sintáticos, fundamenta as análises que serão realizadas no Capítulo 5 desta tese, que, com base na GDF,

buscarão representar o papel de *sino* em seus diferentes níveis de atuação. No próximo capítulo, apresentamos a metodologia adotada para a análise, com a descrição dos corpora e dos critérios de análise.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que orientam esta tese. Para tanto, iniciamos com a apresentação dos objetivos, das hipóteses, das perguntas de pesquisa e dos critérios de análise na seção 4.1. Após definir os objetivos da pesquisa, descrevemos as ferramentas utilizadas para responder nossas perguntas de pesquisa e comprovar nossas hipóteses. Em 4.2 descreveremos como delimitamos a seleção das ocorrências e os três corpora utilizados para o levantamento e para a análise de dados. Encerramos o capítulo na seção 4.3, com um resumo dos pontos principais abordados.

4.1 OBJETIVOS, HIPÓTESES, PERGUNTAS DE PESQUISA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Conforme descrito nos capítulos anteriores, identifica-se uma lacuna de estudos funcionalistas que abordem os diferentes tipos de construções introduzidas por *sino* no espanhol, tanto com usos substitutivos como expansivos, especialmente no que diz respeito às distinções pragmáticas entre seus usos e à representação formal dessas construções. Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é comprovar que as construções com *sino* e suas combinações no espanhol peninsular se organizam em usos funcionalmente distintos.

Para isso, adota-se a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008) como modelo teórico, com o objetivo de demonstrar que as construções com *sino* no espanhol peninsular não constituem um conjunto funcionalmente homogêneo, esta pesquisa analisa os mecanismos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos que caracterizam essas estruturas, a fim de comprovar a existência de uma distinção entre usos substitutivos e usos expansivos. A partir dessa distinção, busca-se evidenciar que tais usos apresentam propriedades funcionais e formais distintas, o que demanda representações específicas no âmbito da GDF, contribuindo, assim, para o refinamento teórico da descrição de estruturas correlatas nesse modelo. Como objetivos específicos, propomos: (i) verificar quais contextos motivam a ocorrência de *sino* e das expressões conjuntivas *no solo... sino* e *no solo ... sino también/tampoco*; se apenas contextos negativos, elencar quais são os marcadores de polaridade negativa; (ii) investigar as diferenças pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas que assinalam *sino* e as expressões conjuntivas que envolvem esse juntor; (iii) verificar em quais níveis e camadas as relações com *sino* se constituem.

Considerando os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional, as seguintes perguntas de pesquisa são propostas:

- Quais são as motivações pragmáticas e semânticas de uso de *sino*?
- Quais são as diferenças de uso entre a estrutura prototípica *no...sino* e as expressões complexas *no solo ...sino también* e *no solo no ... sino tampoco*?

Considerando que o juntor *pero*, já investigado por Pedro (2020), une dois Atos Discursivos de estatuto desigual, a hipótese desta investigação é de que as construções com *sino* ocorram majoritariamente no Nível Interpessoal da GDF, diferenciando-se das construções com *pero* por formarem um único Ato Discursivo, e não relações entre Atos. Consideramos ainda que, no Nível Representacional, tais construções se distinguem com base na polaridade e na natureza da unidade semântica contrastada. Essas distinções, por sua vez, influenciam os mecanismos de realização nos níveis inferiores, especialmente no Nível Morfossintático, onde se observam diferentes processos estruturais entre os usos simples de *sino* e suas combinações complexas, como *no solo...sino también* e *no solo no...sino tampoco*.

Para responder às perguntas de pesquisa, cada ocorrência será levantada e analisada segundo os fatores inicialmente propostos:

1. Níveis e camadas de constituição da relação com *sino*;
2. Função pragmática dos constituintes envolvidos: Tópico, Foco ou Contraste;
3. Unidade semântica representada pela estrutura introduzida: Conteúdo Proposicional, Episódio, Estado-de-Coisas, Propriedade, Indivíduo ou ainda unidades menores como Localização, Tempo, Maneira, Razão e Quantidade;
4. Polaridade dos elementos envolvidos, segundo as possibilidades, considerando os elementos: Negativo / Positivo; Negativo / Negativo; Negativo-Negativo/ Negativo
5. Unidade morfossintática representada pela estrutura introduzida: Expressão Linguística, Oração, Sintagmas e Palavras.

O primeiro fator, norteador desta pesquisa, verificará os Níveis e camadas em que as unidades com *sino* se constituem dentro da GDF, pois pretendemos verificar se no espanhol há, de alguma maneira, atuação em diferentes camadas e preferência por alguma camada e, conseqüentemente, níveis específicos. Nossa hipótese é a de que as estruturas analisadas atuem predominantemente no Nível Interpessoal, já que se trata de uma ação do Falante para convencimento do Ouvinte, ou seja, voltam-se para argumentação.

No segundo fator considera-se o papel que cada elemento da estrutura contrastiva exerce no discurso, especialmente quanto à sua função. A análise irá classificar os constituintes com função pragmática Tópico, Foco ou Contraste, à luz da GDF, para verificar se há recorrência de certas funções nas estruturas com *sino*, e se essas funções influenciam a forma de codificação ou a posição sintática dos elementos.

O terceiro fator verifica a natureza semântica da estrutura com *sino*. A camada mais alta do Nível Representacional (relacionado à semântica) é o Conteúdo Proposicional, relacionado a construtos mentais dos interlocutores, seguido de Estado-de-Coisas, Propriedade e Indivíduos. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), essas unidades são básicas para a análise de qualquer língua e podem descrever outras unidades menores, como Localização, Tempo, Razão, Maneira e Quantidade. Este fator nos ajudará a observar se há ampliação dos tipos de unidades representadas em diferentes usos de *sino*.

O quarto fator analisa a presença ou ausência de polaridade. A polaridade consiste na possibilidade de dar à determinada estrutura uma forma afirmativa ou negativa (NEVES, 2008). Esse fator confirmará se o primeiro membro sempre se apresenta em contextos de negação e se *sino* realmente ocorre somente em contextos contrastivos. Essa classificação busca evidenciar as combinações mais recorrentes e suas implicações funcionais, especialmente nos casos em que *sino* introduz uma substituição ou uma expansão contrastiva em relação ao primeiro membro da estrutura. Apresentamos a seguir um quadro que sistematiza como os padrões foram observados quanto à presença ou ausência de operadores de negação entre os membros:

Quadro 11 - A polaridade em construções com *sino*

(-) Negativo	(+) Positivo
No es un deporte de masas	sino de élites
(-) Negativo	(+) Positivo
No solo por una razón práctica	sino también por una razón lógica
(-) Negativo	(-) Negativo
No solo no era canadiense	sino tampoco doctor

Fonte: Autoria própria

Esses exemplos destacam a importância da polaridade como um fator que contribui para a interpretação das estruturas *sino*, revelando como esse conectivo se comporta em contextos de contraste para realizar substituições ou expansões.

No que diz respeito à unidade morfossintática, verificamos se no Nível Morfossintático a estrutura introduzida se trata de uma Expressão Linguística, de uma Oração, de um Sintagma

ou de uma Palavra. Este fator indica o Núcleo Morfossintático da estrutura introduzida, sendo classificado como verbal ou não verbal. A análise do núcleo da estrutura pode revelar padrões de codificação morfossintática de *sino* e o tipo de núcleo adotado pode estar associado com os tipos de unidades semânticas.

Embora o Nível Fonológico não tenha sido incluído entre os critérios de análise numerados acima, esta tese contempla uma análise pontual desse nível. Em consonância com o modelo teórico da GDF, que propõe uma abordagem alinhada entre os níveis pragmático, semântico, morfossintático e fonológico, e com os objetivos desta investigação, que incluem identificar as diferentes funções que assinalam *sino* e suas expressões conjuntivas, serão observados, de forma breve, aspectos prosódicos, como pausas e contornos entonacionais sobre os constituintes, relevantes para a construção do contraste.

4.2 A AMOSTRA

Os dados desta investigação são constituídos por uma amostra de construções com *sino*, tanto oracionais como sintagmáticas, extraídas de três corpora distintos: o *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES); o *Archivo de Textos Hispánicos de la Universidad de Santiago de Compostela* (Arthus); e o *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América* (PRESEEA)⁵⁸.

A seleção dos três corpora utilizados nesta pesquisa foi orientada pela necessidade de contemplar diferentes modalidades de uso da língua e contextos de produção, para identificar a diversidade funcional das construções com *sino* no espanhol peninsular. O CORPES XXI, Corpus de Referência de la Real Academia Española, foi escolhido por reunir amostras exclusivamente do século XXI, o que permite identificar possíveis usos atuais na distribuição das construções com *sino* no espanhol atual, incluindo registros formais e jornalísticos. O PRESEEA, por sua vez, foi incorporado à pesquisa com o intuito de incluir dados de língua falada espontânea, permitindo observar como as construções com *sino* se realizam em interações orais, bem como verificar possíveis distinções entre os usos escritos e orais. O corpus ARTHUS, por sua vez, composto por textos literários e narrativos marcadamente dialógicos, foi selecionado para a identificação de usos metalinguísticos da negação, especialmente aqueles associados ao tipo T-negation descrito por Hengeveld e Mackenzie

⁵⁸ Em trabalhos anteriores, em nível de Iniciação Científica e de Mestrado, foi utilizada a mesma amostra do corpus PRESEEA, das cidades de Alcalá de Henares e Granada, Espanha.

(2018), em que a negação recai sobre escolhas lexicais. Assim, a triangulação desses três corpora proporciona uma análise contrastiva das construções com *sino*, de modo a abranger sua realização pragmática e morfossintática em diferentes situações de uso.⁵⁹

A análise se concentrará exclusivamente nos usos conjuntivos de *sino*, isto é, nas construções em que *sino* estabelece uma relação contrastiva entre dois constituintes, sejam eles oracionais ou sintagmáticos. Serão consideradas apenas as ocorrências em que *sino* atua como conectivo entre elementos, expressando contraste substitutivo ou expansivo, conforme exemplificamos a seguir:

- (4-1) a. **No** es abogado, **sino** médico.
 ‘Não é advogado, mas sim médico’
 b. **No solo** estudia medicina, **sino que también** trabaja en un hospital.
 ‘Não só estuda medicina, mas também trabalha em um hospital.’
 c. **No solo no** vino a la reunión, **sino tampoco** avisó que no vendría.
 ‘Ele não só não veio à reunião, como também não avisou que não viria.’

Não foram consideradas, portanto, as ocorrências em que *sino* aparece como substantivo, associado à ideia de ‘sinal’ ou ‘presságio’, como em *Qué sino el de la coitada* ‘Que destino o da coitada’; nem aquelas em que se expressa ideia de exceção ou exclusividade, como em *Nadie lo sabe sino Antonio* ‘Ninguém sabe, exceto Antônio’; ou ainda quando atua com valor de restrição, como em *No te pido sino que me oigas con paciencia* ‘Não te peço nada além de que me ouças com paciência’. Também foram descartadas construções com valor retórico, do tipo *¿Quién sino ellos para alertar sobre la urgencia de la vida?* ‘Quem, senão eles, para alertar sobre a urgência da vida?’, por não configurarem relações sintáticas de contraste entre elementos. Essas exclusões asseguram o foco sobre os usos nos quais *sino* efetivamente opera como juntor.

Foram coletadas, ao todo, 1.715 ocorrências de construções com *sino* a partir de três corpora distintos (CORPES, BDS e PRESEEA). No entanto, dada a natureza qualitativa da análise proposta nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com uma sub-amostra selecionada. Os critérios de seleção buscaram garantir uma diversidade estrutural dos diferentes usos de *sino*, bem como uma distribuição equilibrada entre os corpora. Foram selecionadas aleatoriamente 50 ocorrências completas de cada corpus, com contexto suficiente para interpretação, e que

⁵⁹ A seleção dos três corpora utilizados nesta pesquisa acompanhou o processo de desenvolvimento da tese. A primeira análise foi realizada com dados do CORPES XXI. Em um segundo momento, durante o período de doutorado sanduíche na Universidad de Santiago de Compostela, acrescentamos o corpus ARTHUS, mantido pela instituição. Por fim, o PRESEEA foi incluído com o objetivo de ampliar a análise para a modalidade oral e verificar a ocorrência de possíveis distinções entre os usos falados e escritos de *sino*.

cobrissem as principais variantes: *no...sino (que)*, *no solo...sino (también/tampoco)*. No total, foram analisadas 150 ocorrências.

Embora a pesquisa tenha caráter predominantemente qualitativo, a análise quantitativa foi utilizada em momentos pontuais para oferecer dados sobre padrões de uso, por exemplo, na identificação da frequência da estrutura canônica *no...sino* e das estruturas *no solo...sino también* e *no solo no...sino tampoco*. Esse recurso quantitativo contribui para uma compreensão mais precisa da distribuição dessas estruturas e funciona como um apoio descritivo à interpretação qualitativa dos resultados.

Na sequência, apresentamos mais detalhadamente os corpora selecionados e utilizados para esta pesquisa e como serão apresentados e referenciados na seção de análise de dados.

4.2.1 Corpus del Español del Siglo XXI

O primeiro corpus utilizado para a primeira coleta dos dados foi o *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES), base de dados linguísticos disponível *online* e disponibilizado pela *Real Academia Española*. Este corpus reúne mais de 100 milhões de formas e contempla um conjunto diverso de textos, como romances, peças de teatro, roteiros de filmes, relatórios de imprensa, ensaios, transcrições de programas de notícias de rádio ou televisão, transcrições de conversas e discursos.

O corpus é formado por textos escritos e orais procedentes do mundo hispano (Espanha, América, Filipinas e Guiné Equatorial). Considerando que o foco desta pesquisa está no espanhol europeu, foram filtradas apenas ocorrências de textos provenientes da Espanha, para garantir uma análise mais precisa das particularidades dos usos do juntor *sino*.

No decorrer desta tese, as ocorrências extraídas deste corpus serão referenciadas de maneira padronizada. As referências, que vêm entre parênteses após a ocorrência, incluem o sobrenome do autor, seguido da inicial de seu nome, o título da obra em itálico, o ano de publicação, a indicação de se a obra é ficcional ou não e, por fim, a identificação de uso do CORPES. Veja o exemplo abaixo:

- (4-2) Todo esto está muy bien, pero, ¿puede alguien decirme quién mató a Pardalot? La intriga se complica cada vez más y, si quiere saber mi opinión, se está convirtiendo en un **auténtico** rollo. O nos dice quién mató a Pardalot o aprovechando que estamos cerca del Prat, me voy a hacer unos hoyos. (Mendoza, E. *La aventura del tocador de señoras*, 2001. Ficción, CORPES)

Em (4-2), a referência segue a seguinte estrutura: sobrenome do autor (Mendoza) seguido da inicial de seu nome (E, de Eduardo); o título da obra em itálico (*La aventura del tocador de señoras*); o ano de publicação da obra (2001); a classificação da obra como ficção (Ficción) e, finalmente, a sigla que identifica o uso do Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES).

4.2.2 Base de Datos Sintácticos del español actual

O segundo corpus utilizado para a análise dos dados é o *Base de Datos Sintácticos del español actual* (BDS), um corpus linguístico disponível no *Archivo de Textos Hispánicos de la Universidad de Santiago* (ARTHUS).

ARTHUS é um recurso para estudos linguísticos que documenta e preserva textos de diferentes etapas da história da língua espanhola, entre os anos de 1900 e 2000. Ele foi desenvolvido pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, com o objetivo de coletar e disponibilizar textos históricos e contemporâneos em espanhol, abrangendo diversos períodos e gêneros literários. A vantagem de utilizar um corpus como o ARTHUS é a disponibilização de textos de difícil acesso, servindo como uma ferramenta para quem investiga a evolução do espanhol, pois contém as transcrições de fontes manuscritas e impressas e, desta maneira, permite o estudo comparativo entre diferentes tipos de textos e gêneros, o que pode enriquecer análises sobre a evolução sintática e lexical do espanhol.

A parte contemporânea do corpus abrange atualmente trinta e quatro textos narrativos, teatrais, ensaísticos, jornalísticos e orais, provenientes da Espanha e da Hispano-América, somando aproximadamente 1.450.000 formas. Todas as ocorrências desse conjunto de textos foram indexadas, e os dados resultantes foram incorporados à *Base de datos sintácticos del español actual* (BDS), o que permite uma análise sintática da língua espanhola em seu uso atual.

O corpus disponibiliza textos de diversos gêneros, (ensaio, narrativa, jornalístico, teatral, literário e oral), mas para este trabalho selecionamos os gêneros ensaio, narrativa e teatral. Os gêneros em si não constituem um critério de análise; portanto, a seleção destes três teve a finalidade de dar à amostra uma visão mais diversificada dos tipos de uso de *sino*, principalmente em textos narrativos ou dialógicos.

Um trabalho de busca foi realizado pelo programa MonoConc, ferramenta de análise de texto que permitiu coletar as ocorrências com *sino*. Na referência das ocorrências,

apresentaremos o sobrenome do autor, seguido da letra inicial de seu nome, o nome da obra em itálico, o ano de publicação e a sigla BDS, como podemos verificar a seguir:

- (4-3) Nadie iba a estar sino un desconocido en el antiguo sitio de Rafael (Aldecoa, J. R.: *Porque éramos jóvenes*, 1986, BDS)

4.2.3 Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América

O terceiro corpus utilizado para esta pesquisa é o *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América* (PRESEEA), um projeto coordenado pelo professor Francisco Moreno Fernández, da Universidad de Alcalá de Henares, Espanha, que tem como objetivo documentar e estudar a variação sociolinguística do espanhol falado em diferentes regiões da Espanha e da América Latina.

O corpus é composto por entrevistas que consideram critérios sociais e geográficos, o que permite uma análise de como fatores como idade, sexo e nível de instrução influenciam o uso da língua. As entrevistas gravadas foram transcritas e disponibilizadas em formato digital, permitindo uma análise dos diálogos.

Para manter os objetivos desta pesquisa em analisar usos de *sino* do espanhol europeu, foram selecionados apenas dados de entrevistas realizadas na Espanha, mais especificamente da cidade de Alcalá de Henares. A coleta das ocorrências foi realizada manualmente, a partir do recorte do corpus disponibilizado para consulta.

As ocorrências do PRESEEA serão identificadas da seguinte maneira:

- (4-4) no solamente no juego la partida sino que les tengo verdadero odio a las cartas (ALCA, M, 19)

Entre parênteses, a sigla *ALCA* se refere à cidade de Alcalá de Henares, onde a entrevista foi realizada; *M* se refere ao nível de instrução média do informante. Portanto, caso a ocorrência contenha as siglas P ou S, diz respeito à instrução primária e superior, respectivamente. Por fim, o número 19 corresponde ao número da entrevista.

4.3 Resumen

Considerando o objetivo principal deste trabalho, que é investigar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional, as motivações funcionais de uso de *sino* e das expressões conjuntivas *no*

solo... sino que, no solo ... sino también e *no solo no...sino tampoco* em dados do espanhol peninsular, apresentamos neste capítulo a metodologia utilizada.

A análise qualitativa proposta tem como foco os usos conjuntivos de *sino* que realizam substituição, como na estrutura *no...sino (que)*, e aqueles que realizam expansão, como em *no solo...sino también* e *no solo no...sino tampoco*. Para tanto, apresentamos os três corpora utilizados para a coleta de dados, o CORPES, o ARTHUS e o PRESEEA.

Iniciamos, no próximo capítulo, a análise dos usos de *sino*, buscando verificar as motivações funcionais e suas implicações pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas. A análise qualitativa dos dados será à luz da teoria da Gramática Discursivo-Funcional, que permitirá compreender como essas estruturas se manifestam em diferentes níveis e camadas da teoria, fornecendo uma visão mais ampla sobre os fatores que influenciam seu uso para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas.

5 OS USOS DE *SINO* NO ESPANHOL PENINSULAR

No presente capítulo, apresentamos a análise das ocorrências de *sino* no espanhol peninsular, organizando-as a partir da distinção funcional proposta nesta tese entre dois principais usos de *sino* conjuncional: usos substitutivos e usos expansivos. Nos usos substitutivos (*no... sino*), o juntor faz a substituição de um elemento por outro, enquanto nos usos expansivos (*no solo... sino también, no solo no... sino tampoco*), há a adição de uma informação com valor contrastivo. Essa distinção, discutida nos capítulos anteriores, orienta a leitura e interpretação dos dados que serão apresentados. Observe as ocorrências (5-1) e (5-2):

- (5-1) yo he nacido en la calle Manuel Medina y vive mi madre todavía en las casas bajas de Forjas pero **no** en la calle Ferraz **sino** en la de detrás. (adaptado de PRESEEA - ALCA, P, 48 - Mujer de 39 años, con estudios primarios, (2M1). Informante n.º 24)
 ‘Eu nasci na rua Manuel Medina e minha mãe ainda vive nas casas baixas de Forjas, mas não na rua Ferraz, mas sim na de trás’
- (5-2) E: oye y ¿en- en el barrio donde tu vives entre los vecinos hay una relación así como las que había antiguamente tradicionalmente relaciones muy estrechas en que la gente se conoce todo el mundo y se ayuda y tal o es ya un otro tipo de relación?
 I: hombre yo en mi barrio no lo sé pero lo que es mi comunidad mi portal sí
 E: ¿sí? pero ¿y **no solamente en el edificio sino también en los alrededores de tu calle** o...?
 I: sí también no sé se juntan en el parque y se ponen a hablar de cualquier cosa yo creo que sí que hay confianza y si pasara algo yo creo que sí que se ayudarían (Adaptado de PRESEEA - ALCA, M, 23 - Mujer de 21 años, 2º de Bachillerato (1M2), informante nº 11)
 ‘E: Ei e no bairro onde você mora, entre os vizinhos há uma relação assim: como as que existiam antigamente, tradicionalmente relações bem próximas em que as pessoas se conhecem e todos se ajudam e tal ou já é um outro tipo de relação?
 I: Bom, no meu bairro eu não sei, mas no meu condomínio, no meu prédio, sim.
 E: Sim? Mas e não só no prédio, mas também nos arredores da sua rua ou...?
 I: Sim, também, não sei, eles se reúnem no parque e começam a conversar sobre qualquer coisa acho que sim, que há confiança e se acontecesse algo acho que sim, que se ajudariam.’

Na ocorrência (5-1), o informante utiliza a construção *no...sino* para marcar a substituição de uma localização, negando o primeiro lugar citado (*en la calle Ferraz*) e, em seguida, introduzindo o lugar considerado adequado (*en la de detrás*). O objetivo do falante ao usar essa construção é o de apresentar uma informação possivelmente interpretada como incorreta (a rua Ferraz) e propor, em seu lugar, a informação tida como válida (a rua de trás). Esse funcionamento evidencia como o juntor *sino* atua ao reorganizar o conteúdo informacional, estabelecendo uma oposição entre dois elementos e promovendo a substituição do primeiro pelo segundo.

Em (5-2), por sua vez, observa-se a estrutura *no solamente...sino también*, que expande uma informação. O entrevistador está buscando entender como são as relações de vizinhança vividas pela informante. Após a informante dizer que em seu prédio há convivência e confiança entre os vizinhos, o entrevistador tenta dar continuidade ao tema, evitando limitar as boas relações ao espaço do prédio para expandir a um espaço mais amplo: os arredores da rua. O recurso utilizado pelo falante é a desrestrição (cf. Módolo, 2008, p. 1093), isto é, a negação de uma restrição previamente imposta à informação inicial, para, em seguida, acrescentar uma informação. Nesse caso, o que se nega não é a veracidade do conteúdo, mas o seu caráter limitado, abrindo espaço para que outra informação seja adicionada. Essa estratégia se dá por meio da desrestrição (*no solamente*) para desrestringir o caráter exclusivo do primeiro elemento, seguido de *sino también*, que amplia o escopo da construção. Assim, *no solamente...sino también* apresenta uma nova informação, caracterizando uma expansão do elemento inicial.

A escolha entre o uso de *sino* com construções substitutivas ou expansivas depende da intenção do falante em fazer uma substituição ou de acrescentar uma informação, o que demonstra uma versatilidade do juntor.

A análise quantitativa revelou que o uso substitutivo (*no...sino*) representa 86,8% das ocorrências e os usos expansivos (*no solo...sino también* e *no solo no...sino tampoco*) representam 13,2%. Essa diferença entre eles já indica o caráter prototípico de *sino* substitutivo no espanhol peninsular, mas também confirma a produtividade dos usos expansivos, que, embora menos frequentes, merecem uma análise mais detalhada.

A seguir, apresentamos a análise desses dois tipos de uso de *sino* à luz da Gramática Discursivo-Funcional, explorando não apenas seus valores pragmáticos e semânticos, mas também suas implicações morfossintáticas e fonológicas.

Respeitando a direção descendente da GDF, apresentaremos a análise dos dados de *sino* substitutivo (em 5.1) e de *sino* expansivo (em 5.2) sempre iniciando pelo Nível Interpessoal, apresentando, em seguida, o Nível Representacional, Morfossintático e Fonológico.

5.1 SINO SUBSTITUTIVO

Conforme apresentado no Capítulo 3, as construções com *sino* são tradicionalmente descritas pelas gramáticas normativas e descritivas do espanhol como um caso de “correção” ou “substituição” (RAE e ASALE, 2009; Flamenco García, 1999). Ainda que esse uso seja

descrito nas gramáticas como caso de correção, neste trabalho evitaremos esse rótulo, preferindo tratá-lo como estratégia de substituição, para que não se confunda com o conceito de função retórica Correção considerado pela GDF (cf. Pezatti e Camacho, 2023).

5.1.2 Nível Interpessoal

Para compreender como essa estratégia de substituição ocorre em contexto real de uso, analisamos, a seguir, uma ocorrência que representa o funcionamento de *sino* substitutivo. A ocorrência foi extraída de um texto jornalístico do CORPES XXI, no qual o falante busca caracterizar o críquete, não apenas com um esporte, mas também como um fenômeno social:

- (5-3a) El estadio de Lord's, en el barrio londinense de Saint John's Wood, es la gran catedral del cricket, su Notre Dame. Con capacidad para tan sólo trece mil personas -al fin y al cabo **no es un deporte de masas sino de élites**-, por un lado está la 'gente normal' de las tribunas, y por otro los privilegiados del 'pabellón', una estructura victoriana donde se reúnen los directivos de club, los 'vips' y los invitados de honor, y en cuyo bar no son bienvenidas las mujeres (como hasta hace poco en el club del Liceo). (El sentido de Inglaterra, a través del cricket, CORPES).
 ‘O estádio de Lord's, no bairro londrino de Saint John's Wood, é a grande catedral do críquete, sua Notre Dame. Com capacidade para apenas treze mil pessoas – afinal, não é um esporte de massas, mas sim de elites –, de um lado estão as "pessoas comuns" das arquibancadas, e do outro, os privilegiados do "pavilhão", uma estrutura vitoriana onde se reúnem os diretores do clube, os VIPs e os convidados de honra. No bar desse espaço, as mulheres não são bem-vindas (assim como até recentemente no clube do Liceo).’

Em termos discursivos-funcionais, no Nível Interpessoal, essa construção configura um único Ato Discursivo, a menor unidade identificável no comportamento comunicativo (KROON, 1995, p. 65). Cada Ato Discursivo apresenta uma Ilocução, um Conteúdo Comunicado, um Falante e um Ouvinte (cf. KEIZER, 2015, p. 57-60).

O teste da Ilocução do enunciado comprova que a construção *no...sino* constitui um único Ato Discursivo. Ao aplicar, por exemplo, uma Ilocução interrogativa, como em *¿no es un deporte de masas sino de élites?* (‘não é um esporte de massas, mas de elites?’), observamos que a Ilocução interrogativa recai sobre a estrutura como um todo e não apenas sobre um de seus elementos. Esse comportamento confirma que a construção *no es un deporte de masas sino de élites* configura um único Ato Discursivo.

Nesse caso, o Ato Discursivo é composto por um Conteúdo Comunicado complexo (C₁). O Conteúdo Comunicado é definido, na GDF, como a totalidade da informação que o Falante deseja evocar na interação com o Ouvinte. Internamente, ele é constituído por Subatos:

o Subato Atributivo (T), responsável por evocar uma Propriedade, e o Subato Referencial (R), responsável por evocar um referente (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Em (5-3a), o Falante organiza dois Conteúdos Comunicados distintos dentro do mesmo Conteúdo Comunicado complexo: primeiro, evoca a Propriedade de o críquete *não ser um esporte de massas* (C_J), para em seguida introduzir a Propriedade de o críquete *ser de elites* (C_K), apresentada como alternativa mais pertinente. A representação em (5-3d) mostra como esses dois Conteúdos estão contidos em um único Ato Discursivo:

(5-3d) (A_I: [(C_I: [(C_J: es un deporte de masas)_{FOC}) (C_K: de elites)_{FOC-CONTR}]) (C_I))] (A_I))

A função pragmática atribuída a cada Conteúdo Comunicado evidencia a estratégia do Falante. O primeiro (C_J) é marcado como Foco, pois a informação negada é relevante para o desenvolvimento do enunciado. O segundo (C_K) assume a função de Foco-Contraste, uma vez que substitui a informação anterior e orienta a interpretação para a alternativa considerada correta. Assim, o contraste não apenas nega, mas também reorganiza a informação no discurso.

A atribuição de Foco ao conteúdo negado (*es un deporte de masas*) e de Foco-Contraste à sua substituição (*de elites*) evidencia a estratégia interpessoal do Falante. Ao substituir um elemento por outro, o falante não só apresenta a informação mais adequada, mas também atinge seu propósito comunicativo, pois direciona a atenção do Ouvinte à informação que julga mais apropriada.

Como mencionado anteriormente, Conteúdos Comunicados são internamente organizados em moldes de conteúdo, que demonstram a estrutura da informação dos enunciados. Moldes de conteúdo são “combinações possíveis de Subatos com funções pragmáticas que podem preencher a posição nuclear do Conteúdo Comunicado” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 100). Dentre os três moldes existentes (Tético, Apresentativo e Categorical), o que enquadra a estratégia de recusa é o molde de conteúdo Tético, em que o Conteúdo Comunicado é focal (Foc). O molde de conteúdo Tético transmite uma mensagem de forma global, associada a apenas um ato cognitivo, fazendo com que ela seja totalmente focal, como *no es un deporte de masas* em (5-3). Pezatti (1992) chama esse tipo de construção de “frase comentário” porque apresenta de fato um comentário, sem destacar um elemento específico como ponto inicial do foco de atenção. Veja a representação a seguir:

(5-3e) (A_I: [(C_I: [(C_J: (T_I: un deporte de masas)_{FOC}) C_K: (T₂: de elites)_{FOC-CONTR}]) (C_I))] (A_I))

Nessa representação, vemos que o Ato Discursivo (A_I) contém um Conteúdo Comunicado (C_I) complexo, que agrupa outros dois Conteúdos Comunicados (C_J e C_K). Dentro de cada Conteúdo Comunicado temos um Subato Atributivo (T). O Subato Atributivo corresponde à parte do conteúdo que expressa uma atribuição feita pelo Falante a uma entidade evocada no discurso, como no caso de *ser un deporte de masas* ou *ser de élites*. Ele é uma das camadas internas que compõem o Conteúdo Comunicado, pois é por meio dele que o Falante atribui um valor ou característica a algo evocado no discurso. Essa organização reflete a estrutura da informação tal como é codificada no enunciado: cada Conteúdo Comunicado apresenta uma atribuição diferente, e ambas participam da construção de sentido do Ato como um todo. Essa configuração evidencia que a relação entre os dois Conteúdos Comunicados é uma estratégia interpessoal conduzida pelo Falante para guiar a interpretação do ouvinte em direção à substituição pretendida.

Assim, o uso de *sino* revela uma operação argumentativa, voltada para a organização estratégica de sua fala e para a orientação do interlocutor para a interpretação desejada.

Da mesma maneira, observa-se o uso do juntor *sino* como mecanismo de substituição em (5-4), retirado do romance *Porque éramos jóvenes* (1986), de Josefina Aldecoa, do corpus ARTHUS. A construção aparece no contexto de uma cena com conflito emocional, em que o narrador expressa o sentimento de Julián sobre o ambiente exterior, atribuindo à janela uma metáfora que reflete seu aprisionamento emocional:

(5-4a) Los copos se agolpaban en la ventana, que ya **no** era un cuadro negro enmarcado en madera blanca, **sino** un pozo de frío y oscuridad. El ama entró cargada con un cesto de troncos.

-¡Qué noche se prepara!, comentó. (Aldecoa. J.: *Porque éramos jóvenes*. 1986. BDS)

‘Os flocos (de neve) se amontoavam na janela, que já não era um quadro negro emoldurado em madeira branca, mas um poço de frio e escuridão. A ama entrou carregada com um cesto de troncos.

- Que noite se anuncia!’

No trecho apresentado, o narrador descreve a janela do quarto não apenas como parte do cenário, mas como uma extensão do sentimento da personagem. Aqui, *sino* não apenas substitui uma informação, mas orienta o leitor para a interpretação de uma metáfora, reorganizando a construção da realidade narrativa a partir do ponto de vista emocional do personagem.

A construção também configura um Ato Discursivo com um Conteúdo Comunicado complexo que contém, por sua vez, dois Conteúdos Comunicados. O primeiro, *era un cuadro negro enmarcado en madera blanca*, corresponde à informação negada. O segundo, *un pozo*

de frío y oscuridad, constitui a imagem que substitui a descrição feita para a *janela*, pois é mais expressiva e mostra o estado emocional do personagem. Do ponto de vista pragmático, mantém-se a atribuição de Foco ao primeiro conteúdo e de Foco-Contraste ao segundo, confirmando o padrão identificado em (5-3a), como vemos na representação a seguir:

(5-4b) (A_I: [C_I: [(C_J: era un cuadro negro enmarcado en madera blanca)_{FOC} (C_K: un pozo de frío y oscuridad)_{FOC-CONTR}] (C_I))] (A_I))

Essa organização, de dois Conteúdos Comunicados com uma função pragmática distinta, evidencia que o recurso contrastivo de *sino* não apenas substitui uma informação, mas faz parte de uma estratégia do Falante para organizar seus propósitos comunicativos.

A análise dessas construções com *sino* nos permite identificar um funcionamento distinto em relação a outros juntores adversativos do espanhol, em especial *pero*. Enquanto *pero* une dois Atos Discursivos de estatuto desigual, um Nuclear e outro Subsidiário, *sino* configura-se como um único Ato Discursivo no Nível Interpessoal. Essa diferença é fundamental para a descrição funcional do jutor, pois em vez de apenas contrapor dois elementos independentes, como ocorre com *pero*, *sino* cancela o primeiro elemento e introduz aquele que julga mais conveniente. Trata-se, portanto, de uma distinção que reforça a singularidade de *sino* no *rol* dos conectores adversativos do espanhol, pois sua função não é apenas contrapor enunciados, mas reorganizar a informação para guiar o Ouvinte em direção à interpretação desejada pelo Falante.

5.1.3 Nível Representacional

Conforme proposto pela GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015), o Nível Representacional trata das estruturas semânticas que são formuladas a partir da intenção do Falante, organizando as entidades envolvidas conforme sua “categoria ontológica” (Keizer, 2015, p. 104), ou seja, conforme o tipo de entidade que representam no mundo (ou na mente do falante), como objetos, eventos, propriedades. A GDF formaliza essa diversidade categorial por meio das seguintes camadas: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estado-de-Coisas (e), Propriedade (f), Indivíduo (x), Lugar (l) e Tempo (t).

Neste nível cabe analisar também o escopo da negação, já que todas as ocorrências desse tipo são negadas. Hengeveld e Mackenzie (2008) reconhecem a possibilidade de negação em todas as camadas do NR: a *p-negation* se dá na camada do Conteúdo Proposicional, a *ep-*

negation na camada do Episódio, a *e-negation* na do Estado-de-Coisas, a *fc-negation* na Propriedade Configuracional, a *fl-negation* na Propriedade Lexical, e a *\$-negation* incide sobre itens lexicais derivados por prefixação negativa. Nas camadas mais baixas, como Indivíduo (x), Local (l), Tempo (t), a negação se manifesta por meio do operador de quantificação nula ($\emptyset$).

A seguir, analisamos as ocorrências de *sino* substitutivo considerando essas categorias semânticas. Considere a ocorrência a seguir:

- (5-5a) *No escribo para ganar dinero, sino porque me gusta.* (Carrasco, B.: Elvira Navarro: "Las sociedades que alientan el arte tienen más herramientas para pensarse a sí mismas". CORPES)
 'Não escrevo para ganhar dinheiro, mas sim porque eu gosto.'

Em (5-5a), o Falante nega que a finalidade da ação de escrever seja ganhar dinheiro, e apresenta, em seu lugar, uma outra razão: *porque me gusta* 'porque eu gosto'. Deste modo, o escopo da negação não está na realização da ação de escrever, mas sim na finalidade associada a essa ação: ganhar dinheiro. Na ocorrência analisada, a negação recai sobre o Conteúdo Proposicional (p) *escrevo para ganhar dinheiro*. Como descrito por Hengeveld e Mackenzie (2008), essa camada trata de construtos mentais, representações que podem ser acreditadas, rejeitadas ou questionadas e que não são situadas diretamente no tempo ou no espaço. Esse conteúdo é rejeitado por meio do operador de negação *no*, e, em seguida, *sino* introduz um novo conteúdo proposicional *me gusta*, funcionando como uma substituição proposicional.

A estrutura com *sino*, portanto, relaciona dois elementos de mesma categoria, dois Conteúdos Proposicionais: o primeiro, negado, expressa uma motivação econômica para a ação de escrever; o segundo, substituído, expressa uma satisfação pessoal. Ambos são construtos mentais sobre o mesmo evento e ocupam papel semântico equivalente, sendo um substituído pelo outro. A representação formal dessa operação pode ser modelada da seguinte forma, com escopo da negação sobre o Conteúdo Proposicional (p_i). Em (5-5b) apresentamos a representação da *P-negation* proposta por Hengeveld e Mackenzie (2018) e em (5-5c) a representação da ocorrência analisada anteriormente:

- (5-5b) (neg p_i : [...] (p_i)) (Hengeveld e Mackenzie, 2018, p. 23)

- (5-5c) (neg p_i : (escribo para ganar dinero) (p_i)) (p_j : (porque me gusta) (p_j))]

Em (5-5c), podemos observar a operação semântica de substituição: um primeiro Conteúdo (p_i) é negado, seguido de um segundo conteúdo (p_j), que o substitui. Essa negação proposicional, que incide sobre um construto mental, demonstra que *sino* é capaz de reorientar

crenças e motivações do Falante. Ao substituir 'escrevo para ganhar dinheiro' por 'porque me gusta', *sino* redefine a *razão* da ação de escrever. Isso mostra que o *juntor* atua como um mecanismo de reinterpretação semântica de atitudes proposicionais, opondo duas perspectivas completas sobre um mesmo evento.

A ocorrência que analisaremos a seguir difere da anterior no que diz respeito ao escopo da negação no Nível Representacional. Enquanto na ocorrência anterior a negação opera sobre um Conteúdo Proposicional, em (5-6a) ela não cancela uma proposição, mas recai sobre a estrutura interna do Episódio, afetando a configuração dos participantes envolvidos no evento. Veja:

(5-6a) *¡No te insultaba a ti sino a mí mismo! (Un hombre en la puerta, BDS)*
 ‘Não estava insultando você, mas a mim mesmo!’

Em (5-6a), o Falante não nega que tenha ocorrido a ação de insultar. O que está sendo negado é quem foi o participante afetado por essa ação. A estrutura *no...sino* é usada para substituir o participante inicialmente mencionado *a ti* por outro *a mí mismo*, que passa a ocupar o papel de alvo do insulto. A substituição ocorre, portanto, na identificação do participante que sofre a ação.

A ocorrência (5-6a) seria analisada na camada do Episódio (ep). Um Episódio (ep) é definido como um conjunto coerente de Estados-de-Coisas caracterizado pela unidade de tempo, lugar e indivíduos. Para confirmar a atuação nessa camada, recorreremos ao teste com modificadores. Modificadores típicos dessa camada são expressões de tempo absoluto, como *ontem* ou *no ano passado*, que localizam o evento no tempo em relação ao momento da fala. Aplicando esse teste, notamos que a sentença admite a inserção de um modificador de tempo absoluto: *Ayer, ¡no te insultaba a ti! / Ayer insultaba a mí mismo!* ‘Ontem, não estava insultando você’ / ‘Ontem insultava a mim mesmo!’; o que indica que a negação e o contraste incidem sobre o evento como um todo e não apenas sobre a predicação interna (Estado-de-Coisas).

Assim, o comportamento da ocorrência com modificadores confirma que o escopo da negação contrastiva está situado na camada do Episódio, pois é aqui que se estabelece a coerência temporal do evento e a identidade dos indivíduos (Ativo e Inativo). A representação formal da *Ep-Negation* apresentada por Hengeveld e Mackenzie é apresentada a seguir:

(5-6b) (p₁: (neg pres ep₁: [(e₁) (e₂)] (ep₁)) ((p₁) (Hengeveld e Mackenzie, 2018, p. 24)

A representação (5-6b) reflete a negação (neg) atuando na camada do Episódio (ep₁), que

está dentro de um Conteúdo Proposicional (p_1). A negação tem escopo sobre a variável ep_1 , indicando que o Episódio tal como descrito inicialmente é negado. $[(e_1) (e_2)]$, dentro do ep_1 , sugere que o Episódio pode envolver um ou mais Estado-de-Coisas. A representação de (5-6a), portanto, seria:

$$(5-6c) \ (p_i: [(neg\ ep_i: (e_i: (f_i: insultar\ (x_i)_A\ (x_j)_U) (e_i)) (ep_i)) (ep_j: (e_j: (f_i: insultar\ (x_i)_A\ (x_k)_U)) (ep_j))] (p_i))$$

Em (5-6c), um único Conteúdo Proposicional (p_i) abriga dois Episódios (ep_i e ep_j): o primeiro contém um operador de negação; o segundo, não. A negação atua sobre a configuração específica do Episódio em que o indivíduo (x_j) afetado é *a ti*, e *sino* introduz um segundo Episódio, mas com uma nova substituição do indivíduo (x_k) com função semântica Inativo (U): *a mí mismo*. Como vimos no capítulo 2, os Indivíduos no NR são representados por (x), que designam Indivíduos avaliados ontologicamente em termos de sua função semântica, como Ativo (A), Inativo (U), Locativo (L), entre outros. Assim, expressões linguísticas como *yo*, *tú* ou *mí mismo* não fazem parte da representação formal no NR, pois sua codificação pertence ao Nível Morfossintático (NM). No entanto, com fins didáticos, apresentamos, a seguir, a representação para identificar cada Indivíduo:

$$(5-6d)^* \ (p_i: [(neg\ ep_i: (e_i: (f_i: insultar\ (x_i: yo)_A\ (x_j: tú)_U) (e_i)) (ep_i)) (ep_j: (e_j: (f_i: insultar\ (x_i: yo)_A\ (x_k: yo)_U)) (ep_j))] (p_i))$$

Na construção *¡No te insultaba a ti, sino a mí mismo!*, o que está sendo contrastado não é a Propriedade verbal (f) *insultar*, mas sim o indivíduo (x) que ocupa o papel de Inativo (U), ou seja, aquele que sofre a ação. A negação recai sobre a configuração em que o Inativo é *tú* (x_j), sendo substituída por uma nova configuração em que o Inativo é *yo* (x_k). Essa reorganização dos papéis semânticos indica que a substituição promovida por *sino* atua sobre quem é afetado pela Propriedade. As funções semânticas analisadas na ocorrência acima podem ser vistas panoramicamente no seguinte quadro 12:

Quadro 12 - Funções semânticas na ocorrência (5-6)

Episódio	Indivíduo (x)	Função Semântica
Episódio 1 (negado)	x_i : yo x_j : tú	x_i : Ativo x_j : Inativo
Episódio 2 (afirmado)	x_i : yo x_k : yo	x_i : Ativo x_k : Inativo

Fonte: autoria própria

O Quadro 14 apresenta a identificação das variáveis de Indivíduo (x) e suas respectivas funções semânticas na construção *No te insultaba a ti, sino a mí mismo*. A estrutura representa dois Episódios em que o Ativo (x_i : yo) é mantido e o Inativo é substituído (x_j : tú por x_k : yo). A estrutura interna de cada Episódio contém um Estado-de-Coisas (e), cujo núcleo é a mesma Propriedade verbal (f_i : insultar). Em ambos os casos, o agente da ação é o Indivíduo (x_i), enquanto o Inativo difere entre os dois Episódios: no primeiro, é o interlocutor (x_j); no segundo, é o próprio falante (x_k).

Portanto, a representação de (5-6) está de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2018), que preveem a negação atuando na camada do Episódio. A análise da *ep-negation* em (5-6a) demonstra que o juntor não está negando a ocorrência do evento de insultar, mas sim redefinindo os participantes envolvidos no Episódio. Essa operação, que mantém o evento principal (o insulto) mas altera o participante, evidencia que *sino* é utilizado como uma estratégia do Falante para especificar as relações entre as entidades dentro de um evento.

Retomaremos a ocorrência (5-4) do NI, reproduzida aqui por conveniência, para analisar o comportamento dos elementos relacionados por *sino* no NR. A construção exemplifica de maneira expressiva como duas imagens contrastantes são atribuídas à *ventana* ‘janela’, resultando em uma reconfiguração da cena:

(5-7a) Los copos se agolpaban en la ventana, que ya **no** era un cuadro negro enmarcado en madera blanca, **sino** un pozo de frío y oscuridad.
 ‘Os flocos (de neve) se amontoavam na janela, que já não era um quadro negro emoldurado em madeira branca, mas um poço de frio e escuridão.’

Em (5-7), a janela é descrita por meio de uma imagem: *era un cuadro negro enmarcado en madera blanca*. Essa primeira descrição é posteriormente negada. Em seu lugar, o narrador apresenta uma nova representação: *un pozo de frío y oscuridad*; uma metáfora que sugere o estado emocional da personagem.

Do ponto de vista representacional, a construção em (5-7) articula duas camadas associadas a uma mesma entidade referencial, *la ventana*. O primeiro elemento *ya no era un cuadro negro enmarcado en madera blanca* configura uma construção copular estativa, típica do espanhol, em que o verbo *ser* funciona como um elemento gramatical de ligação entre o sujeito (*la ventana*) e um predicado, expressa por uma descrição, visto que dois ou mais lexemas se combinam para designar um único conceito, como *pozo de frío y oscuridad*. Conforme

estabelecido na Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 168), construções copulares são aquelas em que não há ação propriamente dita, mas sim uma atribuição semântica entre um Indivíduo (x) e uma Propriedade (f), mediada por um verbo como *ser* ou *estar* no espanhol. Esse tipo de construção dá origem a um Estado-de-Coisas estativo (e_i), que pode ser localizado no tempo e no espaço e, neste caso, é explicitamente negado pelo operador *ya no*.

Hengeveld e Mackenzie (2018) denominam esse tipo de negação como *E-negation*, em que o operador de negação *no* nega a validade ou a existência do Estado-de-Coisas. A aplicabilidade de modificadores reforça essa análise. Podemos inserir, por exemplo, um modificador de tempo relativo, como *antes de anoecer* (*Los copos se agolpaban en la ventana antes de anoecer* ‘Os flocos de neve se amontoavam na janela antes de anoitecer’), situando o evento em relação a outro no tempo. Também é possível introduzir um modificador de frequência, como *frecuentemente*, e um modificador de modo, como *rápidamente*, ambos qualificando diretamente a natureza do evento (*Los copos se agolpaban frecuentemente/rápidamente en la ventana* ‘Os flocos de neve se amontoavam na janela frequentemente/rapidamente’). Todos esses modificadores são característicos da camada do Estado-de-Coisas, conforme definido por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Já a segunda parte do enunciado, *que ya no era un cuadro negro enmarcado en madera blanca, sino un pozo de frío y oscuridad*, atua como uma oração relativa que modifica o termo *ventana*. A oração relativa *que ya no era un cuadro negro enmarcado en madera blanca, sino un pozo de frío y oscuridad* funciona apenas como modificador de *ventana*, restringindo sua caracterização. Embora internamente contenha uma predicação estativa, essa descrição opera em uma camada inferior do Nível Representacional e não interfere no núcleo da predicação principal, que é o evento *se agolpaban*. Assim, a substituição marcada por *sino* incide somente sobre a forma como o participante é descrito, sem alterar a estrutura semântica do evento principal. Desse modo, a construção como um todo pode conter camadas superiores como Episódio (ep) ou Conteúdo Proposicional (p), mas é na camada do Estado-de-Coisas que se localiza o escopo semântico da predicação analisada, comprovado pela compatibilidade com modificadores e operadores próprios dessa camada.

A representação completa, a seguir, ilustra a hierarquia das camadas e como operadores (past, pres, neg), propriedades (f_i , f_j), indivíduos (x) e funções semânticas (U) se combinam para representar o contraste entre o estado passado negado e o estado afirmado da entidade 'janela':

(5-7b) (p_i: [(ep_i: (neg e_i: (fc_i: [(f_i: V) (x_j: (f_j: cuadro negro enmarcado en madera blanca) x)φ] (x₁: ventana x)U) (e_i)) (ep_i)) (ep_j: (e_j: (fc_j: [(f_j: V) (x_k: (fc_k: [(f_k: pozo) (f: frío) (f_m: oscuridad)] x)φ] (x_i)U) (e_j)) (ep_j))] (p_i))

Portanto, a estrutura proposta reflete uma construção copular em que o verbo *ser* relaciona um indivíduo (*la ventana*) a uma propriedade. Esse tipo de construção, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 168), configura um Estado-de-Coisas (e), pois expressa uma atribuição que pode ser localizada no tempo e no espaço e que não envolve ação dinâmica. A negação *ya no era* recai sobre essa relação Classificacional⁶⁰, invalidando a primeira atribuição e permitindo a introdução de uma nova atribuição predicativa (*un pozo de frío y oscuridad*). Como ambas as predicções têm como núcleo o verbo *ser* e se aplicam ao mesmo Indivíduo, o que está sendo contrastado são dois Estados-de-Coisas distintos sobre a mesma entidade referida, e não camadas superiores como o Conteúdo Proposicional ou apenas a Propriedade isolada. Por isso, a representação adequada situa a negação e a substituição na camada do Estado-de-Coisas (e).

No primeiro Estado-de-Coisas (e_i), a Propriedade Situacional (s₁) inclui um operador de negação (neg), indicando que a propriedade descritiva *cuadro negro enmarcado en madera blanca* (uma Propriedade lexical f_i) não se aplicava mais. No segundo Estado-de-Coisas (e_j), a Propriedade Situacional (s_j) afirma a propriedade *pozo de frío y oscuridad* (representada como f_j). Em ambas as predições, que são do tipo copular, a entidade descrita é a *ventana* (janela), representada como um Indivíduo que, por ser o participante passivamente envolvido sobre o qual a propriedade é predicada, recebe a função semântica de Inativo (U).

A atuação da *e-negation* em (5-7) é um exemplo de como *sino* opera na substituição de estados ou atributos estativos. O papel de *sino* de substituir um Estado-de-Coisas por outro, mantendo a coerência da entidade descrita, demonstra sua função de re-categorização semântica, que serve para a construção de metáforas ou para a redefinição de propriedades, como neste exemplo que orienta a interpretação do estado emocional da personagem.

Esta análise no Nível Representacional se articula com o que é descrito no Nível Interpessoal, onde a mesma construção pode ser organizada em termos de Subatos. No NR, *la ventana* configura um Indivíduo (x), pois designa uma entidade sobre a qual se diz algo, enquanto *un cuadro negro*, ou *un pozo de frío y oscuridad*, configuram Propriedades (f). No

⁶⁰ Essa construção corresponde, na tipologia da GDF, a uma predicção Classificacional, pois envolve a atribuição de um predicado (un cuadro negro, un pozo...) a uma entidade (la ventana). A estrutura tem como núcleo o verbo *ser*, e organiza-se como um Estado-de-Coisas (e), no qual um Indivíduo (x) é classificado por meio de uma Propriedade (f) (Cf. Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 207; Keizer, 2015, p. 137).

Nível Interpessoal, como já vimos, *la ventana* configura um Subato Referencial (R) e *un cuadro negro*, e *un pozo de frío y oscuridad*, Subatos de Atribuição (T), pois introduzem a característica atribuída ao referente. A distinção entre essas funções é adequada para a estruturação do Ato Discursivo, pois o Subato Atributivo (T), mobiliza uma predicação classificacional que, semanticamente, se expressa como uma Propriedade atribuída a um Indivíduo.

Assim, o modelo da GDF permite compreender como diferentes níveis da gramática colaboram para a construção do sentido, mantendo a especialização de cada um na sua camada de descrição.

O quadro a seguir apresenta o alinhamento entre o Nível Interpessoal (NI) e o Nível Representacional (NR) para a ocorrência *no era un cuadro negro enmarcado en madera blanca, sino un pozo de frío y oscuridad*. A estrutura representa uma substituição entre duas atribuições classificacionais, organizadas como Foco e Foco-Contraste no NI, e como dois Estados-de-Coisas estativos no NR:

Quadro 13 - Alinhamento entre os Níveis de formulação

Nível	Representação
NI	(A _i : [(C _i : [(C _j : (T _i) _{FOC} (C _k : (T _j) _{FOC-CONTR})] (C _l))] (A _i))
NR	(p _i : [(ep _i : (neg e _i : (f _i)) (ep _i)) (ep _j : (e _j : (f _j)) (ep _j))] (p _i))

Fonte: autoria própria

A seguir, em (5-8), veremos quando a negação atua na Propriedade Situacional (s):

(5-8a) El 11 de Septiembre ha dado el empujón definitivo, pero la decisión de entregar parte de las armas estaba tomada hace ya meses, incluso años. Las bases del actual acuerdo -porque *no se trata de un gesto unilateral*, que nadie se engañe, *sino de un acuerdo con concesiones por todas partes*- se fraguaron el paso mes de julio en la cumbre de Weston Park sobre cuatro pilares: desmilitarización, reforma policial, consolidación de las instituciones autonómicas y desarme. (Ramos, R: *Adiós a las armas*. No ficción. CORPES)

‘O 11 de setembro deu o empurrão definitivo, mas a decisão de entregar parte das armas já havia sido tomada meses, até anos antes. As bases do atual acordo -porque não se trata de um gesto unilateral, que ninguém se engane, mas sim de um acordo com concessões de todos os lados- foram formadas no mês de julho passado, na cúpula de Weston Park, sobre quatro pilares: desmilitarização, reforma policial, consolidação das instituições autonômicas e desarmamento.’

Na ocorrência (5-8a), a negação recai sobre uma determinada qualificação atribuída a um processo político mencionado anteriormente no discurso. Essa qualificação (ser um *gesto unilateral*) é rejeitada e, em seu lugar, introduz-se outra: a de ser um *acordo com concessões*. Do ponto de vista da GDF, essa operação é identificada como um único Conteúdo Proposicional (p_i)

que abriga dois Estado-de-Coisas (e_i e e_j) cuja predicção é realizada por uma Propriedade Situacional (s). No primeiro Estado-de-Coisas, a Propriedade Situacional (*tratarse de un gesto unilateral*) é negada por meio do operador *neg*. No segundo, afirma-se uma nova Propriedade Situacional (*tratarse de un acuerdo con concesiones...*). Observe a representação a seguir:

(5-8b) $(p_i: [(neg\ e_i: (s_i: [(f_i: \text{tratarse_de}) (x_i)_A (x_j: [(f_j: \text{gesto}): (f_k: \text{unilateral})])_U]) (e_i))) ((e_j: (s_j: [(f_i: \text{tratarse_de}) (x_i)_A (x_k: [(f_l: \text{acuerdo}): (\sigma_1: [(f_m: \text{concesión}) (f_n: \text{por_todas_partes})])])_U]) (e_j)))] (p_i))$

A representação demonstra, primeiramente, que o nível mais alto representado é o Conteúdo Proposicional (p_i). Em seguida, observamos um Estado-de-Coisas (e_i) cujo núcleo é uma Propriedade Situacional (s_i). A Propriedade Situacional (s_i) do primeiro Estado-de-Coisas é composta pela Propriedade Léxical *tratarse de* (f_i), aplicada a dois Indivíduos: o primeiro (x_i) é um referente implícito (por exemplo, “o acordo”); o segundo (x_j) é *un gesto unilateral*, com núcleo nominal *gesto* (f_j) modificado pelo adjetivo *unilateral* (f_k). A função semântica de Inativo (U) atribuída a x_2 marca a entidade sobre a qual recai a classificação.

No segundo Estado-de-Coisas (e_j), a estrutura é mantida, mas o segundo argumento é substituído por um novo Indivíduo (x_k), com núcleo *acuerdo* (f_l), modificado por uma expressão preposicional (*con concesiones por todas partes*), representada como modificador σ_1 , que inclui as Propriedades Lexicais *concesión* (f_m) e *por todas partes* (f_n). O novo argumento também recebe a função de Inativo (U).

Portanto, a representação mostra que a negação atua diretamente sobre a Propriedade Situacional (s_i), e não sobre dois eventos. É realizada uma invalidação de uma atribuição feita ao Indivíduo x_i , seguida da afirmação de uma nova atribuição por meio de *sino*.

Na próxima ocorrência, a negação recai sobre uma Propriedade Configuracional (fc) atribuída a um Indivíduo. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2018), esse tipo de negação é classificada como *Fc-negation*. Nesse tipo de estrutura, o que se invalida é a relação entre uma entidade e a propriedade que lhe é atribuída, sendo comum em construções copulares nas quais se recusa uma caracterização ou identidade. É esse o tipo de negação que observamos na ocorrência seguinte:

(5-9a) En mi caso, *el patito feo* **no** es un cisne, **sino** un pato feo de verdad.
(*El pasajero de la noche*, BDS)
‘No meu caso, o patinho feio não é um cisne, mas um pato realmente feio.’

El patito feo é um Indivíduo (x_1) ao qual se tenta atribuir uma propriedade: ser *un*

cisne no primeiro elemento, ser *un pato realmente feo* no segundo. No primeiro Estado-de-Coisas (e_1), essa predicação (*ser un cisne*) é negada pelo operador de polaridade (*neg*), indicando que essa representação não é válida no contexto. No segundo Estado-de-Coisas (e_2), afirma-se uma nova propriedade *ser un pato realmente feo* cuja intensidade é reforçada pelo modificador *de verdad*. A construção com *sino* introduz, assim, uma nova Propriedade aplicada ao mesmo Indivíduo, mantendo o referente, mas alterando a caracterização semântica atribuída. Essa forma de negação é descrita por Hengeveld e Mackenzie (2018) como uma *Fc-negation*, como na representação a seguir:

(5-9b) $(p_1: (ep_1: (neg\ e_1: (f^c) (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

O que se rejeita não é o patinho ser feio, mas a sua classificação como cisne. Em seguida, afirma-se uma nova identificação. Podemos representar a ocorrência (5-9a) da seguinte maneira:

(5-9c) $(p_i: [(ep_i: (neg\ e_i: (fc_i: [(f_i: ser) (x_j: (f_j: cisne) x)\varphi] (x_i: patito_feo)U) (e_i)) (ep_i)) (ep_j: (e_j: (fc_j: [(f_1: ser) (x_k: (fc_k: [(f_k: pato) (f_l: feo) (f_m: de_verdad)]) x)\varphi] (x_i)U) (e_j)) (ep_j))] (p_i))$

A representação em (5-9c) mostra que essa estrutura é realizada como um único Conteúdo Proposicional (p_i) que contém dois Episódios (ep_i e ep_j), ambos estativos. Em cada um deles, temos um Estado-de-Coisas (e). O núcleo desse Estado-de-coisas é uma Propriedade Configuracional (fc). No primeiro, essa propriedade é negada por meio do operador *neg*; no segundo, uma nova propriedade é afirmada.

A Propriedade Configuracional (fc_i) do primeiro episódio é composta pela Propriedade Lexical *ser* (f_i), aplicada a dois argumentos: o primeiro (x_i) é o Indivíduo *el patito feo*, com função semântica de Inativo (U); o segundo (x_j) é o termo predicativo *un cisne*, representado como Indivíduo com função de classificador (φ). No segundo episódio, a estrutura é paralela, o predicado também é *ser*, aplicado ao mesmo indivíduo (x_i), mas agora com um novo termo (x_k) composto pela estrutura complexa *un pato feo de verdad*. Esse predicado é representado como um Indivíduo (x_k) com núcleo *pato* (f_k), modificado pelo adjetivo *feo* (f_l) e pelo advérbio intensificador *de verdad* (f_m).

Portanto, a ocorrência analisada apresenta, no NR, uma negação de uma Propriedade Configuracional (*ser un cisne*), seguida da afirmação de uma nova Propriedade Configuracional (*ser un pato feo de verdad*). A construção copular negativa seguida por *sino* substitui, portanto, uma Propriedade atribuída por outra, configurando um caso de *Fc-negation*,

conforme descrito por Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 28).

Encontramos, também, casos em que *sino* é utilizado para negar uma Propriedade. Veja a ocorrência (5-10a) a seguir:

- (5-10a) Adela es una mujer bellísima. Emana de ella una tremenda sensualidad **nada** premeditada, **sino** espontánea. (*La cinta dorada*, BDS)
 ‘Adela é uma mulher muito bonita. Ela exala uma tremenda sensualidade, não premeditada, mas espontânea.’

Na ocorrência em (5-10a), a negação não está negando a ocorrência completa do Estado-de-Coisas (que seria *e-negation*), mas sim negando uma propriedade específica, sendo uma *f'-negation*. Nesses casos, a negação é aplicada a uma Propriedade Lexical, como mostra (10b):

- (5-10b) $(p_1: (ep_1: (e_1 (f^c (neg f_1) [...] (f^c)) (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

Esta análise demonstra como a negação (*neg*) pode incidir diretamente sobre uma Propriedade Lexical. Em (10a), a palavra *nada* é a negação que incide sobre *premeditada*, isto é, não o evento inteiro, apenas uma Propriedade Lexical, como podemos observar na representação (5-10c):

- (5-10c) $(e_i: [(f_i: emanar) (x_i: [(f_j: sensualidad): (f_k: tremenda): (f_l: [(neg f_m: remeditada) (f_n: espontánea)]] x_i)_{U}])$

Nesta representação temos um Estado-de-Coisas (e_i) com o núcleo verbal *emanar* (f_i). O Indivíduo *sensualidad* (x_i) é modificado pela Propriedade *tremenda* (f_k) e por uma propriedade complexa (f_l). Dentro dessa propriedade complexa (f_l), temos as Propriedades Lexicais afirmadas (f_m : premeditada) e (f_n : espontânea), ambas modificando o Indivíduo x_i , com função semântica de Inativo (U) na primeira estrutura. O argumento Inativo (U) desse Estado-de-Coisas é a entidade *sensualidad*, que, por sua vez, é modificada pelas propriedades *tremenda* e pela estrutura *nada premeditada e espontânea*.

No Nível Representacional, é possível observar como as relações de substituição promovidas por *sino* envolvem diferentes camadas, desde o Conteúdo Proposicional até elementos mais localizados, como Propriedades Lexicais. Essas distinções representacionais não ocorrem de forma isolada no modelo da GDF. Pelo contrário, os conteúdos organizados nos Níveis Interpessoal e Representacional servem de base para o próximo passo do Componente Gramatical: o Nível Morfossintático, onde essas camadas passam a ser codificadas linguisticamente.

5.1.4 Nível Morfossintático

Diferentemente dos Níveis Interpessoal e Representacional, que são níveis de Formulação, o Nível Morfossintático é o nível de Codificação. A principal tarefa deste Nível é receber o *input* proveniente tanto do NI quanto do NR e combiná-lo em uma representação com estrutura morfossintática. As camadas hierárquicas deste nível são: Expressão Linguística (Le), Oração (Cl), Sintagma (Xp) e Palavra (Xw).

Como mencionado no Capítulo 2, o empilhamento é um processo central na GDF para aumentar a complexidade de uma camada, adicionando unidades na mesma camada morfossintática (Keizer 2015, p. 175). Isso permite a combinação de múltiplos elementos que operam em um mesmo nível hierárquico, como ocorre nas macroestruturas de Coordenação, Listagem, Cossubordinação e Equiordenação (Keizer, 2015, p. 181-182).

Inicialmente, vamos analisar a ocorrência (5-11a):

- (5-11a) Bailaban con ellas como con miedo a arrugarlas, por un lado, y a decepcionarlas, por otro. Y no sabían muy bien de qué hablar. Hay que tener en cuenta, además, que **no** se trataba de fiestas de jóvenes solos, **sino que** se desarrollaban bajo la vigilancia de personas mayores, pendientes de reajo de las posibles libertades de los danzarines. Y eso contribuía al encogimiento. (MARTÍN GAITE, C. *Usos amorosos de la postguerra española*, Barcelona, Anagrama, 8º ed. 1988 - ensaio)
- ‘Eles dançavam com elas como se tivessem medo de amassá-las por um lado e decepcioná-las por outro. E não sabiam realmente sobre o que falar. Deve-se ter em mente, além disso, que essas não eram somente festas de jovens sozinhos, mas sim, que aconteciam sob o olhar atento de pessoas mais velhas, que ficavam de olho nas possíveis libertades dos dançarinos. E isso contribuiu para o encolhimento.’

Em (5-11) *sino* substitui o conteúdo negado no primeiro elemento (*de fiestas de jóvenes solos*) por outro (*que se desarrollaban bajo la vigilancia de personas mayores*). A estrutura morfossintática pode ser representada do seguinte modo:

- (5-11b) (Cl_i: [(Gw: no) (Vw: se trataba) (ModP: [(Adpp: de fiestas de jóvenes solos)] (Gw: sino_que) (^{dep}Cl_j-Mod: [(ProCl: se) (Vw: desarrollaban) (Adpp: bajo la vigilancia de personas mayores)]))] Cl_i)

O juntor *sino* estabelece a relação entre duas Orações (Cl), que, juntas, formam uma única Expressão Linguística (Le). O primeiro membro (*no se trataba de fiestas de jóvenes solos*) e o segundo (*se desarrollaban bajo la vigilancia de personas mayores*) apresentam

predicação verbal plena, com verbos finitos, o que lhes confere estatuto oracional. Cada membro introduzido na construção com *sino* configura uma Oração completa, com organização interna própria, não podendo ser reduzido à função de modificador do predicado da outra. Ainda que as duas Orações se encontrem semanticamente relacionadas e compartilhem um mesmo enquadramento discursivo, essa relação não se traduz como dependência unilateral.

A presença de *sino* marca, assim, uma dependência mútua entre as duas Orações, característica do processo de Equiordenação na GDF. Cada Oração contribui de forma equivalente para a construção da Expressão Linguística, sendo a oposição entre os dois membros codificada pela negação no primeiro e pela afirmação no segundo, sem que um deles esteja sintaticamente subordinado ao outro.

A ocorrência apresentada em (5-12), já analisada no NI (em 5-4) e no NR (em 5-7), é retomada aqui por conveniência, para demonstrar o alinhamento entre os níveis de análise.

- (5-12a) Los copos se agolpaban en la ventana, que ya *no era un cuadro negro enmarcado en madera blanca*, *sino un pozo de frío y oscuridad*. El ama entró cargada con un cesto de troncos.
 -¡Qué noche se prepara!, comentó. (Aldecoa. J.: *Porque éramos jóvenes*. 1986. BDS)
 ‘Os flocos (de neve) se amontoavam na janela, que já não era um quadro negro emoldurado em madeira branca, mas sim um poço de frio e escuridão. A ama entrou carregada com um cesto de troncos.
 - Que noite se anuncia!’

Nesta ocorrência, tanto o primeiro elemento (*que ya no era un cuadro negro enmarcado en madera blanca*) como o segundo (*un pozo de frío y oscuridad*) funcionam como Predicativos, atribuindo propriedades contrastivas ao mesmo referente (*la ventana*). Considere a representação a seguir:

- (5-12b) (Cl_i: [(Vcop: era) (PredP: [(Np_i: un cuadro negro...) (Gw_i: sino) (Np_j: un pozo de frío y oscuridad)]] Cl_i)

Nessa estrutura, *sino* une dois constituintes. O primeiro, uma Oração copulativa, e o segundo, um Sintagma Nominal, ambos funcionando como Predicativos do mesmo sujeito (*la ventana*). A ausência de um segundo verbo comprova que o predicado do segundo membro depende do verbo *era* da oração anterior. O teste de separação confirma essa dependência: o elemento *un pozo de frío y oscuridad* não forma uma oração completa e só tem sentido dentro

da estrutura copulativa anterior. Essa dependência sintática é um indício de Empilhamento no NM.

No NI, essa construção corresponde a um único Ato Discursivo, composto por um Conteúdo Comunicado que contém dois Subatos de Atribuição: o primeiro com função pragmática de Foco, e o segundo com função de Foco-Contraste. Essa estrutura reflete a intenção do falante de substituir uma caracterização anterior por outra mais adequada, e não de introduzir um novo Ato Discursivo.

Do ponto de vista representacional, a equivalência funcional entre os dois constituintes se reflete na camada da Propriedade Configuracional, em que ambos os predicados (*un cuadro negro...* e *un pozo de frío...*) são atribuídos à mesma entidade (*la ventana*). O operador negativo *ya no* e o juntor *sino* incidem sobre a camada do Estado-de-Coisas, anulando a primeira atribuição e introduzindo outra de valor contrastivo. Assim, o Empilhamento reflete a multiplicação de um único slot de predicado nominal, mantendo a mesma atribuição semântica.

Em suma, (5-12) é um caso de Empilhamento suboracional, e o juntor *sino* atua como Palavra Gramatical que realiza a operação de substituição dentro de um mesmo predicado copulativo, multiplicando a posição funcional de Predicativo dentro da Oração.

A ocorrência seguinte amplia esse padrão, mostrando que o mesmo processo pode se manifestar em construções mais complexas, nas quais Sintagmas Nominais são adicionados e contrapostos dentro de uma única Oração:

- (5-13a) [Informante falando sobre sua frequência participação nas entrevistas do corpus]
 E. al final vas a ser famoso/ por la calle te van a conocer (risa)
 I. no qué va// así es que/ esa es la cosa por la que:/ estoy aquí/// (risa) que
no es que yo sea ningún parlante oficial ni nada de eso sino todo lo contrario (ALCA, M, 20)
 ‘E. no final você vai ficar famoso/ eles vão te conhecer na rua (risos)
 I. não, o que está acontecendo// então/ é por isso/ que estou aqui/// (risos)
 não é que eu seja um orador oficial nem nada disso, mas muito pelo contrário.’

Em (5-13) há uma única Oração com verbo copulativo (*soy*) e um único predicativo preenchido por vários Sintagmas Nominais: *ningún parlante oficial*, *nada de eso* e, em oposição, *todo lo contrario*. Portanto, o que ocorre é o Empilhamento (adição linear de constituintes suboracionais dentro da mesma Oração). Veja a representação da estrutura a seguir:

(5-13b) (Cl_i: [(Gw: no) (Vw: es) (Gw: que) (Cl: [(Np: yo) (Vw: sea) (Xp: [(Np: ningún parlante oficial) (Gw: ni) (Np: nada de eso)]] (Gw: sino) (Np: todo lo contrario))] Cl_i)

Observamos que em (5-13b) temos uma Oração copulativa encaixada (*que no es que yo sea...*) cujo núcleo é o verbo *ser*, seguido de uma sequência de Sintagmas Nominais (Np) que desempenham a mesma função predicativa: *ningún parlante oficial*, *nada de eso* e, em oposição, *todo lo contrario*. Nenhum dos elementos pode ser utilizado independentemente, pois todos dependem da estrutura copulativa para obter sentido. Esses Sintagmas são introduzidos por Palavras Gramaticais (Gw) que apenas encadeiam elementos dentro do mesmo *slot* predicativo. Aqui, *ni* atua como operador aditivo e *sino* como operador contrastivo.

Desse modo, a ocorrência em (5-13) configura um Empilhamento de predicativos dentro de uma mesma oração. O Falante organiza múltiplos Sintagmas predicativos dentro de uma mesma Oração, adicionando e contrapondo elementos que ocupam uma única posição funcional. O juntor *sino* realiza a operação de substituição contrastiva no interior da oração, sem introduzir uma nova unidade oracional.

A ocorrência seguinte mantém o princípio de dependência estrutural, mas se manifesta em outro domínio, o dos Modificadores. Nesse caso, observa-se o processo de expansão de constituintes que especificam o modo de realização do evento, demonstrando que o Empilhamento não se restringe à camada predicativa, mas pode incidir também sobre elementos modificadores do predicado verbal. A estrutura *no...sino* a seguir é utilizada para diferenciar a forma como o protagonista alcançou a fama:

(5-14a) Esta es una de esas historias que apenas tienen cabida en los periódicos españoles, en las radios o las televisiones. Al final y al cabo su protagonista es el héroe desconocido de un país remoto, y *no se hizo famoso como actor de cine o cantante pop, sino jugando al cricket*, un deporte que no se practica fuera de Inglaterra y sus antiguas colonias. (Ramos, R.: Homenaje a Don Bradman, el 'Babe Ruth' australiano. No ficción. CORPES)
 ‘Essa é uma daquelas histórias que quase nunca aparecem nos jornais, no rádio ou na televisão espanhola. Afinal, seu protagonista é o herói desconhecido de um país remoto, e ele não se tornou famoso como ator de cinema ou cantor pop, mas jogando críquete, um esporte que não é praticado fora da Inglaterra e de suas antigas colônias.’

Em (5-14) observamos uma única Oração com núcleo verbal finito (*se hizo*), cujo predicado (*hacerse famoso*) é modificado por dois constituintes de mesma função:

- i. *como actor de cine o cantante pop* (Sintagma);
- ii. *jugando al cricket* (Sintagma).

Esses constituintes são Modificadores do Predicado que especificam a maneira pela qual o protagonista alcançou a fama. Nenhum deles forma uma Oração independente, pois ambos dependem do verbo principal *hizo*. Veja a representação a seguir:

(5-14b) (Cl_i: [(Gw: no) (Vw: hizo) (Adj: famoso) ModP: [(Adpp: como actor de cine o cantante pop)]] (Gw: sino) (GerP: (Vw: jugando) (Adpp: al cricket)] Cl_i)

Na representação, há uma Oração (Cl_i), na qual *no* (Gw) marca a negação sobre o primeiro modificador do predicado copulativo. Em seguida, aparecem o verbo finito *hizo* (pretérito de *hacer* ‘fazer’) e o adjetivo *famoso* (Adj), que realiza o predicativo. O elemento pós-verbal reúne os modificadores do predicado (*ModP*), onde ocorre o empilhamento. Primeiramente, o Sintagma Adposicional como *actor de cine o cantante pop* (Adpp) especifica o modo pelo qual se alcançou a fama e está sob o escopo de *no*. Em seguida, a Palavra Gramatical *sino* (Gw) não introduz uma nova Oração, mas contrapõe um segundo modificador na mesma posição funcional, realizado como gerúndio *jugando* (Vw) com seu complemento *al cricket* (Adpp).

Assim, a atuação de *sino* substitutivo apresentada de (5-11) a (5-14) em termos morfossintáticos pode configurar empilhamento suboracional, em que dois constituintes de igual estatuto funcional (modificadores de modo/meio) ocupam sequencialmente o mesmo *slot* na mesma Oração, unidos por *no...sino*. Alternativamente, *sino* pode instaurar um processo de equiordenação oracional, quando estabelece a relação entre duas Orações formalmente completas, cada uma com predicação verbal plena, que se combinam no nível da Expressão Linguística por meio de uma dependência mútua, sem relação de encaixamento ou de subordinação entre si.

Na GDF, uma Expressão Linguística (Le) pode apresentar uma Posição Pré-oracional (P^{Pre}), uma Oração (Cl) e uma Posição Pós-oracional (P^{Pos}). Dentro da Oração, existem três posições principais: Posição Inicial (P^I), Posição Medial (P^M) e Posição Final (P^F). Essa estrutura permite descrever a ordem em que os elementos são organizados linguisticamente.

Os constituintes são organizados em termos de Posição Inicial (P^I), Posição Medial (P^M) e Posição Final (P^F), que refletem a sequência linear dos constituintes (cf. Keizer 2015). A Posição Inicial é normalmente ocupada por elementos como operadores de negação (*no*); a

Posição Medial tende a abrigar o verbo principal da oração; e a Posição Final é reservada para outros constituintes, como predicativos, complementos e modificadores. Essa ordenação é essencial para a codificação linear das escolhas feitas nos níveis superiores da gramática, permitindo ao Nível Morfossintático transformar as representações interpessoais e representacionais em unidades linguísticas organizadas de maneira sequenciada.

Nos casos de Equiordenação, como o observado em (5-11), a combinação se estabelece entre Orações formalmente completas, que mantêm autonomia sintática e funcional. Em virtude dessa equipolência estrutural, as Orações são justapostas na Posição Central da Expressão Linguística, atuando como elementos equivalentes no interior da mesma Le. Cada uma dessas Orações poderia ocorrer de forma independente, o que reforça o caráter de dependência mútua, próprio da Equiordenação no modelo da Gramática Discursivo-Funcional.

No caso do Empilhamento, a estrutura não conecta Orações independentes, mas constituintes suboracionais, que preenchem um mesmo slot funcional dentro da Oração. A sequência contrastiva inteira atua como um único constituinte, ocupando a Posição Final da Cl, posição de predicativos ou modificadores dependentes do verbo principal.

O Empilhamento, nesse sentido, é o mecanismo morfossintático que amplia a complexidade interna de uma Oração por meio da adição linear de unidades dependentes dentro de uma mesma camada, sem ser uma nova Oração independente, como podemos observar a seguir:

(Le_i: [(Cl_i: [(P^I) (P^M) (P^F: [Np_i(Gw: sino)Np_j])] Cl_i)] Le_i)

Vale ressaltar a distinção entre Empilhamento e Coordenação, dois modos distintos de organização linear. A Coordenação opera no nível da Expressão Linguística, ligando unidades independentes na Posição Central; o Empilhamento atua dentro dos limites da Oração, multiplicando posições suboracionais em uma única estrutura. Assim, a disposição dos constituintes reflete o tipo de relação funcional que se estabelece entre eles: de independência no caso da Coordenação e de interdependência no caso do Empilhamento.

5.1.5 Nível Fonológico

O Nível Fonológico na GDF recebe informações de todos os níveis superiores: Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Sua tarefa é integrar o *input* proveniente dos

outros níveis e convertê-lo em uma estrutura fonológica que serve de *input* para o Componente de Saída (a articulação).

Nele, são organizadas unidades como o Enunciado (U), a Frase Entonacional (IP), a Frase Fonológica (PP), a Palavra Fonológica (PW), o Pé (F) e a Sílabas (S), todas responsáveis por estruturar fonologicamente as expressões geradas nas camadas superiores. O NF é, assim, o domínio da prosódia, do contorno entonacional e das pausas, os quais contribuem diretamente para a interpretação do enunciado, mesmo que ausentes na linguagem escrita (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 421-455).

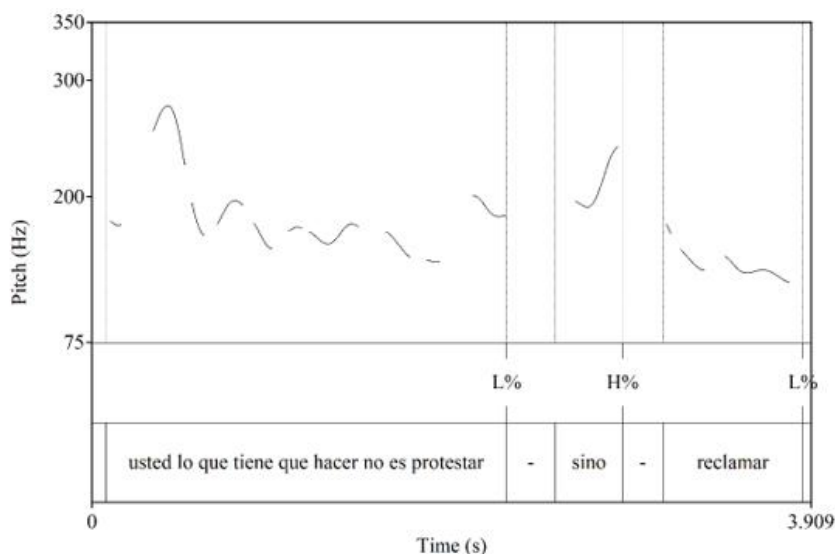
Nas construções com *sino* substitutivo, observam-se regularmente pausas significativas entre os constituintes coordenados, bem como alterações entonacionais, sobretudo elevações no segundo elemento. Hualde (2014, p. 279) afirma que a entoação tem um papel importante na interpretação das frases: uma subida no tom ao final de um enunciado (marcada como Hz) pode indicar continuidade ou um pensamento ainda não concluído. Isso mostra como a prosódia funciona como um recurso fundamental para organizar e interpretar o discurso oral, mesmo quando a escrita não oferece marcas explícitas.

Essas marcas fonológicas são mobilizadas para assinalar a substituição de uma informação por outra, característica definidora desse tipo de construção. Veja a ocorrência extraída do CORPES:

(5-15a) usted lo que tiene que hacer **no es protestar** **sino** reclamar (CORALES: No es un día cualquiera. CORPES)
 ‘o que o senhor tem que fazer não é protestar, mas sim reivindicar.’

A análise fonológica da ocorrência, realizada com auxílio do software Praat, revelou uma pausa perceptível após o constituinte negado (*no es protestar*) e uma elevação do contorno entonacional na sequência introduzida por *sino*:

Figura 6 - Estrutura com 'no...sino' no Nível Fonológico



Fonte: Autoria própria⁶¹

Esse padrão ilustra as descrições de Hualde (2014), segundo as quais as construções adversativas contrastivas no espanhol falado tendem a exibir um contorno ascendente na unidade que introduz a informação focal ou nova.

Em seguida, a representação fonológica da construção com *sino substitutivo* evidencia como a oposição entre os dois elementos, o conteúdo negado e o conteúdo contrastado, se manifesta na prosódia do enunciado.

Na ocorrência analisada (*usted lo que tiene que hacer no es protestar sino reclamar*), o enunciado é dividido em duas Frases Entonacionais: a primeira (IP₁), que contém o conteúdo negado, e a segunda (IP₂), introduzida por *sino* e marcada por um contorno entonacional ascendente (*rise*), notado pelo operador [r]. Esse contorno é característico de construções contrastivas no espanhol falado, funcionando como indicativo de informação focal ou nova.

Cada Frase Entonacional abriga uma Frase Fonológica representada, de forma condensada, por uma única Palavra Fonológica (PW_i e PW_j). A estrutura fonológica da ocorrência pode ser representada da seguinte forma:⁶²

(5-15b) (U_i: [(IP_i: [(PP_i: (PW_i: usted lo que tiene que hacer no es protestar))] (IP_i))
(r IP_j: [(PP_j: (PW_j: sino reclamar))] (IP_j))] (U_i))

⁶¹ Agradeço ao Prof. Dr. Gabriel Henrique Galvão Passeti que gentilmente colaborou com a análise fonológica extraíndo a representação das estruturas com *sino* neste trabalho, utilizando o programa Praat.

⁶² Opta-se aqui por uma representação condensada das Frases Fonológicas em uma única Palavra Fonológica (PW), uma vez que o objetivo é evidenciar a organização entonacional e a separação prosódica entre os dois elementos contrastivos.

A representação em (5-15b) mostra que a primeira Frase Entonacional (IP_i) agrupa uma Frase Fonológica (PP_i), representada por uma única Palavra Fonológica (PW_i), que compreende o primeiro bloco informacional do enunciado *usted lo que tiene que hacer no es protestar*. A segunda Frase Entonacional (IP_j), por sua vez, contém a informação substitutiva introduzida por *sino*, também condensada em uma única Palavra Fonológica (PW_j) *sino reclamar*.

Essa organização fonológica reflete a estrutura informacional do enunciado, pois a primeira IP apresenta o conteúdo negado, enquanto a segunda, separada por uma pausa prosódica e marcada por contorno entonacional ascendente (representado por *r* ‘rise’, introduz a nova informação. A opção por representar cada Frase Fonológica (PP) por uma única PW tem como finalidade destacar a divisão entonacional entre os dois blocos contrastivos, os quais são fundamentais para a interpretação da construção com *no...sino* como uma estratégia de substituição de conteúdos no discurso.

Essa segmentação prosódica, reforçada pela entoação e pela pausa perceptível entre IP_i e IP_j , confirma o que há observamos no NI: os dois conteúdos fazem parte de um mesmo Ato Discursivo, mas apresentam estatutos pragmáticos distintos, de Foco e Foco-Contraste, respectivamente. Assim, o NF não apenas realiza foneticamente o enunciado, mas também participa da codificação do contraste e da substituição informacional operada por *sino*.

Em suma, *sino* substitutivo não deve ser visto apenas como um juntor adversativo, mas como uma estratégia discursiva que articula intenções pragmáticas, relações semânticas, processos formais e marcas prosódicas. Por meio dessa construção, o Falante consegue reorganizar o discurso, negar uma possibilidade e propor uma alternativa que considera mais importante, evidenciando a força contrastiva e substitutiva que caracteriza o uso *sino*.

5.2 USOS DE *SINO* EXPANSIVO

Conforme mencionamos anteriormente, *sino* pode apresentar um uso que vai além da substituição. Nas expressões *no solo...sino también* ‘não só...mas também’, observa-se sentido de adição, aproximando-se de uma relação coorientada entre as partes *no solo* e *sino también*.

Autores como Fuentes Rodríguez (1998) e Padilla (2002) reconhecem que esses usos de *sino* operam como um mecanismo de expansão informativa. Para esses autores, o uso de *sino* acompanhado de elementos aditivos como *también* introduz um segundo membro que complementa a informação do primeiro, promovendo uma relação de adição com valor argumentativo. É sobre esse uso expansivo que nos debruçaremos nas próximas seções.

Os dados analisados nesta tese revelam que o uso de *sino* na construção *no solo...sino también* não se restringe a contextos afirmativos. Observa-se, por meio da análise, que há uma variação no comportamento dessa estrutura em contextos negativos, nos quais a expressão conjuntiva *no solo no...sino tampoco* ‘não só não...mas também não’ também opera como mecanismo de expansão informativa. Em *no solo no...sino tampoco*, a presença de *tampoco* implica uma adição negativa, configurando uma negação complexa em ambos os membros.

Propõe-se, portanto, a distinção entre estes dois tipos de expansão com *sino*: a que ocorre em contextos afirmativos, marcada pela construção *no solo...sino también* (Seção 5.2.1), e a que se realiza em contextos negativos, estruturada como *no solo no...sino tampoco* (Seção 5.2.2), como mostram respectivamente (5-16) e (5-17):

(5-16) Definitivamente se trata de un hombre elegante, ***no sólo por su manera de vestir, sino también por la de andar***. (Etxebarria, L.: De Todo lo Visible y lo Invisible. Una novela sobre el amor y otras mentiras. Ficción. CORPES)
 ‘Definitivamente trata-se de um homem elegante, não apenas por sua maneira de se vestir, mas também pela de andar.’

(5-17) Y hay quien lleva su respeto por la vida de los animales al extremo: ***no solo no tengo derecho a matar, sino tampoco a robarles a las bestias el principio de la vida, la leche de la que se alimentan, los huevos de los que podrían salir futuros pollos***.
 ‘E há quem leve seu respeito pela vida dos animais ao extremo: não só não tenho direito de matar, mas também de não roubar das bestas o princípio da vida, o leite de que se alimentam, os ovos dos quais poderiam nascer futuros pintinhos.’

Em (5-16) a construção *no solo...sino también* introduz uma expansão: a primeira parte do enunciado *no solo por su manera de vestir* apresenta uma razão que justifica a elegância do homem, enquanto a segunda parte *sino también por la de andar* amplia essa justificativa, adicionando um segundo traço igualmente relevante. A conjunção *sino*, nesse caso, não substitui o conteúdo anterior, como ocorre na estrutura contrastiva prototípica *no p, sino q*, mas em conjunto com *también* acrescenta uma informação. Ou seja, trata-se de um homem elegante tanto por sua maneira de vestir quanto por sua maneira de andar. O segundo elemento, portanto, não se opõe ao primeiro, mas o complementa.

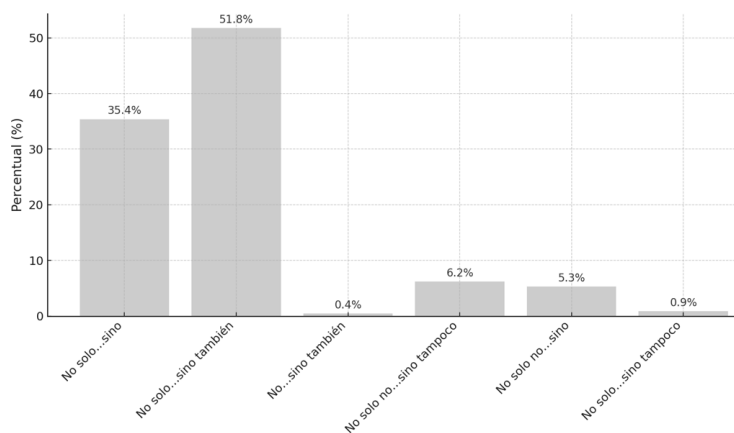
A ocorrência (5-17) apresenta a construção *no solo no*, seguida de *sino tampoco*, que mantém o valor negativo e adiciona um segundo elemento também negado. Essa forma composta por *no solo no...sino tampoco*, de acordo com a análise de nossos dados, é menos frequente, mas carrega uma força discursiva muito marcada: há uma negação de mais de uma ação, mas não com um efeito de cancelar alguma, como faz *no...sino*, e sim para complementar a informação dada anteriormente. Em (5-17), por exemplo, não se trata apenas da recusa em

matar um animal, mas de uma recusa maior, que inclui o fato de se recusar a retirar produtos dos animais, como leite e ovos. O uso de *tampoco* ajuda a reforçar o efeito da negação.

Contudo, verificamos que a presença de *también* ou de *tampoco* não é obrigatória para que o valor aditivo seja garantido. A análise das ocorrências demonstra que, mesmo na ausência de *también* o valor aditivo é recuperável por meio do paralelismo estrutural entre os elementos. A ausência desses elementos apenas reduz o grau de marcação formal do valor aditivo, mas não modifica sua interpretação funcional, mantendo o propósito de expansão informativa.

Na amostra, 226 ocorrências levantadas correspondem a usos de *sino* expansivo (13%). Destas, 197 são casos afirmativos (117 de *no solo...sino también* e 80 de *no solo...sino*) e 29 são casos negativos (14 de *no solo no...sino tampoco*, 12 de *no solo no...sino* e 2 de *no solo...sino tampoco*, além de 1 ocorrência de *no...sino también*). A Figura 7 apresenta em forma de gráfico a distribuição das ocorrências dos diferentes tipos de usos expansivos, evidenciando a predominância de *no solo...sino también* e, em seguida, de *no solo...sino*, ao lado da frequência mais reduzida das demais variantes:

Figura 7 - Distribuição percentual dos usos de *sino* expansivo



Fonte: autoria própria

Essa distribuição quantitativa confirma o predomínio dos usos expansivos aditivos, mas também valida a existência e a importância da expansão negativa e de suas variantes menos frequentes com o uso de *sino*.

A análise dessas construções permite compreender como *sino* se articula, em ambos os casos, com elementos aditivos para ampliar o escopo informativo do enunciado, o que será detalhado nas seções seguintes.

5.2.1 *No solo... sino también*: usos de *sino* com expansão aditiva

Para compreender a construção de *sino* expansivo, é necessário realizar uma análise dos elementos que a compõem. A construção *no solo p sino también q* é formada por seis componentes essenciais: (i) o operador de negação *no*, (ii) o marcador restritivo *solo*, (iii) o primeiro elemento focal (*p*), (iv) o juntor *sino*, (v) o marcador de contraste expansivo *también* e o elemento expandido (*q*).

O operador *no* introduz a negação na construção, seu escopo recai diretamente sobre o primeiro elemento (*p*). Assim, *solo* atua como um marcador de contraste restritivo, atribuindo exclusividade ao elemento (*p*). Quando *no* e *solo* ocorrem em sequência, *no solo p*, o que se nega não é a verdade de *p* em si, mas a exclusividade de *p* como informação suficiente. Módolo (2008, p. 1089) descreve esse tipo de negação como uma desrestrrição, porque o que se nega é o alcance limitado do que foi dito, e não a verdade da informação em si. Ao negar essa restrição, a construção cria espaço para a adição de uma nova informação.

Essa análise se confirma com a presença de *sino*, que, diferentemente de seu uso substitutivo prototípico (em *no p, sino q*), neste caso funciona como um juntor que introduz um segundo membro (*q*) coorientado com o primeiro (*p*). O marcador de expansão *también*, por sua vez, é responsável por sinalizar que o conteúdo do segundo membro não substitui *p*, mas sim o complementa, instaurando uma relação de adição e contraste.

Essa estratégia de acréscimo de informação configura o que Dik (1997a, p. 334) denomina *Expanding Focus*, ou Foco Expansivo, um subtipo específico de contraste expansivo que não substitui uma informação previamente negada, mas a amplia. Nesse tipo de foco, o Falante parte do pressuposto de que o Ouvinte já possui uma informação considerada correta, porém incompleta. A função do segundo membro é, então, expandir essa informação inicial, oferecendo um dado adicional que o Falante considera igualmente relevante.

A análise do escopo do operador de negação, portanto, é central para interpretar corretamente a estrutura.

5.2.1.1 Nível Interpessoal

O uso da estrutura *no solo... sino también* tem caráter pragmático, pois está diretamente relacionado às intenções comunicativas do Falante. Há a apresentação de uma informação e, logo em seguida, o acréscimo de outra que cria um contraste que não existe por si só. O Falante, ao usar *no solo p, sino también q*, entende que o Ouvinte já considera a informação *p* correta,

mas incompleta. O Falante, então, acrescenta *q* para ampliar o escopo informativo do enunciado. Considere a ocorrência a seguir:

(5-18a) [...]germánico nombre de Tristán, pues al parecer su queridísima madre, que era de quien él aseguraba haber heredado el talento artístico, era una wagneriana devota. **No sólo había recibido Tristán de su madre el talento, sino también una cuantiosa renta** ‘[...] muito germânico nome de Tristán, pois ao que parece sua queridíssima mãe, de quem ele assegurava ter herdado o talento artístico, era uma wagneriana devota. Tristán não havia herdado da mãe apenas o talento, mas também uma significativa renda.’

Em (5-18a), a estrutura *no solo...sino también* tem a função de contrastar e, ao mesmo tempo, adicionar informações. Ela indica que a herança de Tristán não foi apenas o talento artístico da mãe, mas incluiu, também, a renda. O segundo elemento *sino también una cuantiosa renta* atua como um elemento expansivo, ampliando o escopo do que foi herdado e destacando o segundo elemento, possivelmente como uma informação de maior relevância a partir do ponto de vista do falante.

Assim como ocorre nas construções com *sino* substitutivo, o uso de *sino* expansivo também apresenta uma organização discursiva semelhante no Nível Interpessoal. A representação proposta no NI organiza o enunciado como um único Ato Discursivo, composto por um único Conteúdo Comunicado complexo (C_i), que, por sua vez, apresenta dois Conteúdos Comunicados internos (C_j e C_k). Para comprovar que a construção *no solo...sino también* opera na camada do Conteúdo Comunicado (C), considere os testes com modificadores típicos dessa camada. Conforme demonstrado por Keizer (2015) e Hengeveld e Mackenzie (2008), modificadores como *infelizmente*, *felizmente*, *realmente* ou *aparentemente* atuam sobre unidades inteiras de conteúdo, como em *No solo desgraciadamente había recibido Tristán de su madre el talento, sino también afortunadamente una cuantiosa renta*. A possibilidade de modificar cada parte com um modificador diferente, expressando atitudes distintas do Falante com relação a cada conteúdo, comprova que se trata de dois Conteúdos Comunicados distintos que compõem, juntos, um único Conteúdo Comunicado mais amplo.

Em (5-18), tanto *talento* quanto *significativa renta* referem-se a entidades herdadas, sendo assim representados como Subatos Referenciais (R) dentro do Conteúdo Comunicado. Para confirmar essa classificação como (R), realizaremos a aplicação de testes com modificadores. Esse teste consiste em verificar se os constituintes analisados aceitam modificadores que expressam uma atitude subjetiva do Falante em relação à entidade referida:

(5-18b) No sólo había recibido Tristán de su madre el *maldito* talento, sino también una cuantiosa renta.

‘Tristán não havia herdado apenas o maldito talento de sua mãe, mas também uma quantiosa renda.’

No sólo había recibido Tristán de su madre el talento, sino también *una bendita* renta.

‘Tristán não havia herdado apenas o talento de sua mãe, mas também uma bendita renda.’

Veja que a inserção dos modificadores *maldito* e *bendita* incide sobre a atitude do Falante diante da entidade, e não sobre sua descrição da entidade de fato, reforçando que *talento* e *cuantiosa renta* tratam de Subatos Referenciais.

Conforme mencionado anteriormente no Capítulo 2, o Contraste na GDF é tratado como uma função pragmática independente que pode combinar-se tanto com constituintes Focais (novos) quanto com constituintes Tópicos (dados).

O uso de *sino* expansivo não introduz uma informação nova no primeiro membro, visto que simplesmente retoma a herança do talento já mencionada na sentença anterior. Portanto, o primeiro elemento da construção *no solo...sino también* não ocupa uma posição de destaque informativo no enunciado. Isso será essencial para nossa análise no Nível Interpessoal, pois indica que, ao contrário do que ocorre nas estruturas com *sino* substitutivo, aqui não há função pragmática de Foco atribuída ao primeiro elemento.

Em (5-18), observamos que seu primeiro elemento apresenta uma informação previamente acessível ao Ouvinte, o que configura a função pragmática Tópico, pois recupera algo já conhecido pelo Falante, advindo do Componente Contextual. Ao mesmo tempo, essa informação participa de uma relação de Contraste com o segundo elemento (*una cuantiosa renta*), que introduz uma ampliação do conteúdo previamente evocado. Nesse sentido, a função pragmática atribuída ao primeiro elemento é de Tópico-Contraste (TOP-CONTR): uma informação dada que é contrastada, de alguma forma, a uma nova, dentro de uma estrutura que destaca dois elementos distintos.

O segundo elemento, *una quantiosa renta*, é apresentado como a informação nova no contexto, uma informação que o Falante deseja que seja considerada como a mais relevante pelo Ouvinte. Por esta razão contém a função Foco. Ao mesmo tempo, ele está em contraste com o primeiro elemento *o talento*, ou seja, temos a ideia de herdar apenas talento em contraposição com herdar talento e renda. Assim, *una quantiosa renta* combina Foco e Contraste. Nossa proposta para estruturas como esta será representada abaixo:

(5-18c) (A_I: [(C_I: [(C_J: (R: el talento)_{TOP-CONTR}) (C_K: (R_J: una cuantiosa renta)_{FOC- CONTR}))])A_I)

A representação proposta no NI organiza esse enunciado como um único Ato Discursivo (A_I), composto por um único Conteúdo Comunicado complexo (C_I), que engloba dois

Conteúdos Comunicados internos (C_J e C_K). Cada um desses Conteúdos abriga, por sua vez, Subatos Referenciais (R), uma vez que ambos os elementos coordenados fazem referência a entidades concretas herdadas por Tristán. No primeiro conteúdo (C_J), o Subato (R_I: *el talento*) retoma uma informação já dada na oração anterior, ou seja, é uma informação conhecida pelo Ouvinte de alguma forma. Por essa razão, esse segmento é classificado com a função pragmática de Tópico (TOP). Simultaneamente, ele é colocado em contraste com o conteúdo que se segue, o que justifica a presença combinada da função Contraste (CONTR). No segundo conteúdo (C_K), temos o Subato (R_J: *una cuantiosa renta*), que introduz uma informação nova, que amplia a informação anterior sobre a herança de Tristán, que vai além da herança artística. Esse segundo elemento contém, portanto, a função Foco (FOC), pois carrega a informação nova, e como Contraste (CONTR), por estar em relação contrastiva com o primeiro.

Encontramos também em nosso corpus a construção *no solo...sino*, sem a ocorrência do marcador de contraste expansivo *también*. Vejamos:

(5-19a) [...]la misma guerra española, aún reciente y que para muchos de sus encendidos panegiristas no podía aceptarse que hubiera pasado en vano, había dejado una huella indeleble en las relaciones amorosas interrumpidas, afirmando a la mujer -enfermera o no- en su papel de restañadora de heridas del superviviente. Es decir, que **no existían solamente las enfermeras de heridas de guerra, sino las de heridas de postguerra**, cuyo cometido era a veces mucho más ingrato y sórdido. (MARTÍN GAITE, C. Usos amorosos de la postguerra española, Barcelona, Anagrama, 8º ed. 1988 – ensaio. BDS) ‘[...] a própria guerra espanhola, ainda recente e que, para muitos de seus entusiasmados panegiristas, não podia ser aceita como tendo sido em vão, havia deixado uma marca indelével nas relações amorosas interrompidas, afirmando a mulher - enfermeira ou não - em seu papel de restauradora das feridas do sobrevivente. Ou seja, não havia apenas enfermeiras de ferimentos de guerra, mas também enfermeiras de ferimentos pós-guerra, cuja tarefa às vezes era muito mais ingrata e sórdida.’

Embora o expansivo *también* não esteja presente, o valor aditivo se mantém por meio do paralelismo estrutural entre os segmentos introduzidos por *no solo* e *sino*. Nesse caso, o operador de negação *no* nega a existência das enfermeiras de guerra. Essa negação da exclusividade permite que uma segunda informação seja incluída, configurando uma relação de contraste com valor expansivo. A ausência de *también* apenas reduz o grau de marcação formal do valor aditivo, mas não modifica sua interpretação funcional. Do ponto de vista da GDF, essa estrutura realiza uma estratégia argumentativa aditiva, marcada por Contraste. A representação correspondente no Nível Interpessoal pode ser esquematizada da seguinte forma:

(5-19b) (A_I: [(F_I: DECL) (C_I: [(C_J: (R_I: las enfermeras de heridas de guerra)_{TOP-CONTR}) (C_K: (R_J: las de heridas de postguerra)_{FOC-CONTR})]] A_I)

Essa construção ocorre no interior de um único Conteúdo Comunicado (C₁), unidade responsável por expressar o núcleo informacional da declaração feita pelo Falante. Os elementos *las enfermeras de heridas de guerra* e *las de heridas de postguerra* referem-se a entidades evocadas no discurso e, por isso, são formalizados como Subatos Referenciais (R). O primeiro elemento, *las enfermeras de heridas de guerra*, traz uma informação já acessível no contexto e funciona como ponto de partida para a progressão do enunciado. Por essa razão, assume a função pragmática de Tópico. No entanto, como essa informação é colocada em oposição a um segundo elemento, ela também participa de uma relação contrastiva. Isso justifica a atribuição composta de Tópico e Contraste (TOP-CONTR), prevista na GDF para casos em que uma informação conhecida é oposta a outra. Já o segundo elemento, *las de heridas de postguerra*, introduzido por *sino*, apresenta a informação nova e mais saliente do enunciado. Sua função é, portanto, a de Foco em oposição ao primeiro termo, configurando a combinação Foco e Contraste (FOC-CONTR). Essa distribuição funcional demonstra o caráter aditivo da construção, em que o segundo membro amplia e destaca uma nova informação, gerando uma relação de contraste sem exclusão.

No corpus, 117 ocorrências (99,1%) de *sino* expansivo aditivo apresentaram a forma *no solo...sino también*, enquanto apenas 1 ocorrência (0,9%) foi registrada sem *solo* no primeiro elemento. Essa diferença quantitativa destaca a relevância do operador *solo* para a distinção de funções pragmáticas no Nível Interpessoal, e sua ausência pode ser observada no exemplo a seguir (5-20a).

(5-20a) I: Yo te voy a decir una cosa: mi hijo, muy bien. Y hay tres compañeras con él en el colegio, en la misma clase, y van de maravilla las chicas también. Todos salieron del Antonio de Nebrija. No tengo ninguna queja.

E: Ya.

I: Como dicen, lo que pasa es que unos tenemos fama y otros la tenemos en esto. Pero yo te digo una cosa: como dicen// lo que pasa que unos tenemos fama y otros la tenemos en esto (hh) pero yo te digo una cosa que la educación de los hijos también es la tuya ***no la del profesor sino también la tuya***

E: Sí, porque yo, mi suegra... Yo tengo la culpa de que mis hijos sean de una manera o de otra, porque como el padre no está en toda la semana, pues si salen los hijos...

I: Es que ella, como sus hijos... (adaptado de PRESEEA - ALCA, P, 48 - Mujer de 39 años, con estudios primarios, (2M1). Informante n.º 24)

‘I: Vou te dizer uma coisa: meu filho, muito bem. E há três colegas com ele na escola, na mesma turma, e as meninas também vão muito bem. Todos saíram do Antonio de Nebrija. Não tenho nenhuma reclamação.

E: Entendo.

I: Como dizem, o que acontece é que alguns têm fama e outros também. Mas vou te dizer uma coisa: a educação dos filhos é também a sua não do professor, mas também sua.

E: Sim, porque eu, minha sogra... Eu sou a responsável por meus filhos serem de um jeito ou de outro, porque o pai não está durante a semana, então, se os filhos saem assim... I: É que ela, como os filhos dela...'

A principal diferença entre essa estrutura e as construções que incluem explicitamente *solo* está no escopo da negação. Veja as representações a seguir:

(5-20b) **No solo** la del profesor, **sino también** la tuya

(A_I: [(F_I: DECL) (C_I: [(C_J: (R_I: la del profesor)_{TOP-CONTR}) (C_K: (R_J: la tuya)_{FOC-CONTR}))]]A_I)

No la del profesor, **sino también** la tuya

(A_I: [(F_I: DECL) (C_I: [(C_J: (R_I: la del profesor)_{TOP-CONTR}) (C_K: (R_J: la tuya)_{CONTR}))]]A_I)

Na primeira construção, *solo* atua como um operador de restrição escopado pela negação *no*, o que configura um caso de desrestrição: o Falante desrestringe a informação do primeiro elemento *la del profesor* e inclui um segundo termo, *la tuya*, com valor aditivo. Já na segunda construção (*no la del profesor, sino también la tuya*), a ausência de *solo* faz com que o escopo da negação recaia diretamente sobre o elemento *la del profesor*, sem implicar, necessariamente, a negação de uma exclusividade. O que ocorre não é uma restrição, apenas uma negação.

Essa diferença mostrada em (5-20b) demonstra a forma como o Falante organiza elementos do discurso de acordo com seus propósitos comunicativos, diferenciando as funções pragmáticas, ainda que a estrutura de Ato Discursivo e de Conteúdo Comunicado se mantenha a mesma nas duas representações.

Na ausência de *solo*, como em *no p sino también q*, o primeiro elemento funciona apenas como um elemento contrastado, assim como o segundo. Ambos compartilham o valor de Contraste, mas sem a distinção clara de Tópico e Foco que a presença de *solo* permite estabelecer. Para melhor visualização do que ocorre, considere o quadro abaixo:

Quadro 14 - Comparativo de funções pragmáticas em estruturas de sino expansivo

Estrutura	Primeiro elemento	Segundo elemento
No solo...sino (también)	Tópico + Contraste (TOP- CONTR)	Foco + Contraste (FOC-CONTR)
No...sino también	Contraste (CONTR)	Contraste (CONTR)

Fonte: autoria própria

O Quadro 14 mostra que a presença de *solo* no primeiro elemento *no solo* contém a função pragmática Tópico, pois funciona como ponto de partida no discurso sendo uma informação já dada anteriormente, e simultaneamente como elemento contrastado. Já o segundo conteúdo, introduzido por *sino también*, recebe a função de Foco, por apresentar informação nova, além de estar em contraste com o primeiro, resultando na combinação FOC-CONTR.

Concluída a análise no Nível Interpessoal, vamos agora para o Nível Representacional (NR), responsável pela análise semântica das construções de *sino* expansivo analisadas em nosso corpus.

5.2.1.2 Nível Representacional

No Nível Representacional, no caso das estruturas com *sino expansivo*, interessa-nos observar como a negação opera sobre diferentes camadas, como o Conteúdo Proposicional, o Estado-de-Coisas e a Propriedade. Como mencionado na seção 2.8, Hengeveld e Mackenzie (2018) reconhecem a negação em todas as camadas do Nível Representacional.

O primeiro tipo de negação, *p-negation*, ocorre quando o valor de verdade de um Conteúdo Proposicional é explícito. A camada do Conteúdo Proposicional lida com construtos mentais representados na mente do falante, como em (5-21a) a seguir:

(5-21a) BLANCHE.- Pena me das. Es curioso que ciertas cosas no puedan creerse sin verlas, ***no sólo por conocimiento sino por intuición***. Estoy contenta pensando en la sorpresa que te puedes llevar. (Te quiero, zorra, BDS)
 ‘BLANCHE – Tenho pena de você. É curioso que certas coisas não possam ser acreditadas sem que se vejam, não apenas por conhecimento, mas por intuição. Estou feliz só de pensar na surpresa que você pode ter.’

O operador de negação *no*, em (5-21a), escopa o primeiro elemento, anulando a leitura de suficiência do primeiro elemento (*por conocimiento*) e, com isso, introduzindo uma nova forma de validação (*por intuición*).

No NR, o Conteúdo Proposicional *conocimiento* apresenta uma atitude de percepção do Falante frente ao que será acrescentado, outro Conteúdo Proposicional, *intuición*. Para comprovar a atuação na camada do Conteúdo Proposicional, utilizaremos modificadores relacionados à especificação de atitudes proposicionais, como: *probablemente, evidentemente, indudablemente, aparentemente*:

(5-21b) ciertas cosas no puedan creerse sin verlas, no sólo *evidentemente* por conocimiento sino por intuición.

‘certas coisas não podem ser acreditadas sem serem vistas, não apenas evidentemente por conhecimento, mas por intuição.’

ciertas cosas no puedan creerse sin verlas, no sólo por conocimiento sino *sin duda* por intuición.

‘certas coisas não podem ser acreditadas sem serem vistas, não apenas por conhecimento, mas sem dúvida por intuição.’

Na estrutura *no solo por conocimiento, sino por intuición*, observamos uma relação entre dois Conteúdos Proposicionais, que pode ser formalizada no Nível Representacional (NR) como um Conteúdo Proposicional complexo (p_i) composto por dois Conteúdos Proposicionais (p_j e p_k). Veja a representação a seguir:

(5-21c) (p_i : [(neg p_j : por conocimiento) $\wedge$ (p_k : por intuición)] (p_i))

Dentro de um Conteúdo Proposicional complexo (p_i) há dois Conteúdos Proposicionais. O primeiro conteúdo (p_j) é negado por meio do operador de negação (neg), enquanto o segundo conteúdo (p_k), introduzido por *sino*, é acrescentado. Cada um desses Conteúdos Proposicionais (p_j e p_k) estão organizados sob uma relação de adição ($\wedge$) (cf. Pezatti; Mackenzie, 2022), pois o segundo elemento não substitui o primeiro, mas acrescenta uma nova informação.

Embora a estrutura *no solo... sino* (también) seja produtiva nos dados coletados, não foi possível identificar, nos corpora analisados, ocorrências em que *sino* opere diretamente na camada do Episódio (ep).

As ocorrências analisadas indicam que os elementos unidos por *sino* expansivo ocorrem predominantemente nas camadas mais baixas do NR, como o Estado-de-Coisas (e) e a Propriedade (f). Nessas camadas, *sino* atua conectando eventos, participantes ou propriedades, promovendo adição semântica.

Quando o operador negativo escopa um Estado-de-Coisas, temos uma negação do tipo *e-negation*. Considere a ocorrência a seguir:

(5-22a) Me preguntó qué me estaba pareciendo el documental. Le respondí que era extraño. Había muchas horas con la suficiente gente cercana a Mai como para recomponer con cierta fidelidad lo ocurrido *no sólo el día de la boda, sino en los meses anteriores y posteriores*, pero nada de eso se ocupaba de la desaparición de Yulia del mundo, sino del agujero dejado por su madre en todos nosotros. En un momento de su entrevista, recordó Soneira, Novás había dicho que era como si Yulia hubiese dejado el hueco en Mai[...]

‘Me perguntou o que eu estava achando do documentário. Respondi que era estranho. Havia muitas horas com pessoas suficientemente próximas de Mai para reconstruir com certa fidelidade o que havia acontecido não apenas no dia do casamento, mas também nos meses

anteriores e posteriores, mas nada disso tratava do desaparecimento de Yulia do mundo, e sim do buraco deixado por sua mãe em todos nós. Em um momento da entrevista, lembrou Soneira, Novás havia dito que era como se Yulia tivesse deixado o vazio em Mai [...]

Na ocorrência (5-22a), os elementos *el día de la boda* e *los meses anteriores y posteriores* consistem em expressões temporais que localizam o evento *lo ocurrido* ‘o acontecimento’. Como se observa, são constituintes que assinalam tempo relativo, característica do Estado-de-Coisas (e), uma camada do NR que representa uma situação localizada no tempo e no espaço.

Esses elementos indicam um tempo relativo, pois dependem de outro evento para sua interpretação. A representação a seguir reflete essa análise:

(5-22b) (e_i: (f_i: ocorrer) [σ_e: ((el día de la boda) ∧ (en los meses anteriores y posteriores))] e)

Nesse caso, o evento (*lo ocurrido*, ‘o acontecido’) é representado como um Estado-de-Coisas (e_i), que pode ser localizado no tempo e no espaço. O núcleo do Estado-de-Coisas é a Propriedade Lexical (f_i: *ocurrir*), que indica o tipo de predicação envolvida. Essa propriedade é modificada por dois modificadores de tempo relativo, agrupados sob a variável σ_e, que incide diretamente sobre o Estado-de-Coisas.

Esses modificadores (*el día de la boda* e *en los meses anteriores y posteriores*) indicam um tempo relativo, pois sua interpretação depende de outro evento de referência (neste caso, *la boda*). Como tal, ambos são representados na camada σ_e, que acomoda modificadores internos ao Estado-de-Coisas. A relação de adição entre os dois elementos é indicada pelo símbolo (∧), que sinaliza adição no domínio semântico: trata-se de uma extensão do escopo temporal do evento, coordenando duas expressões que qualificam o mesmo Estado-de-Coisas.

A seguir, apresentamos uma ocorrência em que os elementos relacionados por *sino* funcionam como qualificadores que atribuem características a uma entidade concreta, o que configura as Propriedades Lexicais. Trata-se, portanto, de um caso de *f^l-negation*:

(5-23a) Lo peor de todo fue cuando salí de la cárcel en 1963 y tuve que pasar muchas necesidades **no sólo** económicas, **sino** morales y físicas. (Elmundo.es. *Encuentro digital con José Murillo*. No ficción. CORPES)
 ‘O pior de tudo foi quando saí da prisão em 1963 e tive que passar por muitas necessidades, não apenas econômicas, mas também morais e físicas’

Em (5-23a), os termos *económicas*, *morales* e *físicas* representam Propriedades Lexicais no Nível Representacional (NR). Na ocorrência (5-23a), *económicas*, *morales* e *físicas* são lexemas adjetivais. Veja a ocorrência a seguir:

(5-23b) (nec-deo e_i : [(f_i : pasar) (x_i : [(f_j : necesidades) (f_k : económica) $\wedge$ (f_i : moral) (f_m : física)] (x_i)) $\cup$] (e_i))

A ocorrência (5-23b) é um Estado-de-Coisas (e_i), pois descreve uma situação localizada no tempo (em 1963). O verbo *pasar* funciona como Propriedade Lexical verbal (f_i) e constitui o núcleo da predicação, aplicando-se ao argumento *necesidades*, que desempenha a função semântica de Inativo (U). Sobre esse Estado-de-Coisas incide ainda o operador modal deôntico de necessidade (nec-deo), ativado por *tuve que*. Este predicado é aplicado a um único argumento central: *necesidades* ('necessidades'), representado como um Indivíduo (x_i) com função semântica de Inativo (U), já que é o termo afetado pela ação.

Esse Indivíduo (x_i) é especificado lexicalmente como *necesidades* (f_j : necesidades) e modificado por três propriedades que expressam diferentes tipos de necessidades: *económicas*, *morales* e *físicas*, representados por (f_k), (f_i) e (f_m), respectivamente.

A predicação é ainda marcada pelo operador modal deôntico de necessidade (*nec-deo*), ativado por *tuve que* ('tive que'), que recai sobre o Estado-de-Coisas como um todo e expressa uma obrigação experienciada no passado, como explicado no Capítulo 2.

A próxima camada analisada será a camada do Lugar (l) (x), que, dentro do NR, diz respeito à designação de entidades que representam porções do espaço, concretas e tangíveis. Veja a seguinte ocorrência:

(5-24a) I. Claro, la vida se hacía aquí, pues en el centro, en la plaza Cervantes.

E. (m:) (m:)

I. En aquel entonces...

E. ¿Y el...? (lapso = 3) (e:) ¿Y cómo te imaginas que será en el futuro?

I. Pues... ((ruido)) esto se seguirá engrandeciendo, porque ha ido en detrimento pues **no sólo** Alcalá, **sino también** las más grandes ciudades en detrimento de todos los pueblecitos pequeños, en todos los lados. Porque claro, van buscando su trabajo y sus comodidades...

E. ¿Si tuvieras...?

I. Y sus comodidades. La gente de pueblo no sabe las oportunidades, las comodidades que tienen los pueblos. (ALCA, S, 9)

‘I. Claro, a vida acontecia aqui, bem no centro, na praça Cervantes.

E. (m:) (m:)

I. Naquela época...

E. E o...? (pausa = 3) (e:) E como você imagina que será no futuro?

I. Bem... ((ruído)) isso continuará crescendo, porque tem ido não só Alcalá, mas também as maiores cidades em detrimento de todos os povoados pequenos, por toda parte. Porque, claro, as pessoas vão em busca de trabalho e de suas comodidades...

E. Se você tivesse...?

I. E suas comodidades. O pessoal do interior não sabe as oportunidades, as comodidades que têm nos povoados.’

Na ocorrência *no sólo Alcalá, sino también las más grandes ciudades*, a estrutura com *sino expansivo* atua na camada do Lugar (l) do Nível Representacional (NR). Esta camada representa entidades espaciais concretas e localizáveis, cuja função principal é indicar onde eventos, estados ou propriedades se realizam. Nesse caso, *Alcalá* e *las más grandes ciudades* referem-se a cidades concretas afetadas por um mesmo processo: o crescimento urbano.

(5-24b) [(l_i: (f_i: Alcalá))] ∧ [(l_j: (f_i: ciudades): (f_j: más grandes))]

Na representação em (5-24b), *Alcalá* designa um lugar específico, representado como (l_i), cujo conteúdo lexical é uma Propriedade (f_i: Alcalá). Já *las más grandes ciudades* forma um Lugar complexo (l_j), cujo núcleo lexical é *ciudades* (f_i: ciudades), modificado pela Propriedade *más grandes* (f_j: más grandes).

5.2.1.3 Nível Morfossintático

Nos usos de *sino* expansivo, os membros combinados podem ser Orações ou Sintagmas, como vemos em (5-25a), (5-26a) e (5-27a) a seguir:

(5-25a) Este abogado Bermejo era un hombre robusto, de porte muy representativo, y muy educado y elegante, y siempre iba con traje o con conjuntos formales muy bien armonizados. Era directivo del Atlético de Madrid, creo que vicepresidente, y debía de moverse en círculos sociales muy selectos. Supongo que tendría su bufete, y quizá otros negocios, y desde luego parecía un hombre rico, e incluso muy rico, y a veces salía en los periódicos, en las secciones de deportes o de sociedad. Uno se lo imaginaba, claro está, desenvolviéndose en espacios amplios y luminosos, alternando sin apuro, porque *no sólo era elegante en el porte sino también en las maneras, en las palabras y en los gestos*. (El huerto de Emerson, CORPES)
 ‘Este advogado Bermejo era um homem robusto, de porte muito representativo, e muito educado e elegante, e sempre ia de terno ou com conjuntos formais muito bem harmonizados. Era dirigente do Atlético de Madrid, acredito que vice-presidente, e devia circular em círculos sociais muito seletos. Suponho que tinha seu escritório, e talvez outros negócios, e certamente parecia um homem rico, e até muito rico, e às vezes aparecia nos jornais, nas seções de esportes ou sociedade. A gente o imaginava, claro, se desenvolvendo em espaços amplos e luminosos, alternando sem pressa, porque **não só** era elegante na postura, **mas também** nas maneiras, nas palavras e nos gestos.’

(5-26a) Lo peor de todo fue cuando salí de la cárcel en 1963 y tuve que pasar muchas necesidades *no sólo económicas, sino morales y físicas*. (Elmundo.es. *Encuentro digital con José Murillo*. No ficción. CORPES)
 ‘O pior de tudo foi quando saí da prisão em 1963 e tive que passar por muitas necessidades, não apenas econômicas, mas também morais e físicas’

(5-27a) El francés, según la prensa, **no solo** trabajaba en una librería de Aberdeen llamada Stoner, **sino que también** buscaba libros perdidos y trataba con anticuarios. (Oruña, M.: *El camino del fuego*. Ficción. CORPES)

‘O francês, de acordo com a imprensa, não apenas trabalhava em uma livraria em Aberdeen chamada Stoner, mas também procurava livros perdidos e negociava com negociantes de antiquários.’

Os dois membros combinados fazem parte um do outro e são dependentes, compondo uma única unidade formal: a Expressão Linguística. Essa dependência das unidades na mesma Expressão Linguística caracteriza a Equiordenação.

A Tabela 1 mostra as três possibilidades de combinação entre os membros dentro de uma Expressão Linguística:

Tabela 1 - Configurações morfossintáticas de sino expansivo aditivo

Tipo	1º membro	2º membro	Ocorrência
1	Oração (Cl)	Sintagma (Xp)	5-25a
2	Sintagma (Xp)	Sintagma (Xp)	5-26a
3	Oração (Cl)	Oração (Cl)	5-27a

Fonte: Autoria própria

No Nível Morfossintático, a ocorrência (5-25a) apresenta uma Expressão Linguística composta por uma única Oração, no interior da qual se estabelece um processo de Empilhamento suboracional. Esse empilhamento não se dá entre Expressões Linguísticas nem entre Orações independentes, mas entre constituintes suboracionais que ocupam a mesma posição funcional na estrutura da Oração.

(5-25b) (Le_i: [(Cl_i: era elegante en el porte)] Cl_i) (^{dep}Xp: en las maneras, en las palabras y en los gestos)] Le_i)

Para compreender como esses dois elementos interdependentes se articulam, é fundamental considerar a estrutura *no solo... sino también*. De acordo com Keizer (2018, p. 305), Palavras Gramaticais são unidades morfossintáticas que não correspondem a informações lexicais nos níveis Interpessoal ou Representacional, mas são acionadas por operadores ou funções desses níveis, como os juntores.

Nesse contexto, *no solo* e *sino también* não nomeiam propriedades ou eventos (como fazem os substantivos, adjetivos ou verbos), mas funcionam estruturando o enunciado para

refletir uma orientação argumentativa do Falante, conectando dois elementos por meio de uma relação de contraste. Essa função relacional, sem conteúdo lexical descritivo, justifica a classificação de *no solo* e *sino también* como duas Palavras Gramaticais diferentes.

Do ponto de vista morfossintático, a Expressão Linguística abriga uma Oração copulativa completa (*era elegante en el porte*), à qual se associa, por meio de *sino también*, um segundo constituinte suboracional, representado como *Xp* (*en las maneras, en las palabras y en los gestos*). Ambos os constituintes estão sob o escopo do mesmo predicado e preenchem a mesma posição configuracional na Oração, característica definidora do empilhamento. Veja como isso pode ser representado dentro da GDF:

(5-25c) (Le_i: [(Cl_i: [(Gw_i: no_solo) (Vw: era) (Adj: elegante) (Adpp: en el porte)] Cl_i) (Gw_j: sino_también) (^{dep}Xp: en las maneras, en las palabras y en los gestos)] Le_i)

A ocorrência apresentada em (5-25c) mostra que a Oração (Cl_i) é completa e contém os elementos típicos de uma oração copulativa: a Palavra Gramatical de negação expansiva, o verbo copulativo, o predicativo e o sintagma preposicional. Após esse primeiro membro, a Palavra Gramatical *sino también* introduz um segundo constituinte (representado como *Xp*), que configura Listagem (cf. Keizer, 2015, p. 182), série de sintagmas coordenados (*en las maneras, en las palabras y en los gestos*). Este segundo elemento não constitui uma oração independente, pois não contém um verbo e depende estruturalmente do predicado da oração anterior. Por essa razão, não é possível classificá-lo como uma segunda Oração no NM.

O primeiro elemento (*era elegante en el porte*) também não poderia ocorrer isoladamente em termos comunicativos, pois introduz uma expectativa de continuação: a estrutura com *no solo* ativa um contraste expansivo, e seu uso isolado deixaria a informação incompleta. O segundo segmento (*en las maneras, en las palabras y en los gestos*) também não possui autonomia, já que não contém verbo nem predicação própria, fazendo com que sua interpretação dependa diretamente da estrutura precedente. Assim, o contraste introduzido por *sino* é codificado internamente à Oração, por meio do empilhamento de constituintes suboracionais funcionalmente equivalentes.

A representação morfossintática de casos de dependência entre Orações pode ser feita, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), com a marcação explícita de dependência. Essa marcação é empregada quando ambos os elementos são estruturalmente dependentes entre si, ou seja, nenhuma poderia ocorrer independentemente. Esse tipo de estrutura é formalizado pela

presença do marcador "dep" sobre os constituintes na representação morfossintática da Expressão Linguística (Le_i: [(^{dep}Cl) (^{dep}Xp)] Le_i), como mostra a ocorrência a seguir:

(5-25d) (Le_i: [^{dep}(Cl_i: [(Gw_i: no_solo) (Vw: era) (Adj: elegante) (Adpp: en el porte)] Cl_i)] [^{dep}(Gw_j: sino_también) (Xp_i: en las maneras, en las palabras y en los gestos)] Le₁)

Na ocorrência (5-26), a construção com *no solo... sino* configura um outro caso de Empilhamento suboracional. A Expressão Linguística abriga uma única Oração, no interior da qual se combinam constituintes suboracionais que ocupam a mesma posição funcional, qualificando o mesmo núcleo nominal (*necesidades*).

Do ponto de vista estrutural, *no solo* introduz um Sintagma Adjetival (*económicas*), enquanto *sino* introduz um segundo Sintagma Adjetival coordenado internamente (*morales y físicas*). Ambos os constituintes são dependentes do mesmo núcleo e não apresentam predicação verbal própria, o que os caracteriza como unidades suboracionais, integradas à estrutura da Oração e submetidas ao mesmo escopo sintático.

Esses dois Sintagmas Adjetivais preenchem, de forma sequencial, o mesmo *slot* configuracional no interior da Oração, funcionando como qualificadores do mesmo referente. Se trata, portanto, da sobreposição de constituintes funcionalmente equivalentes, típica do empilhamento. A estrutura pode ser formalizada da seguinte maneira no Nível Morfossintático:

(5-26b) NM: (Le_i: [(^{dep}[(Gw_i: no_solo) Xp_i: (Adj_p: económicas)]] [^{dep}(Gw: sino) (Xp_j: (Adj_p: morales y físicas))]] Le_i)

Nessa representação, a marcação de dependência (*dep*) indica que os dois constituintes não possuem autonomia morfossintática e que sua interpretação depende do mesmo núcleo oracional. Assim, o contraste introduzido por *sino* é codificado internamente à Oração, por meio de um processo de Empilhamento.

Por sua vez, (5-27b), a seguir, mostra uma Expressão Linguística (Le) composta por duas Orações dependentes (^{dep}Cl_i e ^{dep}Cl_j). A primeira Oração (^{dep}Cl₁) é formada por uma Palavra Gramatical composta (Gw₁: no solo), que inicia a construção correlativa, seguida por uma Palavra Verbal (Vw: trabajaba) e um Sintagma Adposicional (Adpp) que expressa a localização da ação. A segunda Oração (^{dep}Cl_j), que completa o par correlativo, é introduzida por outra Palavra Gramatical composta (Gw: sino_que_también), que agrega a conjunção *que* e o advérbio *también* à conjunção *sino*, e contém uma sequência oracional com duas ações principais. Essa oração inclui uma Palavra Verbal (Vw: buscaba), um Sintagma Nominal (Np:

libros perdidos) e Sintagmas Verbais (Vp) com a forma verbal *trataba con anticuarios*. A marcação de dependência (^{dep}Cl_i e ^{dep}Cl_j) reforça que as duas Orações não são estruturas independentes. A correlação introduzida pelas Palavras Gramaticais compostas estabelece um vínculo que justifica sua análise como Equiordenação no interior de uma única Expressão Linguística (Le), como veremos na representação a seguir:

(5-27b) NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_i: [(Gw_i: no_solo) (Vw: trabajaba) (Adpp: en una librería de Aberdeen llamada Stoner))] [((Gw: sino_que_también) (^{dep}Cl_j: [(Vw: buscaba) (Np: libros perdidos) (Vp: y trataba con anticuarios))]] Le_i)

Portanto, observa-se que as construções com *sino*, tanto nas substitutivos com *no...sino* quanto em expansivos como *no solo...sino (que) (también)*, não se distinguem morfossintaticamente em função do valor funcional de substituição ou expansão, mas sim em função do tipo de unidade combinada. No NM, o fator decisivo para a classificação das ocorrências é o estatuto estrutural dos constituintes envolvidos, oracional ou suboracional.

Quando *sino* estabelece a relação entre Orações formalmente completas, cada uma com predicação verbal plena, a construção configura um caso de Equiordenação, caracterizada pela dependência mútua entre as Orações no nível da Expressão Linguística. Nesses casos, os membros combinados mantêm autonomia estrutural suficiente para serem analisados como unidades oracionais equipolentes, ainda que sua interpretação discursiva dependa da relação contrastiva codificada.

Por outro lado, quando *sino* relaciona constituintes suboracionais, como Sintagmas Nominais, Adjetivais, Adposicionais ou Sintagmas Verbais não finitos, o contraste é codificado no interior de uma única Oração, por meio de um processo de Empilhamento. Nesses casos, os constituintes empilhados preenchem sequencialmente o mesmo *slot* funcional e compartilham o escopo do mesmo predicado, não podendo ser interpretados como unidades morfossintáticas independentes.

Dessa forma, tanto as construções com *no...sino* quanto aquelas com *no solo...sino (que) (también)* podem realizar equiordenação ou empilhamento, a depender da natureza estrutural dos elementos combinados.

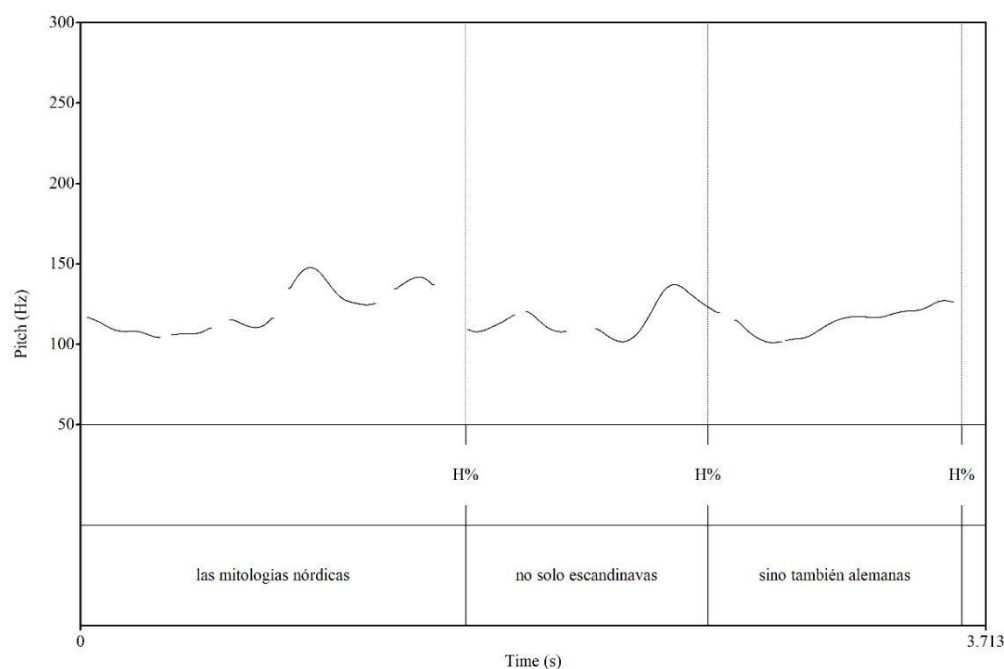
5.2.1.4 Nível Fonológico

Considere as ocorrências a seguir:

- (5-28) simpatizó mucho con el mundo germánico / es decir era un hombre / que conocía muy bien las mitologías nórdicas / ***no solo escandinavas sino también alemanas*** / y que siempre simpatizó mucho / pero sin embargo tenía un aborrecimiento absoluto por los nazis //
- ‘simpatizou muito com o mundo germânico / ou seja, era um homem que conhecia muito bem as mitologias nórdicas não só as escandinavas, mas também as alemãs e que sempre simpatizou muito mas, no entanto, tinha uma aversão absoluta pelos nazistas’
- (5-29) que tan solo un día después de que el Banco Central Europeo redujera los tipos de interés // ***no solo España/ sino Alemania Francia Holanda / e Irlanda*** // anunciaron tasas de inflación por encima de lo esperado // (CORPES)
- ‘que apenas um dia depois de que o Banco Central Europeu reduzisse as taxas de juros não só a Espanha mas também Alemanha, França, Holanda e Irlanda anunciaram taxas de inflação acima do esperado’
- (5-30) es / muy interesante la verdad es que muy interesante / ***no solo para el que le guste un poquito el vino sino para el que quiera enterarse que / igual que es necesario saber viajar también es necesario saber beber***
- ‘é muito interessante, a verdade é que muito interessante não só para quem gosta um pouquinho de vinho mas sim para quem quiser entender que assim como é necessário saber viajar, também é necessário saber beber’

Na ocorrência (5-28), encontramos a estrutura completa *no solo....sino también*, inserida no trecho: “*no solo escandinavas sino también alemanas*”. Esta construção é classificada como um caso prototípico de *sino expansivo*, em que o conector *sino*, acompanhado de *también*, introduz um segundo conteúdo que não substitui o anterior, mas o complementa. Com base nos padrões verificados no corpus, a presença de *también* atua como intensificador aditivo, contribuindo para a sinalização do foco sobre o conteúdo que amplia o primeiro. Veja a ocorrência analisada no programa PRAAT:

Figura 8 - Estrutura ‘no solo...sino también’ no Nível Fonológico

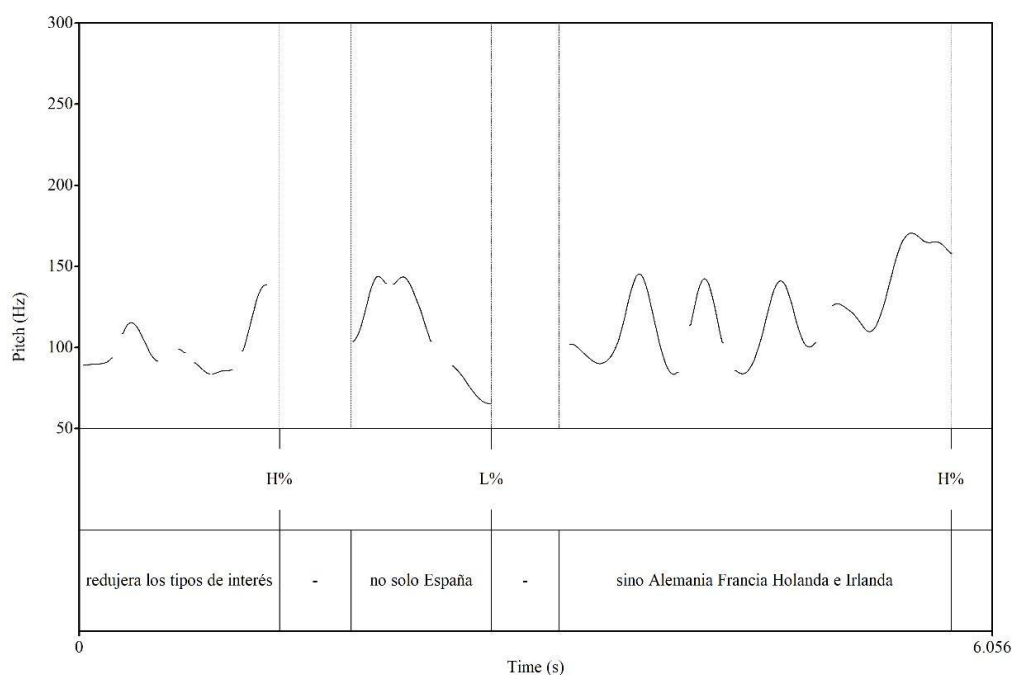


Fonte: autoria própria

A construção *no solo...sino también* é realizada por meio de um contorno entonacional ascendente mais pronunciado, com uma ausência de pausa entre os dois segmentos, elementos que podem ser associados a construções aditivas no espanhol falado. A ausência de pausa, combinada com um tom agudo, tende a sinalizar dependência informacional e continuidade argumentativa, o que corrobora a leitura expansiva. Assim, é possível afirmar que a estrutura fonológica de (5-28) expressa adição, e não substituição, mantendo coesão prosódica entre os conteúdos contrastivos.

A ocorrência (5-29) não apresenta a estrutura completa *no solo...sino también*. O trecho *no solo España, sino Alemania, Francia, Holanda e Irlanda* mostra a ocorrência de múltiplas pausas entonacionais, com variação de tom. Observe a ocorrência analisada pelo programa PRAAT:

Figura 9 - Estrutura ‘no solo...sino’ de (5-29) no Nível Fonológico

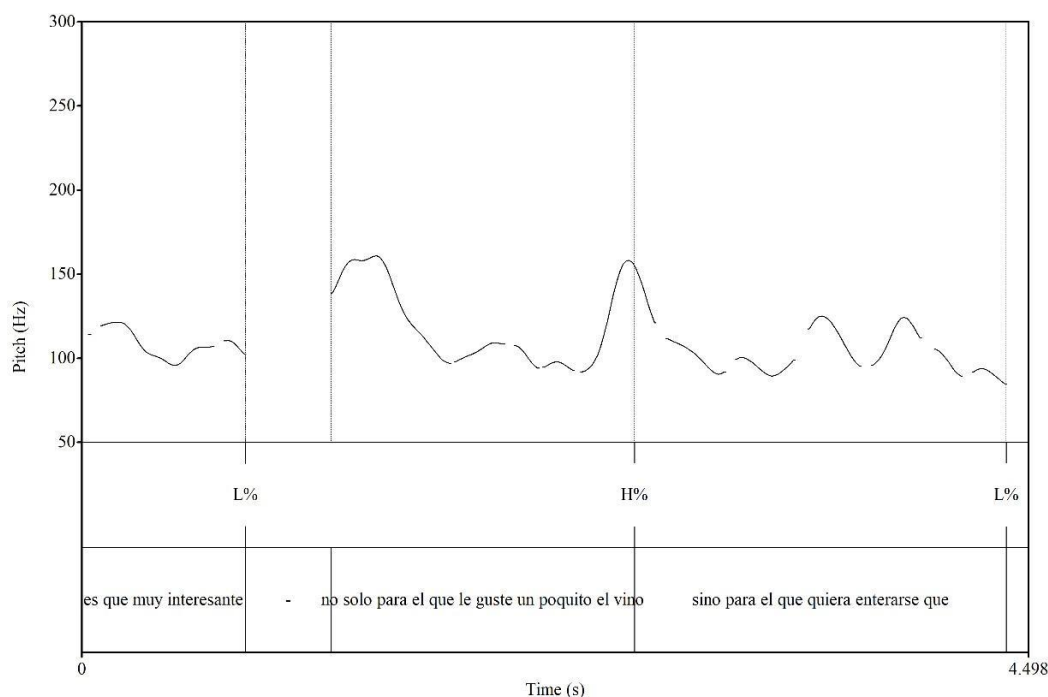


Fonte: autoria própria

A primeira Frase Entonacional do enunciado, anterior à construção contrastiva com *sino*, termina com tom agudo, sugerindo uma relação de dependência retórica e introduzindo expectativa quanto ao conteúdo subsequente. Em seguida, *no solo España* aparece com tom grave e é seguido por pausa, marcando sua independência informacional naquele ponto do discurso. A listagem que se segue em *Alemania, Francia, Holanda e Irlanda* não apresenta pausa entre *sino* e os elementos listados, e todos os itens, com exceção do último, apresentam tom grave, indicando independência de cada item na enumeração. O último item da lista, *e Irlanda*, termina com tom agudo, indicando projeção discursiva e preparando a continuação do enunciado (*anunciaron tasas de inflación...*). Do ponto de vista do Nível Fonológico, essa estrutura demonstra como a prosódia é estrategicamente utilizada para sinalizar contraste aditivo, mesmo sem o uso de *también*, e como a ausência de pausa após *sino* reforça a coesão da expansão informacional.

Por fim, a ocorrência (5-30) ilustra mais um caso de *sino expansivo* sem a presença de *también*. Veja a ocorrência analisada no programa PRAAT:

Figura 10 - Estrutura ‘no solo...sino’ de (5-30) no Nível Fonológico



Fonte: autoria própria

No trecho “*no solo para el que le guste un poquito el vino, sino para el que quiera enterarse que...*”, há duas marcas fonológicas fundamentais: a primeira parte da construção termina com tom agudo, e não há pausa antes da introdução de *sino*. A presença de tom agudo no final de *no solo para el que le guste un poquito el vino* funciona como operador de elevação (rise), indicando que a informação ainda está em construção e que há dependência entre os elementos. A ausência de pausa entre os segmentos reforça a coesão entre eles, sugerindo que o conteúdo introduzido por *sino* está diretamente ancorado na primeira parte. A escolha fonológica do Falante de manter o tom agudo e evitar a pausa reflete a intenção de construir um argumento contínuo, em que o segundo elemento reforça e expande o primeiro, sem que haja ruptura pausas.

Em suma, nas construções com *sino expansivo*, a realização fonológica não segue um padrão único. Ao contrário de *sino substitutivo*, o *sino expansivo* pode ou não ser precedido por pausa, e a entoação da primeira parte pode variar entre tom agudo (indicando dependência dos elementos) e tom grave (sinalizando encerramento da informação). A análise das ocorrências revela essa variabilidade: em (5-30), por exemplo, a construção apresenta ausência de pausa e tom agudo na primeira parte, o que indica uma integração prosódica entre os dois constituintes; já em (5-29), há pausa após *no solo España* e tom grave na entoação, com posterior tom agudo

em *e Irlanda*, marcando continuidade da enumeração e transição para a informação introduzida por *sino*. Esses dados mostram que a realização fonológica do *sino expansivo* é mais sensível à estratégia do Falante e ao contexto de produção do enunciado do que à codificação de uma oposição categórica.

A presença do intensificador *también* nas construções expansivas do tipo *no solo... sino también* atua como operador semântico-pragmático de adição, frequentemente associado à introdução de conteúdo focal no segundo elemento. Embora as análises fonológicas não descrevam uma regra fonológica vinculada ao uso de *también*, é possível inferir que sua presença contribui para a codificação prosódica da função de Foco-Contraste, por meio de contornos ascendentes ou maior proeminência melódica. Ainda assim, essas marcações variam conforme a intencionalidade do Falante e a organização do enunciado, não sendo suficientes, por si só, para delimitar formalmente todas as ocorrências de *sino expansivo*.

Enquanto os usos substitutivos de *sino* apresentam um padrão fonológico mais estável e sistemático, com segmentação entonacional clara e marcação prosódica de contraste, os usos expansivos se caracterizam por maior variabilidade e dependem de fatores discursivos contextuais para sua realização fonológica. O Nível Fonológico, portanto, contribui de maneira importante para a interpretação funcional das construções com *sino*, mas apenas no caso do substitutivo se mostra um marcador categórico. Nos usos expansivos, a prosódia atua como um recurso interpretativo complementar, articulando-se com os demais níveis da GDF para refletir a intenção comunicativa do Falante e a estrutura informacional do discurso.

5.2.2 *No solo no... sino tampoco*: usos de *sino* com expansão negativa

A construção *no solo no... sino tampoco* é formada por seis componentes essenciais: (i) o primeiro operador de negação *no*, (ii) o marcador restritivo *solo*, (iii) o conteúdo negado inicial ($\sim p$), (iv) o juntor *sino*, (v) o advérbio *tampoco* e (vi) o segundo conteúdo igualmente negado ($\sim q$).

A interpretação adequada dessa construção depende da identificação do escopo de cada negação. O primeiro *no* atua diretamente sobre a combinação *solo*, anulando a ideia de que apenas *p* é verdadeiro. Assim como na construção afirmativa *no solo... sino también*, o papel de *solo* é restringir. Entretanto, na expansão negativa, há uma segunda negação que incide diretamente sobre o conteúdo *p*, alterando sua polaridade para negativa. Ou seja, temos uma estrutura em que o escopo da negação se duplica: o primeiro operador de negação (*no*) escopa

solo (realizando uma desrestrição), e o segundo, por sua vez, escopa o conteúdo *p*, negando-o diretamente.

No segundo membro da construção, em que *tampoco* não apenas nega o conteúdo *q*, mas também introduz a noção de adição negativa. Desse modo, *tampoco* não deve ser interpretado apenas como uma forma de negação, mas como um marcador de expansão negativa, que agrega uma segunda negação à já existente, reiterando a estrutura contrastiva e ampliando o escopo da negação para incluir o novo conteúdo.

A presença do juntor *sino* segue exercendo o papel de marcador de contraste entre os dois segmentos, mas não no sentido de substituição (como ocorre em *no p, sino q*), e sim no sentido de adição negativa, relacionando semanticamente dois elementos negados que compartilham a mesma polaridade. Em vez de substituir *p* por *q*, o Falante constrói uma negação ampliada: *não apenas não p, mas também não q*.

5.2.2.1 Nível Interpessoal

Após a análise de ocorrências afirmativas com *sino expansivo*, passamos agora a analisar construções em que a expansão se dá em contexto negativo. Nesses casos, o que se verifica é a presença de várias negações: uma no primeiro membro (*no solo*) e outra no segundo, *sino tampoco*. A ocorrência de tantas negações resulta na estrutura *no solo no...sino tampoco*, equivalente à expressão ‘não só não...mas também não’ em português. Essa construção permite ao falante negar dois elementos simultaneamente, apresentando o segundo como uma continuação da negação iniciada no primeiro e, por isso, sendo considerado expansivo.

Ainda que a polaridade seja diferente, comprovamos que a estrutura pragmática é idêntica: um primeiro elemento é apresentado como ponto de partida e um segundo conteúdo o amplia. Por essa razão, a representação dessas construções, tanto afirmativas quanto negativas, seguirá o mesmo modelo proposto dentro da GDF. Considere a seguinte ocorrência:

(5-31a) — ¿El ex que te dejó por ser demasiado organizada era guapo? —le pregunté a Laura con ese tono de superficialidad que a veces se necesita para tratar estos temas.

— Ni por fuera ni por dentro. *Además, no solo no le gustaba que fuese organizada, sino tampoco que hablase alto [...]* (La cuenta atrás para el verano, CORPES)

‘— O ex que a deixou por ser organizada demais era bonito? -perguntei a Laura com aquele tom de superficialidade que às vezes é necessário para lidar com esses assuntos.

— Nem por fora nem por dentro. Além disso, ele não só não gostava que eu fosse organizada, como também não gostava que eu falasse alto [...].’

Na construção *no solo no le gustaba que fuese organizada, sino tampoco que hablase alto*, observa-se uma típica estrutura de negação expansiva. O Falante apresenta duas informações negativas atribuídas. Para comprovar que a construção constitui um único Ato Discursivo, aplicamos o modificador *yo digo que*, típico da camada do Ato no Nível Interpessoal:

(5-31b) *Yo digo que no solo no le gustaba que fuese organizada, sino tampoco que hablase alto.*

‘*Eu digo que* ele não só não gostava que eu fosse organizada, como também não gostava que eu falasse alto.’

Em (5-31b) observamos que a atuação do modificador *yo digo que* incide sobre toda a estrutura, e não apenas sobre uma das partes isoladamente, o que indica que ambos os elementos são veiculados dentro do mesmo Ato Discursivo.

A camada do Ato Discursivo também pode ser confirmada pela mudança da Ilocução. Ao converter a construção declarativa *no solo no le gustaba que fuese organizada, sino tampoco que hablase alto* em uma interrogativa, vemos que o operador interrogativo incide sobre toda a sequência informativa: *¿No solo no le gustaba que fuese organizada, sino tampoco que hablase alto?* ‘Ele não só não gostava que eu fosse organizada, como também não gostava que eu falasse alto?’. Não se trata de duas perguntas independentes, mas de uma única Ilocução que rege os dois Conteúdos Comunicados. Caso os dois elementos pertencessem a Atos Discursivos distintos, seria necessário recorrer a duas Ilocuções separadas, o que não é o caso aqui.

Além da unidade do Ato Discursivo, é possível comprovar que a construção configura dois Conteúdos Comunicados. Veja o teste com os modificadores:

(5-31c) *No solo realmente no le gustaba que fuese organizada, sino tampoco efectivamente que hablase alto.*

‘Ele não apenas *realmente* não gostava que ela fosse organizada, mas também, *de fato*, que falasse alto.’

A presença de dois modificadores distintos, cada um aplicado separadamente a um Conteúdo Comunicado, comprova que estamos lidando com dois Conteúdos Comunicados. Portanto, propomos a representação a seguir:

(5-31d) (A_I: [(C_I: [(C_I: no le gustaba que fuese organizada) (C_K: no le gustaba que hablase alto)] (C_I))] (A_I))

O primeiro Conteúdo Comunicado introduz uma informação já evocada no contexto

discursivo: o desgosto que o ex-namorado tinha da organização da Falante. Essa informação, por estar ancorada em um conhecimento recuperado da interação, assume a função de Tópico. Além disso, espera-se, a partir deste elemento, que haja uma relação contrastiva com o que foi mencionado, visto que a estrutura *no solo* espera outro elemento em contraposição. Isso comprova a necessidade da função pragmática Contraste. Em seguida, o Falante introduz um segundo Conteúdo Comunicado, que expande o anterior, adicionando um novo aspecto (o fato de ela falar alto), que configura uma informação nova e contrastiva. Esse conteúdo, portanto, desempenha a função de Foco-Contraste, evidenciando que o falante deseja não apenas reiterar a crítica anterior, mas ampliá-la para intensificar sua posição. O juntor *sino tampoco* marca essa continuidade negativa com valor aditivo e contrastivo, integrando ambos os conteúdos em um único Ato Discursivo.

A seguir, apresentamos a representação funcional com a marcação das funções pragmáticas atribuídas aos dois Conteúdos Comunicados internos:

(5-31e) (A_I: [(C_I: [(C_J: no le gustaba que fuese organizada)_{TOP-CONTR} (C_K: no le gustaba que hablase alto)_{FOC-CONTR}] (C_I))] (A_I))

Observa-se que as construções com *no solo... sino también* e *no solo... sino tampoco* compartilham a mesma estrutura pragmática no Nível Interpessoal. Em ambos os casos, temos um único Ato Discursivo, constituído por um Conteúdo Comunicado complexo que é composto de dois Conteúdos Comunicados internos: o primeiro contém função pragmática Tópico-Contraste, evocando uma informação previamente acessível no discurso, enquanto o segundo assume a função de Foco-Contraste, ao introduzir uma ampliação da informação contrastiva. A diferença entre as duas construções, portanto, não está na organização pragmática, mas sim nos níveis mais baixos da Gramática Discursivo-Funcional: no Nível Representacional, em que a polaridade positiva ou negativa afeta a estrutura semântica do conteúdo, e no Nível Morfossintático, em que as escolhas lexicais e a realização gramatical refletem essa oposição. Assim, a distinção entre expansão afirmativa e expansão negativa é devidamente explorada nas seções seguintes, respeitando a arquitetura descendente do modelo teórico adotado.

Embora a construção prototípica da negação expansiva seja realizada com a sequência *no solo no... sino tampoco*, observamos em nosso corpus ocorrências em que o segundo elemento é introduzido apenas por *sino*, sem a presença de *tampoco*. A não ocorrência de *tampoco* não compromete a estrutura pragmática do enunciado, que continua operando como

uma expansão contrastiva dentro de um único Ato Discursivo. No entanto, essa diferença terá implicações no Nível Representacional, como veremos na seção a seguir.

5.2.2.2 Nível Representacional

Ao analisar as ocorrências de *no solo no...sino tampoco* encontradas no corpus, verificamos que todas ocorrem na camada do Estado-de-Coisas. Essa camada é responsável por representar eventos, ações, situações ou estados que podem ser localizados no tempo e no espaço, e que podem ser reais ou hipotéticos. A identificação da atuação de *sino tampoco* nesta camada se baseia na função semântica dessa construção, que envolve a negação de um primeiro e a adição de um segundo, igualmente negado. O elemento *tampoco*, em particular, introduz um novo conteúdo negativo, mas com valor aditivo, ou seja, estende a negação já aplicada ao primeiro elemento. Considere as ocorrências a seguir:

- (5-32a) [...] el DVD en el ordenador y hacer sobre el montaje del director el montaje del espectador, según nuestros intereses. Quedamos así liberados de comprender y, lo que es peor, explicar las secretas y retorcidas intenciones del director. Este punto me importa especialmente. *No sólo no se trata de divertirse, sino tampoco de entender la película.* Más bien, de percibirla, que es algo distinto.
 ‘[...] o DVD no computador e realizar, sobre o corte do diretor, o corte do espectador, de acordo com nossos interesses. Ficamos assim livres de compreender e, o que é pior, de explicar as intenções secretas e retorcidas do diretor. Esse ponto me importa especialmente. Não se trata apenas de divertir-se, tampouco de entender o filme. Trata-se, antes, de percebê-lo, o que é algo diferente.’
- (5-33a) hay quien lleva su respeto por la vida de los animales al extremo: *no solo no tengo derecho a matar, sino tampoco a robarles a las bestias el principio de la vida*, la leche de la que se alimentan, los huevos de los que podrían salir futuros pollos.
 ‘Há quem leve seu respeito pela vida dos animais ao extremo: não apenas não tenho direito de matar, como também não de roubar das bestas o princípio da vida, o leite com que se alimentam, os ovos dos quais poderiam nascer futuros pintinhos.’

Para verificar a camada de atuação dos elementos presentes nas ocorrências (5-32a) e (5-33a), faremos testes com modificadores ou operadores específicos de cada camada. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), modificadores típicos de Estados-de-Coisas incluem expressões que indicam tempo relativo (como “depois da reunião”), lugar (como “em casa”), frequência (como “frequentemente”) e realidade factual (como “de fato”). Além disso, a polaridade negativa (como “não”) é um operador diretamente associado à camada do Estado-de-Coisas.

Podemos ainda aplicar modificadores adicionais de lugar, frequência ou realidade factual, o que confirma esse estatuto. Veja as possibilidades de modificação de (5-32b) a seguir:

(5-32b) **Tempo relativo:** No se trata de divertirse *durante la proyección*, sino tampoco de entender la película *después de verla*.

‘Não se trata de se divertir durante a projeção, tampouco de entender o filme depois de vê-lo.’

Lugar: No se trata de divertirse *en casa*, sino tampoco de entender la película *en el cine*.

‘Não se trata de se divertir em casa, tampouco de entender o filme no cinema.’

Realidade factual: No se trata de divertirse, *en realidad*, sino tampoco entender la película *de hecho*.

‘Não se trata de se divertir, na realidade, tampouco de entender o filme de fato.’

A aplicabilidade de modificadores de tempo, lugar, frequência e realidade, previstos pela GDF como específicos dessa camada comprova que os elementos negados e contrastados pela construção *no solo no...sino tampoco* são, de fato, Estados-de-Coisas. Veremos, a seguir, a representação dessa ocorrência:⁶³

(5-32c) $(\pi \text{ neg } e_i: [(f_i: \text{tratarse}) (x_i: \text{divertirse}) \cup]) \wedge (\text{neg también } e_j: [(f_j: \text{entender}) (x_j: \text{película } x) \cup])$

A representação em (5-32c) apresenta a estrutura *no solo (no p) sino también (no q)*. Em (5-32c), o primeiro Estado-de-Coisas é negado ($\pi \text{ neg}$) e expressa que não se trata de divertir-se. O segundo adiciona outra informação também negada pelo operador *neg también*: entender o filme. Ambas são eventos possíveis, localizáveis no tempo e no espaço, e, portanto, configuram Estados-de-Coisas.

A atuação na camada do Estado-de-Coisas, e não em camadas superiores como o Episódio ou o Conteúdo Proposicional, decorre do tipo de negação envolvida. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a negação da ocorrência de um evento é representada por um operador de negação (*neg*) que incide sobre a camada do Estado-de-Coisas. Além disso, as expressões contrastadas por essa estrutura tendem a compartilhar funções semânticas similares (como exemplo, duas propriedades atribuídas a um mesmo indivíduo), e são, por isso, analisáveis como pertencentes à mesma camada.

Como mencionado na seção anterior, em nosso corpus identificamos também duas ocorrências em que a construção é realizada por *no solo no/no solamente no...sino*, sem a presença do elemento *tampoco*. A ausência da negação no segundo elemento implica

⁶³ Nas representações (26c) a (28c), o segundo elemento apresenta a combinação ‘también neg’ porque o advérbio *tampoco* ‘também não’ aparecerá no Nível Morfossintático.

consequências no Nível Representacional. Mais especificamente, pode não se tratar de uma negação de dois Estados-de-Coisas, como as outras ocorrências analisadas. Veja a ocorrência a seguir:

(5-34a) E: Yo creo que entonces lo que no conoces es el entorno de tu alrededor, porque eso te doy fe de que existe. Sitios donde jugar la partida.

I: Sí.

E: La partidita, como tú dices, o como dicen, los hay. Yo he jugado mucho a la partida, y por eso lo sé.

I: Después de comer, ¿no?

E: Y por cierto, de forma un tanto viciosa. Lo que pasa es que un día me mosqueé, y yo soy de ideas fijas, ¿sabes?, y corté definitivamente. Y ahora ya *no solamente no juego a la partida, sino que les tengo verdadero odio a las cartas.*

I: (Asiente)

E: Perdí la afición por completo. Pero vamos, que yo creo que esos sitios por supuesto que existen. (ALCA, M, 19)

‘E: Eu acho que, na verdade, o que você não conhece é o ambiente ao seu redor, porque eu te garanto que isso existe. Lugares para jogar a partida.

I: Sim.

E: A partidinha, como você diz, ou como dizem, existem. Eu joguei muito a partida, por isso eu sei.

I: Depois do almoço, né?

E: E, aliás, de forma meio viciada. Acontece que um dia eu fiquei irritado, e como sou uma pessoa de ideias fixas, sabe? eu parei de vez. E agora não só não jogo mais, como tenho verdadeiro ódio de cartas.

I: (Concorda)

E: Perdi totalmente o gosto. Mas enfim, eu acho que esses lugares, claro que existem.’

A estrutura em (5-34a) contém dois construtos mentais, isto é, Conteúdos Proposicionais, construtos mentais que podem ser esperados ou questionados. Uma forma de comprovar que uma unidade é um Conteúdo Proposicional é verificar se ela pode ser modificada por expressões (lexicais) ou operada por elementos (gramaticais) que especificam a atitude proposicional do Falante:

(5-34b) Y ahora ya no solamente *evidentemente* no juego a la partida...

‘e agora já não só evidentemente não jogo a partida...’

sino que *sin duda* les tengo verdadero odio a las cartas.

‘mas que *sem dúvida* tenho verdadeiro ódio às cartas.’

Apresentaremos os testes com modificadores que expressam atitude proposicional para comprovar que uma camada atua no Conteúdo Proposicional.

(5-34c) (p_i: (neg (ep_i: (e_i: (s_i: [(f_j: jugar) (x_i)_A (x_j: partida x)_U] s_i) e_i) ep_i)) p_i) ∧ (p_j: (pos (ep_j: (e_j: (s_j: [(f_j: tener) (x)_U (x_k: (f_k: odio): (f_i: verdadero) (x_i)_U (x_l: cartas x)_{All}] s_j) e_j) ep_j)) p_j)

Dentro do primeiro Conteúdo Proposicional p_1 , encontramos um Episódio (ep_i) que contém um Estado-de-Coisas (e_i), cujo núcleo é o verbo *jogar*. A negação *no* recai sobre todo esse Conteúdo Proposicional, sinalizando que a ação de jogar, antes praticada, já não ocorre. O Ativo da ação é o Indivíduo (x : yo), enquanto *la partida* ocupa o papel de Inativo, ou seja, é o alvo ou a entidade afetada pela ação.

Dentro do segundo Conteúdo Proposicional p_2 , temos um novo Episódio (ep_j) e um novo Estado-de-Coisas (e_j). Veja que, nesta ocorrência, foi possível acrescentar a polaridade positiva (pos), visto que não se trata de um Estado-de-Coisas. A emoção do Falante é representada como um Indivíduo (x_k), com a propriedade lexical *odio* (ódio), que é modificada por *verdadero* ('verdadeiro'). Esse modificador aparece na estrutura como uma Propriedade (f_i) que incide sobre o núcleo *odio* (f_k). Por fim, *a las cartas* especifica o alvo da emoção, sendo representado com uma função direcional (Alativo, All), pois indica a quem ou a que o sentimento é direcionado.

A estrutura total, portanto, é composta por dois Conteúdos Proposicionais, cada um representando uma polaridade diferente. O uso de *sino que* indica não uma simples substituição, mas uma progressão argumentativa: o falante não apenas deixou de jogar, como desenvolveu um sentimento negativo intenso. A representação formal reflete essa organização, evidenciando a relação entre os dois Conteúdos e a forma como os participantes e predicções se articulam semanticamente.

5.2.2.3 Nível Morfossintático

Em *no solo no...sino tampoco*, os membros combinados podem ser Orações ou Sintagmas, de modo que o primeiro membro é sempre uma Oração. Assim como na estrutura de *sino* com expansão aditiva, os dois membros combinados são dependentes, compondo uma única Expressão Linguística. Esta configuração, em que unidades interdependentes são adicionadas na mesma camada da Expressão Linguística, é um caso Equiordenação.

Tabela 2 - Configuração morfossintática das estruturas com *sino* em negação expansiva

Tipo	1º membro	2º membro	Ocorrência
1	Oração (Cl)	Oração (Cl)	5-35
2	Oração (Cl)	Sintagma (Xp)	5-36

Fonte: autoria própria

A Tabela 2 mostra que, nas construções com *sino* expansivo negativo (*no solo no... sino tampoco*), o primeiro membro é sempre uma Oração (Cl), enquanto o segundo elemento pode ser tanto por uma Oração quanto por um Sintagma, mantendo-se, assim como em todos os casos de *sino* expansivo, uma relação de interdependência estrutural entre os constituintes. A seguir, apresentamos as ocorrências (5-35) e (5-36), respectivamente:

(5-35) Y ahora ya **no solamente no juego a la partida, sino que les tengo verdadero odio a las cartas.** (PRESEEA)

‘E agora não só não jogo mais, como tenho verdadeiro ódio de cartas’

NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_i: [(Gw_i: no_solamente_no) (Vw: juego) (Adpp: a la partida)]] (Gw_j: sino_que) (^{dep}Cl_j: [(Vw: tengo) (Np: verdadero odio) (Adpp: a las cartas)]]] Le₁)

(5-36) La ciencia **no solo es incapaz de explicar científicamente sus fundamentos (lógicos, epistêmicos, ontológicos, axiomáticos), sino tampoco a sí misma.** (CORPES)

‘a ciência não é apenas incapaz de explicar cientificamente seus fundamentos (lógicos, epistêmicos, ontológicos, axiomáticos), mas também a si mesma.’

NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_i: [(Gw₁: no_solo) (Vw: es) (Adjp: incapaz) (Vinfp: de explicar científicamente sus fundamentos)]] (Gw_j: sino_tampoco) (^{dep}Xp_j: (Pronp: a sí misma))] Le_i)

A estrutura mostrada em (5-35) envolve uma Expressão Linguística (Le₁) composta por duas Orações dependentes (dep). A primeira Oração (^{dep}Cl_i) é introduzida por uma Palavra Gramatical composta (Gw_i: no_solamente), que agrega um operador de negação e contraste, e contém uma Palavra Verbal (Vw: juego) seguida de um Sintagma Adposicional (Adpp: a la partida). A segunda Oração (^{dep}Cl_j), introduzida pela Palavra Gramatical composta (Gw_j: sino_tampoco), é formada por uma nova Palavra Verbal (Vw: tengo), acompanhada de um Sintagma Nominal (Np: verdadero odio) e outro Sintagma Adposicional (Adpp: a las cartas). Os dois elementos são marcados como dependentes (^{dep}Cl_i e ^{dep}Cl_j), indicando que sua combinação é necessária para a formação da Expressão Linguística, sendo que nenhum dos membros pode ocorrer independente do outro.

A ocorrência (5-36) é representada como uma Expressão Linguística (Le₁) que abriga uma única Oração, no interior da qual se estabelece um processo de Empilhamento suboracional. A estrutura não conecta Orações independentes, mas combina constituintes de estatuto morfosintático distinto, integrados sob o escopo do mesmo predicado.

O primeiro membro corresponde a uma Oração dependente (*depCl_i*), iniciada pela Palavra Gramatical composta (*Gw_i*: no_solo), seguida do verbo copulativo (*Vw*: es), de um Sintagma Adjetival (*Adjp*: incapaz) e de um Sintagma Verbal Infinitivo (*Vinfp*: de explicar

científicamente sus fundamentos), que juntos constituem a predicação principal da Oração. O segundo membro é introduzido pela Palavra Gramatical composta (*Gwj*: *sino_tampoco*) e consiste em um Sintagma Pronominal (*Pronp*: *a sí misma*), que não apresenta predicação verbal própria e depende estruturalmente do verbo *explicar* recuperável do primeiro membro.

A marcação de dependência (*depCl_i* e *depXp_j*) indica que os constituintes não possuem autonomia morfossintática e que sua interpretação se dá sob o escopo de um mesmo núcleo predicator. Não se trata, portanto, de uma equiordenação entre unidades oracionais equipolentes, mas da sobreposição de um constituinte suboracional a uma estrutura oracional, ambos preenchendo o mesmo *slot* funcional de complemento do verbo *explicar*.

Dessa forma, o contraste introduzido por *sino* é codificado internamente à Oração, por meio de um processo de Empilhamento, no qual um complemento negado é substituído por outro funcionalmente equivalente.

Como mencionamos, duas exceções foram encontradas em nosso corpus, como podemos ver em (5-37):

- (5-37) no ya en nuestro ámbito geográfico provincial o regional, sino tampoco en nuestro país.
(CORPES)
'não apenas em nossa área geográfica provincial ou regional, mas também em nosso país.'

NM: (Le_i: [(^{dep}Xp_j: [(Gw_i: no_ya) (Adpp: en nuestro ámbito geográfico provincial o regional)]) (Gw_j: sino_tampoco) (^{dep}Xp_j: (Adpp: en nuestro país))]) Le_i)

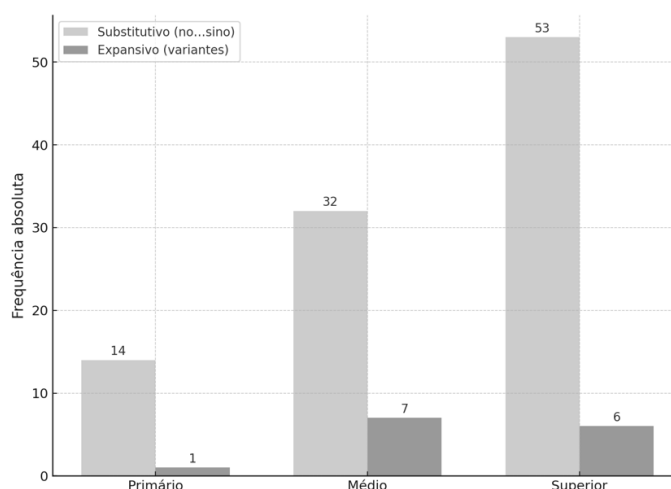
A construção mostrada em (5-37) mantém a estrutura de uma Expressão Linguística (Le) composta por dois Sintagmas dependentes (^{dep}Xp). A diferença principal em relação à configuração prototípica *no solo no...sino tampoco* está na forma da Palavra Gramatical (Gw_i) composta que introduz o primeiro membro. Em vez de *no solo no*, a construção utiliza *no ya* (não mais). Apesar dessa redução formal, a estrutura geral da expressão não se altera: o primeiro constituinte é representado como um Sintagma Preposicional (Adpp) dependente, e o segundo, introduzido por *sino tampoco*, é igualmente um Adpp dependente. Ambos requerem interpretação conjunta, o que justifica sua representação como Equiordenação entre dois sintagmas dependentes. Portanto, a ausência da segunda negação explícita não compromete a natureza da construção no NM, visto que a negação em (5-37) escopa toda a Oração. Desta maneira, a única modificação é a da composição interna da Palavra Gramatical no primeiro membro, mantendo-se inalterada a configuração estrutural da Expressão Linguística.

O que difere as construções *no solo... sino tampoco* da construção prototípica *no solo no... sino tampoco* diz respeito às exigências morfossintáticas impostas ao primeiro constituinte

da estrutura. Nos casos prototípicos com *no solo no* no primeiro elemento, o uso da dupla negação (*no solo no*) requer a realização de uma Oração (Cl) no primeiro membro. Isso ocorre porque a segunda negação escopa toda a Oração, com verbo finito e complementos. Por outro lado, nas construções como *no solo... sino tampoco*, a ausência da segunda negação (*no*) atenua essa exigência formal. Nesse padrão, observa-se que o primeiro membro pode ser um Sintagma (Xp), como vimos em *en nuestro ámbito regional, en nuestro país*. A estrutura, nesse caso, não demanda um predicado completo, e a correlação entre os membros pode ocorrer entre Sintagmas de mesma categoria.

Assim, conclui-se que é a estrutura da construção prototípica de *sino* expansivo negativo pode ser representada como *no solo (no) p, sino tampoco (q)*, ou, em termos lógicos, *no solo ($\sim p$), ($\sim q$)*, em que ($\sim$) indica negação. Nessa configuração, o primeiro operador *no* escopa o primeiro elemento, realizando uma desrestrição que anula a exclusividade do primeiro conteúdo. O segundo operador *no* escopa diretamente o conteúdo *p*, negando-o como uma proposição completa. A presença dessa dupla negação, portanto, impõe exigências formais específicas à construção, exigindo que o primeiro membro seja uma Oração completa para que a negação possa escopar todo o seu conteúdo. Em contraste, nas construções em que a segunda negação está ausente (*no solo p, sino tampoco q*), não há incidência direta de negação sobre o conteúdo *p*, o que permite maior flexibilidade categorial e possibilita que o operador *no* escope o operador de restrição e o elemento que vem a seguir, permitindo que ambos os membros sejam realizados por Sintagmas (Xp) de mesma categoria. A distribuição escopal das negações, portanto, é o fator que condiciona a construção realizada.

Além das distinções funcionais descritas até aqui, consideramos importante destacar um dado de perfil social identificado no PRESEEA, relacionado ao nível de escolaridade dos falantes, embora esta pesquisa não tenha como base teórica a Sociolinguística. Observe a figura a seguir:

Figura 11 - Usos de *sino* no corpus PRESEEA de acordo com o nível de escolaridade

Fonte: autoria própria

Observa-se que o uso substitutivo (*no...sino*) é majoritário em todos os grupos, com maior incidência entre falantes de nível superior (53 casos), seguido pelos de nível médio (32 casos) e primário (14 casos). Já as construções expansivas, embora numericamente mais restritas, aparecem de forma relativamente mais recorrente entre falantes com nível médio (7 ocorrências) e superior (6), em contraste com apenas um caso no nível primário. O gráfico mostra, portanto, que a escolha entre substituição e expansão não se explica apenas por fatores gramaticais, mas também sofre condicionamento sociolinguístico, associado ao nível de escolaridade. Esse resultado indica que, embora o uso substitutivo se mantenha majoritário em todos os grupos, a expansão tende a ser mais produtiva entre falantes com maior escolaridade, o que sugere que fatores sociais também condicionam o uso do *sino* em uma estrutura correlativa no espanhol peninsular.

Complementando esta descrição funcional, os dados do PRESEEA revelam que, embora o uso substitutivo seja mais frequente em todos os grupos de escolaridade, a expansão tende a ser mais produtiva entre falantes com nível médio e superior. Esse resultado quantitativo sublinha que as escolhas linguísticas entre Empilhamento e Equiordenação não dependem apenas de fatores internos (como a polaridade e o escopo da negação), mas são também condicionadas por fatores sociais, oferecendo assim uma visão abrangente da atuação de *sino* no espanhol peninsular.

5.3 RESUMO

A análise das construções com *sino* no espanhol peninsular evidencia a articulação entre os níveis de formulação e codificação propostos pela Gramática Discursivo-Funcional. Foram distinguidos dois usos principais: substitutivo (*no...sino*) e expansivo (*no solo...sino también*).

No uso substitutivo, a construção configura-se no Nível Interpessoal como um único Ato Discursivo, em que o conteúdo negado desempenha a função pragmática de Foco, enquanto o elemento introduzido por *sino* assume a função de Foco-Contraste, representando a informação considerada adequada pelo falante. No Nível Representacional, por sua vez, *sino* conecta unidades da mesma categoria semântica, como Estados-de-Coisas ou Propriedades, e a negação atua como mecanismo de substituição. No Nível Morfossintático, as construções com *sino* não recebem uma formalização única, uma vez que sua representação depende do estatuto estrutural das unidades combinadas. Quando *sino* relaciona constituintes suboracionais, a construção é formalizada como um caso de Empilhamento (stacking). Quando, por outro lado, *sino* estabelece a relação entre Orações formalmente completas, cada uma com predicação verbal plena, a construção é analisada como um caso de Equiordenação, caracterizada pela dependência mútua entre as Orações no nível da Expressão Linguística. Nessas configurações, *sino* atua como Palavra Gramatical (Gw), desempenhando uma função relacional ao articular constituintes estruturalmente equivalentes, sem introduzir conteúdo lexical próprio. No Nível Fonológico, a substituição é reforçada por uma pausa entre os segmentos e por contornos entonacionais ascendentes que marcam a oposição contrastiva.

Nos usos expansivos, por sua vez, representados por *no solo...sino también* e *no solo no...sino tampoco*, a construção também constitui um único Ato Discursivo, mas com uma organização pragmática distinta. O primeiro membro (introduzido por *no solo*) apresenta-se como Tópico-Contraste, pois recupera informação já acessível no discurso, enquanto o segundo elemento assume a função de Foco-Contraste, ampliando a informação anterior. No NR, a negação deixa de expressar exclusão e passa a atuar como desrestrição, adicionando um novo elemento de mesma categoria. O comportamento no NM segue o mesmo princípio estrutural. Quando a Palavra Gramatical *sino* conecta Orações, a construção é formalizada como Equiordenação. Em contrapartida, quando *sino* relaciona constituintes suboracionais, a estrutura é analisada como um caso de Empilhamento. Assim, no NM, os usos expansivos não se definem pela presença de elementos correlativos, mas pela natureza formal das unidades combinadas. De modo geral, as análises realizadas confirmam que o comportamento de *sino* não pode ser reduzido a uma única categoria gramatical. A GDF permite observar que os usos substitutivos e expansivos se distinguem quanto à forma de organização da informação e às

estratégias de contraste, revelando um juntor multifuncional que opera tanto pela substituição quanto pela ampliação de informação.

Em síntese, destacamos da análise: a (i) distinção, a partir de uma análise discursivo-funcional, de *sino* substitutivo e expansivo; (ii) formalização da expansão como Equiordenação, não prevista de modo explícito nas gramáticas de referência do espanhol; (iii) características prosódicas específicas para cada caso. Esses avanços comprovam a aplicabilidade da GDF para tratar de construções contrastivas na língua espanhola.

6 CONCLUSÕES

O objetivo central desta tese foi investigar as motivações funcionais das construções com *sino*, distinguindo e descrevendo seus diferentes usos e demonstrando como se articulam os fatores pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos na expressão do contraste.

As análises realizadas confirmaram as hipóteses iniciais da pesquisa. A hipótese central, de que as construções com *sino* atuam predominantemente no Nível Interpessoal e configuram um único Ato Discursivo, foi confirmada. Diferentemente de *pero*, que conecta Atos Discursivos de estatuto desigual, *sino* reorganiza a informação dentro de um único Ato.

A hipótese secundária, segundo a qual os diferentes usos de *sino* gerariam processos morfossintáticos distintos, confirma-se parcialmente à luz dos resultados obtidos. A análise desenvolvida no Nível Morfossintático demonstra que a distinção entre usos substitutivos e expansivos não se projeta de forma direta sobre os mecanismos formais de codificação, uma vez que ambos os usos podem ser realizados por Empilhamento ou por Equiordenação.

Os dados mostram que os processos morfossintáticos observados estão diretamente relacionados à natureza oracional ou suboracional dos constituintes envolvidos, e não ao valor funcional de substituição ou expansão identificado nos níveis Interpessoal e Representacional. Assim, quando *sino* estabelece a relação entre Orações, a construção é formalizada como Equiordenação oracional; quando, por outro lado, relaciona constituintes suboracionais, o contraste é codificado por meio de Empilhamento, no interior de uma única Oração.

Dessa forma, a hipótese inicial é reformulada: os diferentes usos de *sino* não determinam, por si só, processos morfossintáticos distintos, mas interagem com a estrutura das unidades combinadas.

A construção substitutiva com *sino* (*no...sino*) caracteriza-se por expressar a rejeição de uma informação e sua substituição por outra considerada mais adequada pelo falante, funcionando, portanto, como um mecanismo de reorganização informacional no discurso. No Nível Interpessoal, a estrutura configura-se como um único Ato Discursivo, composto por um Conteúdo Comunicado complexo que contém dois Conteúdos internos: o primeiro, negado, que exerce função pragmática de Foco, por destacar a informação refutada, enquanto o segundo, introduzido por *sino*, desempenha a função de Foco-Contraste, ao apresentar a alternativa válida e substituir a anterior.

No Nível Representacional, *sino* conecta unidades da mesma categoria semântica, como Episódios, Estados-de-Coisas ou Propriedades, e a negação atua como operador de substituição, incidindo sobre a camada semântica relevante em cada contexto.

Por fim, no Nível Fonológico, a substituição é reforçada por uma pausa perceptível após o segmento negado e por contornos entonacionais ascendentes no início do segundo membro, os quais assinalam a oposição e orientam a interpretação contrastiva. Essa articulação entre os quatro níveis confirma o funcionamento de *sino* substitutivo como operador de substituição informacional no espanhol peninsular.

Para retomar cada aspecto, o Quadro 15 sintetiza os padrões identificados e explicita, de forma comparável, o que a análise funcional acrescenta às abordagens tradicionais:

Quadro 15 - A construção *no...sino* na GDF

Nível	Descrição
Interpessoal	A construção forma um único Ato Discursivo, com um Conteúdo Comunicado complexo (C ₁) que contém dois Conteúdos Comunicados (C ₂ e C ₃); Contém função pragmática Foco (FOC) no primeiro elemento e Foco-Contraste (FOC-CONTR) no segundo.
Representacional	A negação pode recair sobre diferentes camadas (p, ep, e, etc); <i>Sino</i> conecta dois elementos de mesma categoria semântica, marcando substituição.
Morfossintático	A estrutura é formalizada como Empilhamento quando há combinação de constituintes suboracionais dependentes no interior de uma única Oração. A estrutura é formalizada como Equiordenação quando há combinação de duas Orações no nível da Expressão Linguística. <i>Sino</i> atua como Palavra Gramatical (Gw).
Fonológico	A substituição se manifesta com pausas após o segmento negado e contorno ascendente no segundo elemento, organizando-se em Frases Entonacionais.

Fonte: Autoria própria

Tomando esse padrão como referência, passamos aos usos expansivos. Nos usos expansivos, o primeiro membro, quando introduzido por *solo*, desempenha a função de Tópico-Contraste, por se tratar de informação dada, mas recontextualizada, ao passo que o segundo elemento assume a função de Foco-Contraste. Quando *solo* está ausente (*no...sino también*), ambos os membros assumem a função de Contraste. Esse resultado mostra que o contraste é organizado informacionalmente e qual é o estatuto da informação evocada em cada membro da construção.

A análise no Nível Representacional também permite avançar na descrição do funcionamento de *sino*. Mostrou-se que a negação associada ao *juntor* pode incidir sobre diferentes camadas semânticas. Um caso específico é o de *no solo no...sino tampoco*, em que a dupla negação incide predominantemente sobre a camada do Estado-de-Coisas, sendo reforçada no segundo membro pela presença de *tampoco*. Essa descrição evidencia que *sino* conecta sempre unidades da mesma categoria semântica e que a escolha da camada atingida pela negação altera a interpretação discursiva. Trata-se de uma contribuição para esclarecer como a interação entre polaridade e contraste se formaliza semanticamente no espanhol.

No Nível Morfossintático, a análise revela uma contribuição original desta tese: a classificação de seus usos em termos de Equiordenação. A identificação da Equiordenação para os usos expansivos é uma contribuição central, pois revela que os dois membros são interdependentes, necessitando um do outro para constituir uma construção completa e semanticamente coerente.

Adicionalmente, esta pesquisa identificou uma restrição morfossintática original para a construção prototípica de *sino* expansivo negativo *no solo no...sino tampoco*: a exigência de uma Oração completa no primeiro membro. Essa restrição é explicada pelo escopo da dupla negação, que incide sobre o conteúdo da oração, diferenciando-a de outras variações e consolidando o NM como um nível importante que consegue identificar a diferença dessas construções como correlativas.

Por fim, no Nível Fonológico, esta pesquisa concebe a prosódia como recurso de codificação do contraste, aspecto pouco explorado na descrição de *sino*. Os aspectos prosódicos foram importantes para reconhecer o contraste em construções com *sino*. Elementos prosódicos, como pausas e contornos entonacionais, mostram que as distinções funcionais definidas nos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático se manifestam no NF. No caso do *sino* substitutivo, o NF identifica a pausa após o elemento negado e o contorno ascendente no início do segundo membro sinalizam a oposição. Assim, a prosódia confirma o reflexo da organização informacional, formulada no NI e NR e estruturada no NM.

O Quadro 16 reúne a análise dessas construções:

Quadro 16 - A construção *no solo...sino También* na GDF

Nível	Descrição
Interpessoal	A construção forma um único Ato Discursivo, composto por um Conteúdo Comunicado complexo que contém dois Conteúdos Comunicados internos;

	O primeiro membro, introduzido por <i>no solo</i>, assume a função pragmática de Tópico-Contraste (TOP-CONTR), pois retoma uma informação já acessível no discurso e a coloca em oposição ao que se segue; O segundo membro, introduzido por <i>sino también</i>, assume as funções de Foco-Contraste (FOC-CONTR), apresentando uma informação nova e ampliada que se destaca em relação à primeira.
Representacional	A negação incide sobre o primeiro elemento, anulando sua exclusividade e abrindo espaço semântico para a adição da informação subsequente; O juntor <i>sino</i> conecta duas unidades de mesma categoria semântica (sejam Conteúdos Proposicionais, Estados-de-Coisas, Propriedades ou Lugares), estabelecendo uma relação semântica de adição ($\wedge$).
Morfossintático	A estrutura é formalizada como Empilhamento quando há combinação de constituintes suboracionais dependentes no interior de uma única Oração; A estrutura é formalizada como Equiordenação quando há combinação de duas Orações no nível da Expressão Linguística; O juntor <i>no solo...sino también</i> atua como Palavra Gramatical composta (Gw)
Fonológico	É responsável por estruturar as informações prosódicas, e para construções contrastivas, pausas e contornos entonacionais são recursos fundamentais para marcar a relação de adição e contraste entre os elementos.

Fonte: Autoria própria

O Quadro 17, apresentado a seguir, reúne os diferentes padrões de uso do juntor *sino* em estruturas contrastivas no espanhol peninsular, conforme observadas em nosso corpus e analisadas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional:

Quadro 17 - Tipos de construções com *sino*: representação nos níveis da GDF

Estrutura	Valor	NI	NR	NM ⁶⁴
No...sino	Substituição	$(V_1)_{\text{Foc}}$ $(V_2)_{\text{Foc-Contr}}$	$(\text{neg } V_1) (V_2)$	Cl: $[(V_1: \text{Gw: no})$ $(\text{Gw: sino } V_2)]$
No solo...sino también	Expansão	$(V_1)_{\text{TOP-CONTR}}$ $(V_2)_{\text{FOC-CONTR}}$	$(\text{neg } V_1) \wedge (V_2)$	Le: $[(^{\text{dep}}V: \text{Gw: no_solo } V_1) (\text{Gw: sino_también, } ^{\text{dep}}V_2)]$
No solo...sino	Expansão	$(V_1)_{\text{TOP-CONTR}}$ $(V_2)_{\text{FOC-CONTR}}$	$(\text{neg } V_1) \wedge (V_2)$	Le: $[(^{\text{dep}}V_1: \text{Gw: no_solo } V_1) (\text{Gw: sino } ^{\text{dep}}V_2)]$

⁶⁴ Se as unidades forem sintagmas, a codificação ocorre na camada Cl (Oração/Empilhamento); se forem orações completas, ocorre na camada Le (Expressão Linguística/Equiordenação).

No...sino también	Expansão	(V ₁) _{CONTR} (V ₂) _{CONTR}	(negV ₁) ∧ (V ₂)	Le: [(^{dep} Cl ₁ : Gw: no V ₁) (Gw: sino_también, ^{dep} V ₂)]
No solo no...sino	Expansão (negada)	(V ₁) _{TOP- CONTR} (V ₂) _{FOC- CONTR}	(negV ₁) ∧ (pos V ₂)	Le: [(^{dep} Cl ₁ : Gw: no_solo_no, V ₁) (Gw: sino, ^{dep} V ₂)]
No solo no...sino tampoco	Expansão (negada)	(V ₁) _{TOP- CONTR} (V ₂) _{FOC- CONTR}	(negV ₁) ∧ (neg también V ₂)	Le: [(^{dep} Cl ₁ : Gw: no_solo_no V ₁) (Gw: sino_tampoco, ^{dep} V ₂)]
No solo...sino tampoco	Expansão (negada)	(V ₁) _{TOP- CONTR} (V ₂) _{FOC- CONTR}	(negV ₁) ∧ (neg también V ₂)	Le: [(^{dep} V ₁ : Gw: no_solo V ₁) (Gw: sino_tampoco, ^{dep} V ₂)]

Fonte: Autoria própria

O Quadro 17 mostra a organização das construções segundo suas funções pragmáticas atribuídas ao NI, os traços de polaridade no NR, bem como a configuração no NM, com destaque para os tipos de unidades envolvidas e a estrutura linear dos constituintes. Essa sistematização permite visualizar de forma comparada as diferentes construções realizadas com *sino*, distinguindo os usos substitutivos dos usos expansivos afirmativos e negativos.

Por fim, os resultados obtidos demonstram que o modelo gramatical da Gramática Discursivo-Funcional, estruturado em níveis e camadas hierárquicos e organizados de modo descendente, mostra-se eficiente para descrever os processos de formulação e codificação das estruturas adversativas, permitindo compreender seu funcionamento com base em suas particularidades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas

Espera-se que os resultados alcançados neste trabalho sirvam de incentivo para novas pesquisas sobre o jutor *sino* e sobre o contraste em diferentes línguas, a partir da perspectiva discursivo-funcional. O aprofundamento dessas análises pode contribuir para ampliar a compreensão das relações de adversidade, especialmente no âmbito das línguas românicas, além de colaborar com o ensino de espanhol como língua estrangeira, ao oferecer instrumentos teóricos e contextualizados para a compreensão do uso de conectores adversativos.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de gramática funcional del español*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1980.
- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. (Colección Nebrija y Bello).
- ÁLVAREZ A. I. Las construcciones consecutivas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Ed.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. v. 2, p. 4749–4797.
- ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. *La argumentación en la lengua*. Madrid: Gredos, 1994. (Tradução da obra original de 1983).
- ARÍAS, X. *Dario a diario*. 1. ed. Santiago de Compostela: Xerais, 1996.
- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BARLOW, M. *MonoConc Pro*: versão 2.2. Houston: Athelstan, 2000. Disponível em: <<https://www.monoconc.com>>. Acesso em: jun 2023.
- BDS: *Base de Datos Sintácticos del español actual*. Disponível em: <<http://www.bds.usc.es/>>
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BOSQUE, I.; GUTIÉRREZ-REXACH, J. *Fundamentos de sintaxis formal*. Madrid: Akal, 2009.
- BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Part 1: Approaches to the Simplex Clause. Amsterdam: John Benjamins, 2003a.
- BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Part 2: From Clause to Discourse and Beyond. Amsterdam: John Benjamins, 2003b.
- BUTLER, C. S.; TAVERNIERS, M. Layering in structural-functional grammar. *Linguistics*, [S.l.], v. 46, n. 4, p. 689–756, 2008.
- CAMACHO, J. La coordinación. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo II. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2670-2673.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

CAMPOS, D. C. A correlação de negação e contraste no português brasileiro. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CAMPOS, D. C.; NOVO, I. R. Correlação de negação e contraste. In: ROSARIO, I. C. (org.). *Correlação em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2024. p. 213-238.

CASTILHO, A. T. de. 2010. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.

CERVANTES, M. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Parte II. [S.l.]: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, [s.d.]. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-ingenioso-hidalgo-don-quijote-de-la-mancha--13/html/ff0dcf4a-82b1-11d1df-acc7-0002185ce6064_8.html. Acesso em: 1 maio 2025.

CONTI JIMÉNEZ, C. *Coordinación y cláusulas adversativas: problemas clasificatorios y propuesta de análisis*. Jaén: Universidad de Jaén, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIK, S. C. *Functional Grammar*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1978

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Pt I: The Structure of the Clause. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Pt I: The structure of the clause. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

DUCROT, O. *Dizer-não dizer, princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ECHAIDE, A. M. La coordinación adversativa en español: aspecto sincrónico. *Revista de Filología Española*, Madrid, v. 57, n. 1-4, p. 1-33, 1974-1975.

FANJUL, A. La conectividad en adversativas del español y del portugués en contextos negativos de refutación y de restricción. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 21, n. 2, p. 123-141, 2021.

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 3805-3878. v. 3: Entre la oración y el discurso.

FUENTES RODRÍGUEZ, C. Pero/sino y la orientación argumentativa. *Pragmalingüística*, Cádiz, n. 5-6, p. 119–151, 1997-1998.

GALVÃO PASSETTI, G. H.; PEZATTI, E. G. A coordenação adversativa substitutiva “não x, mas y”: uma análise discursivo-funcional para o apagamento sintático. *ALFA: Revista de*

Linguística, São Paulo, v. 67, 2023. p. 1-28.

GARCÍA BERRIO, A. Bosquejo para una descripción de la frase compuesta en español. *Anales de la Universidad de Murcia*, Murcia, v. 28, n. 3-4, p. 209–231, 1969-1970.

GARCIA, T. S.; PEDRO, C. C. O alinhamento entre os níveis da Gramática Discursivo-Funcional em orações introduzidas por *pero* no espanhol. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 50, n. 3, p. 1083–1098, 2021.

GARCIA, T. S.; PEDRO, C. C. Usos de *pero bueno*, *pero vamos* e *pero claro* no espanhol peninsular coloquial. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 387–406, 2023.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 13. ed. Barcelona: Vox, 2002.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. v. II.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; MÓDOLO, M. Não só semântica, como também pragmaticamente: uma análise cognitivo-funcional de construções correlatas no Português Brasileiro. *Guavira Letras*, Três Lagoas, MS, n. 22, p. 48–65, jan./jun. 2016.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Negation in Functional Discourse Grammar. In: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (org.). *Recent developments in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. (Studies in Language Companion Series, v. 205). p. 18-45.

HENGVELD, K.; OLBERTZ, H. Habituals in Spanish. *Linguistics in Amsterdam*, v. 14, n. 1, p. 81-104, 2021.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. v. 1. p. 43-86.

HERNÁNDEZ ALONSO, C. *Gramática funcional del español*. 1. ed. Madrid: Gredos, 1984.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 (1993).

HUALDE, J. I. *Los sonidos del español*. Spanish Language edition. Ed. ilustrada. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

JIMÉNEZ JULIÁ, T. Conjunciones y subordinación en español. *Verba*, n. 38, p. 7–50, 2011.

KEIZER, E. *A functional Discourse Grammar for English*. Oxford: University Press, 2015.

KOENIG, J. P.; BENNDORF, B. Meaning and context: German *aber* and *sondern*. In: KOENIG, Jean-Pierre (ed.). *Discourse and cognition: Bridging the gap*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1998. p. 365–386.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English: diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, v. 66, p. 1-19, 1985.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin* (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.

LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 235-255. (Topics in English Linguistics, 33).

LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*. 23. ed., [versión 23.7 online]. <<https://dle.rae.es>>. 29 set 2024.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause combining grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

MACKENZIE, J. L. Basic negation as highest negation. *Web Papers in Functional Discourse Grammar*, 2025a.

MACKENZIE, J. L. Privatives and negation in Functional Discourse Grammar. *Web Papers in Functional Discourse Grammar*, 2025b.

MARTÍN CID, M. Las conjunciones coordinantes del español actual desde el punto de vista funcional. *Boletín de lingüística*, v. 14, n. 18, p. 49-70, 2002.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; HUB FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español: De la idea a la lengua 2.2*. Tomo II. Madrid: Edelsa Grupo Didascalía, 1995.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause combining grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MÓDOLO, M. Correlação: estruturalismo versus funcionalismo. (*Pré*) *Publications: forskning og undervisning*, Aarhus, n. 168, 1999.

MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: ILARI, R; NEVES, M. H de M. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Volume II. São Paulo, Editora da Unicamp, 2008.

Disponível em:

https://biblio.fflch.usp.br/Modolo_M_8_1765799_AsConstrucoesCorrelatas.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

NEVES, M. H. de M. 2011. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP.

OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952.

OLBERTZ, H; HATTNER, M. On objective and subjective epistemic modality again: Evidence from Portuguese and Spanish modal auxiliaries. In: KEIZER, E; OLBERTZ, H (Ed.). *Recent Developments in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 132-168.

OLBERTZ, H; SERAFIM, M. Expressions of habituality in Brazilian Portuguese. *Linguistics in Amsterdam*, v. 14, n. 1, p. 122-144, 2021.

OLBERTZ, H. *Situational properties: sections 1–2.2*. 2023a. Manuscrito não publicado.

OLBERTZ, H. *Situational properties: sections 2.3–4*. 2023b. Manuscrito não publicado.

PADILLA, S. C. Configuración lingüística de las relaciones lógico-semánticas y pragmáticas: los conectores argumentativos. *Quaderns de Filologia*, València, n. 6, p. 197-218, 2002. Disponível em: [<https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/216611>]. Acesso em: dez de 2024].

PEDRO, C. C. *As orações com “pero” no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2020. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2020.

PEDRO, C. C.; GARCIA, T. S. El estatuto comunicativo de cláusulas con *pero*: un análisis desde la perspectiva de la Gramática Discursivo-Funcional. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 43, n. 2, e55427, 2021.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN-THOMAZI, S. R. As Construções coordenadas. In: Neves MHM, Ilari R, (org), *Gramática do português culto falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp; 2008. p. 865-932.

PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G. Funções retóricas e ordem: relação entre pragmática e morfossintaxe. In: RIOS, M.; CEZARIO, M. M. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EdUFF, 2017. v. 40, p. 157-184.

PEZATTI, E. G.; MACKENZIE, J. L. A coordenação na Gramática Discursivo-Funcional. *Linguistik Online*, [S.l.], v. 113, n. 1, p. 59–89, 2022.

PEZATTI, E.; CAMACHO, R.; HATTNER, M. (orgs.). *Construções coordenadas nas*

variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.

PRESEEA. *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014a. Disponível em: <http://preseea.linguas.net>. Acesso em: 29 dez. 2022

PRESEEA. *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Granada: Universidad de Granada, 2014b. Disponível em: <http://preseea.linguas.net>. Acesso em: 20 mar. 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1931.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1973.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española [Syntaxis II]*. Madrid: Espasa Libros, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2009. 2 v.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: Manual*. Madrid: Espasa, 2009b.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. [online]. Disponível em: <https://www.rae.es/gramatica/syntaxis/la-coordinación-adversativa>. Acesso em: 6 mar. 2025.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática básica de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, 2011.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORPES XXI) [online]. Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES). Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 30 mar. 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [online]. Corpus de referencia del español actual (CREA). Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROJO S. G. Estado actual y perspectivas de los estudios gramaticales de orientación funcionalista aplicados al español. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, v. 21, 1994, p. 7-23.

ROJO, S. G. *Cláusulas y oraciones*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1978. (Anejo 14 de Verba).

ROSÁRIO, I. C. Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

ROSARIO, I. C.. *Correlação em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2024.

ROSÁRIO, I. C.; CAMPOS, D. C. Construções correlatas substitutivas contrastivas: uma análise funcional centrada no uso. *Revista Odisseia*, [S. l.], v. 4, n. esp., p. 154–172, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/18502>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SCHWENTER, S. A. Discourse markers and the PA/SN distinction. *Journal of Linguistics*, v. 38, n. 1, p. 43-69, 2000.

SOUZA, E. R. F. A noção de discurso em modelos teóricos. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 11, n. 1, p. 237-256, 2008.

SWEETSER, E. E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA. Archivo de Textos Hispánicos (Arthus). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, [2021]. Disponível em: <https://artus.usc.gal>. Acesso em: jun 2023.

VAN VALIN, R. D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VAN VALIN, R. D.; LAPOLLA, R. J. *Syntax: structure, meaning, and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VAN VALIN, R. D. *Exploring the syntax-semantics interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.